# As doenças dos trabalhadores

MINISTÉRIO DO TRABALHO

FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO

FUNDACENTRO 1966 50 ANOS 2016 FUNDACENTRO

# *As doenças dos trabalhadores*

Vice-Presidente da República
no exercício do cargo de Presidente da República
Michel Temer

Ministro do Trabalho
Ronaldo Nogueira de Oliveira

Fundacentro

Presidente
Luiz Henrique Rigo Muller

Diretor Executivo Substituto
Jorge Marques Pontes

Diretor Técnico
Robson Spinelli Gomes

Diretor de Administração e Finanças
Dalton Tria Cusciano

Bernadino Ramazzini

# *As doenças dos trabalhadores*

Tradução para o português do
*De Morbis Artificum Diatriba*
Dr. Raimundo Estrêla

4ª edição

São Paulo

MINISTÉRIO DO TRABALHO

FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO

2016

Qualquer parte desta publicação pode ser reproduzida, desde que citada a fonte.
Disponível também em: www.fundacentro.gov.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Serviço de Documentação e Biblioteca — SDB / Fundacentro
São Paulo — SP
Erika Alves dos Santos CRB-8/7110

Ramazzini, Bernardino.
As doenças dos trabalhadores [texto] / Bernardino Ramazzini ; tradução de Raimundo Estrêla. – 4. ed. – São Paulo : Fundacentro, 2016.
321 p. : il. color. ; 24 cm.

Tradução de: De Morbis artificum diatriba.
ISBN 978-85-98117-82-9 (enc.)

1. Doenças ocupacionais. 2. Medicina do trabalho. 3. Higiene ocupacional. I. Estrêla, Raimundo, trad. II. Título.

CIS Mc Ah CDU 616-057:613.6

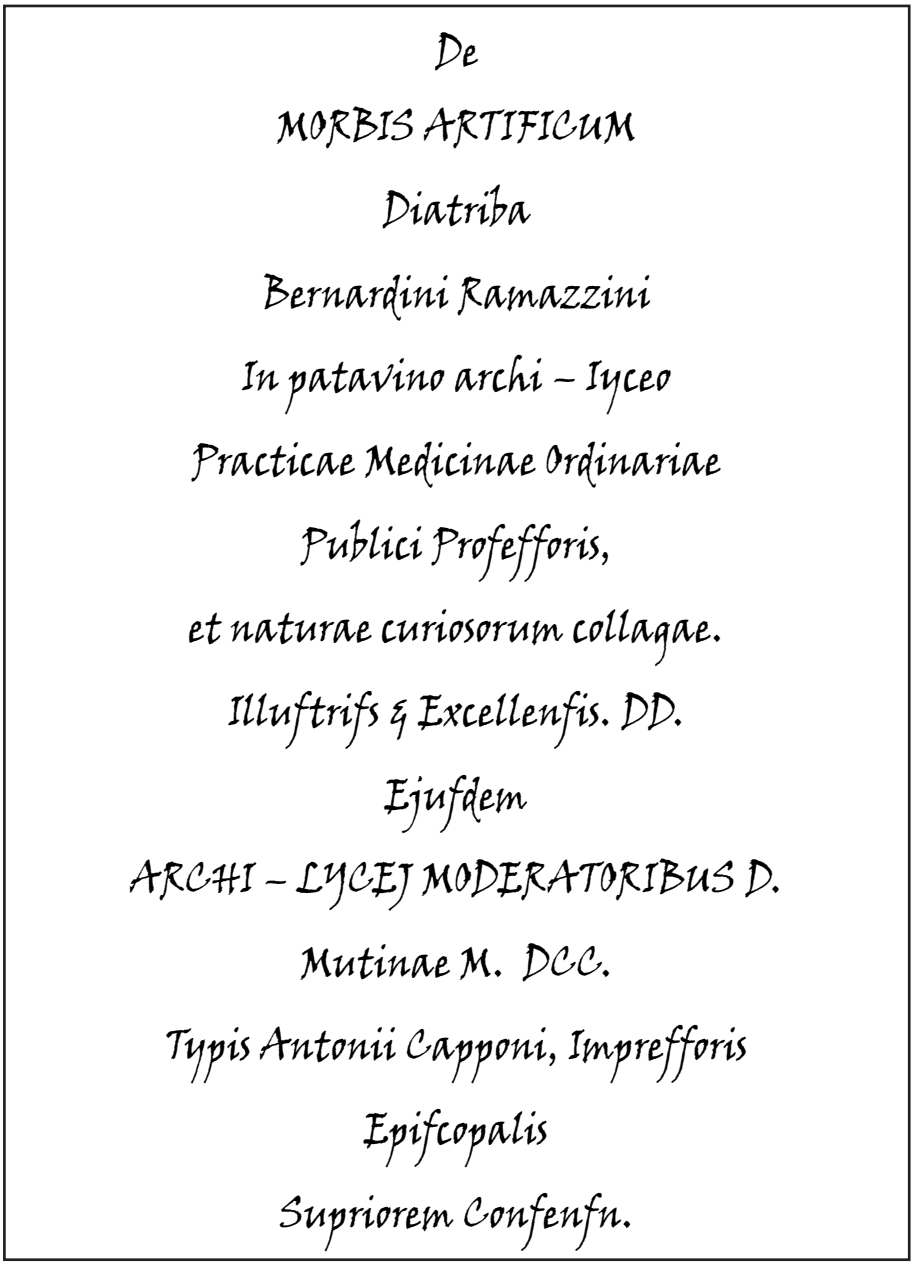
CIS – Classificação do "Centre International d'Informations de Sécurité et d'Hygiene du Travail"
CDU – Classificação Decimal Universal

***Ficha Técnica***

Coordenação Editorial: Glaucia Fernandes
**Apoio**: **Anamt** - digitalização
Adequação ao Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa: Karina Penariol Sanches
Padronização: Edmara dos Santos Ribeiro
Projeto gráfico miolo e capa: Glaucia Fernandes
Foto da capa: J. G. Sellier Schaffhusianus (*Giornale Europeo di Oncologia*, v. 4, n. 3, Maggio/Giugno, 1999)

ALBERTO LIMA – RIO – 1964 – N 604

*Ex-libris* comemorativo do 250º aniversário da morte de Ramazzini,
desenhado pelo renomado artista brasileiro Alberto Lima,
a pedido do tradutor (1964)




Frontispício da 1ª edição do livro (1700)

# *A propósito desta edição comemorativa*[1]

*Qual a sua ocupação*? Uma pergunta banal, mas de grande significado para a Medicina, especialmente para a Medicina do Trabalho. Foi justamente essa simples pergunta que mais contribuiu para celebrizar Bernardino Ramazzini, quando, ao final do século XVII, incorporou ao interrogatório dos trabalhadores doentes, na linguagem da época, a indagação: *que arte exerce?*

Igualmente original foi Ramazzini quando, ao iniciar o livro que o tornou famoso, dirigiu-se ao próprio livro para desejar-lhe boa sorte com seus futuros leitores. Passados trezentos anos, podemos, tranquilamente, confirmar que o desejo do autor foi plenamente atendido: o livro continua a ser lido, despertando interesse e ajudando a criar caminhos para o exame das repercussões do trabalho sobre a Medicina do Trabalho e a saúde dos trabalhadores. Felizmente, um outro prognóstico de Ramazzini não se realizou: seu livro seria utilizado como papel para embrulhar salsichas, sal e outras especiarias em plebeias quitandas...

Prova de interesse, neste início de novo milênio, são os eventos que na Itália e noutros países, inclusive no Brasil, comemoram o tricentenário da primeira edição de "As Doenças dos Trabalhadores". A cada momento, surgem novos fatos a respeito do livro e de seu autor, que, além de professor de Medicina, foi poeta e músico.

A Associação Nacional de Medicina do Trabalho (Anamt) criou um grupo especial que planejou um programa comemorativo com apresentações em várias capitais ao longo do ano 2000 e formulou aos médicos e outros profissionais um convite para escreverem contribuições acerca da atualidade da vida e da obra de Ramazzini, a serem oportunamente selecionadas e publicadas.

---

[1] Nota da revisão: Este prefácio é da edição publicada pela Fundacentro em 2000, quando da comemoração ao tricentenário da edição original de *De Morbis Artificium Diatriba*, datada de 1700.

Uma das ideias para caracterizar o assim denominado "Ano de Ramazzini" foi a reedição da tradução de seu livro para a língua portuguesa, a qual concretizou-se por meio da Fundacentro, que planejou e executou a obra ora apresentada ao público.

Como os leitores poderão constatar, esta edição comemorativa foi precedida por um cuidadoso trabalho de revisão e editoração, com a inserção de artigos redigidos por vários colaboradores especialmente convidados. Deste novo segmento do livro, fazem parte as seguintes contribuições: uma entrevista recente do professor Raimundo Estrêla (que foi o brilhante tradutor das versões editadas pela Fundacentro); uma coletânea de observações pitorescas extraídas de diversos capítulos; uma resenha biográfica cuidadosamente preparada; alguns aspectos curiosos e menos conhecidos da vida de Ramazzini e uma análise de suas atividades como clínico.

Em nome da diretoria da Anamt, fica registrado o agradecimento especial à Fundacentro, que soube captar muito bem a importância desta publicação, com a certeza de que, além de seu valor histórico, ela contribui para ampliar o conhecimento das relações entre saúde e trabalho e, portanto, para a melhor qualidade de vida dos trabalhadores.

Bernardo Bedrikow
*Associação Nacional de Medicina do Trabalho*

Jorge da Rocha Gomes
*Associação Nacional de Medicina do Trabalho*

# *Apresentação à edição de 2000*

A Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro) está novamente publicando o livro "As Doenças dos Trabalhadores" – *De Morbis Artificum Diatriba*, de autoria de Bernardino Ramazzini, considerado o "Pai da Medicina do Trabalho", sem dúvida um livro histórico e dos mais difundidos em todo o mundo sobre a especialidade e cuja 1ª edição é datada de 1700.

Esta publicação só foi possível após entendimentos levados a bom termo com o Dr. Raimundo Estrêla, que, com a melhor compreensão e boa vontade, cedeu os seus direitos de tradutor à Fundacentro.

No momento em que a Medicina do Trabalho, em nosso país, vai adquirindo projeção que justifica sua importância dentro dos objetivos de melhoria de vida do trabalhador brasileiro, e o combate, sem tréguas, aos infortúnios do trabalho, as lições de Ramazzini, sempre atuais, servem como um estímulo permanente a todos quanto, no campo da Higiene, Segurança e Medicina do Trabalho, formam uma equipe que, nas várias especialidades, trabalha em todos os setores das atividades humanas, visando à preservação da saúde do trabalhador contra os fatores agressivos dessas próprias atividades.

Livro raro, totalmente esgotado em língua portuguesa, acreditamos que seu lançamento pela Fundacentro, dentro dos objetivos da própria entidade, atende a uma lacuna que necessita ser preenchida, enriquecendo a bibliografia dos profissionais e de todos os estudiosos do assunto.

Ficam registrados os agradecimentos ao Dr. Raimundo Estrêla e a nossa admiração pelo grande esforço pioneiro da tradução para o português do livro *De Morbis Artificum Diatriba*, e da edição realizada sob sua responsabilidade.

Oswaldo Paulino
*Professor Emérito em Medicina do Trabalho*
*e Colaborador da Fundacentro*

# *O autor a seu livro*

Estás ardendo de desejo, livro querido, ansioso para seguires teu caminho. Escuta, entretanto, meus conselhos paternais. Vou te dizer, em poucas palavras, qual a sorte que te reserva o destino.

Como proclamas que vais ensinar uma matéria nova, os sábios acorrerão a ti ávidos e curiosos.

Porém, mal terão eles lido pobres páginas, te enviarão para plebeias quitandas, onde se expõem à plebe salsichas, sal ou outras especiarias.

Ó! Não fiques decepcionado. É coisa frequente verem-se até imponentes Pandectas transformar-se em cartuchos de embalagens de peixe, pimenta ou cheiroso cumim.

Não te esqueças de que foste elaborado em escuras oficinas e não em palácios de ricos, nem em cortes brilhantes onde sábios médicos, sempre pressurosos, estendem a mão aos cozinheiros.

Pensando assim, creio eu, serás menos iludido como não o seriam livros de títulos pretensiosos se aqueles que te lerem te devolverem para as oficinas onde nasceste.

# *A propósito deste livro e de suas traduções*

Bernardino Ramazzini não foi autor de um só livro. Teve várias obras publicadas, que foram organizadas, depois de sua morte, pelo seu sobrinho, Bartolomeu Ramazzini, suas "obras completas", *Opera Omnia Medica et Physiologica*, em 1714, com várias edições e traduções.

Incontestavelmente, o livro que o imortalizou foi o *De Morbis Artificum Diatriba*, que lhe valeu o epíteto de "Pai da Medicina do Trabalho", como é mundialmente reverenciado. A 1ª edição do *Diatriba* veio ao lume em Módena (Mutinae), Itália, no ano de 1700 (e não 1701 como muitos registram), com 360 páginas numeradas em algarismos arábicos, precedidas de 8 outras, em números romanos, contendo uma carta do autor aos Procuradores da Universidade de Pádua, datada de novembro de 1700, seguindo-se um Prefácio (página 1-7), um poema do autor ao livro (página 8) e o texto de 43 capítulos, mas de fato 42, porque falta o capítulo 8º, naturalmente por um descuido do impressor. Os dez primeiros capítulos são grafados por extenso: *caput decimum*; do 11º ao 42º, a numeração está em algarismos romanos. Quanto ao 43º capítulo, na verdade 42º por causa do erro, é assinalado como capítulo último (*caput ultimum*) e corresponde à dissertação das doenças dos literatos.

A 2ª edição, impressa em Ultrecht (Ultrajecti), Holanda, em 1703, traz 12 páginas não numeradas, contendo o frontispício do livro, o prefácio, o poema, uma carta do tipógrafo ao leitor e o índice, seguidos de páginas numeradas com toda a matéria da 1ª edição e mais uma paráfrase do *De veteri medicina*, de Hipócrates, e uma *Dissertatio logica*, ambas de autoria de Luca Antonio Porzio.

Há uma outra edição, considerada definitiva, acrescida de um Suplemento de 12 novos capítulos, impressa em Pádua (Patavii), Itália, em 1713, compreendendo 52 capítulos, 2 dissertações e 2 prefácios. Não houve arte, ofício ou profissão que não merecesse estudo e

observação. Nela, Ramazzini compendiou toda a Higiene e Nedicina do Trabalho concebíveis no Século XVII.

A edição paduana, surgida um ano antes da morte de Ramazzini, apresenta no início 12 páginas não numeradas contendo uma carta do autor dirigida aos reitores da Universidade de Pádua, datada de setembro de 1713, e um prefácio. Seguem-se 453 páginas numeradas, assim divididas: 41 capítulos, da página 1 a 336 (com efeito 40, porque manteve-se o erro), e uma dissertação sobre as doenças dos literatos (página 337 a 367). É a primeira parte do livro. A segunda parte é composta de um suplemento escrito para atender a insistentes pedidos de um tipógrafo, com uma carta do autor ao leitor (página 371 a 372), 12 capítulos e uma outra "dissertação" sobre "proteção da saúde das virgens vestais" (página 435 a 453). Depois vêm outras 27 páginas não numeradas, nas quais se encontram as cópias das licenças do "Studio" de Pádua para permitir a publicação do *Diatriba* (março, 1713) e do "Suplemento" (agosto, 1713), um *Sillabus* e um *índex*. Mantiveram-se as características da 1ª edição no que se refere ao modo de numerar os capítulos e à omissão do capítulo oitavo, mas, nessa edição de 1713, inexplicavelmente, não aparecem o poema e o capítulo XXV, dedicado às doenças dos pedreiros, substituído pelas doenças dos lapidários. Há, portanto, diferenças entre as duas edições anteriores e a primeira parte da edição de Pádua, embora esta seja considerada definitiva.

Numerosas são as edições e traduções do *De Morbis Artificum Diatriba*, e espalhadas em todo o mundo civilizado. O prof. Adalberto Pazzini, do Instituto de História da Medicina de Roma, em 1953 publicou uma nova edição, por ele batizada de *Editio Novissima*, reimpressão da edição de 1713 contendo em apêndice toda a matéria não incluída nessa edição de Pádua. Está completa, artística e luxuosamente impressa.

O prof. Pazzini faz uma resenha bibliográfica de Ramazzini, relacionando 21 edições, inclusive traduções, do *De Morbis* isoladamente, e compreendida na *Opera Omnia*. Mas a relação não está completa, porque não inclui a tradução norte-americana de 1933, uma francesa também de 1933 e outra em castelhano, publicada na Argentina em 1949. À numerosa lista acrescente-se agora a primeira versão em língua portuguesa.

A repercussão da obra de Bernardino Ramazzini no Brasil, segundo pude apurar em pesquisa, fez-se, mais remotamente, mediante

citações em teses de doutoramento e, posteriormente, em alguns livros, extraídos de publicações médicas francesas que, por sua vez, dispuseram das traduções de Fourcroy (1777 e 1822) e de Patissier (1820). A tese de 1850, do Rio de Janeiro, do Dr. José do Nascimento Garcia de Mendonça, sobre "Das Fábricas de Charutos e de Rapé da Capital e seus Arrabaldes", cita Ramazzini e Fourcroy. Outras teses de 1886 e 1900 dos Drs. José Nogueira Nunes, Rio de Janeiro, e Olímpio Américo de Lelis Ferreira, da Bahia, respectivamente, ambas sobre "pneumoconioses", trazem citações de Ramazzini.

A divulgação, porém, do contexto do *De Morbis Artificum Diatriba*, entre nós, coube prioritariamente ao Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda Filho, que, especializando-se em Segurança, Higiene e Medicina do Trabalho como médico do Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Marítimos, onde chefiou o Serviço de Prevenção de Acidentes, depois transformado em Serviço de Medicina do Trabalho, e tomado de grande paixão pela obra ramazziniana, publicou na revista "Bahia Médica", nº 10, em outubro de 1940, um extenso estudo comentando a matéria do *De Morbis* e transcrevendo os títulos dos capítulos, pelo qual ficou conhecido dos especialistas brasileiros o conteúdo do célebre livro. Esse estudo foi depois transcrito no livro de sua autoria "Homens, Saúde e Trabalho", publicado em 1956. Posteriormente, o Dr. Ivolino de Vasconcelos prosseguiu na divulgação das obras de Ramazzini por meio de suas aulas nos cursos do Instituto Brasileiro de História da Medicina.

Tornando-me docente da disciplina, fui contagiado por essa mesma paixão e pude descobrir que o *De Morbis* tinha sido apresentado ao público por meio de um poema de 22 versos em pés jâmbicos que somente figura nas 1ª e 2ª edições e raramente é encontrado nas traduções. A tradução da Argentina, a primeira que conheci, não o traz. Tive dele conhecimento por intermédio de uma tradução em inglês (1946) e outra em francês (1954) publicadas em revistas especializadas.

Baseando-me nelas, fiz a primeira tradução em português do referido poema, tradução literal e desataviada, publicada no mensário "Saúde e Trabalho", órgão do Departamento de Acidentes do Trabalho do IAPM, em março de 1957, e depois apresentada ao I Congresso Pan-Americano e III Congresso Brasileiro de História da Medicina, em abril de 1958. No comentário em tomo do poema e da obra de Ramazzini, lamentava que ainda não existisse uma tradução para o português desse livro clássico de Higiene e Medicina do Trabalho.

A Liga Brasileira Contra os Acidentes do Trabalho, criada e organizada pelo obstinado idealismo de Nobre de Lacerda Filho, tomou a si a sedutora e útil iniciativa de editar a imortal obra de Ramazzini, no Brasil. Confiou-me a ingente e difícil tarefa de promover a sua tradução. Já tinha em meu poder traduções em castelhano, francês e inglês. A Embaixada da Itália gentilmente ofereceu a edição organizada pelo Prof. Adalberto Pazzini e uma tradução italiana do Dr. O. Rossi, editada por *Minerva Medica*, de Turim (1933), tendo ao lado o original em latim. Com esses elementos em mãos, lancei-me ao trabalhoso encargo, e aí está o que as minhas débeis forças conseguiram realizar...

Servi-me principalmente das línguas mais acessíveis, como é natural, mas afirmo que não foram poucas as vezes que recorri ao texto latino e a dicionários latinos para dirimir dúvidas, aplainar dificuldades e ser mais fiel às palavras, ao estilo e ao pensamento de Ramazzini. Procurei, tanto quanto possível, fazer uma tradução literal, sem modernizar o texto, para não tirar o sabor da originalidade, na qual reside o encanto da obra e a qual reflete as ideias, as doutrinas e os conhecimentos científicos da época.

Uma observação: a melhor tradução do vocábulo "fullo" é "pisoeiro", e não alvejador ou tintureiro. O título do capítulo XIV – *De morbis fullonum*, foi traduzido por doenças dos pisoeiros, pois os nossos dicionários registram essa antiquíssima e hoje extinta profissão, já difícil de ser encontrada naquele tempo.

As traduções do *De Morbis Artificum Diatriba* não são uniformes. Há diferenças ou pela falta do poema, ou por alteração dos capítulos, ou, ainda, pela omissão de uma das dissertações. A presente é uma das mais completas, em parte embasada na italiana do Dr. O. Rossi, porque não traz a dissertação sobre "proteção da saúde das virgens vestais", sem interesse para os objetivos de nossa edição. Coloquei, porém, a dissertação "das doenças dos literatos" na primeira parte, para ficar em harmonia com as edições originais.

Se é verdade que a edição brasileira é a primeira em língua portuguesa, com prazer e por espírito de justiça esclareço que não é, porém, a primeira obra de Ramazzini a ser traduzida em português. Já em 1753, apenas 39 anos após a morte de Ramazzini, um escritor lusitano, Luiz Paulino da Silva e Azevedo, que não era médico, publicou um volume contendo traduções de três trabalhos de Ramazzini: a "Arte de Conservar a Saúde dos Príncipes", "das Pessoas de Primeira Qualidade" (homens de letras) e "das Religiosas", e mais uma obra de

Luiz Cornar “Elogios da Vida Sóbria ou Conselhos para Viver Largo Tempo”, trazendo longas anotações de Ramazzini, a quem Luiz Paulino da Silva chamou de “famoso”.

A exemplo de Bernardino Ramazzini, em relação a seu notável livro, também peço benevolência aos leitores para esta modesta tradução.

Raimundo Estrêla

# *Prefácio*

Lemos e ouvimos dizer muitas vezes que a Natureza, Mãe amantíssima de todas as coisas, tem sido criticada por certos homens de haver provido o gênero humano com parcos recursos ou sem suficiente provisão. É, todavia, uma acusação menos justa, de chamá-la madrasta, porque impôs a todos a necessidade de prover a vida diária para conservá-la, sem o que ela se aniquilaria; se o gênero humano fosse dispensado dessa lei, não admitiria outra lei e a terra que habitamos apresentaria um aspecto bem diverso daquele que existe agora. Por essa razão, Pérsio, com argúcia, chamou mestre das artes, o ventre, e não a mão, conforme diz no seu Prólogo:

> *"Quem ensinou a saudar ao papagaio? E às araras que imitam nossas vozes? O ventre, mestre das artes e inventor de engenho..."*

Dessa necessidade, imposta até mesmo aos animais irracionais, surgiram todas as artes, as mecânicas e as liberais, embora não sejam destituídas de perigos, como acontece, aliás, com todas as coisas humanas. É forçoso confessar que ocasionam não pouco dano aos artesãos, certos ofícios por eles desempenhados, pelos quais esperavam obter recursos para sua própria manutenção e de sua família. Encontram graves doenças e passam a amaldiçoar a arte à qual se haviam dedicado, afastando-os do mundo dos vivos.

Enquanto exercia minha profissão de médico, fiz frequentes observações, pelo que resolvi, no limite de minhas forças, escrever um tratado sobre as doenças dos operários; mas, o que se pode notar nas artes mecânicas, em que qualquer descoberta, por sua natureza incompleta, apresenta-se ao artífice sob um aspecto rudimentar, devendo ser aperfeiçoado por outro, a mesma coisa acontece nas obras literárias. Assim acontecerá com o meu tratado sobre as doenças dos operários. Ninguém, que eu saiba, pôs o pé nesse campo onde se podem colher messes não desprezíveis acerca da sutileza e da eficácia

das emanações. Publico esta obra imperfeita, na íntima intenção de que sirva de estímulo aos outros que nela colaborem, até que se possa obter um completo tratado que mereça um lugar digno no foro médico. É, certamente, um dever para com a mísera condição dos artesãos cujo labor manual muitas vezes considerado vil e sórdido é contudo necessário e proporciona comodidades à sociedade humana, dever que cabe à mais preclara de todas as artes, como chamava Hipócrates a Medicina, em seus Preceitos, "que também cura de graça e socorre os pobres".

Consideremos quanta comodidade para a vida civilizada trouxeram as artes mecânicas e quanto diferem os europeus dos americanos e dos outros povos bárbaros. Com razão, os fundadores das cidades e dos reinos deram, por isso, suma atenção aos operários, conforme provam os antigos documentos dos escritores. Instituíram corporações e sociedades de artífices, como Numa Pompilio que, no dizer de Plutarco, mereceu geral admiração por ter dividido os artífices segundo seus ofícios, pelo que tiveram associações próprias, os flautistas, ourives, arquitetos, tintureiros, sapateiros, curtidores, bronzeadores, oleiros etc.

Conta Lívio que também os cônsules Appio Cláudio e P. Servílio instituíram uma corporação de "mercuriais", assim chamados porque os mercadores veneravam em Mercúrio o deus do comércio, como Vulcão e Minerva, deuses trabalhadores, eram adorados pelos artífices, segundo informa Platão no seu "Livro das Leis".

Nosso compatriota Sigônio, em seu "Antigo Direito Romano", e Guido Panciroli, em "Notícia de ambos os impérios", falam dos direitos e privilégios que gozavam as corporações de artífices. Foram permitidos votar e receber honrarias, pelo que Sigônio deduz que eles estavam inscritos no censo dos cidadãos de Roma. Os Pandectas e os Códigos fazem menção a fabricantes de barcos, e Gaio J. C., no "Livro I", parágrafo *Quod enjusqumque universitatis nosmini vel contra ea ogatur*, descreve essas comunidades de artífices, seus direitos e privilégios, como um pequeno estado; administravam seus interesses, elegiam seus representantes e ditavam suas próprias leis, quando estas não fossem contrárias às leis públicas, conforme declara Paulo, no livro *Eum Senatus & De rebus dubiis*.

Suetônio conta que o imperador Vespasiano protegeu eficazmente não só as artes liberais, como também as manuais, denominadas mecânicas, e, deste modo, deu oportunidade aos mais modestos

operários de trabalhar e ganhar; chegou até a responder a um arquiteto que o queria convencer de ser capaz de fazer transportar ao Capitólio uma enorme carga com pequena despesa, que o permitia, caso ele desse comida aos seus pobrezinhos.

Não só nos tempos antigos, mas também na nossa época, os governos bem constituídos têm criado leis para conseguirem um bom regime de trabalho, pelo que é justo que a arte médica se movimente em favor daqueles que a jurisprudência considera de tanta importância e empenhe-se, como até agora tem feito, em cuidar da saúde dos operários, para que possam, com a segurança possível, praticar o ofício a que se destinaram.

Eu, quanto pude, fiz o que estava ao meu alcance e não me considerei diminuído visitando, de quando em quando, sujas oficinas (visto que, em nossa época, a medicina tende para o mecanicismo, de certo modo, e as escolas nada mais tratam senão de automatismo) a fim de observar segredos da arte mecânica. Confio, todavia, na indulgência dos nossos nobres mestres, porque é evidente que em uma só cidade, em uma só região, não se exercitam todas as artes e, de acordo com os diferentes lugares, são também diversos os ofícios que podem ocasionar várias doenças. Das oficinas dos artífices, portanto, que são antes escolas de onde saí mais instruído, tudo fiz para descobrir o que melhor poderia satisfazer o paladar dos curiosos, mas, sobretudo, o que é mais importante, saber aquilo que se pode sugerir de prescrições médicas preventivas ou curativas, contra as doenças dos operários. E assim, o médico que vai atender a um paciente proletário não se deve limitar a pôr a mão no pulso, com pressa, assim que chegar, sem se informar de suas condições; não delibere de pé sobre o que convém ou não convém fazer, como se não jogasse com a vida humana; deve sentar-se, com a dignidade de um juiz, ainda que não seja em cadeira dourada, como em caso de magnatas; sente-se mesmo em um banco, examine o paciente com fisionomia alegre e observe detidamente o que ele necessita dos seus conselhos médicos e dos seus cuidados piedosos. Um médico que atende um doente deve informar-se de muita coisa a seu respeito pelo próprio e pelos seus acompanhantes, segundo o preceito do nosso Divino Preceptor, "quando visitares um doente convém perguntar-lhe o que sente, qual a causa, desde quantos dias, se seu ventre funciona e que alimento ingeriu", são palavras de Hipócrates no seu livro "Das Afecções"; a estas interrogações devia-se acrescentar outra: "e

que arte exerce?". Tal pergunta considero oportuno e mesmo necessário lembrar ao médico que trata um homem do povo, que dela se vale para chegar às causas ocasionais do mal, a qual quase nunca é posta em prática, ainda que o médico a conheça. Entretanto, se a houvesse observado, poderia obter uma cura mais feliz.

Acolhe, pois, benevolamente, amigo leitor, este meu tratado, embora escrito com pouca arte, que, porém, procura beneficiar o Estado ou, pelo menos, auxiliar os artífices. E, se isso te agrada, perdoa, pois o que está escrito não visa a nossa glória, mas ser útil às profissões.

# *Sumário*

I Doenças dos mineiros ..... 29

II Doenças dos douradores ..... 39

III Doenças dos iatraliptas (massagistas) ..... 45

IV Doenças dos químicos..... 47

V Doenças dos oleiros.....51

VI Doenças dos estanhadores ..... 55

VII Doenças dos vidraceiros e fabricantes de espelhos..... 57

VIII Doenças dos pintores.....61

IX Doenças dos que trabalham com enxofre..... 65

X Doenças dos ferreiros..... 69

XI Doenças dos gesseiros e caleiros ..... 71

XII Doenças dos farmacêuticos..... 77

XIII Doenças dos cloaqueiros..... 79

XIV Doenças dos pisoeiros ..... 85

XV Doenças dos azeiteiros, dos curtidores,
dos queijeiros e de outros ofícios imundos ..... 95

XVI Doenças dos trabalhadores de fumo..... 101

XVII Doenças dos coveiros.....107

XVIII Doenças das parteiras..... 111

XIX Doenças das nutrizes ..... 115

XX Doenças dos vinhaeiros, cervejeiros e dos destiladores .....129

XXI Doenças dos padeiros, e dos moleiros.....139

XXII Doenças dos fabricantes de amido .....145

XXIII Doenças dos peneiradores e medidores de cereais .....149

XXIV Doenças dos lapidários, estatuários e britadores.....153

XXV Doenças das lavadeiras .....155

XXVI Doenças dos cardadores de linho, cânhamo e seda .....157

XXVII Doenças dos banhistas .....161

XXVIII Doenças dos salineiros.....165

XXIX Doenças dos que trabalham em pé .....169

XXX Doenças dos operários sedentários .....173

XXXI Doenças dos judeus .....177

XXXII Doenças dos corredores .....181

XXXIII Doenças dos cavaleiros .....185

XXXIV Doenças dos carregadores.....189

XXXV Doenças dos atletas .....193

XXXVI Doenças dos joalheiros .....197

XXXVII Doenças dos mestres de dicção,
dos cantores e outros desse gênero .....201

XXXVIII Doenças dos agricultores..... 205

XXXIX Doenças dos pescadores .....213

XL Doenças dos militares.....217

XLI Doenças dos pedreiros ..... 225

XLII Dissertação sobre as doenças dos literatos ..... 229

## *Suplemento à dissertação das doenças dos operários*

I Doenças dos tipógrafos .....245

II Doenças dos escribas e notários.....249

III Doenças dos confeiteiros..... 253

IV Doenças dos tecelões .....257

V Doenças dos bronzistas.....261

VI Doenças dos carpinteiros..... 263

VII Doenças dos amoladores..... 265

VIII Doenças dos ladrilheiros.....267

IX Doenças dos poceiros.....271

X Doenças dos marinheiros e dos remeiros.....275

XI Doenças dos caçadores ..... 279

XII Doenças dos saboeiros..... 283

## *Contribuições especiais à edição comemorativa do 300º aniversário de "De Morbis Artificum Diatriba"*

I A atualidade de Ramazzini, 300 anos depois ..... 289

II Bernardino Ramazzini .....299

III 2000: Ano comemorativo do tricentenario da primeira edição do livro de Bernardino Ramazzini.....311

IV Ramazzini, o clínico..... 329

V Entrevista com o professor Raimundo Estrêla..... 339

# *I*
# *Doenças dos mineiros*

O múltiplo e variado campo semeado de doenças para aqueles que necessitam ganhar salário e, portanto, terão de sofrer males terríveis em consequência do ofício que exercem, prolifera, segundo creio, devido a duas causas principais: a primeira, e a mais importante, é a natureza nociva da substância manipulada que pode produzir doenças especiais pelas exalações danosas e poeiras irritantes que afetam o organismo humano; a segunda é a violência que se faz à estrutura natural da máquina vital com posições forçadas e inadequadas do corpo, o que, pouco a pouco, pode produzir grave enfermidade.

Surgem, pois, sérias doenças provocadas pelas propriedades nocivas do material que afligem os mineiros, assim como todos os outros operários que trabalham com minerais: ourives, alquimistas, destiladores de aguardente, oleiros, espelheiros, fundidores, estanhadores, pintores e outros. Aqueles que mais padecem dos danos pestíferos escondidos nos veios metálicos subterrâneos são os cavouqueiros, que passam grande parte de sua vida nas profundas entranhas da terra, como se entrassem diariamente no inferno.

Disse bem Ovídio:

*"Vão ao fundo da terra, extraem ocultas riquezas guardadas pelos estígios espectros, para logo servirem de estimulante ao mal."*

Referia-se o poeta, sem dúvida, a um mal que corrompe o ânimo e os bons costumes, querendo naturalmente condenar a avareza e a loucura dos homens, empenhados em desenterrar e expor à plena luz aquilo que chamamos tesouros, pois, na expressão elegante de Plínio, "damos valor venal a todos os bens", ainda que eles sejam a fonte e a origem de todos os males; não está fora de propósito, todavia, aplicar as palavras do poeta aos males físicos. As doenças que atacam os cavouqueiros, assim como os artífices do mesmo gênero, são principalmente: dispneia, tísica, apoplexia, caquexia, paralisia, tumores nos pés, perdas de dentes, úlceras nas gengivas, dores articulares e tremores.

Os pulmões e o cérebro são muito atacados nesses obreiros, sobretudo os pulmões que aspiram, junto com o ar, exalações minerais, resultando daí os primeiros agravos, pois que aquelas emanações se introduzem no órgão vital e se misturam com o sangue, alterando e arruinando a constituição natural do cérebro e do fluído nervoso, provocando tremores e demais afecções acima referidas. Aqueles que desentranham minerais são vítimas, pois, de grandes riscos; as mulheres que com eles se casam estão sujeitas a contraírem novas núpcias, porque ficam logo viúvas, como aconteceu nas Minas dos Montes Carpatos que, segundo refere Agrícola, houve mulheres que chegaram a ter sete esposos.

Dos cavouqueiros, disse Lucrécio:

*"Não viste ou ouviste como morreram em tão pouco tempo,*
*Quando ainda tinham tanta vida pela frente?"*

Por isso, a extração de metais, onde há minas, foi considerada antigamente, como agora, um castigo, sendo condenados aos perigos dos metais os piores criminosos, como o foram na Antiguidade os seguidores da religião cristã, conforme lemos nas obras de Gallonio sobre os suplícios dos mártires. Numa elegante epístola de S. Cipriano dirigida a vários bispos e diáconos, condenando as barbaridades dos imperadores nas escavações, exorta-os a que façam resplandecer nas minas, onde se extraem ouro e prata, o verdadeiro ouro de Cristo. Numa antiga estampa do livro de Pignorio, "Dos servos", vê-se como é infeliz a condição dos mineiros: tinham a cabeça semirraspada (para distingui-los dos desertores que a têm completamente raspada) e vestiam túnica com capuz. Não creio que atualmente apresentem melhor

aspecto, ainda que providos de boa roupa e alimentados convenientemente, pois parecem familiares do inferno, quando saem daqueles horrendos e obscuros locais para voltarem ao ar puro. Enquanto extraem a matéria mineral, contraem gravíssimas doenças rebeldes à ação dos remédios que são habitualmente prescritos; porém, ainda que o resultado seja duvidoso, acreditamos ser obra piedosa administrar-lhes socorros médicos "para prolongar sua desditosa vida".

Príncipes e comerciantes geralmente obtêm gordos proventos do trabalho dos mineiros, porque precisam de metais para quase todas as indústrias, donde a necessidade da melhor conservação dos operários, propondo cuidados preventivos e remédios para suas doenças, como os antigos fizeram e também se faz nos nossos tempos. Discorreram com acerto sobre regimes e remédios para enfermidades dos mineiros, Jorge Agrícola, o modenense Bernardo Césio S. J., em sua "Mineralogia", na qual se encontram observações dignas de nota sobre os condenados às minas, a respeito da dieta e da profilaxia dos metalúrgicos; Atanasia Kircher, em seu "Mundo Subterrâneo", P. Lana, no "Magistério das Artes e da Natureza", e D. Ramlovio, que escreveu, em idioma alemão, um tratado sobre "Paralisia e Tremor dos Metalúrgicos".

Para dar qualquer meio de defesa ou ao menos levar algum alívio a esses miseráveis operários, a arte médica precisa primeiramente conhecer todas as classes de mineiros, investigar o modo pelo qual os venenos peculiares atacam o organismo dos cavouqueiros e indicar os remédios mais rápidos, aqueles cuja eficácia fique comprovada.

Algumas minas são úmidas, a água fica estagnada no fundo, outras são secas, nas quais se precisa de fogo para quebrar as rochas. Nas úmidas, que contêm água estagnada, as pernas dos cavouqueiros ficam estragadas, assim como as espessas e pesadas emanações, sobretudo quando caem na água fragmentos da rocha, movimentando as imundícies, como dizem, impedem a respiração dos operários, que caem desmaiados ou saem meio tontos. O próprio fogo, dominador de todos os venenos, que é usado para quebrar as pedras, provoca e põe em movimento as emanações pestíferas da matéria mineral, pelo que os míseros cavouqueiros recebem todos os elementos infectos.

Porém nenhuma das pestes mais truculentas que atacam os cavouqueiros é mais perniciosa do que aquela que irrompe nas minas de mercúrio; os escavadores de minérios de mercúrio apenas conseguem atingir três anos de trabalho, como disse Faloppio no seu tratado

"Dos Metais e Fósseis"; no espaço de quatro meses apenas aparecem tremores dos membros, tornam-se vertiginosos e paralíticos, informa Etmüller na sua "Mineralogia", no capítulo sobre o mercúrio, por causa das emanações mercuriais sumamente ofensivas aos nervos.

Nas Atas da Sociedade Filosófica Real Inglesa, figura uma carta enviada pelos venezianos à dita Sociedade Real, na qual se lê que, em certas minas de mercúrio do Foro Júlio, não é permitido aos operários trabalharem mais de seis horas; nela narram também o caso de alguém que permaneceu seis meses na mina e ficou tão impregnado de mercúrio que, se esfregassem um pedaço de cobre em sua face ou tocasse com os dedos, o cobre ficaria branco.

Ademais sofrem de asma, escreve L. Tozzi, na parte II do seu livro "Prática", no capítulo "Da asma"; estão sujeitos à perda dos dentes quando derretem prata viva e chegam ao ponto, para não receberem diretamente as fumaças no rosto, de ter de virar a espádua contra a direção do vento.

Descreve Van Helmont, em seu tratado "Da Asma e da Tosse", uma certa espécie de asma; classifica-a entre seca e úmida, da qual sofrem os escavadores de metais, cunhadores de moedas e outros operários do gênero, proveniente do gás metálico inspirado com o ar que tem o poder de obstruir os vasos pneumônicos. Da asma das montanhas faz menção Wedel, na "Patologia Médica Dogmática", quando diz que os metalúrgicos padecem de tal enfermidade, e afirma que Stockusio publicou um trabalho dedicado exclusivamente a ela, atribuindo a causa do mal ao mercúrio do chumbo, pois o chumbo contém muito mercúrio, a que deve seu peso. O mesmo autor expõe como os fumos metálicos causam tão truculento monstro, essa asma das montanhas; pensa, pois, que ela se produz pela dissecação dos brônquios e também pelas fuligens constipantes. Sennert, no livro "Acordo e desacordo entre químicos e galênicos", repete o que lhe disse um médico que exercia sua profissão nas minas metálicas de Misnia, que descobriu no interior dos cadáveres de escavadores os mesmos metais com que eles trabalhavam em vida. Assim Estácio, muito elegantemente, convidando Máximo Junio, que então residia nos montes da Dalmácia, descreve a gente aquerôntica quando regressa das minas: "ostentam a mesma cor do ouro que escavaram".

Se semelhante cor resplandece nos humores, "só há de refluir de dentro", como ensina G. Galeno, no comentário 2º de seu primeiro

aforisma, e se observa em quase todas as doenças, não é para estranhar-se que os mineiros reflitam na sua pele a cor do metal que afetou a massa sanguínea. Pode-se pensar que, de certo modo, se passa nos pulmões deles a mesma coisa que nas fornalhas, quando se fundem metais: sobem as fuligens, formando arsênico pardo, óxido de zinco e outras concreções minerais.

Nas minas de vitríolo, torna-se enormemente difícil a respiração dos cavouqueiros. Galeno, no *De simplic, medic facultate*, conta que, quando esteve em Chipre, viu uma gruta da qual os operários retiravam água para obter o vitríolo, tendo ele próprio descido ao fundo dessa caverna, e observou que caíam gotas de água verde no lago, assim como sentiu um odor sufocante e dificilmente tolerável, acrescentando que os operários desnudos tiravam a água rapidamente e regressavam correndo também depressa, pois nada prejudica tanto os pulmões como uma solução ácida qualquer na qual o vitríolo seja abundante. Não poucos dos nossos clínicos se indignariam se vissem outro professor em ciências naturais expor sua vida descendo a lugares subterrâneos para investigar os mais recônditos segredos da Natureza; fiquei ciente dos risos que provocava minha arriscada tentativa de sondar mananciais que abastecem de água a Módena, até mesmo quando desci em nossos poços de petróleo situados na região montanhosa. Aprendam com Galeno que realizou longas peregrinações e perscrutou com máxima curiosidade os arcanos da Natureza a fim de avaliar exatamente o poder dos medicamentos, pois pelos desvios se encontra o caminho.

Além das partes internas do corpo, as externas também sofrem lesões perigosas, como mãos, pernas, olhos e rosto. Nas minas de Misnia, onde se extrai arsênico negro, as mãos e as pernas são carcomidas até os ossos, como refere Agrícola, acrescentando "que as choupanas construídas nas proximidades das minas são seguras com cravos de madeira", porque observaram que o arsênico corrói o ferro.

Nas minas há males ainda mais terríveis, como as pestes animadas que molestam os míseros cavouqueiros sob a forma de pequeninos insetos, espécie de aracnídeos. Agrícola, imitando Solino, chama-os lucífugos. Esses animálculos criam-se principalmente nas minas de prata, os quais picam os escavadores menos prevenidos e neles inoculam o mal. Além disso, demônios e espectros provocadores de doenças atemorizam os operários, informa Agrícola, e só se afugentam com preces e jejuns; disto se ocupa Kircher em seu "Mundo Sub-

terrâneo". Um perito metalúrgico hanoveriano, que agora explora, por ordem do nosso Sereníssimo Senhor, os veios metálicos nas regiões montanhosas de Módena, assegurou-me que, como eu presumia, nada de fabuloso existe quanto ao que foi relatado sobre aqueles diabólicos moradores das minas. Garantiu-me seriamente que, nas famosas minas alemãs de Hanôver, os cavouqueiros se queixavam com frequência de haverem sido golpeados por diabos, chamados Knauf Kriegen, geralmente morrendo dois ou três dias depois, quando não conseguiam salvar-se. Também falam desses demônios subterrâneos as "Atas Filosóficas da Sociedade Real Inglesa". Informou-me ainda a mesma pessoa que, nas minas de Goslar, das quais se extrai vitríolo mineral sob a forma de pó, os operários trabalham nus. Se estivessem vestidos durante o dia inteiro, sua roupa ficaria reduzida a pó, pelo mesmo motivo que iam desnudos os que retiravam água das minas de sulfato de cobre, de Chipre, nos tempos de Galeno.

A inexplicável quantidade e diversidade de metais existentes no interior da terra (como também de minerais e fósseis cuja natureza e qualidade a indústria química nos tem dado a conhecer) quase nos impossibilitam de estabelecer quais e quantos perigos específicos são destas ou daquelas minas, e se afetam alguma parte do organismo mais do que outra; cabe simplesmente afirmar que o ar confinado absorvido na respiração é saturado de exalações e partículas, sumamente funestas para os pulmões e o cérebro, que passam à massa sanguínea e aos humores, donde derivam logo coortes de males.

Incumbe às pessoas designadas para dirigirem tais atividades, como também aos médicos que exercem sua profissão nas minas, vigiar atentamente pela incolumidade dos operários e, se não conseguem suprimir as causas ocasionais dos distúrbios, pelo menos devem tratar de minorá-las. Proceder-se-á com os homens atacados do mesmo modo como se faz com os enfermos incuráveis, não se lhes negando socorros médicos nem calmantes; manifestava Hipócrates a necessidade de combater as doenças incuráveis para que incomodem o menos possível.

Os dirigentes das minas, para purificar o ar ambiente confinado e poluído pelas emanações desprendidas da matéria mineral, pelas exalações dos corpos dos escavadores e pelas fumaças das luzes acesas, usavam máquinas pneumáticas cujos canos se comunicavam com o fundo da mina, retirando o ar viciado e substituindo-o por ou-

tro mais fresco e puro. Costumava-se fazer a proteção das mãos e das pernas com luvas e polainas. Segundo o testamento de Julio Pollux, os antigos se preocupavam com a incolumidade dos mineiros, procurando cobri-los com couraças. Conta Plínio, a propósito dos polidores de cinábrio, que se atavam ao seu rosto grandes bexigas para que não aspirassem o pó, porém lhes permitindo a visão através delas. Nas minas de arsênico, da mesma forma, empregavam-se máscaras de vidro, precaução mais elegante e eficaz, disse Kircher, na passagem já citada.

Vários remédios prescreveu o mesmo autor, tanto curativos quanto preventivos, já adotados por um perito metalúrgico; aconselha um licor preparado com óleo de tártaro, láudano e óleo de cólquica; destilando-os se obtém um licor que deve ser administrado às gramas; como preservativo, recomenda caldo gordo e um bom vinho; para os que já se acham doentes, aconselha também um bálsamo de urtiga e de magnésio, e a condimentar seus alimentos com sal nítrico e o que se extrai do alúmen. Juncken, em sua "Química Experimental", para neutralizar os vapores metálicos, recomenda o espírito de sal doce.

Para lesões da garganta e gengivas surtem magníficos efeitos os gargarejos de leite, porque podem remover, absorvendo-as, as partículas corrosivas aí aderidas, suavizando o local; por isso Agrícola preconiza, na obra mencionada, muita manteiga para os que trabalham nas minas de chumbo. Para as mãos e as pernas estragadas nessas minas pelo arsênico negro, Plínio recomendava o pó de pedra assiana. Observaram, disse ele, que os membros feridos pelos metais saravam nas pedreiras que continham essa pedra. Possuía, talvez, o poder de destruir o ácido metálico, por uma particular força erosiva que, por essa causa, era chamada "Sarcófago". Escreve André Cesalpino, no seu "Dos Metais", que esta pedra se encontra em Asso, na Troade, porém aqui é desconhecida, e a substituem por outra, achada em Elba, onde se extrai alúmen fóssil.

A respeito das afecções asmáticas motivadas pelos fumos metálicos, propõe Etmüller um tratamento quando se refere à defeituosa aspiração do ar; nada adianta, em tais asmáticos, o uso dos habituais remédios. Para tão grave afecção, empregam-se mercúrio doce, feto, clister, o diaforético antimônio, pedra de bezoar e outros similares.

Se as emanações minerais prejudicam aos olhos, busque-se, igualmente, remédio no reino mineral. Quando os medicamentos ex-

ternos não davam resultado, Horst curava a oftalmia produzida por fumos metálicos com medicamentos internos também minerais. Os colírios de escamas de bronze eram recomendados; e, segundo diz Macróbio, antigamente eram conhecidos os cavouqueiros que permaneciam nas minas de bronze, pelo bom estado de seus olhos, devido ao poder secativo do bronze, referido por Homero.

Celso também prefere, a outros colírios, o de Cleon, preparado com escamas de bronze, açafrão e óxido de zinco. Poderia misturar-se salitre a esses colírios. Plínio asseverou que os operários das minas de salitre não remelam seus olhos, como o comprovam observações recentes. Em suma, são os remédios mais aptos e ativos para combaterem doenças produzidas por metais; adquirem-se principalmente no reino mineral, pois quis a Natureza, nos seus prevenidos planos, que, de onde vem o mal, também provenha a saúde; dizem, assim, que à má junta se aplicará o mau prego.

Não só aos cavouqueiros atormentam as pestes metálicas, porém também há muitos outros artífices que trabalham nas imediações de minas, como aqueles que removem, fundem e refinam a matéria extraída. Eles se expõem às mesmas enfermidades, embora não tão gravemente, porque praticam seu ofício em ar mais livre; mas, com o andar do tempo e sempre por culpa dos fumos metálicos absorvidos, sentem dispneia, fadiga e lienteria, terminando por aumentar a família dos empestados. Em poucas palavras, Hipócrates descreve muito bem a figura de um metalúrgico: "O homem do metal tem o hipocôndrio direito saliente, baço grande, baixo ventre dilatado e algo duro, dificuldades respiratórias, cor pálida e o joelho esquerdo sujeito a repetidas doenças". Tantos males viu o "divino ancião" naquele metalúrgico! É de admirar que Valésio, mui prolixo algumas vezes ao comentar epidemias, trate esse assunto com demasiada frieza, nada insinuando, sequer, sobre a expressão "homem do metal", como se nenhum autor houvesse dado atenção ao assunto; Galeno pouco se ocupa e passa logo a averiguar o que Hipócrates entendia por "pneumatodes", se inflação do ventre ou frequência de respiração. Suponho que o Divino Preceptor quis invocar, sob essa única denominação, a causa de várias graves afecções. Os que exercem a metalurgia padecem, em sua maioria, de fadiga e lienteria, têm o abdômen endurecido e semblante amarelado. Fésio traduz a expressão grega por "o que se fala acerca das minas".

Não somente os cavouqueiros, senão também os que residem e trabalham nas proximidades das minas, recebem os males das exalações metálicas, que perturbam os espíritos animais e vitais cuja natureza é etérea e sutil, pervertendo a economia natural de todo o organismo. Receitam-se a estes os mesmos remédios propostos acima, porém em doses menores.

# *II*
# *Doenças dos douradores*

Das minas e das forjas de Vulcão, nas que ardem e chiam metais candentes, trabalhados a martelo, das fornalhas vomitadoras de fogo, passemos agora às cidades onde não faltam artífices martirizados pelos metais. Ninguém desconhece o lamentável dano que o mercúrio causa aos ourives, ocupados, geralmente, em dourar objetos de prata ou de bronze. É preciso amalgamar e depois volatilizar o mercúrio no fogo, não podendo os operários virar o rosto para evitarem a absorção dos vapores venenosos e, assim, rapidamente, sofrem vertigens, tornam-se asmáticos, ficam paralíticos e tomam um aspecto cadavérico. Poucos envelhecem nesse ofício e, os que não sucumbem em pouco tempo, caem em um estado tão calamitoso que é preferível desejar-lhes a morte. Tremem o pescoço e as mãos, perdem a dentadura, bambeiam suas pernas, escreveu Juncken, em sua "Química Experimental", isto mesmo atestou Fernel, ao tratar "Das causas ocultas das coisas" e no livro *Da lues venéreas*, no qual refere o caso de um miserável ourives que, enquanto dourava umas alfaias de prata, deixou penetrar em seu organismo vapores de mercúrio, ficando tonto, surdo e mudo. Forest relata história semelhante de um ourives que ficou paralítico porque, inadvertidamente, aspirou fumos de mercúrio.

Nas “Atas Médicas de Copenhague”, figura uma correta observação de Olaf Borch a respeito de um alemão dourador de lâminas; este, durante seu trabalho, aspirou, involuntariamente, fumos de prata viva, sentindo tonturas, forte angústia no peito, asfixia, tremores das extremidades, com face cadavérica, pelo que parecia que já estava para morrer, salvando-o o suor provocado por vários antídotos e, sobretudo, por um decocto de raiz de pimpinela e saxifraga. Pensa aquele preclaro varão que os pequeninos corpúsculos de mercúrio fumegante ocasionaram tremores ao atacar os nervos e, por haverem penetrado na massa sanguínea, impediram o movimento dela. Seria fastidioso, se quisesse enumerar aqui todas as histórias desse gênero descritas pelos médicos. São, pois, bastante frequentes esses casos, entretanto, nas grandes cidades e em nossa época, em que a elegância e o refinamento não ficam satisfeitos se, pelo seu ouro, não reluzem, pois que nos palácios dos magnatas até os urinóis e as sentinas são dourados, e custa mais caro evacuar que beber, como dizia Marcial, a respeito de alguém.

Coube-me examinar, ultimamente, um jovem dourador que, depois de dois meses deitado, morreu; por não ter tido cuidado com as emanações do mercúrio, primeiramente ficou caquético, com rosto pálido, a face cadavérica, os olhos inchados, sentia dispneia e apresentava confusão mental; apareceram, também, úlceras dolorosas na boca, das quais corria continuamente abundante e escuro sangue. Todavia morreu sem vestígio de febre. A mim causou admiração, não podendo compreender como tanta putrefação dos humores não provocasse febre. Mas consultando alguns escritores, cessou meu espanto. Conta Baillou que um paciente suspeito de *lues venéreas*, ao mesmo tempo portador de quartã, curou-se desta com untadura de mercúrio, assim que provocou ptialismo. Fernel recorda outra vítima da *lues venéreas* que destilava pus pelos olhos, viveu muitos anos sem febre, pois a primeira coisa que lhe fizeram foi untá-lo com mercúrio e, por fim, morreu; não teve febre, o que causou admiração a Fernel, que o confessou ingenuamente; no seu segundo livro “Das causas ocultas das coisas”, explica, porém, como o mercúrio reprime o aquecimento febril e atribui isso à ação narcotizante do metal que, pela sua mesma faculdade de acalmar dores e deter hemorragias, reprime o ardor da bílis e modera as inflamações. Por acaso o mercúrio oculta algum febrífugo? Algum dia acharemos no reino mineral um febrífugo sem nada de misterioso, como aquele de Rivière, mas singelo e aberto à generosidade da arte médica, do mesmo modo como o reino vegetal

ofereceu o famoso febrífugo "Peruano" e o medicamento antidisentérico ultimamente descoberto, sobre o qual o ilustre Leibnitz publicou um tratado; quanto a este assunto, não seria demais consultar a experiência, e não seria temerário receitar purgas mercuriais para febres intermitentes, tampouco há que temer o emprego de mercúrio doce como remédio; o mercúrio assemelha-se a um cavalo indômito quando o dirigem mãos inexperientes, pelo que é preciso ter cuidado, afirma o louvado Borch, ao narrar o caso de um distinto cavalheiro altamente febril, ao qual um charlatão colocou na sua munheca dois pequenos sacos de prata viva, cujo calor febril desapareceu, porém, com este, também se extinguem o calor nativo e vital; acrescento que são de desconfiar os benefícios brindados por inimigo tão pérfido e versátil e, pode-se dizer, a propósito do mercúrio usado pelos médicos, aquilo que do seu Mercúrio disse o Príncipe dos Poetas:

*"Atrai pálidas almas ao inferno.*
*E manda outras às tristes regiões do Tártaro.*
*Dá sonos, os afasta e as luzes apaga com a morte."*

Mas, retornando ao nosso caminho, para corrigir os distúrbios provocados pelos vapores mercuriais, convém consultar os autores que escreveram sobre venenos minerais, recomendam-se, geralmente, os remédios que têm a propriedade de excitar os humores e o movimento da massa sanguínea, e que estimulam a sudorese. O mercúrio possui o inconveniente de provocar o torpor, como o demonstram os acidentes citados acima, devidos aos fumos penetrados pela boca, tendo a autópsia comprovado isso pelo sangue coagulado encontrado na cavidade do coração, conforme Aricena viu numa macaca que bebera prata viva.

Assim, todos os cordiais excitantes, até mesmo o espírito de vinho, poderão ser usados. Os espíritos de sal amoniacal, de terebentina, o nosso petróleo, os sais voláteis, como aqueles de chifres de veados, de víbora e outros da mesma natureza são recomendados, suspeitando-se do mérito da teriaga por ser opiáceo. Também os decoctos de plantas medicinais, como o cardo, o escórdio, a cascarilha e outras similares são mais eficazes que os seus sucos destilados, chamados, acertadamente, de "suores de planta", por Van Helmont. O nosso Falópio, na sua obra sobre metais e fósseis, propõe limalha e folhas de ouro. Martim Lyster, na sua dissertação sobre *lues venéreas*, elogia o decocto de guáiaco cuja virtude equivale à da pimenta,

que pode remediar os danos causados pelas emanações venenosas do mercúrio, preferindo-o, ademais, pelo sabor. Potter, na "Farmacopeia espagírica", recomenda o uso de infusão de enxofre sublimado em vinho contra as doenças causadas pelo mercúrio, principalmente nos pacientes que, em alguma oportunidade, aspiraram fumos de mercúrio ou que fizeram unção mercurial. Onde, porém, a abundância de humores torna necessário um purgante, devem ser prescritos medicamentos mais fortes que nas outras doenças, levando-se em conta o torpor e a diminuta sensibilidade aos estimulantes. Os antimônios, em uma e outra oportunidade, curam excelentemente, devendo-se, entretanto, desconfiar da flebotomia considerada pior que cão e serpente; o espírito e, também, a massa humoral exigem impulso e não freio. Recorda Plínio que os antigos costumavam atar à cabeça largas bexigas para protegerem o rosto durante as escavações de cinábrio e prata viva, e lembramos anteriormente o que disse Kircher, em seu "Mundo Subterrâneo", que usaram ainda máscaras de vidro porque impediam que as emanações penetrassem pela boca. É conveniente recomendar-se, igualmente, o exercício, que proporciona calor ao corpo, e uma habitação aquecida, vizinha a uma fogueira; nada é mais repelido pelo mercúrio do que o fogo, a cuja presença ele foge "com asas aos pés".

É digno de admiração que o mercúrio, considerado vulgarmente como o único remédio contra os vermes (é o mais ativo que existe para matar os vermes das crianças, quer administrado como infusão em água ou fervido, quer misturado a outros produtos), seja, ao contrário, danoso, quando os seus fumos e exalações entram pelo nariz e pela boca, a tal ponto que, em pouco tempo, mata tanta gente, como se vê com frequência nos operários prateadores e douradores. Será que isso acontece por que a violência do fogo dissolve a estrutura do mercúrio, transformando-o em tenuíssimas partículas sumamente penetrantes, as quais, através da boca e do nariz, invadem os pulmões, o coração e o cérebro? Assim sendo, sua infusão e seu decocto poderiam com facilidade ainda debilitar os humores animais e produzir uma narcose na massa dos fluidos, na dose de onça e de libra, por via oral, como se faz nos distúrbios do íleo, não provocando nenhum dos fenômenos citados, porque não encontra calor animal suficiente para dissolvê-lo e reduzi-lo a vapor, mas, conservando a própria estrutura, o seu peso tende a abrir o caminho e a superar os obstáculos. Serviu também de antídoto àquele ciumento, conta Ansônio, ao qual a esposa infiel dava veneno e, depois, para apressar a morte, o fez ingerir prata viva. A

mesma coisa sucede com o fogo, vencedor de todos os venenos, que às vezes torna inofensivas as substâncias venenosas, enquanto excita e ativa os tóxicos de outras. Refere Ambrósio Paré que o papa Clemente VII morreu por ter penetrado em seu organismo o fumo de uma tocha envenenada, e declara que julga "opinião artificial e falsa, perniciosa para quem não tem cuidado com a vida, a de que o fogo combate e consome todas as coisas com suas forças purificadoras".

Por esta razão, quando grassa uma peste, seria tão útil e oportuna medida, e bem da saúde pública, queimar os objetos e os despojos dos infectados, assim como os enterrar profundamente junto com os cadáveres. Sabemos que os Romanos, pela Lei das XII Tábuas, proibiam incinerar cadáveres no interior da cidade ou nas proximidades das moradias a fim de que os fumos desprendidos não alterassem a pureza do ar. O fogo, por ser tão diverso e por estarem tão misturados os corpos sobre que atua, produz efeitos distintos; em certas circunstâncias concentra e, em outras, difunde os tóxicos; também o mercúrio constitui outro exemplo evidente digno de admiração: permite ser bebido sem grande dano, enquanto, sublimado com sais, adquire propriedade corrosiva que logo aplaca o fogo, pela adição da força do mercúrio, transformando-se em mercúrio doce, o qual não ocupará o último lugar entre os remédios prescritos para as flegmasias e a *lues venéreas*.

# *III*
# *Doenças dos iatraliptas (massagistas)*

O mercúrio é igualmente perigoso aos massagistas (iatraliptas) de nosso tempo, ou seja, aos cirurgiões encarregados de untar com o mercúrio os enfermos de *lues venéreas* que não melhoraram com outra medicação.

Entre os remédios inventados pelo talento dos médicos para dominar a ferocidade do *morbo gálico* (cruel peste que invadiu pela primeira vez nossa Itália, depois do cerco de Nápoles, e daí, como um raio, correu toda a Europa), ocupa lugar destacado o mercúrio, que mantém até agora, depois de continuadas experiências durante dois séculos. Notaram os médicos mais antigos a grande eficácia do mercúrio contra a sarna dos animais e, procedendo por analogia, ao observarem que as vítimas da *lues gálica* tinham a pele estragada por pústulas e chagas, ensaiaram com bom êxito o emprego do mercúrio. Dizem que o primeiro a aplicar essas fricções foi Jacob Berengário, conhecido em sua pátria pelo apelido de "Trinchante", cirurgião e anatomista mais famoso daqueles tempos cujas obras o atestam, as quais, por serem tão meritórias para anatomistas mais modernos, têm servido de fonte de informações, mas omitem o seu nome. Nosso Fallópio, em seu tratado *De morbo gálico*, refere que Jacob, o Trinchador, ganhou mais de 50 mil ducados de ouro só com as fricções para curar o dito *morbo* e que, ainda que tenha matado a muitos, a maioria, entretanto, curou-se. Melhor do que os alquimistas, soube aquele

iatralipta transformar mercúrio em ouro, com rara felicidade que nos nossos tempos não se repete, o que foi admirado pelo próprio Senert.

Os que friccionam com unguento de mercúrio os portadores de sífilis são colocados entre os profissionais da mais baixa condição, metidos no negócio com fins de lucro, de modo que cirurgiões eminentes rechaçam tão sórdido mister como repugnante e pleno de perigos. Embora usem luvas, não conseguem proteger-se suficientemente para que os átomos do mercúrio não cheguem às mãos, passando através do couro, o qual, em outros casos, é usado para filtrar e purificar o mercúrio; pode ocorrer também que, ao se realizar o trabalho próximo a uma chama, exalações viciadas penetrem pela boca e pelo nariz, ocasionando, seu contato, estragos terríveis no cérebro e nos nervos. Fabr. Hildano narra o caso de uma mulher que friccionava seu marido com unguento de mercúrio, sentada no leito, impregnando-se do ar desse metal que, penetrando pela boca, nela provocou muita salivação e ulcerou sua garganta. Tremem as mãos daqueles que, com frequência, fazem fricções mercuriais em infectados por sífilis venérea, escreve Fernel na sua obra *De Lues Venéreas*. Graves e repetidas vertigens experimentou um cirurgião com o ofuscamento da vista, enquanto efetuava a acostumada fricção num sifilítico, segundo afirmou Frambesário.

Nessa questão, nenhuma cautela é mais indicada do que aquela adotada por um cirurgião daqui, o qual, inteirado do perigo e de que os ganhos não compensariam, advertido de que as fricções o prejudicavam mais que aos friccionados, já sofrendo de disenteria, cólica e muita salivação, prepara o unguento mercurial, assiste os enfermos, manda que eles se untem com suas próprias mãos, pois assim é mais saudável para eles e para ele, porque, enquanto o cirurgião não corre risco algum, os enfermos, devido ao calor produzido pelo movimento dos braços, conseguem com que o unguento penetre melhor, e nada têm que temer desse remédio, do qual esperam alívio para os seus males. Quando o mercúrio causa algum dano aos massagistas, como tremores, vertigens e disenteria, conforme dissemos acima, eles se curam com decocto de guáiaco. Assim como o mercúrio é eficaz contra os venenos venéreos, o guáiaco, por sua vez, corrige os danos provocados pelo mercúrio, como o torpor e a debilidade dos nervos, pois possui a faculdade de eliminá-lo, promovendo a sudorese. Frequentemente estes dois excelentes remédios, unindo suas forças, curam radicalmente o *morbo gálico*; primeiro o guáiaco o ataca com escaramuças e o enfraquece, depois o mercúrio empreende uma luta mais violenta e, finalmente, o mesmo guáiaco assesta o último golpe sobre o inimigo e destrói suas últimas resistências.

# *IV*
# *Doenças dos químicos*

Ainda que se jactem de possuir a arte de dominar todos os minerais, muito pouco conseguem salvar-se sempre da ação nociva daqueles, pois frequentemente são atingidos por danos semelhantes aos sofridos por outros artífices que trabalham com minerais, e, se estes negam pela palavra, a cor dos seus rostos as desmente amplamente.

Leonardo de Cápua refere-se às graves indisposições causadas a dois célebres químicos, Teofrasto e Van Helmont, pelo preparo de seus medicamentos. Juncken, em sua "Química Experimental", diz, a propósito do antimônio, que, enquanto o estíbio fumega durante a preparação do sulfato de antimônio, os operários sentem vertigens e perturbações pulmonares. Etmüller confessa abertamente que, estando em perfeita saúde, um dia preparava vidro de antimônio, quando se rompeu a retorta tubular, deixando escapar fumo de enxofre e antimônio, sofreu acessos de tosse que se repetiram durante quatro semanas e não os atribuiu a outra causa senão à irritação produzida nos órgãos da respiração pela fumaça dos ácidos. Curioso é que Tachenio, em seu "Hipócrates Químico", confessa haver-lhe sucedido ao tentar sublimar arsênico: depositara-se este no fundo do vaso e, depois de muitas sublimações, partiu-se o recipiente, percebendo, com grande admiração de sua parte, um suavíssimo aroma, mas, ao cabo de quase meia hora, sentiu dor no estômago e dificuldade para

respirar, teve hematúria, cólica e convulsões em todos os membros. Restabeleceu-se com o tratamento de óleo e leite, porém, durante todo o inverno, teve febre baixa, semelhante à dos tísicos, da qual se livrou, entretanto, com decocto de hervas maceradas e comendo as partes de cima do repolho. Carlos Lancilloti, um dos nossos afamados químicos, conheci trêmulo, remelento, desdentado, dispneico e desprendendo um mau odor; evidentemente seu renome provinha dos seus remédios e, sobretudo, dos cosméticos que vendia.

Contudo, longe estou de querer subestimar esse labor científico; os químicos são dignos de louvor, porque não temem sacrificar suas vidas em benefício do bem público, tentando sempre experimentar as coisas ocultas e enriquecer a ciência natural, e não os culpemos se, para atenuar as propriedades tóxicas de um mineral, são incapazes de precaver-se suficientemente. Necessitam observar todo o processo, expondo-se ao fogo e às fumaças do carbono, para que os remédios se façam de acordo com as regras da arte e possam ser utilizados, pois a mínima troca na preparação de remédios químicos pode alterar as suas finalidades, tornando-os venenosos, disse René Descartes. A mesma coisa disse Juncken, em seu prefácio: "os médicos não poderão oferecer medicamentos químicos com consciência tranquila se suas mãos não os tivessem preparado ou visto serem elaborados por químico competente". Assim como não censuramos o cavalariço, que, enquanto doma um cavalo selvagem e rebelde, é arrojado ao solo e recebe coices, tampouco devemos zombar do químico que às vezes sai esquálido do laboratório e com atônita expressão de um familiar do inferno.

Há alguns anos, feriu-se uma luta de certa importância entre um cidadão finalês e um negociante de Módena que possuía em cidade daquela jurisdição um grande laboratório onde fabricava sublimado. O finalês levou o comerciante à justiça, instando a que mudasse seu laboratório para fora da cidade ou para outra região, porque, quando os operários calcinavam o vitríolo no forno, para a fabricação do sublimado, toda a vizinhança se envenenava. A prova da verdade de sua acusação estava no atestado de um médico do lugar e no registro necrológico da paróquia, segundo os quais, naquele bairro e nos sítios mais próximos ao laboratório, faleciam anualmente mais pessoas do que em outros lugares. O médico atestava que os habitantes daquelas vizinhanças morriam de caquexia e de doença do peito, e atribuía a causa principalmente aos vapores de vitríolo que se desprendiam,

corrompendo o ar circulante, tornando-o hostil e pernicioso para os pulmões. Defendeu a causa dos negociantes D. Bernardino Corrado, comissário de artilharia no ducado de Este, e a do finalês foi defendida por D. Casina Stabe, médico da mesma cidade. Publicaram-se discursos bastante eloquentes de ambas as partes, nos quais discutiram com violência sobre as fumaças; os juízes finalmente deram razão ao comerciante e o vitríolo foi absolvido de culpa por sua inocuidade. Se o jurisperito havia, nessa questão, decidido com justiça, deixo que o julguem os entendidos em ciência natural.

Voltando ao assunto da minha alçada, acreditei fazer injúria aos químicos se aconselhasse remédios preventivos ou curativos para todos os casos nos quais suas atividades redundam mais em danos do que lucros, porque são poucas as doenças para as quais os químicos não tenham feito algum remédio; por isso, compraz-me agora passar a outras oficinas.

# *V*
# *Doenças dos oleiros*

Não faltam, em quase todas as cidades, outros artífices vítimas das pestes metálicas, entre os quais estão os oleiros; pois em que cidade ou em que país não se pratica a cerâmica, ou seja, a mais antiga de todas as artes? Esses operários precisam de chumbo calcinado a quente para vitrificar seus vasos, e moem o chumbo em vasilhas de mármore por meio de um pau pendurado no teto, movido circularmente, o qual leva na outra extremidade uma pedra quadrada, besuntando depois os vasos com chumbo liquefeito, por meio de pincéis, antes de introduzi-los no forno; a virulência de chumbo derretido e dissolvido na água é absorvida então pela boca, pelo nariz e por todo o corpo, seguindo-se logo muitas e graves doenças. Primeiramente surgem tremores nas mãos, depois ficam paralíticos, dementes, caquéticos, desdentados e com lienteria, sendo raro encontrar-se um oleiro que não exibia fácies plúmbea e cadavérica. Recordam as "Atas de Copenhague" o caso de um oleiro em cujo cadáver acharam o pulmão direito aberto nas costas e com tendência à dessecação e à tísica; imputa-se à arte que exercia a má constituição pulmonar; o mesmo oleiro havia sentido que não se adaptara ao ofício, porém não conseguiu abandoná-lo a tempo. P. Potter conta de um oleiro paralítico do lado direito cujas vértebras torcidas deixavam-lhe o pescoço rígido; curou-se, disse, com decocções de pau de sassafrás e bagas de louro; cita outro mais que faleceu repentinamente.

Os oleiros padecem de tais afecções porque têm de manipular o chumbo. Estranha-nos realmente que o chumbo (de que a habilidade dos químicos obtém abundante provisão de remédios contra males internos e externos, esteio dos cirurgiões, como se ouve publicamente dizer) oculte em seu seio germes tão malignos, o que demonstra sua emanação quando reduzido a pó e dissolvido em água, castigando tão cruelmente os oleiros obrigados a empregá-lo. Mas deixei de surpreender-me quando fiquei inteirado, por confirmação do mui experimentado Boyle, de que o vapor de chumbo fundido fixa e consolida, em pouco tempo, a prata viva. Acrescentei o que foi escrito elegantemente por Thrustonio, em seu discurso "Do exercício da respiração", quando, imitando os poetas, insinua que o feito de Vulcão em Marte, repete-o Saturno envolvendo a Mercúrio. Não é de admirar que Saturno, triturado pela mó de pedra, irrite-se contra seus verdugos, não obstante sua natureza fria o imponha tão feroz açoite aos oleiros, provocando torpor do sangue e dos humores e fazendo-lhes arvorar uma cruz nas mãos.

Todos os químicos atestam que o chumbo difunde um forte vapor ácido mui penetrante e áspero cujo perigo conhecem amplamente aqueles que depuram ouro e prata de mistura com o chumbo; tal acrimônia dos vapores de chumbo, afirmam os autores da "Coleção de Química de Leyden", se alguém a aspira pela boca ou pelo nariz, enquanto o metal é trabalhado, pode dar lugar a sufocações e à perda de todos os dentes, se houver descuido.

Em razão do meu plano de percorrer oficinas dos artífices (pelo desejo de aperfeiçoar minha tarefa com a correta averiguação das causas ocasionais das doenças que afligem os operários), compeliu-me também o desejo, que se apossou de minha mente, de relatar aqui as advertências a mim feitas nas olarias a respeito do artifício mecânico de vitrificar louças de barro, cujo artifício antiquíssimo, com base na extração bastante rudimentar da terra, é sumamente necessário. Se não conhecêssemos a maneira de vitrificar vasos de argila, teríamos que gastar muito dinheiro com recipientes de estanho e cobre para cozinhas e refeitórios. Não menos digno de admiração e atenção é o fabricante de objetos de cerâmica que se cozem primeiro nos fornos, são logo envolvidos com chumbo calcinado e pó de sílica diluído na água, vão novamente ao forno e ali se cobrem de uma crosta vítrea, pela ação do fogo, o que os torna utilíssimos em quase todas as necessidades; insistem os químicos para que nas operações espagíricas sejam usados os vasos vitrificados. Mas sinto que não posso assim rapidamente discorrer sobre tal tipo de ocupação, para não me afastar muito

do meu assunto, pelo que, em se tratando de matéria de cerâmica, a mim se pudesse aplicar, acertadamente, aquilo que disse Horácio:

*"Começou-se a fabricar uma ânfora,*
*por que ao girar a roda saiu um jarro de barro?"*

Reservo esta minha ideia para oportunidade mais adequada, numa obra já projetada sobre "Mecânica racional das artes".

A respeito do tratamento desses operários, raros são os remédios que podem devolver-lhes uma saúde perfeita. Por outro lado, eles só reclamam auxílio médico quando, mãos e pés atados, têm as vísceras endurecidas demasiadamente, e outro mal os acabrunha, ao mesmo tempo, a indigência, recorrendo, por isso, à medicina dos pobres, que lhes prescreve apenas lenitivos e lhes aconselha a renunciar ao seu ofício. São empregados, às vezes com êxito, purgantes mercuriais, como os de mercúrio doce com eletuário linitivo, assim como unturas do nosso petróleo nas mãos e nos pés, usadas durante vários dias.

Os remédios acerados não são muito caros e servem para abrandar a dureza das vísceras, prestando boa ajuda quando usados durante largo tempo. Preferir-se-á limalha de aço em infusão de vinho com cinamomo aos demais remédios marciais preparados quimicamente, porque é mais eficaz e menos dispendioso, levando-se em conta a paupérrima condição desses artífices.

Como são de várias categorias os operários das oficinas de olaria, uns ocupados em revolver brasas com as mãos e os pés, outros em dar forma às vasilhas colocadas junto à roda giratória, nem todos os oleiros estão sujeitos às afecções enumeradas; prevenimos, pois, que, somente por ouvir o nome "oleiro", não se deve recorrer aos remédios indicados para corrigir os males contraídos do contato com a matéria mineral, porém todos os que manipulem continuamente terra molhada e permaneçam em lugares úmidos serão, na sua maioria, bastante pálidos, caquéticos e quase sempre enfermiços. Os que dão forma aos vasos, sentados ao lado da roda para acioná-la com os pés, sentem debilidade na vista, sofrem vertigens e, por cansar demasiadamente os pés, não é estranho que padeçam de ciática; serão atendidos com remédios que comumente se prescrevem para essas espécies de afetados que, se não conseguem deter o mal, pelo menos o mitigam.

# *VI*
# *Doenças dos estanhadores*

O estanho, chamado por Plínio chumbo branco e Júpiter pelos químicos que querem situá-lo entre a Lua e Saturno, é artigo refinado nos domicílios particulares dos cidadãos desejosos de ornamentar sua mesa e empregado pelos fundidores de metais na fabricação de apetrechos bélicos, sinos e outros objetos, assim como os químicos o usam para combater diversos distúrbios do organismo, preparando com estanho vários remédios, como manteiga de jove, cristais, benzoático jovial e outros mais. O estanho, todavia, prejudica os operários não só ao ser extraído das minas, como acontece com todos os metais, como também fora das minas, enquanto se funde e purifica, prejudicando também até os operários citadinos que se dedicam a fundir pratos velhos ou os restaurar ou ainda os polir a cinzel. E assim os estanhadores apresentam geralmente análogos sintomas aos observados em fundidores e moedores de chumbo, como os oleiros. É sabido que os operários, ao derretê-lo, absorvem emanações perniciosas de mercúrio e enxofre acre.

Etmüller em seu *Collegio Consult* traz a história de um estanhador atacado primeiramente de tosse, depois de grande ansiedade e dificuldade respiratória, principalmente à noite, tendo que se levantar e abrir as janelas para aspirar ar fresco, vagava como noctâmbulo pela casa, até que começava clarear o dia, com o que terminavam to-

dos esses acidentes; aquele varão experimentadíssimo atribui a causa de tão graves sintomas às fumaças mercuriais dos metais. No estanho, segundo afirma, há superabundância de antimônio volátil que, misturado com salitre, adquire força fulminante; tal espécie de asma, ele coloca entre as afecções convulsivas, pois o plexo nervoso obrigado ao espasmo impede a expansão dos pulmões.

Tais artífices são vistos nas cidades e, quando requerem auxílio médico, devem ser atendidos com os mesmos cuidados com que se cercam os outros operários metalúrgicos; examinar-se-á o tórax primeiramente, por ser a sede principal das doenças e acusar as piores queixas e angústias na respiração. Serão tratados como os portadores de asma das montanhas, evitando remédio que tenha poder dessecante; devem usar, preferentemente, manteiga, leite, emulsões de amêndoas e de sementes de melão, tisana de cevada e outros semelhantes.

Também os remédios joviais já mencionados podem ser prescritos, sobretudo o "antiséctico de Potério", composto de antimônio e estanho, segundo dizem, pois já afirmei que os agravos causados por metais devem ser corrigidos com remédios metálicos.

# *VII*
# *Doenças dos vidraceiros e fabricantes de espelhos*

No mundo dos artífices não existem mais prudentes do que os vidraceiros, pois, se trabalharam durante seis meses no ano (no inverno e na primavera), entram em descanso e, chegando aos 40 anos de idade, renunciam e dizem adeus à sua arte para passarem o resto da vida desfrutando daquelas coisas que asseguram tranquilo ócio, ou passam a desempenhar um outro ofício. Esses operários não suportam por muito tempo labor tão impróprio se não são homens mui robustos e contando mais de vinte anos. É inofensiva, por sua natureza, a massa derretida do vidro quando corre nos fornos, pois não afeta sensivelmente ao operário, visto que ninguém se queixa nem se percebem odores nas oficinas de vidro. Não os possui a natureza da massa, nem se deve buscá-los no artifício mecânico pelo qual se dá forma aos vidros, soprando; seguindo minha explicação, basta saber a respeito que os prejuízos a que estão sujeitos os artífices que praticam esse ofício provêm da violência do fogo e da mistura de certos minerais usados como corantes dos vidros.

Seminus, até em pleno inverno, ao fabricarem vasos de vidro, os operários permanecem junto aos fumegantes fornos; forçoso é que se prejudique a acuidade da visão ao dirigi-la constantemente para as chamas ou o vidro em fusão. Os olhos suportam o primeiro ímpeto incandescente, mas logo depois choram seu infortúnio, ficam lacrime-

jantes, debilita-se sua natural constituição que é aquosa, consumida e esgotada pelo excessivo calor. Por isso experimentam uma sede insaciável que os incita, de ordinário, a tomar vinho, que o bebem imoderadamente e com maior prazer do que a água, pois julgam a água mais nociva que o vinho para quem se esquenta demasiadamente, seja qual for a causa, e recordam casos frequentes de insolações em indivíduos que morreram subitamente por terem tomado bebida fria.

Estão sujeitos também a doenças do peito; trazem-no exposto ao ar, protegido apenas pela camisa e, terminada a tarefa, saem das oficinas vulcânicas para lugares mais frios, não havendo natureza, por mais forte e violenta, que possa resistir longamente a tão violentas mudanças; por essa razão, contraem pleurites, asma e tosses persistentes.

Infortúnios muito piores sobrevirão durante a fabricação de vidros coloridos para braceletes e adereços para as mulheres plebeias ou destinados a outros usos; para colorir os cristais, devem combinar o bórax calcinado com o antimônio e uma certa quantidade de ouro, moendo esses ingredientes até os converter em pó impalpável que se mistura ao vidro para obter-se a pasta necessária à operação; enquanto executam esse trabalho (por mais que se tente cobrir o rosto ou o afastar) não deixam de absorver as malignas emanações; e, assim como os vemos cair exânimes ou sufocados, com o tempo aparecem úlceras na boca, no esôfago e na traqueia, até que terminam eles na família dos tísicos ou avariados dos pulmões, como o comprovam claramente as autópsias.

Tem-se surpreendido bastante que a mistura de bórax e antimônio com a massa vítrea adquira propriedades tão perniciosas; sem ter sido testemunha ocular (existe em nossa cidade fábrica de vidro, porém ali não o colorem), sei disso por haver-me comunicado em suas cartas o excelentíssimo D. José de Grandis, outrora aluno meu no ginásio Modenense, hoje médico e anatomista de grande talento em Veneza (onde existem famosas fábricas de vidro na ilha chamada Murano). Com isto quero alertar que as misturas podem iludir os mais sábios médicos, sobretudo quando se lhes aplica a ação do fogo, considerado por Van Helmont como corruptor e destruidor das coisas, embora também seja pai e autor de muitas outras, como oportunamente descreveu Plínio, o sábio, mais do que químico: “da mesma matéria, pela ação do fogo, vão se criando outras, sucessivamente”.

Os operários venezianos, especializados na manufatura de espelhos, como os douradores, experimentam os malefícios do mercúrio quando cobrem com prata viva grandes placas de cristal, a fim de que reflitam claras imagens do lado oposto. Podemos crer que os antigos ignoravam essa espécie de arte, pois Plínio não a mencionava em sua História Natural ao descrever várias maneiras de confeccionar espelhos. Manipulando mercúrio, sofrem os espelheiros ataques de asma, paralisias e as outras afecções anteriormente citadas.

Assim, em Veneza, na ilha de Murano, onde se fabricam enormes espelhos, veem-se esses artífices contemplar, com desgosto e vista embaçada, sua desdita nesses espelhos e abominar seu ofício. Diz a epístola enviada pelos venezianos à Sociedade Anglicana (como consta das Atas da dita sociedade) que os venezianos que trabalham cobrindo a parte posterior dos espelhos se tornam frequentemente apopléticos. Nada ajuntarei aqui de referência à proteção médica, porque a esses artesãos devem ser administrados os mesmos medicamentos, que, como dissemos, convinham aos demais empregados em ofícios minerais e que trabalham em oficinas vulcânicas.

## *VIII*
## *Doenças dos pintores*

Também várias afecções costumam atacar os pintores, como tremores nos membros, caquexia, enegrecimento dos dentes, palidez da face, melancolia e abolição do olfato; e ainda que os pintores retratem os outros em imagens elegantes e coloridas, raramente acontece que eles mostrem, por sua vez, o mesmo colorido e o bom semblante daqueles que são retratados. Constatei, nesta e em outras cidades, nos pintores que conheci, que são todos enfermiços. Se recorrermos à história da pintura, comprovaremos que os mais renomados nunca alcançaram a longevidade. Rafael de Urbino, célebre pintor, foi arrancando do mundo dos vivos em plena flor da juventude, e Baltazar Castiglione chorou sua morte prematura em formosos versos. A culpa disso atribuem à vida sedentária e ao caráter melancólico desses homens, geralmente segregados do convívio social, que conturbam a mente com ideias fantásticas; porém existe latente outra causa da enfermidade. A matéria corante que têm sempre sob o nariz e nas mãos: óxido de chumbo, cinábrio, cerusa, verniz, azeite de nozes e de linho utilizados para misturar cores e vários pigmentos extraídos de diversos fósseis. Devido a isso percebe-se nas oficinas um odor fétido, bastante pesado, que o verniz e os mencionados óleos expelem, sendo muito funesto para a cabeça e, provavelmente, ocasiona a abolição do olfato. Os pintores vestem, para trabalhar, blusas sujas e manchadas de tinta, e, ao pintar, absorvem vapores malignos pelo

nariz e pela boca, os quais penetram nas vias respiratórias, passam ao sangue, perturbam a economia das funções naturais e provocam os distúrbios já referidos acima. O cinábrio é parente do mercúrio, a cerusa se prepara com chumbo, o verde bronzeado com cobre, a cor ultramarina com prata (os pintores preferem cores minerais, mais duradouras que as vegetais), pois sabemos que quase toda a matéria corante é extraída do reino mineral e ocasiona prejuízos graves. Por isso, essas mesmas afecções atacam os pintores, embora com menos gravidade do que aos metalúrgicos.

Uma história bastante curiosa sobre esse assunto, narra Fernel, de um pintor de Angers, vítima, primeiramente, de tremores nas mãos e nos dedos, depois a agitação aumentou até ao ponto de ferir um braço numa das repetidas convulsões; iguais agitações apareceram nos pés, em seguida sentiu dores tão fortes no ventre e em ambos os hipocôndrios, que nem clisteres, nem fomentações, nem banhos e nenhum outro tratamento conseguiram aliviá-lo. Somente se acalmava se três ou quatro homens, com todo seu peso, pressionavam seu ventre, pois sofria menos quando lhe comprimiam o abdômen; depois de três anos de martírio atroz, morreu extenuado. Importantes conferências entre os mais célebres médicos foram promovidas a fim de discutirem a causa verdadeira e genuína de tantos males, quer antes quer depois da autópsia, por não haver aparecido nada de anormal nas vísceras. Lendo sobre essa história fiquei muito admirado com a ingênua confissão de Fernel, seguindo o hábito dos homens verdadeiramente grandes, como afirma Celso: "que estivessem todos tão distantes do alvo e, como se diz, errassem completamente o caminho", acrescentando que o pintor não só costumava lavar o pincel com os dedos, como também, incauto e imprudente, o chupava, pois, por comunicar entre si as partes do corpo, o cinábrio passava dos dedos das mãos para todo o sistema muscular e nervoso; ademais, absorvido pela boca, afetava o estômago e os intestinos, e alguma propriedade maligna sua, ainda não explicada, seria a causa oculta de tantas dores.

Só se buscará a razão do aspecto macilento e caquético dos pintores, como também de sua tendência à melancolia, na maléfica natureza dos corantes. Dizem que Antonio de Allegri, chamado depois o Corrégio, por causa do nome de sua pátria, levava sua melancolia a tal ponto de estupidez que desconhecia o próprio mérito e a importância de suas obras, devolvendo o dinheiro recebido pelos seus quadros, como

se os compradores se tivessem equivocado no elevado valor atribuído a suas pinturas, para as quais nenhum preço nos parece hoje suficiente.

Por sofrerem os pintores das afecções já descritas ou de outras enfermidades comuns, serão eles atendidos com particular cuidado, prescrevendo-lhes, junto com os remédios habituais, os especiais que corrigem danos contraídos da matéria mineral, dos quais já se tratou antes e não volto a repetir para não causar tédio aos leitores.

# *IX*
# *Doenças dos que trabalham com enxofre*

Entre os minerais que contribuem para a comodidade da vida está o enxofre, muito usado, embora possa prejudicar àqueles que o cozem, fundem e empregam na elaboração de suas obras; neste capítulo veremos de que males padecem os artífices do enxofre.

Caso se utilize fumegante ou liquefeito, provoca tosse, dispineia, rouquidão e remela nos olhos. Sua análise demonstra a existência de duas substâncias na sua composição, gordurosa e inflamável de uma parte, ácida e extintora de fogo de outra parte; quando o enxofre é liquefeito ao fogo e, ainda mais, quando é inflamado e se levantam fumaças de ácido volátil que são recebidas pelo rosto, ocasiona as afecções indicadas, principalmente tosse e remela; a grande corrosividade do ácido ataca a flácida e delicada estrutura dos olhos e dos pulmões. Marcial enumera vários negociantes e operários, bronzeadores, moedeiros, padeiros e judeus que, em Roma, perturbam, dia e noite, o sono com excessivo estrépito, obrigando-lhe a retirar-se para o campo, e cita operários do enxofre, caracterizados pela remela dos olhos:

*"Nem o remelento traficante de mercadoria sulforosa..."*

Até as mulheres que alvejam suas túnicas sobre a fumaça de enxofre incandescente conhecem a força do vapor sulforoso e sabem descorar as purpurinas, tornando-as brancas como leite:

*"Os vapores do enxofre mudam a tonalidade das rosas",*
*disse o poeta.*

Na Alemanha fumigam com fumaça de enxofre as tinas, para proteger contra o mofo o vinho do Reno, para que se conserve por muitos anos, atesta Van Helmont, em seu tratado "Da asma e da tosse"; o ácido sulfúrico, que é sumamente hostil aos pulmões e à traqueia, acarreta aquelas afecções. É conhecida a história da mulher adúltera que, ao chegar seu esposo, escondeu o amante debaixo do leito, e ela mesma se delatou, ao cobri-lo com um véu impregnado de enxofre. O amante, incomodado pelo odor do enxofre que se desprendia do véu, não pôde evitar a tosse e os espirros. Este assunto me recorda o caso de um moleiro que, ao ver em seu aposento rodelas incandescentes de enxofre, daquelas que se usam para acender lenha, receoso de que a casa se incendiasse, atreveu-se a pisá-las para extinguir o fogo, pouco faltando para que caísse morto; crudelíssima tosse o acometeu durante muitos dias, tendo muita dificuldade na respiração, porque, devido à grande emanação do ácido, a estrutura vesicular dos pulmões contraíra-se. Melhorou bastante com óleo de amêndoas doces e dieta láctea; contudo, no espaço de um ano, passou para a lista da libitina.

Etmüller observa em seu "Dos Vícios da Respiração" que a fumaça de salitre e enxofre dá origem a pertinaz tosse e dificuldade respiratória. Não há contradição entre este e o que se ouve vulgarmente dizer que o enxofre é um bálsamo pulmonar, pois isso é verdade, se o enxofre for despojado do seu abundante ácido; assim ensinam o doutíssimo Juncken, em sua "Química Experimental", e o louvado Etmüller, na sua "Mineralogia", nas quais afirmam que o enxofre é chamado, com justiça, o bálsamo dos pulmões, quando for separado seu "princípio balsâmico" do fator ácido e corrosivo. Juncken explica desse modo a maneira de afastar o ácido do enxofre: sublimando-o com corais e corno de cervo, absorventes do ácido.

Não vejo por que razão, na prática de não poucos médicos, sobretudo dos nossos, prescrevem geralmente alcoolato de enxofre para as doenças do peito; leram que diversos autores recomendam o enxo-

fre como principal remédio das ditas doenças, como se a parte ácida do enxofre fosse a mesma coisa que a substância completa, e uma parte pudesse ter a mesma propriedade do todo; semelhante interpretação denotaria ignorância, e cometem erro igual quando receitam alcoolato de enxofre para curar sarna por longo tempo, como remédio específico, dentro de qualquer caldo para sarnentos, somente porque o enxofre é um remédio poderosíssimo e a única base dos unguentos que exterminam a tinha.

Os operários deveriam precaver-se, tanto quanto possível, de aspirar fumaça de enxofre e empregar habitualmente, para mitigar a tosse, xarope de alteia, emulsões de sementes de melão, tisana de cevada, óleo de amêndoas doces e dieta láctea.

# X
# Doenças dos ferreiros

A experiência quotidiana nos ensina que as inflamações dos olhos ameaçam também aos ferreiros, e cremos que não tanto pela violência do fogo, enquanto mantêm fixa a atenção visual na chama, mas pelas emanações sulforosas emanadas do ferro incandescente que irritam e ferem as membranas oculares, excitam a saída de linfa das glândulas e provocam oftalmias e remelas. Dizem que o pai de Demóstenes fabricava espadas, e Juvenal o descreve com conjuntivite; e fala assim de Demóstenes:

> *"Seu pai, remelento, devido à fuligem de ardente frágua, ao em vez do carvão das tenazes das forjas onde fabrica espadas e do lamacento Vulcão, manda-o ao estudo da oratória."*

A expressão "lamacento Vulcão", inventada pelo poeta (nenhum dos outros poetas, que eu saiba, adjudicou ao fogo tal epíteto, antes o chamam de resplandecente, brilhante, purpúreo), faria pensar, por acaso, na indicação da cor amarelada com que os metais fundidos, por causa do enxofre que contêm, mancham o rosto dos operários, como tenho observado onde se fabricam armas; no citado verso, a palavra "lúteo", por ter a primeira silaba breve, não pode significar cor amarela, mas sim algo lodoso.

Como a substância do ferro encerra, pois, certa quantidade de enxofre, não é de estranhar que, ao caldeá-la, desprendam-se tênues partículas sulfúreas, de ferro, do carvão, que vulneram as membranas dos olhos, quais pontiagudas lanças, ocasionando oftalminas e remelas ácidas. Tenho ouvido que muitos operários contraem essas afecções e lamentam a falta de um remédio, para as quais costumo aconselhar leite de mulher, água de cevada e paliativos semelhantes, até mesmo sangrias, quando a inflamação piora. Usem também o soro vacum, emulsões de sementes de melão e dietas refrescantes, coisas saudáveis para os artífices que trabalham junto ao fogo. É recomendável, em particular, a acelga que mantém a frouxidão do ventre, pois também padecem de constipação. Marcial fala de "almoços de acelga dos operários"; se as contumazes remelas persistem, poderia curá-las a mesma água na qual se apaga o ferro em brasa; aconselha-se naturalmente evitar, enquanto seja possível, fixar a vista no ferro incandescente e fervente.

# *XI*
# *Doenças dos gesseiros e caleiros*

O gesso e a cal não fazem o menor mal ao serem cozidos nos fornos, manipulados e vendidos a varejo nas oficinas. Ninguém desconhece que o gesso está incluído na lista dos venenos, o qual, bebido, mata por sufocação; assim L. Proculeio, familiar de Augusto, como não pudesse tolerar uma dor no estômago, decidiu suicidar-se com gesso, atestou Plínio. Tenho visto amiúde que aqueles que o calcinam, preparam, moem, peneiram e empregam sentem-se oprimidos por grande dificuldade de respiração, com o ventre contraído e com os hipocôndrios duros e distendidos, perdem a cor e ficam com o rosto, realmente, como se fosse de gesso, sobretudo os que o amassam com mó de mão e o peneiram, bem assim os moldadores que executam diversos trabalhos, reproduções e efígies para ornamento de edifícios sacros e palácios de príncipes e também de bibliotecas, por ser costume antigo:

*"De gente ignorante principalmente; ainda que todos exibam*
*seu lar cheio de bustos de gesso de Crisipo."*

Assim Juvenal fustigava os ricos incultos que, ambicionando usurpar fama de sábios diante do vulgo, adornavam suas bibliotecas com estátuas de filósofos. Ainda que os operários cubram seu rosto, absorvem pelo nariz e pela boca revoluteantes átomos de gesso que

penetram nas vias respiratórias e, misturados à linfa, aglutinam-se em nódulos ou se incrustam nos sinuosos condutos pulmonares, interceptando a respiração.

Seja-me permitida aqui uma ligeira digressão para deter-me um pouco acerca da natureza do gesso; parece-me que os que têm falado sobre fósseis não estudaram com suficiente clareza a natureza e a constituição do gesso. O gesso possui força plástica e adstringente, como escreveu Dioscórides, e isto mesmo repetiu Galeno em vários lugares. Disse Plínio que é coisa semelhante à cal. Tem a faculdade de obstruir e de sufocar, conforme os autores modernos, como Cesalpino, no livro "Dos Metais"; Amato Lusitano reconhece nele grande poder secante: "os que preparam o gesso, disse, são, em sua maioria, levados à morte, porque a sua cabeça debilitada e enlanguescida por causa da excessiva secura produzida pelo gesso, que devia pensar, não pensa, reter, não retém, de maneira que a matéria desce às partes subjacentes e conduz à tísica". Com esse engenhoso comentário, indica a malignidade do gesso, aquele autorizado autor.

Quanto a mim, se minha presunção não falha, cheguei a convencer-me de que é outra, em verdade, a natureza do gesso, e não foi quiçá observada, até agora, sua força expansiva e elástica, em nada semelhante, senão inteiramente oposta à da cal. Aconteceu-me contemplar mais de uma vez os pedreiros de Módena, cidade na qual abundam os pórticos, enquanto derrubam colunas velhas (os edifícios ficam apoiados sobre grandes vigas) substituindo-as por novas colunas de mármore, ou as construindo de pedra. Observei que esses obreiros fazem colunas novas com cal e pedras, porém, nos cotovelos da terminação, ou seja, nos lugares em que deve ir pegada a coluna ao edifício superposto e assentado provisoriamente nas vigas, usam gesso e nunca cal. Inteirado desse procedimento (comprovação que se efetua facilmente nessa cidade, a mais antiga da região Cispadana), indaguei dos próprios operários  por que então não empregavam a cal e rematavam, ao contrário, seu trabalho com gesso, como se quisessem imprimir-lhe um selo particular, e responderam-me que o muro construído de cal se abaixa, ao passo que o de gesso se eleva; e é efetivamente assombroso como, ao cabo de cinco a seis dias de construídas as colunas, quase sem dificuldades se retiram as vigas que de um lado e de outro sustentavam por baixo toda a parede que, do contrário, por si mesma cairia; se a obra fosse feita somente com cal,

ou seria com muita dificuldade ou então com grande perigo e abalo da construção, quando se retirassem os esteios.

O gesso e a cal são parecidos na força e na eficácia de sua coagulação, pois ambos, misturados e dissolvidos com água, unem-se e aglutinam-se; porém o gesso guarda em si maior elasticidade, enquanto se erguem grandes paredes. Observei que pressiona não só para cima mas também para baixo e em todas as direções, exercendo mais sensivelmente sua força onde há menor resistência. Observei, também, que, caso se levante uma parede de ladrilho e gesso sobre um travessão e se una a outra superposta anteriormente, a trave, por forte que seja, se curva, e que isto é devido não tanto a seu peso, pois se trata de construção levíssima, porém à pressão do gesso. Acrescentarei, finalmente, que a cal se mantém em bom estado e não envelhece com a umidade, e assim os muros próximos do solo e até os alicerces das casas se tornam como de ferro; o gesso, ao contrário, apodrece e se esfacela junto à terra, porém em lugares mais elevados, como nas chaminés, mesmo molhado pelas chuvas, em solidez não cede à cal.

Volvendo ao assunto, não é de estranhar se partículas de gesso recebidas através da traqueia nos receptáculos do ar e ali misturadas com o líquido seroso que ressuma das glândulas produzem tão desastrados efeitos, comprimindo com sua força expansiva os condutos fistulosos e impedindo a entrada do ar e a sua saída. Para corrigir, porém, os distúrbios causados pelo gesso (embora, onde ele fosse introduzido, não tão facilmente se obteria a cura), receitavam os antigos vários remédios. Galeno, no segundo livro "Dos antídotos", recomenda lixivia de hastes de videira; Guianério o confirma, porém diminuindo a dose para um terço do peso; Sennert louva o esterco de rato. Propus, como calmante para esses artífices, óleo de amêndoas doces recém-extraído e emulsões de sementes de melão, mas pude notar que, se permanecem nesse trabalho, tornam-se asmáticos, caquéticos e morrem quase todos. Se houvessem dissecado qualquer cadáver desses obreiros e de outros, voluntariamente, isso seria comprovado, porém não se consegue do nosso povo, nem com súplicas, nem com oferecimento de dinheiro, inspecionar quem morre de doença não vulgar; até mesmo se alguém o pede invocando o benefício público, enfurecem-se com o médico que quer averiguar a causa da morte que ignora.

A cal não é tão nociva para o operário como o gesso; a cal recente, desprendida das fornalhas, tem força ígnea e queima. Por isso Paulo Zacchia se admira de que sejam permitidas fornalhas em algu-

mas cidades, em que se fabrica cal, cujo vapor que emitem é maléfico para o peito. Nada mantém mais demoradamente a semente do fogo, depois de aceso, do que pedra calcária; a cal conservada até um ano em lugar seco, quando é diluída em água, produz fumaça e manifesta a força latente do fogo, fazendo efervescência na água; tal capacidade diminui com o tempo, enquanto a cal envelhece e se esmigalha, sendo em tal momento menos prejudicial aos artífices, mas ainda conserva sua acidez corrosiva. Irrita a garganta e os olhos e dá aspereza à voz, o que se remedeia facilmente com bebidas frias e emulsões de sementes de melão e de sementes frias. A cal põe rugosas as mãos dos pedreiros e, às vezes, as ulcera, porém as livra de sarna, caso a tivessem; por alguma propriedade, ocupa, a cal, lugar entre os remédios antipsoríacos, sua força alcalina destruindo o ácido que provoca a psoríase, razão pela qual Willis, em sua "Farmacêutica Racional", recomenda decocto de cal para a diabete; ainda que pareça, disse ele, que tal decocção se presta mais para provocar fluxo da urina, pois, pela influência calórica e sedativa, diminui os seus ácidos e impede a causa de sua difusão, pela mesma razão Ricardo Morton aconselha, com muitos louvores, o decocto da cal na tísica pulmonar.

Pensam alguns que a cal viva tem dois sais que, depois da calcinação, perduram inativos, e que, dissolvidos pela água, atritam-se em múltiplo conflito, provocando a conhecida efervescência; tal opinião parece suspeita a João Bohn, em suas "Meditações sobre o influxo do ar", pois consta, por observações feitas, que os álcalis purificados e estabilizados se escaldam em virtude da umidade da água, sem necessidade de entrar em contato com o ácido. Santo Agostinho estranhava que a cal se tornasse efervescente na água e se esfriasse no óleo. É preciso crer que há na cal muito sal alcalino e que os remédios preparados à base de cal são empregados para curar sórdidas úlceras, nas quais existe abundância de ácido. Contra os males produzidos nos caleiros será oportuno o decocto tépido da malva, o de violeta, manteiga fresca e mesmo o leite, sendo este o mais eficaz para suavizar a sequidão e a aspereza da garganta.

Tais são os artífices que estão expostos a contrair doenças provenientes da nefasta natureza dos minerais e dos fósseis trabalhados por eles e que os empregam em suas obras, cujo tratamento já indiquei rapidamente. É primordial dever do médico restituir, no possível e quanto antes, a saúde desses homens com adequados e generosos remédios; muito se ouve aos pobres obreiros implorarem a seus médi-

cos que os matem ou os salvem. O tratamento há de ser também, se possível, rápido e fácil, pois, do contrário, o tédio da doença e a falta de ânimo consomem esses artífices enfermos, pensando sempre nas necessidades por que passam, tanto quanto sua família. Apraz-me citar a respeito as palavras de ouro do divino Platão, que estimo não desagradem aos leitores. Assim disse ele no livro "Da República": "Se um operário cai doente, o médico deve curá-lo, ou por vomitivo, ou por purgativo, ou por cautério ou por sangria. Se ele receita uma longa dieta ou cobre a sua cabeça com suaves compressas e o que mais for requerido, dirá logo que não tem tempo para estar doente e que prefere morrer que renunciar a seu trabalho, dispensando o médico e voltando à sua vida habitual, pelo que recobrará a saúde e se entregará ao trabalho, ou virá a morte, se o corpo não puder resistir à doença". Até aqui falou Platão.

Na prática não raro se observa que, se os operários não convalescem rapidamente, retornam doentes a suas oficinas e se esquivam aos prolixos tratamentos dos médicos; com os ricos, a quem sobra muito tempo para ficarem doentes (às vezes por simulação, para ostentar riqueza, e disso outrora Marcial zombou), que por qualquer insignificância mandam chamar o médico, deve proceder-se de maneira diferente. "Os ricos, pois (diz Platão logo depois da citação anterior), não têm ocupação alguma a que não possam renunciar sem renunciar à vida". Há clínicos, entretanto, afeitos a tratamentos longos para doenças breves ou que se curam por si mesmas; primeiro dão calmantes, depois excitantes, como certos xaropes que seria meu dever proibi-los, assim como catárticos e repetidas sangrias e mil outras aplicações repugnantes, sempre se mostrando operosos, para que não transcorra um dia sem escrever uma linha, isto é, sem a fórmula de novos remédios. Vem bem a propósito parodiar Horácio aqui:

> *"A quem a sanguessuga uma vez se prende, dele se apodera e não soltará a pele senão quando estiver cheia de sangue."*

Retornemos, porém, à questão dos operários que necessitam trabalhar com matéria mineral e fóssil, recomendando-lhes buscar seus principais remédios no reino mineral, como já disse; tirarem os emolientes do reino vegetal, assim também os antídotos comuns como a triaga, o nitrato e outros considerados capazes de rechaçar, por sua força específica, o maligno ímpeto dos venenos. É mister voltar a pôr em uso os purgantes e os vomitivos em doses mais liberais, prescrevê-

-los em quantidade duplicada, quando há que lutar contra a natureza indômita e tenaz dos corpos metálicos; consultem-se autores que escreveram sobre venenos, como Guainério, Cardam, Arduíno, Bácio, Sennert, Prévost, Etmüller e outros, porquanto propõem amplo suprimento de remédios para combater cada um dos tóxicos; observem-se também as precauções indicadas, como as que tratam de evitar que cheguem partículas maléficas à boca.

# *XII*
# *Doenças dos farmacêuticos*

Passando a considerar outras oficinas, apraz-me chegar às farmácias, nas quais acreditamos se hospede a saúde em lar próprio, a não ser que, às vezes, ocultem a morte numa janela. Interrogados os próprios operários se adoeceram alguma vez, enquanto preparavam remédios para a saúde do próximo, responderam que amiúde se sentiram gravemente afetados, sobretudo durante a elaboração do láudano opiáceo ou pulverizando cantáridas para vesicatórios e outras substâncias venenosas, por causa das sutis partículas desprendidas, que, enquanto as esmagam, penetram pelas vias do corpo.

O ópio leva ao torpor e à apatia, por isso Etmüller aconselha tomar vinagre se fabricam láudano opiáceo; nada é, pois, melhor do que o vinagre para combater o enxofre do ópio, por causa da propriedade neutralizante do narcótico. Do mesmo modo, sabe-se que as cantáridas reduzidas a pó e tratadas com as mãos provocam ardor da urina. Conheci um farmacêutico desta cidade que, por ter tocado as partes genitais depois de manipular raízes de serpentário, padeceu tão forte inflamação que deu gangrena e quase morreu de copiosa hemorragia. Refere o Conde de Verulamio que as exalações da colocíntida farmacêutica triturada provocam, às vezes, disenterias e graves cólicas abdominais. Ninguém, por certo, ignora quão volátil é a substância das cantáridas e quão hostil ela é aos rins e à bexiga. Observadas as cantáridas atentamente ao microscópio, aparecem providas de pon-

tiagudos espinhos, e Olaf Borch, segundo Bonnet, acrescenta na sua "Medicina Setentrional" haver notado menores espinhos nas asas e nas patas do que na cabeça, pelo que pensa com isto ter resolvido a antiga questão, se, de acordo com Hipócrates, as cantáridas devem ser aplicadas com cabeça, patas e asas cortadas, ou inteiras, conforme quer Galeno, a cuja opinião adere Etmüller, expressando que o litígio é de *Lana caprina*; estas são suas palavras, sustentando que todas as partes das cantáridas possuem faculdades ulcerativas. Cuidem pois os perfumistas, enquanto trituram esses animáculos, de não absorverem seu pó, ou seja, precavendo-se, antecipadamente, antes de entrarem em contato com estas pestes, consumindo abundantes emulsões de sementes de melão; também o soro *vacum* e mesmo o leite prestam não pouca ajuda em atenuar o ardor da urina.

Ademais, pude inteirar-me de que a certos farmacêuticos afligem não somente os odores desagradáveis, como na preparação da pomada de alteia que a muitos provoca náuseas e vômitos, mas também os agradáveis; surpreende verdadeiramente o poder dos odores em produzir assombrosos efeitos segundo a idiossincrasia de cada um. Tenho ouvido dizer que, na primavera, quando fazem infusões de rosas para xaropes especiais, e toda a oficina tem um certo cheiro de roseiral de Pestana, alguns se queixam de dores fortes de cabeça e outros de diarreia. Aqueles que possuem olfato canino fogem desses odores; quando é possível saem das oficinas para tomar ar ou aproximam amiúde do nariz objetos perfumosos mais familiares para afastarem-se os odores maléficos.

Opina Sennert sobre o nocivo aroma das rosas e também Otto Tanchen em seu "Hipócrates Químico". Conta Levínio Lemnis que, aos habitantes da Arábia, perturba muitíssimo a excessiva suavidade dos aromas profusamente difundidos naquela região, de maneira que seu único alívio é recorrer, como a um bálsamo, a aromas fétidos. Bastante oportuna é a anedota a que se refere Gaspar de Regis, de um pescador que caiu desmaiado no Palácio do Rei Sebastião de Portugal em virtude da excessiva fragrância dos perfumes; consideraram-no morto, mas o fez voltar a si o célebre Tomás de Vega, que ordenou levar o homem semianimado à praia e envolvê-lo com algas e limo marinho, cujo maravilhoso tratamento, como de um porco no seu chiqueiro, restabeleceu-o. Disse Bacon que, quando se destampam substâncias aromáticas depositadas durante muito tempo, os que em primeiro lugar as removem correm o risco de contrair febres e inflamações.

# *XIII*
# *Doenças dos cloaqueiros*

Fico aqui em dúvida se aos médicos que se ocupam de elegância e de asseio, frequentam as boticas que geralmente rescendem a cinamomo e têm seu foro próprio, possa eu convidá-los para verem as latrinas e agitar a bílis no seu nariz, como se diz vulgarmente, pois quem tem por lei contemplar, em quotidiana inspeção, os excrementos dos intestinos e da bexiga para comprovar infecções internas do corpo não deve, em consequência, mostrar aversão por tais locais, a fim de poder observar um pouco as doenças dos limpadores de latrinas e cloacas: "necessita o médico inspecionar coisas ingratas e tocar coisas desagradáveis", são palavras de Hipócrates.

Também convém ao filósofo, às vezes, descer de suas sublimes contemplações para outras mais vis e fazer uso de exemplos mecânicos; assim, disse Platão que Sócrates deu a entender diretamente a Hippias que ele encarava com desprezo, enquanto indagavam a natureza do belo, o homem que perguntou se, ao aproximar-se do fogo uma formosa panela cheia de boas verduras, deveria misturar-lhe com concha de ouro ou, antes, com uma de figueira, exclamando Hippias que de nenhum modo discutiria com semelhante indivíduo; argutamente, respondeu-lhe Sócrates: "Bendigo, sem dúvida, oh! amigo virtuoso! Não te convém ser chamado com tais pretextos quando estás adornado com tão aparatoso manto e sapatos, e brilhas por tua sabedoria

entre todos os gregos; mas a mim, nada me proíbe ocupar-me com ele diretamente". Quando, pois, em nossa época, a arte médica é dirigida ao mecanicismo, o tratar algumas vezes com mecânicos de ínfima categoria e cuidar unicamente da verdade, nunca será indecoroso, como ali também diz Platão.

Narrarei, agora, a história que me forneceu a primeira ideia e a ocasião para escrever este tratado "das doenças dos artífices". Nesta cidade que, por sua extensão, é bastante populosa e tem as suas casas apinhadas e muito altas, é costume esvaziar de três em três anos as cloacas de cada uma das casas que se estendem pelas ruas, e como tal trabalho se fizesse em minha casa, observei que um dos operários, naquele antro de Caronte, trabalhava açodadamente, ansioso por terminar; apiedado de seu labor tão impróprio, interroguei-o por que trabalhava tão afanosamente e não agia com menos pressa, para que não se cansasse demasiadamente, com o excessivo esforço. Então, o miserável, levantando a vista e olhando-me desse antro, respondeu: "Ninguém que não tenha experimentado poderá imaginar quanto custaria permanecer neste lugar durante mais de quatro horas, pois ficaria cego". Depois que ele saiu da cloaca, examinei seus olhos com atenção e os notei bastante inflamados e enevoados; em seguida procurei saber que remédio os cloaqueiros usavam para essas afecções, o qual me respondeu que usaria o único remédio, que era ir imediatamente para casa, fechar-se em um quarto escuro, permanecendo até o dia seguinte, e banhando constantemente os olhos com água morna, como único meio de aliviar a dor dos olhos.

Perguntei-lhe ainda se sofria de algum ardor na garganta e de certa dificuldade para respirar, se doía a cabeça enquanto aquele odor irritava as narinas, se sentia náuseas. "Nada disso, respondeu ele, somente os olhos são atacados e se quisesse prosseguir neste trabalho muito tempo, sem demora perderia a vista, como tem acontecido aos outros". Assim ele, atendendo-me, cobriu os olhos com as mãos e seguiu para casa.

Depois observei muitos operários dessa classe quase cegos ou cegos completamente, mendigando pela cidade. Não me causou espanto, porém que exalação tão perniciosa irritasse a delicada estrutura dos olhos. Ballion conta história de um operário parisiense de baixa categoria, portador de oftalmia, atribuindo Ballion a causa dessa afecção ao ofício, pois costumava limpar as latrinas das ruas; só os olhos são vítimas de tão cruel infortúnio, ficando ilesas as partes res-

tantes, como os pulmões, apesar de seus tecidos moles; e causou-me estranheza, sobretudo, que, através do nariz, essa imundície mefítica não infectasse o cérebro, cuja razão de semelhante particularidade ainda não compreendo.

É-me fácil conceber que, ao remover o lodo, desprenda-se ácido volátil, o que é demonstrado com suficiente probabilidade pelo enegrecimento das moedas de prata e cobre que os cloaqueiros levam em suas mochilas enquanto efetuam a limpeza, assim como se enegressem as vasilhas de cobre nas cozinhas mais próximas às cloacas, e as tábuas pintadas atingidas por suas emanações. Tais eflúvios deveriam corromper também os pulmões, considerando-se que nada é mais hostil aos pulmões que qualquer ácido, e, ainda, a massa sanguínea que, por sua natureza, é doce, conforme comprova o sentido do paladar; mas as fétidas exalações só declaram guerra atroz aos olhos, ferindo-os como agudíssimos espinhos e arrancando-lhes a viola, ou seja, a luz. Satisfará ao gosto dos curiosos dizer que, como na natureza das coisas existem venenos que mostram especial incompatibilidade com alguma parte do nosso corpo, assim como a lebre marinha com os pulmões, as cantáridas com a bexiga e o torpor com os nervos, também aqueles vapores de fezes humanas por vários graus de corrupção adquirem tal periculosidade que tanto lesionam os olhos, como poupam o resto do organismo? Por certo, se me impusessem semelhante raciocínio, na verdade não me contentaria, e a ninguém gostaria de apresentá-lo como razão de peso.

Nada mais aceitável, certamente, e nada está mais na boca dos médicos que essa inimizade particular de certas coisas externas para algumas partes de nosso corpo, e muitos opinam sobre essas questões complicadas, explicando as obscuridades com não sei que argúcias mais obscuras ainda. Olaf Borch, como Bonnet, nega que as cantáridas, por sua força específica, sejam mais nocivas para as bexigas que para outras partes, isto é, que mostrem mais na bexiga sua força pungente e ulcerativa; se tomadas pela boca ou aplicadas externamente como vesicatórias, isto acontece, acrescenta ele, é porque os sais voláteis das cantáridas associados ao soro sanguíneo e levados à bexiga, se nela não há urina, ferem a bexiga desprotegida de algum muco, não o fazendo tão prontamente em outras partes, para onde não se transportam unicamente no soro, senão com sangue e pituíta, cuja mistura atenuará suas forças. Acaso deve dizer-se que a putrefeita exalação elevada das cloacas até aos olhos dos operários (e os olhos

são as partes mais expostas e, ao mesmo tempo, de sensibilidade mais esquisita) com suas tenuíssimas partículas, acicateadoras como espinhos, façam sair o suco lacrimal que, unindo-se a elas, gerem um novo composto danoso somente para os olhos, porém inofensivo aos demais órgãos onde não se encontre suco análogo? Olaf Borch refere-se a um caso de um taverneiro que se estremecia ao ver vinagre e se derretia em suor frio. "Os vapores ácidos, disse ele, molestam seus olhos e seu nariz?"

Seja qual for a causa e também o modo pelo qual sofrem com aquelas tétricas exalações, mais do que os órgãos dos cloaqueiros, consta realmente que, por sua constituição, os olhos estão predispostos a recebê-las e transmiti-las. A secreção remelenta é contagiosa, pois um olho não recebe os eflúvios mórbidos de outro antro remelento, conforme o comprova a experiência e o atestam unanimemente os próceres da arte médica. Sabido é o que disse Ovídio:

*"Os próprios olhos enquanto olham os danosos, se danificam..."*

Outro tanto a respeito da fascinação que cremos seja produzida pela força do olhar, pensamos que não ocorra distintamente, senão que se origine certa irradiação emanada dos olhos fascinadores que, por encontrarem afinidade, insinua-se nos olhos de outra pessoa, contagiando-os. Assim disse Plauto:

*"Sai daqui, por Hércules! Curiosa, cujos olhos andam a espiar."*

Conheci uma nobre menina quase levada à tísica que não houve remédio para salvá-la, até que, por exortação minha, foi afastada do regaço de sua avó, anciã, que a queria muitíssimo e a mandava comer em companhia de criados adolescentes; tal medida originou uma importante discussão minha com a velha matrona que me acusava de desacreditá-la ante sua amada neta, como se fosse uma bruxa, sem que eu encontrasse razão para convencê-la. É vício peculiar à idade senil emitir de seus olhos eflúvios perigosos para a terna puerícia, e como pertence aos olhos inspirar amor ou ódio, é também mais próprio da idade juvenil emanar mais amor que a da senil, cujo olhar sói ser torvo e tétrico.

Não é lugar aqui de acrescentar algo mais sobre a natureza dos olhos; todavia, apraz-me citar uma conhecida passagem do insigne

Platão. Disse que Sócrates foi levado a ensinar de que modo deveria compreender a famosa inscrição no vestíbulo do templo de Delfos, "Conhece-te a ti mesmo". Por isso, assim falou Sócrates para Alcibíades: "Já tens advertido que a cara de um homem que se olha com um olho se reflete na vista do que tem em frente, como um espelho, naquela parte que se chama pupila? O olho, portanto, vê mesmo quando no olho se guarda a imagem e, especialmente, quando se fixa no seu ponto mais importante, do qual depende sua acuidade visual. Um olho, pois, para ver-se a si mesmo, deve mirar-se em outro olho".

Voltando a meu tema, é justo que a estes operários cujo mister é tão útil a todas as cidades, os ampare de certa forma a arte médica, visto que as leis civis já trataram, por éditos, de proibir que se faça violência ao limpador ou desinfetador de cloacas, quando ainda faltam casas para limpar. Convenço-lhes, de minha parte, que apliquem no rosto bexigas transparentes de porco, como usam os manipuladores de mínio, ou então que permaneçam menos tempo no emprego de expurgar cloatas; ou se seus olhos são demasiadamente sensíveis por natureza, que abandonem esse ofício e se dediquem a outro, de maneira que, por um infame e sórdido ganho, fiquem privados da vista e obrigados a mendigar. Por experiência própria, reconhecem que lhes convém ficar no interior de um quarto escuro, o que certamente é razoável, e lavar os olhos com água morna, pois contribui muito para aliviar o ardor dos olhos e para diminuir aquilo que, como espinhos cravados, produz a contração das partes nervosas com a subsequente inflamação; isto lhes permito. Se os olhos, porém, avermelharem demasiadamente, e há temor de que se forme um verdadeiro tumor, prescrevo sangria, com que, em seguida, diminuirá a moléstia dos olhos, e aconselho lavá-los com vinho aromático branco, saudável remédio nesta circunstância. Os humores animais são estimulados, de certo modo, pelo cérebro e o nervo ótico, e estão encarregados de purificar o órgão visual, de onde os afugenta o tétrico odor.

O vil mister de limpar cloacas foi incluído antigamente na condição de castigo, como dissemos no princípio com respeito aos condenados a manipular metais. Disse Plínio que o Imperador Trajano ordenava em uma carta que, se os condenados não deviam ser libertados antes de dez anos, cumprissem sua pena; porém que os mais velhos condenados a mais de dez anos fossem admitidos nesses misteres que não diferiam muito de um castigo. Costumavam, pois, destinar réus à limpeza dos balneários ou das cloacas.

Certamente alguns ficarão irritados porque me detive tanto tempo tratando desses assuntos de latrinas e cloacas; porém não há tema cuja atenção macule o investigador das coisas naturais e, muito menos, o professor de arte médica. Cita Cassiodoro uma epístola do rei Teodorico a seus delegados, na qual o grande monarca encomenda ao prefeito da cidade romana a limpeza das cloacas, "as esplêndidas cloacas da cidade de Roma que tanta sensação provocam nos visitantes, a ponto de serem consideradas superiores às maravilhas das outras cidades".

# *XIV*
# *Doenças dos pisoeiros*

Os antigos escritores citam frequentemente o nome dos pisoeiros; em nossa época quase se ignora o gênero de ofício daqueles que exercem a arte da pisoagem. Plínio menciona a lei Metela, ditada para os pisoeiros e promulgada pelos censores C. Emílio e L. Camilo para ser levada ao povo. Na lei sobre assuntos duvidosos, parágrafo penúltimo, lê-se que: "Fabolênio, que possuía o pisoeiro Flacco e o padeiro Filônio, legou à sua mulher o pisoeiro Flacco". Ulpiano situa os pisoeiros entre os negociantes e Varro os inclui entre os camponeses.

Todavia, antigos escritos permitiram descobrir que a arte do pisoamento consistia, durante os priscos tempos, em limpar lãs e, sobretudo, em desfazer manchas das vestes. O povo romano costumava vestir túnicas brancas que sujavam facilmente, pelo que se as entregavam aos pisoeiros para que as devolvessem sem manchas, as quais eram expostas à fumaça de enxofre queimado, como testemunha Plínio, a mesma coisa se fazendo em nossa época, quando se quer alvejar roupa de lã e de seda. O vapor ácido do enxofre branqueia tão maravilhosamente que até tornam brancas as rosas vermelhas.

Antigamente, tanto quanto agora, por estar a cidade de Roma ora suja de barro, ora poeirenta, as túnicas manchadas eram mandadas aos alvejadores, assim como às lavadeiras; lavavam primeiramente a roupa suja com greda, depois com uma espécie de greda, chamada

cimólia. Nossas mulheres, também, quando cai óleo sobre a roupa, a fim de que este não penetre profundamente e se estenda como sói acontecer, cobrem a parte onde se derramou o óleo com argila, da mesma que os oleiros usam, e a deixam no lugar, até que a greda vá secando pouco a pouco e caia espontaneamente.

Assim, as manchas pouco ou nada aparecem, pois o óleo, que contém oculto abundante ácido, é absorvido avidamente pela greda cuja essência participa da natureza de saturno, precipitando o ácido.

Os pisoeiros também empregam urina humana para tingir com cor purpúrea. Existe um elegante epigrama de Marcial, no qual enumera vários exemplos de coisas fétidas, com as quais se enche de podridão certa mulher Bassa, e, entre elas, cita a lã tinturada duas vezes com múrice. Em outro lugar, lê-se que Taide cheirava tão mal e ainda pior do que:

*"a velha cabeça do pisoeiro avaro, mas quebrada agora no meio do caminho..."*

Omitirei engenhosos comentários de alguns intérpretes, acerca do péssimo odor atribuído à lã tinturada duas vezes com múrice, e como seria a cabeça do pisoeiro avaro para feder a tal extremo; só mencionarei aquilo que o erudito Zaroto aborda engenhosamente em seu livro sobre a "Medicina de Marcial". Os pisoeiros usavam urina humana como tinturas nos seus trabalhos. Afirma Plinio que "a urina viril remedeia a podridão, dando razão aos pisoeiros quando afirmam que, devido a ela, a doença não os ataca". O mesmo pode deduzir-se de Galeno, quando se refere com certa ironia a Quinto, médico de algum renome no seu tempo, a quem, não tendo em grande estima, acusava de dar muita atenção às urinas, como muitos contemporâneos seus que se jactavam, da mesma forma que os atuais, de adivinhar as doenças diante de um urinol, como se faz com um trípode, e dizia que esse exame era próprio dos pisoeiros. Também atesta Ateneo, referindo-se à opinião de Mnesiteo, médico ateniense, quando afirmou este que a urina emitida, na qual se houvesse diluído mais abundantemente vinho bebido, é ácida e resulta mais eficaz para os pisoeiros na limpeza das roupas. Era, pois, bastante comum antigamente que os pisoeiros utilizassem urina para limpar as lãs e os vestidos, como hoje se faz. Nas fábricas de panos, onde penteiam lãs e tecem panos, existem barris nos quais os operários urinam, e essa

urina é guardada até que apodreça para então usarem. Realmente, o dia em que me aconteceu olhar para essa classe de obreiros, percebi um odor tão desagradável que me feria as narinas; tendo perguntado qual a sua causa, mostraram-me um tonel cheio de urina, no qual todos, conforme lei do seu ofício, devem urinar.

Nossos pisoeiros usam a urina do seguinte modo: depois de tecer panos, ou qualquer trabalho de lã, com o objetivo de limpar as manchas de óleo ou de outras coisas, põem em uma vasilha de madeira partes iguais de urina conservada e água morna, juntas com uma certa porção de sabão de Veneza, e ali mergulham o pano, para que, em seguida, o líquido penetre, embebendo-o inteiramente; espremem com os pés, repetindo isto duas ou três vezes e substituem o líquido já usado por outra mistura recente, depositada na vasilha. Espremem logo o tecido com uma prensa, enxáguam finalmente com água pura e sabão veneziano, ficando, assim, branqueados os panos e prontos para receber todas as cores que se queira dar. É lícito presumir que outrora os pisoeiros observassem o mesmo hábito de submergir em urina a roupa de lã e espremê-la com os pés descalços, pois, como escreveu Plinio, por essa razão a gota não atacou tanto os pisoeiros.

Na Roma de outrora, cidade populosa na qual pouco ou raramente se usava seda, os pisoeiros e tintureiros, pela frequente necessidade de lavar com múrice togas manchadas e os tecidos de lã e tinturá-los, toda as vezes que quebravam as vasilhas de pedra onde conservavam a urina lançavam-nas à via pública, infestando os transeuntes com o mau odor.

Os pisoeiros e os tecelões, por passarem a vida em recintos quentes nos quais andam seminus, aspirando pesados odores de urinas fétidas e óleo, são quase todos caquéticos, descorados, dispneicos, nauseabundos e tossem muito. O ar confinado e saturado de mau cheiro penetra nos órgãos da respiração sem deixar de causar danos aos pulmões, enchendo-os de partículas oleosas e pútridas que infeccionam toda a massa sanguínea e vão em quantidade para as principais vísceras e para todo o corpo. Ao lado disso, os poros da pele se obstruem facilmente com semelhante substância gordurosa e tomam incremento os males originários da constipação da pele.

Marinello traz várias histórias de Hipócrates sobre as enfermidades dos pisoeiros. “Pisoeiro doente da cabeça e do pescoço”. “Pisoeiro louco em Sira, por inflamação das pernas”. É verdadeiramente

curiosa a história de Hipócrates sobre as condições mórbidas, com caráter epidêmico, que os pisoeiros suportam. "Incham-se as virilhas, ficando endurecidas e indolores, perto do púbis, e no pescoço, igualmente, aparecem tubérculos grandes e febre, antes do décimo dia. Sofrem ataques de tosse" etc., disse Hipócrates. Acrescenta Valésio, em seu comentário a essa passagem, que Hipócrates se baseia na história de um só pisoeiro e pensa em invencionice, pois que os pisoeiros padecem de doenças comuns; entretanto, os outros intérpretes, como Foesio, Mercurial, Marinello e muitos outros sustentam que ele se refere a um conjunto de pisoeiros. É acreditável que uma má constituição desses artesões, mais ameaçada que a de outros obreiros, não só por má alimentação habitual, se não também pelas incomodidades do ofício, aumentem necessariamente, como já dissemos, a possibilidade de adquirir males; como opina também Hipócrates, a propósito de certa constituição que, quando uma doença maligna açoitava a plebe, os homens se contaminavam mais que as mulheres e, entre estas, as escravas se enfermavam com maior gravidade e morriam mais que as livres, nas quais as doenças eram geralmente mais benignas; segundo testemunho de Plínio, "as doenças atacavam uma vez aos senhores e outra vez aos servos". Em minhas "Constituições Modenenses", descrevi a epidemia rural de febres terçãs que, no ano de 1590, afligiu unicamente os agricultores e, no ano seguinte, outra epidemia de caráter urbano assolava somente os cidadãos, mas poupou aos judeus. Como anotou Paulmier, segundo Schenk, enquanto uma peste perseguia cruelmente os parisienses, ficaram imunes os curtidores da mesma cidade. De uma doença comum, devido a uma má constituição do tempo (ao vento Sul que derretia e liquefazia os densos humores, levando-os às glândulas da virilha e do pescoço), adoeceu a turba de alvejadores, conforme descrição de Hipócrates, da qual, provavelmente, todos sofreram análogo destino, por existir, em todos, disposições semelhantes no exercício do mesmo sórdido ofício.

Foi proposto, como método, o caminho mais curto para melhorar a saúde desses artífices e para evitar as infecções levadas ao interior do corpo e à cútis, escolhendo-se os remédios principais de fonte farmacêutica. Ocupam o primeiro lugar os eméticos e, sobretudo, os antimônios cujo emprego descobri resultando mui favoráveis nos que padecem de caquexia e de febres baixas. São também eficazes os catárticos e aqueles que expurgam os densos humores. Medicamentos mais suaves, para quem esteja cheio de humores, podem originar mais distúrbios que proveitos. Prestarão maior ajuda os que dilatam

e desobstruem, como o xarope caquético de Fernel, os vinhos lixiviais de Willis, o alcoolato de urina e a própria urina bebida. Há que ter cuidado com a sangria; mas não a desaprovo se uma doença aguda a exige; julgo que não se deve tirar sangue com liberalidade, como aconselham os outros, pois o sangue desses artífices é geralmente escuro e gelatinoso.

Antigamente, principalmente em Roma, onde muitas termas estavam à disposição do público, não era proteção vantajosa para os operários destes sórdidos ofícios lavar de quando em quando o corpo de tanta sujidade acumulada e revivificar a cansada robustez de suas forças, como corretamente anota Baccio, no seu livro "Das Termas". Nos nossos tempos, benefício tão excelente ficou olvidado e dele carecem os obreiros urbanos. Portanto, quando caíam doentes, para limparem as imundícies que impedem a transpiração e afastarem o mau odor entranhado, insisto em que lavem o corpo com uma esponja embebida em vinho branco perfumado e quente, e o esfreguem; também costumo aconselhar, como precaução, que aproveitem os dias feriados para tratarem da pele em suas próprias casas, com suaves banhos, e vão à rua limpamente vestidos. É de admirar quanto se alegra o espírito com o asseio e a brancura da roupa; nunca aprovarei a vulgar opinião fomentada por alguns receitadores de que os doentes de cama não devem trocar a camisola nem os lençóis para não os debilitar; sobre esse assunto temos uma sentença do Divino Preceptor: "Favorece aos enfermos, disse, preparar com esmero seu alimento e sua bebida, que vejam e toquem coisas agradáveis", e Valésio registra expressamente estas palavras em seu comentário. Estranha-me um pouco que Lázaro Missioneiro, em sua "Nova Doutrina das Febres", censure os médicos que prescrevem a mudança das roupas do corpo e da cama dos febricitantes, alegando que a roupa recém-lavada conserva o poder debilitante da lixívia, cuja faculdade detergente e resolvente todos conhecem. Que a roupa suja sirva para dar vigor aos febricitantes; conforme opinião do doutíssimo Verulamio, em sua "História da Vida e da Morte", que reproduz Messioneiro, adotando-o para si é coisa que não vejo suficientemente claro. Supondo que Hipócrates haja escrito que "convém no inverno roupas limpas e no verão embebidas de óleo e sujas", é desejável que estas palavras não as inclua Galeno entre os textos autênticos de Hipócrates, pois seu autor foi Políbio, na parte que trata dos regimes para sãos, de como emagrecer os gordos e engordar os magros. Não convém aos fracos banharem-se e trocarem

frequentemente de roupa para não aumentar sua magreza com demasiada transpiração e dissipação dos humores.

Não posso deixar de repetir, aqui, as palavras do doutíssimo Valésio: "Pecam os médicos vulgares não permitindo a seus pacientes trocar de túnica, nem ventilar o leito, nem lavar as mãos e o rosto, nem fazerem nada em relação ao asseio, ainda que se tratando de doença longa, como se servisse aos enfermos estarem envolvidos na sujeira, não aumentando com isso a putrefação". Sobre esse assunto podem ser consultados Levínio Lemis e Gaspar de Regis. Importa, pois, recomendar muito aos pisoeiros e a todos os artesãos que vivem de ofícios sórdidos assear o corpo e trocar de roupa, para poderem enfrentar afecções que se originam do fedor e da porcaria.

Antes de passar dos alvejadores para outros ofícios, seja-me permitido fazer uma digressão em torno da excelente advertência feita pelo eruditíssimo Zarotto, a propósito do citado epigrama de Marcial. Como acontecera frequentemente em Roma, ainda em vida de Marcial, quando as vasilhas derramadas pelos pisoeiros nas ruas perturbavam o olfato dos transeuntes, Zaratto deduz desse fato, conjectura assaz provável, o motivo pelo qual Vespasiano impôs, segundo Suctônio, o tributo sobre a urina. É possível que nesse tempo fossem expostas as ânforas urinárias para receberem a urina, devido seu enorme consumo na limpeza das roupas e no tingimento purpúreo, pelo que se acredita que, disse ele, Vespasiano aí descobriu um pretexto para cobrar imposto, sendo então o odor objeto de lucro, ao que foi imitado pelos imperadores gregos, conforme atesta Cedreno. Tais ânforas urinárias eram postas à vista, anota Macróbio, levando G. Tito a dirigir essas palavras increpantes aos juízes bêbados: "no porto não há ânfora que não encham, pois têm a bexiga cheia de vinho".

Já que nos temos demorado um pouco nessas considerações sobre a urina, não convém silenciar observações a respeito do poder da urina como desobstrutivo e da sua eficácia para ativar a menstruação. Conheci várias jovens monjas que haviam sofrido o atraso do catamênio de vários meses, sem que tivessem surtido efeito os remédios geralmente aplicados nestas circunstâncias, tendo a própria urina bebida restabelecido suas condições normais; fazendo retornar a menstruação, por ter eliminado as obstruções, não é de estranhar que o remédio se haja tornado familiar, tampouco ignoro que se usava beber a urina em várias doenças, como, por exemplo, na hidropisia. Mas se deu mal um familiar do rei

Antígono, refere Celso, que, por bebê-la, apressou sua morte; admite o mesmo autor que foi resultado da conhecida intemperança daquele homem. Está de acordo Plínio que a urina move o fluxo menstrual: "por evaporação da urina das meninas impúberes, provoca-se a menstruação das mulheres", cujo remédio não é contrário à razão e é fácil de comprovar, bebendo urina matutina, chamada por Van Helmont "urina do sangue".

Na obstrução das vísceras, recomenda-se sal amoníaco e seu alcoolato; da urina humana, com sal comum, obtém-se sal amoníaco artificial (quando o natural da África, trazido antigamente, era formado por urina de camelos, junto ao templo de Júpiter Amon); urina humana essa que absorveu vários sais da massa sanguínea e transportou soro enquanto é levada através do corpo em forma de líquido seroso, adquirindo força desopilante. Disse Solenander que surtiu bom efeito prescrever aos homens do campo a bebida da própria urina para a cura do engurgitamento do fígado e do baço. Creio, porém, ser muito mais saudável, a quem realmente gosta, usar tal remédio quando for elaborado no laboratório químico das vísceras, tomar urina de homem são que de doente, como o demonstra sábia e eloquentemente D. Rosino Lentilio, no exame de "As Efemérides Germânicas". Não é tão fácil persuadir a alguém que beba urina alheia, salvo, às vezes, a urina de uma criança; considero-a, sem embargo, mais fraca do que urina viril, pois é geralmente insípida, sem cor e não se consegue extrair dela muito espírito nem sal volátil.

Quase todos os membros da família dos químicos, pelo exame analítico espagírico, algo tem realizado com urina humana. É conhecida a sua força saponária e detergente devido à imensa variedade de sal que contém, a ponto de ser difícil saber qual deles domina. O humor aquoso, o soro sanguíneo, enquanto percorre o organismo por meio dos vasos sanguíneos, recebe toda essa variedade de sais provenientes dos diferentes manjares e bebidas, onde há tão distintos sabores, e os transporta à bexiga pelos tubos renais; acontece que ali a urina adquire também novos e variados sabores, ainda que predomine o salobro com certo amargo. Escreveu Willis um formoso tratado "Das urinas", estatuindo que se encontra na urina humana maior porção de humor aquoso, menor de sal, enxofre e terra com certa quantidade de espírito; há, não pouco comum, na urina humana, e dela se pode extrair espírito ácido, como o demonstram suficiente-

mente as experiências químicas, porém não é tão fácil discernir por que existe sal na urina, nem qual seja sua natureza, ainda que nesse assunto muito tenham insinuado os mestres da arte.

Afirma corretamente Van Helmont que não há sal igual ao da urina em toda a natureza; não é, pois, igual "ao marinho, de fontes, de rocha, gema, nem ao salitre, o pétreo, o de alumínio ou de bórax, e finalmente outro natural também, como o de urina de gado". Muito mais dificilmente acreditaria poder estabelecer a natureza da urina humana do que a de qualquer da espécie animal, por ser muito mais simples a alimentação dos irracionais que a dos homens, pois ingerem estes toda sorte de elementos nutritivos tirados de esquisitos manjares "misturando o cozido com água e assado, com pescados de conchas e tordos", como disse Horácio. Sabemos que com urina humana se preparam generosos e específicos remédios para diversos usos e para combater enfermidades crônicas, e que em nossa época o espírito de sal amoníaco, parente da urina, emprega-se numa infinidade de casos.

A propósito da urina fétida usada pelos pisoeiros para tirar manchas de roupas, e inteirado realmente do que os químicos têm dito sobre a urina fresca de homem sadio e que a urina velha, depois de longa digestão, servirá como estrume de cavalo, advirto que estes não fazem discriminação entre o sal e o espírito volátil de uma e outra espécie de urina; os autores da "Coleção Química de Leiden" empregam urina fresca de homem sadio na realização dos seus trabalhos, quando até os pisoeiros sabem que a urina muito velha e fétida possui maior força detergente que a nova, ainda que ignorem a causa. Aristóteles pergunta por que é mais fétida a urina, se permaneceu mais tempo dentro do corpo, e sua resposta mostra-se duvidosa; supõe que, pela demora, engrosse-se, e fresca se assemelhe a bebida recém-tomada. Responderia ele mais satisfatoriamente dizendo que a urina fede mais quando retida durante maior tempo, por ser então urina do sangue e carregar consigo impurezas da massa sanguínea; a outra é só a urina da bebida. A urina humana guardada longo tempo pelos pisoeiros é fermentada por ingredientes introduzidos para seu apodrecimento; exalando humor aquoso, torna-se mais ácida e mais abstergente para o uso dos alvejadores. Columela recomenda introduzir urina velha nos focinhos das ovelhas com o objetivo de curar-lhes a sarna, e ainda mais, que os animais domésticos pustulosos sejam deitados de costas em uma vala escavada perto de casa e sobren ele todo o rebanho se urine para devolver-lhe a saúde.

Alguém alegará que, se a urina dos homens presta tanto benefício e com ela se preparam numerosos remédios, evidentemente eficazes para desobstrução e para paralisar doenças crônicas, por tal motivo não sofrem os pisoeiros de gotas; e mais: provém daí, como disse acima, a motivo de que se tornem caquéticos, sujeitos a contraírem febrículas e outras enfermidades causadas por acumulação interna dos humores? Acrescentarei eu que sofrem não tanto por culpa da urina podre e desagradável, quanto pelas lãs embebidas em óleo e a prolongada permanência dos operários de lanifícios em locais fechados e sujos onde trabalham seminus e expostos às mencionadas afecções; as fétidas exalações aspiradas continuamente pelo nariz e pela boca perturbam indubitavelmente a pureza dos espíritos animais, do mesmo modo que prejudicam uma prolongada estada em local saturado de aromas agradáveis, quanto mais os desagradáveis, embora se empreguem para desentorpecer o espírito.

Antes de fechar este capítulo, assinalarei que prosperou antigamente em nossa cidade a arte dos pisoeiros (de que restam escassos vestígios) que produzia tantos lucros que um enriquecido pisoeiro obsequiou ao povo de Módena com exibições de gladiadores, como o fez também em Bolonha um sapateiro endinheirado. Zombou-se da extravagância de ambos os artífices para grangearem uma auréola popular esbanjando dinheiro; assim como o fez Marcial:

*"Creio que um sapateiro te brindou, culta Bolonha,*
*com um espetáculo.*
*Deu-o um pisoeiro a Módena, a que togar um taverneiro dará?*

Das lãs do campo modenês e principalmente daquelas da grei ovina que pasta na chã e campestre região situada entre Scultena e Gabello, obtinham-se produtos excelentes, mas Columela considera, entre as melhores, as lãs gaulesas de ovelhas criadas "nas secas campinas que circundam Parma e Módena".

# *XV*
# *Doenças dos azeiteiros, dos curtidores, dos queijeiros e de outros ofícios imundos*

Muitas outras oficinas existem que são pestíferas para o olfato e compensam os ganhos dos seus operários impondo-lhes um tributo de males; são aquelas em que trabalham azeiteiros, curtidores, fabricantes de cordas musicais, carniceiros, pescadores, salgadores de pescado, queijeiros e fabricantes de velas de sebo. Confesso ter sentido o estômago revolto todas as vezes que entrei nas ditas oficinas e não consegui tolerar longo tempo tão mau odor sem ter dores de cabeça e vômitos. Com razão exigem as leis que tais operários não exerçam sua profissão em casa, mas em subúrbios ou zonas desabitadas da cidade, como se lê em Cepolla, Paulo Zachia e outros. Este capítulo tratará primeiramente dos operários de azeite.

Em nossas comarcas bastante ferazes em nogueiras, costuma-se fabricar grande quantidade de azeite de nozes que é consumido pelo povo em suas lâmpadas noturnas, usando raramente o óleo de oliva devido a seu elevado preço; não se cultivam oliveiras na região Cispadana e Transpadana, e este óleo é trazido para nós da Etrúria. O de noz e o de oliva se preparam do mesmo modo; a substância das polpas machucadas com mós é convertida em pasta fina, a qual se cozinha em grandes recipientes de cobre, espremendo-se depois com prensas para extrair-se o óleo; enquanto se realizam as sucessivas operações, sobem negras fumaças e odores desagradáveis, absorvendo

os operários essas exalações fedorentas. Surgem daí não poucos males: tosse, dispneia, nevralgias, vertigens e caquexia, principalmente naqueles que revolvem com uma espátula a matéria fumegante posta ao fogo numa panela. A isso ajuntem-se os sujos capotes que vestem continuamente e por meio dos quais obstruem os poros da pele provocando frequentes constipações, que, por sua vez, originam doenças do peito, sobretudo no inverno, isto é, quando mais se dedicam às referidas tarefas.

Acham-se também expostos a essa nocividade da fumaça que o óleo de noz expele aqueles que escrevem, leem ou se dedicam a qualquer outra tarefa encerrados em local fechado, sem ventilação, junto a lâmpadas alimentadas com esse azeite; não deixam o aposento repleto de fumaça, sem forte dor de cabeça, vertigens e tonteiras. Conheci várias pessoas tão prejudicadas pela exalação, como pela fumaça do carvão, onde não havia janelas, e, particularmente, um estudioso literato que, durante suas elocubrações, permanecia recolhido até altas horas da noite em seu cubículo, iluminando-se com azeite de noz por não lhe permitir outro o escasso recurso de seu lar, ficando, por isso, por muitos dias intoxicado.

Também cheiram mal as oficinas de azeite de sementes de linho, bastante empregado nessas regiões para iluminar de noite, quando falta o de noz; com igual gravidade aflige os operários que o preparam.

Do mesmo modo sofrem os curtidores que maceram couros de animais com cal e galha, em tinas, e os machucam com os pés, lavam, limpam e os untam com sebo, deixando-os em condições para vários usos; e padecem, repito, como os operários acima mencionados, com o contínuo mau cheiro das fétidas exalações, apresentando-se com face cadavérica, inchados, amarelados, ofegantes e geralmente doentes do baço. Observei que não poucos dessa classe tornaram-se hidrópicos; poderia, por acaso, não alterar os espíritos vitais, como os animais, e não perturbar a economia de todo o corpo, vivendo-se em lugares úmidos, com o ar infectado por tão terríveis vapores dos couros semipútricos? Não é raro observar-se que, nem os estímulos, nem a força logram obrigar que cavalos passem diante dessas oficinas, pois, enquanto o tal odor entra pelas narinas, ficam fora de si, desobedecem as rédeas e voltam velozmente para casa.

Para não corromper a pureza do ar, as casas onde se preparam couros se acham situadas perto dos muros das cidades, da mesma forma as de todas as sórdidas artes, ou então nos arredores, como nesta cidade. Por isso, sabiamente Hipócrates, na história de Filisco,

falecido depois de seis dias de ter contraído febre maligna, indica o lugar onde morreu: "Filisco habitava perto do muro etc.", cujo comentário do doutíssimo Mercurial anotou as palavras do Divino Preceptor: "Ao dizer perto do muro, assinalava o local pestífero habitado por aquele enfermo, onde se acharam também doente os guardiões dos depósitos das imundícies da cidade, dos cadáveres de animais e de outras podridões".

Outrora, em Roma, as oficinas sujas e, em particular, os curtumes estavam situados na região Transtiberina, como informa Marcial, que enumera os diversos fedores expelidos por Thaide e, entre esses, o proveniente de couros caninos macerados na região Tiberiana; assim disse ele:

*"Amor não rescende a bodum, nem a boca de leão,*
*nem a pele arrancada do cão em Transtiberina."*

Comprova Juvenal para que fim servia a região onde morava a pior plebe, onde se exerciam os mais repugnantes ofícios:

*"Não cheguem a ti os fastios daquelas mercadorias*
*que se relegaram do outro lado do Tibre".*

Tinha, pois, reputação de infame entre os romanos o ar dessas regiões dada a fetidez que os ofícios sórdidos e as mercadorias olorosas difundiam, por cuja causa os judeus que antigamente se estabeleceram, disse Filon, naquelas partes mais vis e despovoadas empestavam violentamente, porém não por podridão natural e local, como vulgarmente se acredita.

À categoria dos curtidores podem ser equiparados aqueles que fabricam cordas para instrumentos musicais, vítimas de iguais padecimentos por ser necessária a sua permanência em lugares úmidos e nauseabundos onde manipulam tripas de animais, lavando-as e desdobrando-as; assim se veem geralmente esses operários com rostos macilentos, caquéticos e com pernas inchadas.

Na lista dos artesãos imundos, devem figurar os queijeiros, martirizados também pelas almas malfazejas; falo daqueles que fazem com o leite de vaca grandes tortas caseosas que antigamente eram chamadas "lunenses", das quais disse Marcial:

*"O queijo formado à imagem da lua etrusca proverá*
*de desjejuns os teus filhos..."*

Como fazem, entre nós, o parmesão, o placentino, o lodense e os das outras cidades da região da Cispadana e Transpadana, aquelas fumegantes e gordurosas emanações maltratam bastante os operários. É raro que na Itália se pratique esse ofício dentro da cidade, preferindo-se geralmente as vilas ou os lugares campestres para o preparo de queijos. Em nossa cidade, entretanto os judeus, cuja religião os proíbe de consumir alimentos preparados por estranhos a ela, fazem-nos geralmente no verão, em seus quintais, com leite trazido dos campos vizinhos, e realmente se sente tão péssimo cheiro nas tabernas onde os fabricam que a elas afluem sempre muitas moscas.

João Pedro Lotiquio publicou um folheto sobre "Inconvenientes do queijo", no qual refere que tanta podridão se expandia do arrabalde de Franckfort, onde fabricavam queijo, que acredita poder atribuir a esse mau odor a causa de uma peste que assolou toda a cidade.

Estimo que não haja antro de Caronte, nem lixo revolto, como diz o antigo adágio, cuja fetidez se possa comparar à dos locais onde os operários fabricam velas de sebo. Não só eles, mas também as casas vizinhas, experimentam prejuízos, pelo que esses trabalhos devem ser confinados nos piores lugares da cidade ou em seus arredores, como adverte e aconselha Zacchia quando menciona as oficinas de candeias de sebo. Quando as caldeiras que contêm mistura de sebos de cabra, de boi e de porco começam a ferver, difunde-se uma evaporação tão nauseabunda que contamina tudo ao redor. Prejudicam-se gravemente os operários estacionados junto às caldeiras fumegantes, aspirando pela boca e pelo nariz partículas gordurosas que obstruem a contextura fistulosa dos pulmões e ocasionam dificuldades respiratórias, com as consequentes dores de cabeça e, em particular, náuseas e vômitos. Nada provoca mais náuseas e distúrbios estomacais do que a gordura, só pelo seu aspecto, mesmo sem ser introduzida no organismo; as mulheres gordas e de grandes mamas causam horror a qualquer pessoa, por isso Marcial, fugindo desses tipos femininos, dizia que era "carnívoro" e não "gordívoro". Ninguém ignora que as substâncias gordurosas e oleaginosas enfraquecem grandemente o ácido estomacal, que é onde reside o estímulo do apetite, seja qual for a reserva desse ácido oculto; não sem razão Galeno recomenda gordas e oleosas comidas para aplacara fome canina e neutralizar a acidez estomacal, roedora da membrana do estômago. Avicena acredita na eficácia de um regime alimentar gorduroso, como a gordura de vaca, e

faz referência a alguém que, tendo bebido uma libra de azeite de violas misturado com sebo, durante dez dias, suportou comodamente a abstinência de comidas. Não é de se estranhar, então, que esses operários tenham contínua inapetência e náuseas.

Observei algumas mulheres que habitavam perto de tais oficinas, atacadas de histeria por culpa desses odores pestilenciais, o que não deve causar espanto, ao recordarmos que Hipócrates recomendava aproximar o nariz dos maus cheiros para curar histerismo; mas nem sempre os suaves aromas provocam excitações uterinas, de maneira que também se indicam para curar essas mulheres cinamomo, noz-moscada e remédios semelhantes, considerados por Horácio Eugênio de "salvaguarda infalível", e não desaprovados pelo doutíssimo Etmüller; no livro "Da natureza das mulheres", recomenda Hipócrates vinho muito perfumado, dizendo Forest que tão pouco acalmam as perturbações histéricas os maus odores levados ao nariz; observação antiga é aquela segundo a qual uma lâmpada apagada se torna prejudicial às histéricas e mata o feto. Não me estranha de modo algum que o pútrido odor de sebo agite desordenadamente os espíritos animais e que, ao contrair para cima o estômago pelas náuseas, consequentemente se movimente o útero; pude observar delicadas mulheres desfalecerem diante do odor de candeia de sebo, com ataque de histeria, quando iluminava a noite.

O cheiro pernicioso dessas candeias, conta Solenanden, fez com que seu irmão João adoecesse do cérebro e dos pulmões gravemente, devido a estudar à luz delas; expele odor mais fétido o sebo de boi que o de ovelha e carneiro, disse ele, e se obtém o pior cheiro de todos juntando-se à mistura de ambos gordura de porco. As "Atas de Copenhague" narram o caso de uma mulher dedicada a fazer velas para vender, que padeceu de fortes dores de cabeça, vertigens, vermelhidão dos olhos e distúrbios respiratórios: curou-a Olaf Borch, provocando-lhe em primeiro lugar vômitos, mandando-lhe depois tomar águas peitorais com oximel cilítico; o que apenas abrandou o inimigo, pois, ao interromper-se o emprego dos remédios, tornou-se asmática, passando a odiar o seu trabalho por causa dos repetidos medicamentos, e advertia aos operários do mesmo ofício que, se quisessem proteger o peito, trabalhassem ao ar livre.

Desejava, também, aconselhar aos homens de letras que se abstenham, no possível, de dedicar-se às musas à luz das candeias de cera; empreguem lâmpadas de azeite de oliva, planta consagrada a Paládio, como era costume dos antigos cultores das ciências, cujas

obras eram mais recomendadas quanto mais cheirassem a candeia. Afirma outro tanto Fortunado Plempio, dizendo que resulta tão abortivo o cheiro das velas de sebo como a fumaça das lâmpadas, segundo Plínio.

Volta-se ao uso de tais medicamentos quando se atende a esses operários, propõe o ilustre Borch, com vomitivos, e entre estes ocupa o primeiro lugar o antimônio, fortes cantáridas, adstringentes acres e, principalmente, os compostos de vinagre, oximel cilítico e similares, pois nada há que enfraqueça e diminua mais a gordura do que o vinagre.

Trata-se de evitar e destruir essas partículas gordurosas que invadem exterior e interiormente a pele e as vísceras dos operários, perturbando seus espíritos e impedindo a livre transpiração, para que eles não sofram das moléstias já descritas ou de qualquer outra devido às condições do tempo. Convém desconfiar sempre que exista dano para os espíritos e humores nessas nefandas partículas absorvidas junto com ar no ambiente de trabalho. É, pois, necessário ter cuidado antes de aplicar a esses operários a sangria.

Abundantes sangrias enfraquecem logo as forças e os espíritos que, por serem providos de sangue conspurcado, por isso mesmo haverão de ser débeis e de pouca resistência.

# *XVI*
# *Doenças dos trabalhadores de fumo*

É agradável passarmos de tão sujas e insalubres oficinas a outras que se tornam delícias do olfato em nossa época. Vejamos, então, onde preparam tabaco (e seja-me permitido empregar um vocábulo ao qual outorgaram direitos de cidadão).

Descoberto neste século (pelo menos na Itália), converteu-se em vicioso hábito o uso do pó composto da erva da nicotina, e é frequente o ver adotado por homens, mulheres e também meninos, sua compra figurando nas despesas cotidianas da família. Com referência aos danos que na cabeça e no estômago o pó do tabaco ocasiona, bem os conhecem os próprios tabaqueiros que o elaboram. Junto a outras mercadorias que nos chegam do porto da Toscana, de Livorno vêm fardos de folhas dessa planta enrolados com cordas grossas, que os operários abrem, desenrolam e colocam na mó para pulverizá-las; enquanto os cavalos com os olhos vendados fazem girar a mó, os operários que movem e removem as folhas de tabaco, antes de habituar-se à sua faina, experimentam fortes enxaquecas, vertigens, náuseas e espirram constantemente. Tantas emanações se espalham, sobretudo no verão, devido à trituração em tênues partículas, que a vizinhança se queixa de que o cheiro do tabaco produz náuseas. Os próprios cavalos que giram em torno da mó, por sua maneira de sacudir a cabeça, tossir e ofegar, denunciam a molesta e acre emanação. Conheci uma jovem hebreia (as tabacarias, assim como muitas produções pú-

blicas, na Itália, são "arrendadas aos judeus, cujos haveres são uma cesta e um pouco de feno") que por estar todos os dias inclinada sobre o tabaco desenrolando fardos sentia desejo de vomitar e, em seguida, tinha diarreia; contou-me que saía abundante sangue dos vasos hemorroidários quando se sentava sobre aqueles rolos.

Não me ocuparei aqui dos usos e abusos do tabaco, pois seria um esforço baldado, visto que trataram do assunto Magnem, em obra especial, e o doutíssimo Etmüller, em outra obra editada recentemente em Franckfurt, com numerosos acréscimos, nas quais escrevem a história do tabaco e as medicações feitas com tal produto; todos falam de especiais danos que seu consumo imoderado produz, destacando os escritores diversas observações, entre eles Van Helmont, que abomina o fumo e afirma ter encontrado um estômago tinto de amarelo pela fuligem do tabaco, a que atribui a um oculto veneno.

A fumaça do fumo resseca os pulmões, torna-os flácidos e conduz pouco a pouco ao marasmo, como afirmam Simão Paulo e Ricardo Morton. Sobre esse assunto poderia ser consultado Teófilo Bonnet, que faz referência a numerosas autópsias, nas quais se descobriam graves perturbações ocasionadas nos pulmões e no cérebro não só pela fumaça como também pelo pó do tabaco. Existe no tabaco, como em tudo que provoca espirros, uma grande acidez, irritante, que se introduz no nariz, como o demonstram a sua mastigação e o odor virulento que empesta o ar das tabacarias.

Assim, pois, aqueles odores das tabacarias e as poeiras suspensas tanto mais acres quanto mais finas, recebidas pela boca e pelo nariz, irritam e ressecam a delgada túnica dos pulmões e da traqueia, obnubilam, com sua funesta exalação, os espíritos animais situados no cérebro, e, ainda, mais, como narcóticos, delibitam o fermento estomacal, destruindo sua acidez.

Ninguém pense, porém, que quero desacreditar tão célebre planta a que deram o título de rainha, grata a todos os europeus, principalmente neste domínio, onde constitui uma importante fonte de renda. Muito têm escrito preclaros autores sobre as faculdades da nicotina que, com justiça, merece seu lugar entre as plantas medicinais; somente há de condenar-se seu consumo exorbitante e intempestivo que a tem feito experimentar sorte vária e equilibrar-se entre a boa e a má fama. A experiência tem comprovado que as folhas do tabaco contêm sal volátil, por cuja força possui propriedades abstersivas e traumáticas para repelir o abun-

dante ácido; seu decocto é muito louvado nos empiemas e recomendado como secretor por Epifânio Fernandes. É sabido que as folhas de tabaco mastigadas extraem abundante fleuma, com isto se cometendo um grave erro. Nem a todos é salutar igualmente a dita mastigação, nem tão copiosa é a extração da linfa; nos corpos obesos e nos que abundam sucos gordurosos, o uso do pó de tabaco será proveitoso, mas não naqueles dotados de temperamento bilioso e quente, como sabiamente adverte Guilherme Piso, entre outros. Conheci alguns que foram levados ao marasmo por tal mastigação, experimentando uma contínua salivação que corria pela boca, e ficavam persuadidos equivocadamente de que isso beneficiava sua saúde, pelo que tive grande trabalho para convencê-los do contrário, visto que estavam despojando as fontes salivares e todo o organismo de seu manancial nutritivo. Acrescento que é insanável o mau hábito de mascar folhas de tabaco e de deixar tontos a numerosos homens por meio da fumaça em volta, pois, segundo creio, "esse vício será sempre combatido e mantido sempre".

A mastigação de tabaco ou a absorção de fumaça através do cigarro diminui o apetite a ponto de assim se poder caminhar muito tempo sem que o estômago sofra ou reclame, conforme muitos afirmam, entre os quais Guilherme Piso, dizendo que, graças a haver mascado fumo durante uma viagem por lugares desertos, não sentiu cansaço nem fome. Van Helmont também asseverou a mesma coisa, explicando que "isso acontece porque a nicotina acalma, não como se satisfizesse uma falta, mas como suprimento da sensação dessa falta, e, ao mesmo tempo, do exercício funcional dela". Etmüller não se afasta muito de Van Helmont quando diz que o tabaco é igual a todos os narcóticos, leva o torpor aos espíritos e embota, com seu sal volátil oleoso, o salgado fermento estomacal, por isso não se sentindo a severidade da fome; observei amiúde que os tragadores de fumaça e os mascadores de fumo se assemelham aos grandes bebedores de vinho que sofrem constantemente de falta de apetite. Como o vinho e seus espíritos enfraquecem e destroem o ácido do fermento estomacal, assim também a mastigação frequente das folhas da nicotina e a sua fumaça reduzem o suco salivar e o vigor do estômago, chegando ao momento em que apenas se tem a sensação da presença da secreção.

Entende exatamente a mesma coisa o doutíssimo Pemplio, para quem o tabaco não nutre, porém a abundância dos humores pituitosos secretados na boca e enviados para baixo enche o estômago exaurido e quase famélico.

Admira-me quantos meios inventa o engenho nasal para realçar a arte culinária e também para enfeitar de diversos modos o tabaco a fim de satisfazer as exigências de cada consumidor, fazendo-o grosso ou fino, perfumado ou sem aroma, para agradar não somente ao olfato, como também ao paladar, se se o aspira pela boca ou pelo nariz; todas as vezes que me acontece ver tabaquistas inspirar avidamente o pó ou chupar e soprar a fumaça, recordo o Orlando descrito por Ariosto quando reabsorve pelo nariz seu cérebro perdido, o Caco na caverna do monte Aventino, debatendo com Hércules:

*"Vomita imensa fumarada pelas fauces, admirável dito,*
*e envolve a casa em escura treva."*

Que proteção prestará aos operários de tabaco a arte médica? Quando não se pode suprimir a causa ocasional do dano e o agradável aroma do lucro torna menos sensível e maléfico o do tabaco, dever-se-á preveni-los de que, enquanto o moem, peneiram ou tratam de qualquer modo essa mercadoria, sem cujo uso se esfriam os espíritos e a elegância civil como se estivessem privados de Baco e de Ceres, cuidem tanto quanto possível de evitar as partículas voláteis, vedem o nariz e a boca, respirem, com frequência, ar puro, lavem o rosto com água fria e em seguida façam gargarejos com "posca" (mistura de água e vinagre), bebam também esse líquido, pois nada é mais eficaz para enfraquecer e absterger as partículas que aderem à garganta e ao estômago que compostos do vinagre. Também prestam grande ajuda para diminuir as injúrias, as emulsões de sementes de melão, tisanas, soro de vaca e arroz cozido em leite. Como o trabalho se efetua em locais fechados e fumacentos, sobretudo quando se trituram as folhas com mó, os operários padecem de náuseas e enxaqueca, pelo que costumo prescrever-lhes que expurguem o pó absorvido pelo caminho mais curto, cuja própria natureza excita o vômito.

Tendo em conta que os odores desagradáveis ou agradáveis originam grandes incômodos nos artesãos que com eles trabalham, não sei que desejo de mim se apoderou de compendiar aqui, neste lugar, não fosse enfadonha digressão, algumas considerações sobre a natureza dos odores; aterra-me, porém, a amplitude do assunto, receando que, por nele penetrar seduzido pelo encanto dos seus argumentos, afaste-me demasiadamente do meu verdadeiro propósito. Com um pouco de persistente meditação, pois se observará que muitas coisas têm sido divulgadas em todas as partes pelos escritos de filósofos e

médicos antigos e modernos, se bem que ainda faça falta uma particular e completa história dos odores na ciência natural, razão pela qual me assaltou à mente a ideia de poder escrever essa história natural e medicinal, estudando atentamente a natureza dos odores, levando em conta opiniões sábias de antigos e modernos, examinando diferenças de pareceres quanto às distinções de classes, propriedades, idiossincrasias, causas, solo natal, composição e misturas e tudo o mais relativo a perfumes na antiguidade, vendo então os medicamentos obtidos dos odores e como nasceu na medicina moderna a ciência das emanações, passando logo aos odores bíblicos mencionados nos Sagrados Códigos que os judeus usavam para os seus sacrifícios e os que, em várias nações, gregos, romanos, egípcios, indus, obtinham-nos da evaporação de substâncias queimadas e os empregavam em ritos expiatórios para invocar ou aplacar os deuses. Por isso me pareceu muito extensa a matéria a escrever sobre a história total dos odores, capaz de conter num só tratado o que está dito esparsamente e mais o observado por mim através de diversas experiências.

Outrora Pedro Sérvio, médico romano, em sua primorosa dissertação filosófica "Dos odores", prometeu escrever um tratado físico dos odores, mas, que eu saiba, não cumpriu o prometido; não pretendo agora empenhar minha palavra de fazer um esforço que reclama "mais tempo e mais azeite". Muitas coisas a distância e à primeira vista parecem chãs e fáceis, no entanto, quando consideradas mais de perto, são áridas e cheias de escolhos.

Sabiamente disse o poeta:

*"Levantamos grandes planos, com pouco tempo para empreendê-los."*

# *XVII*
# *Doenças dos coveiros*

A tarefa dos enterradores e dos empregados das pompas fúnebres era antigamente mais penosa do que agora; com grande cuidado preparavam os corpos dos mortos, lavando-os, untando-os, cremando-os e guardando suas cinzas em urnas. Homens da mais vil plebe eram recrutados para as tarefas de embalsamadores, carregadores e cremadores dos cadáveres. Atualmente os corpos são levados aos templos ou aos cemitérios, onde os coveiros os sepultam. Nas cidades e povoações, pelo menos em nossa Itália, as famílias possuem tumbas nas mais nobres igrejas. A plebe, nas suas paróquias, põe os seus mortos amontoados em promiscuidade, dentro de grandes sepulcros; quando os coveiros descem a esses antros fétidos, cheios de cadáveres semipútridos, para depositarem outros mortos que trazem, expõem-se a perigosas doenças, como febres malignas, morte repentina, caquexia, hidropisias, catarros sufocantes e outras doenças mais, muito graves; apresentam face cadavérica e aspecto amarelado, como quem vai trabalhar no inferno. Pode-se acreditar que a causa mais ativa e pior desses males pestíferos está na descida ao sepulcro, pois, no seu interior, respira-se necessariamente uma atmosfera pestilenta à qual se incorporam os espíritos animais (cuja natureza deve ser etérea), inabilitando-os para a sua função, isto é, para a manutenção de toda a máquina vital.

Com justeza escreveu Hipócrates: "O ar é para os mortais autor da vida e das doenças". Não deixa, pois, de ser pernicioso para os coveiros o ar sepulcral, viciando sua massa sanguínea. Antigamente eram obrigados a tal vil mister, como o das minas e das cloacas, os escravos públicos, com as cabeças meio raspadas, chamados "inscritos", donde os versos de Marcial:

*"Quatro inscritos levavam um vil cadáver,*
*Como a mil o infeliz recebeu, para a fogueira."*

Em nossa época um sórdido ganho, ou seja, a própria necessidade, por indigência, compele homens livres a desempenhar este mister, mas não vi um coveiro chegar à velhice. Ninguém ignora o quanto contribui para infectar o ar, a decomposição cadavérica de qualquer espécie de animal; têm-se conhecido amiúde, por ocasião das grandes batalhas guerreiras, pestes horríveis, causadoras de grandes estragos entre os povos, por terem ficado insepultos os mortos ou deixado abertos os túmulos. Não é de admirar, pois, que os sepultadores e os incineradores, ao manipular cadáveres, ao abrir e fechar as tampas das sepulturas e nelas penetrarem, contraiam tão funestas doenças. Um coveiro bastante conhecido, Piston, havia inumado um jovem luxuosamente vestido e com sapatos novos; lembrando-se, pouco depois, ao meio-dia, de que a entrada do templo estava aberta, foi até o túmulo e, retirada a lápide, entrou no seu interior; mal acabara de descalçar o morto, caiu sobre ele, expirando imediatamente, e assim pagou seu crime de violar sepulturas.

O péssimo odor habitual nas igrejas, principalmente no verão, é aspirado com grave perigo devido à quantidade de sepulturas e à frequência de suas aberturas, por isso espalham-se incenso, mirra e outros perfumes dentro dos templos. É também por isso que Lílio Giraldo, em seu erudito trabalho "Dos diversos ritos funerários", desaprova o hábito contemporâneo de inumar defuntos no interior dos sagrados edifícios, quando na antiguidade e nos primitivos anos da Religião Cristã só se enterravam nos templos os corpos dos mártires, e os demais fiéis eram levados aos cemitérios.

Nossa gente rurícola é mais razoável que a urbana, pois costuma enterrar seus mortos: coloca-se o falecido em uma arca de madeira, cava-se uma profunda cava num campo próximo à paróquia onde é inumado; amigos e parentes se encarregam das exéquias. Não se

pode deixar de elogiar o hábito romano de transportar cadáveres para fora da cidade, e como fazem os atenienses, que os colocam na fogueira no Cerâmico, encerrando depois as cinzas numa urna de pedra ou bronze. A Via Latina e a Flamínia, principais caminhos militares, eram célebres entre os romanos pelos muitos monumentos, segundo disse Juvenal:

*"Comprovarei o que foi concedido àqueles cujas cinzas cobrem a Via Latina e a Flamínia."*

Por três motivos procediam de tal forma, afirmou Giraldo: primeiro, porque os monumentos estimulavam os viajantes a abraçarem a virtude, daí o motivo pelo qual os antigos epitáfios se dirigiam aos viandantes; segundo, porque, todas as vezes que a cidade era atacada, os habitantes lutavam com maior denodo para defender dos inimigos as cinzas dos seus; a terceira, a causa principal, conservar a boa saúde da cidade, livrando-a das nefastas exalações produzidas pela putrefação dos cadáveres.

Por singular privilégio, somente as virgens vestais e os imperadores podiam ser sepultados dentro da cidade; lemos em Túlio que a lei das doze tábuas exigia que as cremações, ainda que efetuadas fora da cidade, não se fizessem nas proximidades das residências alheias: "cada nova fogueira não se situará a menos de 60 pés de uma casa vizinha, se o dono o permite". Assim disse Túlio. E não o faziam por medo de incêndio, como ele disse, mas pelo tétrico mau cheiro da incineração dos cadáveres. Para cuidar da pureza do ar em bem da salubridade pública, os antigos punham fora dos muros da cidade não só as imundícies como também as cinzas dos seus parentes. Hesíodo condenava a adubação do solo com esterco, querendo proteger melhor a saúde que a fecundidade dos campos; também em um édito municipal proibia que qualquer couro ou objeto de pele fosse introduzido nos templos; era delito guardar ali coisas mortas.

Cumprindo o meu propósito, direi que é justo velar pela incolumidade dos coveiros, cujo ofício é tão necessário, porque sepultam na terra os corpos dos mortos junto com os erros dos médicos, devendo, pois, a arte médica compensá-los com algum benefício por sua própria dignidade ameaçada. As precauções que se propõem para que padeçam menos prejuízo no seu trabalho funerário deverão ser as usadas em época de pestes; além de lavar a boca e a garganta com vina-

gre, e levar no bolso um pano empapado em vinagre para modificar o ar e o mau odor, deixar uma abertura no túmulo para que a atmosfera fechada pouco a pouco se desvaneça; terminado o trabalho e de volta à casa, mudarão de roupa e procurarão ficar limpos, quanto o permita sua mísera condição. Se sofrem de outra doença, é preciso curá-la com muita prudência. Cada vez que tive de tratar dessa classe de homem fui parcimonioso na sangria, pois seu sangue é parecido com o de cadáver, e quase da cor de sua face. De preferência empregar-se-ão os purgantes a esses homens que sofrem de alteração dos humores e passam logo a figurar na família dos mortos.

# *XVIII*
# *Doenças das parteiras*

Difere completamente do ofício funerário o das parteiras, pois estas vigiam o ingresso do homem no cenário do mundo, enquanto o dos coveiros trata do seu regresso; testemunho da condição humana, o mister de ambos contempla ora a origem, ora o ocaso da vida mortal. Ainda que as parteiras, ao assistirem às parturientes, não padeçam dos graves danos que atingem os coveiros, nem sempre se retiram imunes depois de receberem o recém-nascido e a placenta uterina expelida impetuosamente do antro materno, como elas próprias afirmam e se observa em alguns casos. Da periculosidade dos lóquios não tenho que falar aqui, pois, se seu fluxo demora algumas horas em diminuir e parar, poderá provocar a morte das puérperas.

Não ignoro o quanto se discutiu antigamente e se continua discutindo sobre os prejuízos causados pelas menstruações, "capazes, disse Plínio, de azedar o mosto, de esterelizar os frutos das hortas, ao se sentarem as mulheres sobre eles". Não obstante Fallopio luta para absolver os mênstruos de tantos crimes acerbamente a eles imputados, afirmando que o sangue menstrual é bom, saudável por natureza, se se trata de uma mulher sadia; nutre à mulher e ao feto e só por seu acúmulo excita o útero à expulsão; esta opinião é aplaudida por Rodrigo de Castro e também por Guilherme de Ballion, para quem a menstruação peca pela quantidade e não pela qualidade, e em suas anotações, a propósito de certo caso, destaca uma passa-

gem de Hipócrates, na qual o preceptor não chama ao sangue menstrual de "fluxo", mas de "flor" e, o que é mais, assegura o mesmo Ballion, que a menstruação em si não é maléfica nem em quantidade nem em qualidade, antes "essa purgação se efetua por profundo e admirável plano da Natureza ou da Divina Providência em prol das futuras procriações".

Foi-me permitido examinar mais de uma vez, com muita admiração, mulheres consumidas por doenças prolongadas, levadas quase ao torpor, em particular uma pobre monja que jazia completamente exausta há dez anos e à qual, em data fixa de cada mês, apareciam menstruações, aliás em pequena quantidade ou em poucas gotas. Apesar desses exemplos, devemos suspeitar de alguma malignidade oculta no sangue menstrual; é assinalada não só com o nome de excreção como também de secreção, realizada devido à benéfica obra de certa fermentação, por nós ignorada, de partículas salinas e de todos os gêneros, que, despedidas pelo corpo, vão ter às glândulas do útero.

As próprias mulheres experimentam a força do fermento e sua perturbação interna ao aproximar-se o fluxo mensal, e, enquanto se acha em atividade, chamam-no acertadamente "febre mensal", porém é febre medicinal propriamente, pois é seguida de melhor estado e melhor dinamismo do corpo; por isso elegantemente escreveu Oribásio: "as mulheres onde se alegram, entristecem e onde se entristecem se alegram". Se também se dá crédito a histórias que correm, o mênstruo é empregado como remédio para loucura, e se acredita que Caio Calígula deu-o de beber à sua esposa Cesônia. Entre as precauções cirúrgicas para cura das feridas, Fragoso, Lanfranco e outros célebres cirurgiões advertem que não se apliquem tiras de lençóis ou de qualquer roupa feminina, nem sequer depois de lavadas muitas vezes. Todos os médicos acatam religiosamente esse conselho, por causa da virulência do sangue menstrual; as mulheres menstruadas são separadas dos feridos e também delas se afastam os homens desejosos de satisfazerem seu prazer venéreo, com receio de serem infeccionados por elas; portanto, não parece fabuloso aquilo que foi referido por Plínio e por Joaquim Camerário, segundo Gaspar de Regis: "os homens, ao saírem suarentos do afrodisíaco encontro, são como as abelhas que se deleitam ao máximo com a suavidade dos olores e observam castidade rigorosíssima".

Seja qual for a condição do sangue menstrual, tal como creem aqui e ali, não há dúvida de que o fluxo uterino que precede e sucede o parto é maligno e virulento; demonstra-o suficientemente a repentina

supressão ou redução do derrame dos lóquios, pois logo sobrevêm febres malignas que matam as míseras puérperas, óbito que não ocorre com a simples retenção dos mênstruos que, embora torne as mulheres doentes e caquéticas, não é tão funesta nem as mata de pronto. O feto, porém, ocultamente, despoja-as de sangue ou de quilo, isto é, do que o útero tem de mais saudável e vital, roubando-se-lhe o fecundo suco; não é só perniciosa a congestão dos humores para toda a massa sanguínea, senão também para a própria substância do útero, que em tempo de gestação se engrossa enormemente, conforme anotam Graaf e Silvio: "quanto mais se distende, mais se espessa". O lastro de humores, por estar antes fechado e tranquilo, não dava muito o que fazer, mas na época do parto se agita, segundo se diz, "como lixo revolto", e, se não é expelido em rápido e continuado fluxo, mata.

As parteiras, quando assistem a parturientes já instaladas na cadeira, agacham-se com as mãos estendidas para receberem a criança e permanecem em sua tarefa durante horas, sofrendo nas mãos os danos causados por irritantes lóquios, cuja matéria ácida, corrosiva, as ulcera e às vezes as inflama.

Fernélio, considerando o poder das doenças contagiosas, diz que uma parteira, ao atender a uma parturiente, sofreu tais lesões em uma das mãos, que terminou aleijada; a puérpera, acrescenta Fernélio, tinha estado infectada de lues gálica. Da mesma forma, a nutriz que amamenta uma criança infectada contrai a lues primeiramente nos seios, daí levando ao menino, para a boca e para a garganta, os primeiros germens do mal gálico, com os consequentes padecimentos. Assim, aquela parteira adquiriu tão grave avaria na mão sobre a qual gotejava a gálica imundície dos lóquios. Não ignoram isso as obstetrizes experientes e sagazes, pois, quando necessitam atender a uma puérpera portadora de mal gálico, cobrem as mãos com luvas e as lavam constantemente com água e vinagre; assim não fazendo, elas próprias correm o perigo de infectar-se e poderiam transmitir a outras pessoas a doença venérea. Acrescente-se que as obstetrizes aspiram pela boca e pelo nariz maus odores e emanações do fluxo e não veem maneira de se protegerem, a não ser que queiram despertar excitações histéricas nas puérperas, usando perfumes de cheiro forte.

Aliás, sofrem menos as parteiras na Inglaterra, na França, na Alemanha e em outros países com as parturientes que têm seus filhos deitadas em seus leitos e não sentadas em cadeiras furadas, como acontece na Itália, onde as parteiras se inclinam e se encurvam enquanto aguardam com as mãos abertas, à entrada da vulva, a apresentação do feto, cuja paciência e cujo esforço (sobretudo quando as-

sistem senhoras importantes e o parto se torna laborioso) fatigam-nas a tal extremo que, nascida a criança, retornam à sua casa abatidas e desanimadas, maldizendo seu ofício.

Não me pude inteirar, para informar com acerto, se as parturientes antigamente pariam em camas ou cadeiras. Teria sabido, ao lado de outras coisas dignas de conhecer-se, se Vulcano não houvesse arrebatado essa sorte à república das letras incendiando a biblioteca de Tomás Bartolini, na qual aquele esclarecido varão guardava um primoroso trabalho, recém-concluído, sobre antigas puérperas. Já começou, entretanto, a tomar incremento entre nós o hábito de dar à luz no leito, o que é considerado necessário para evitar grandes moléstias. Amiúde acontece (se os partos não são fáceis) que mulheres antes de darem à luz vão repetidas vezes do leito para a cadeira e vice-versa, com perda vã de energia, e depois de tanto trabalho desfalecem e expiram sobre o assento por causa de grandes hemorragias subsequentes. O feto é mais facilmente expelido em posição horizontal que em vertical ou estando sentado, o que ensinam todos os animais quando se recostam para darem à luz e a natureza serve-lhes de parteira. Os brutos sentem ser isso necessário para evitar que a cria caia ao solo e morra. Ou, então, porque inclinados obtêm uma posição do útero diferente da humana que neles favorece a expulsão. Os pequenos animais, gatos, cachorros e ratos, ainda que não importando que os filhos caiam, parem deitados. Não acreditaria que a posição reta do útero ajude muito o trabalho das parturientes, mas é possível presumir que o feto, desembaraçado dos seus envólucros e ansioso para sair, precipite-se rapidamente para o colo do útero, muitas vezes adiantando-se à Natureza. Não é estranho vê-lo sair com as mãos estendidas ou de qualquer outra forma.

Que proteção proporcionará a arte médica às parteiras, que socorro lhes dá para que exerçam a profissão sem maiores inconvenientes? Aconselho-as a que lavem as mãos repetidas vezes com água ou vinho ao assistirem a uma parturiente; que depois do trabalho as lavem novamente e as enxáguem, assim como seu rosto e garganta com “posca” (água e vinagre) e, chegando à sua casa, troquem de roupa e procurem estar sempre limpas. Uma velha parteira contou-me que, quando fazia o parto de uma mulher caquética ou suspeita de mal gálico, aguardava os últimos esforços da parturiente para colocá-la na cadeira, e depois ficava todo o tempo sem sujar as mãos nos lóquios infectos.

# *XIX*
# *Doenças das nutrizes*

Terminada a função das parteiras, começa a das nutrizes, que acolhem o recém-nascido para alimentá-lo; sofrem elas igualmente várias afecções durante o período do aleitamento. Com o nome de nutrizes quero aqui me referir não somente às que, por salário, criam filhos alheios, como também as que amamentam seus próprios filhos.

As nutrizes padecem mais comumente de debilidade, histeria, pústulas, sarnas, cefaleias, vertigens, dificuldades respiratórias e fraqueza da vista. Suportam muitas outras moléstias, principalmente nos seios, quando têm leite abundante, retido, o que faz inflamação e formam-se abcessos, mormente quando há fissuras nos mamilos. Fácil é também conceber que o prolongado aleitamento acarreta atrofia e adelgaçamento, porque, crescendo, a criança chupa cada vez mais fortemente (provenha o leite do sangue, como opinavam os antigos, ou mais provavelmente do quilo, como querem os modernos), ficando as amas despojadas do suco revigorante que deveria nutri-las, emagrecem pouco a pouco, até ficarem esguias como juncos, segundo expressão de Plauto, em especial se elas criam gêmeos, ou ainda, se por interesse de ganho, amamentam seu próprio filho e o irmão de leite. Costumam ter fortes pruridos quando cuidam das crianças ou as levam em fraldas nos braços. As crianças têm úlceras ou crostas lácteas

na cabeça que, se não são desinfetadas, sobrevêm graves doenças, como afirma Hipócrates, com que as amas se contaminam, porque na melhor parte do sangue ou do quilo levado aos peitos e convertida em leite existe também humores serosos e acres destinados ao alimento do corpo, que provocam pústulas e eczemas na pele. "As pústulas que uma nutriz trazia em seu corpo melhoraram depois que deixou de amamentar no verão", escreveu Hipócrates; assunto muito bem explicado pelo nosso Marciano (digo "nosso", pois nasceu e se educou nessas regiões, já que saxão e não romano) contra o que foi exposto por Valésio, o qual admite que a mulher enquanto amamenta sofre perdas menstruais e que, devido à grave alteração dos humores, formam-se pústulas e de preferência atribui "a erros que cometem as amas no comer e no beber, crendo que, dessa maneira, aumentam o leite, em parte, excitadas pelo apetite que costuma ser grande nas mulheres que amamentam", vindo logo as vigílias, interrupções frequentes do sono, devido ao aleitamento, dando lugar a mortificações do corpo, e, se a isso se ajunta o humor salino, temos apta matéria para formar as pústulas.

Há outra história de mulher lactante, em Hipócrates: "A esposa fleugmática de Tersandro não demorou muito amamentando, sentindo fortes calores. Ardia-lhe a língua e estavam presentes todos os outros sintomas da febre; e quanto mais quente estava a língua mais apareciam pequenas bolhas como as de varíola. Vomitava muitas lombrigas e no vigésimo dia melhorou, mas não completamente". Neste caso também Valésio atribui à suspensão do fluxo menstrual a causa da febre elevada: "Constitui o pior dano para a pureza do leite, disse ele, que será tirado das mamas, reter os impuros excrementos que devem ser evacuados mensalmente".

Agrada-me mais a explicação de Marciano, segundo a qual de nenhum modo devem ser declaradas em estado anormal as lactantes porque não têm menstruação no período do aleitamento; também poderiam estar normais se amamentassem regularmente menstruadas, pelo que se devem culpar mais os erros alimentares, as noites insones, o esgotamento do suco nutritivo e outras causas enumeradas pelo doutor Marciano. Pelas palavras do Divino Preceptor, constata-se suficientemente que aquela mulher estava cheia de impuros humores em todo o corpo e nas principais vias, como se costuma dizer, pois a descreveu fleugmática e vomitando lombrigas.

Por tais motivos, as nutrizes, de quando em quando, padecem de fraqueza visual, cefaleias, vertigens, diarreias e predisposição a flores brancas, principalmente se o aleitamento é prolongado durante vários anos. Disse Ballion, experimentado médico em sua época: "A prática tem demonstrado que quase todas as mulheres que têm amamentado durante longo tempo emagrecem muito depois, são débeis, ficando expostas a doenças e corrimentos". Nelas é fácil a liquefação dos humores e o relaxamento das partes do corpo, como aconteceu a certa mulher que, por ter muito leite e amamentar a três crianças, ficou, consequentemente, com inanição e fraqueza dos vasos. O mesmo Ballion cita o caso de outra nutriz em que verificou que não foram observadas as necessárias precauções destinadas a essa classe de mulheres: "Apenas podia manter-se ereta devido a uma alteração no espinhaço. A causa do mal era consequente à atividade e à assiduidade da lactância. Administrou-se-lhe um remédio poderoso: aplicação de algodão com azeite e em breve convalesceu; não se fez sangria; o calor do leito e a untura ajudaram seu restabelecimento. Outro médico lhe teria aberto a veia". Frequentemente os médicos se equivocam, achando ser a causa das afecções das amas a suspensão menstrual, ordenam logo a sangria. Em circunstâncias análogas, os médicos contemporâneos, pelo menos entre nós, têm cortado a veia não uma só, porém duas e três vezes, temendo causar a morte ou grave dano se fosse omitida tal medicação.

Quando uma nutriz padece das referidas afecções ou de qualquer outra enfermidade, deposita todas as suas esperanças na extração do sangue como remédio essencial, porque admitem que durante o tempo do aleitamento tenha ficado isenta de menstruação. Erra-se, pois, com frequência, quando se vai buscar na carência menstrual a causa originária do mal e da abundância sanguínea e da desnutrição e de outros distúrbios sobrevindos de uma prolongada lactância. Podemos ver aqui e acolá nutrizes que procuram se curar, porém poucas (pelo menos entre nós) são as que criam crianças de casas nobres e vivem regaladamente e procedem com cautela de referência ao corte da veia, não aumentando com ele o desgaste do corpo e a gravidade da doença; entre os dois caminhos é melhor o dos medicamentos purgativos que o da flebotomia intempestiva e temerária.

Todos conhecem os incômodos padecidos por certas nutrizes em seus seios, como: excesso de leite, inflamação dos seios, abcessos, fissuras nos mamilos. É desnecessário lembrar mais causas de tais

efeitos e propor curas, pois todas elas estão prolixamente descritas nas obras dos práticos, inclusive com grande provisão de remédios, como se poderá ver nas obras do experientíssimo Etmüller.

Costumavam também se queixar de dor compressiva na espádua, em particular aquelas que deixaram, há pouco, de amamentar e cujos peitos estão demasiadamente cheios de copioso leite, ou porque uma criança mais débil não o esgote bastante. Sentem essa dor compressiva no dorso, razão pela qual os vasos lactíferos do tórax que passam à altura da medula espinhal e levam a matéria quilosa para a produção do leite às axilas ou ao peito (como se crê) incham-se em demasia, o que se pode remediar usando moderação nas comidas, em especial no consumo do vinho reconstituinte; caso a dor aumente, far-se-á uma sangria; essa exacerbação dolorosa seguida de febre observa-se habitualmente em mulheres gordas e robustas.

Conforme lembrei, sofrem ataques de histeria as nutrizes que residem em palácios de nobres, alimentadas com comidas saborosas e nutritivas, porém afastadas do trato conjugal; cevado o ventre, irrita-se o útero, enchendo-se de líquido seminal, e suas excitações originam o aviltamento do licor leitoso dos seios.

Quase todos os que escreveram sobre o regime das amas consideram-no como coisa indiscutível e o aceitam como se fosse o oráculo de um trípode, segundo o qual a nutriz deve abster-se do contato sexual a fim de não estragar o leite. “Recomendo que a doadora de leite se prive em absoluto das relações sexuais que atacam a menstruação e o teor de leite”, são palavras de Galeno. Exceder-me-ia tentando citar todos os autores que declararam indispensável esse requisito, ainda que pouco concorde com ele, não se concluindo da experiência como adequado e saudável. Não negarei que, se a lactante concebe, não fique fraco o alimento que ela oferece e que se deve desmamar a criança imediatamente ou a entregar a outra nutriz. Uma história curiosa, digna de ser citada, conta-nos Regnero de Graaf: “que possuía, em sua casa, uma cadelinha em cujas tetas mamava um gato, embora a cadela nunca tenha dado cria, pois seu dono a trazia presa; certo dia um cão de fora conseguiu clandestinamente a possuir e, desde então, o gato não quis mais sugar aquelas tetas”. Também não ousaria negar que o coito frequente e imoderado não corrompa o leite, porém é melhor certificar-se de que prejudicará muito mais às amas que nutrem crianças em casas estranhas, se elas ficarem impedidas de tratar seus maridos, não podendo visitar seu lar e seus filhos. Isto faz

elas desejarem ligações proibidas, agitarem-se dia e noite com fatais inquietações e caírem em intensas crises histéricas; deliram, assim, as nutrizes e, por culpa de quem as mantém em suas casas vigiando-as mais do que à sua própria esposa, maltratam os corpinhos inocentes das crianças.

Julguem como quiserem os autores, subscrevam a sentença de Galeno, proíbam às amas o contato com os homens, aprisionem-nas em gineceus, como em cárceres, que, com perdão de todos eles, minha opinião é diferente e, como dizia um orador a respeito da sentença correta, "apelo ao povo". Lembro que, entre a gente do povo, todas as mães criam seus filhos, exceto nos casos de impedimento forçado, deitando-se com seus maridos e não se privando das relações sexuais, e nelas não se observam perturbações ou paradas do leite temidas pelos médicos e que as presumem quando querem condenar à castidade as amas dos magnatas e dos príncipes; mas não considero tal cautela nem protetora, nem saudável como acreditam os mais célebres facultativos. Por certo, nesta cidade, são poucos os nobres que têm nutrizes em casa; estão convencidos da lascívia e petulância dessas mulheres, as quais, assim que se acham bem alimentadas se tornam intoleráveis, com isso nada ganhando os filhos que não se educam mais que os humildes meninos da cidade ou do campo, e nem são mais enfermiços estes, nem mais fracos do que os meninos ricos. Entregam as crianças às amas que as criam em suas próprias casas, com sua família; de preferência escolhem mulheres camponesas, para que seus filhos se nutram de leite mais substancioso.

Um somente, que eu sabia, o louvado Marciano, desaprova abertamente a norma de afastar as amas das relações sexuais, julgado, de boa fé, muito saudável; cito suas palavras relativas à formação do leite nas grávidas e puérperas: "Sendo assim, não se deve considerar em posição correta aqueles que vedam o coito às lactantes, por admitirem que o ato vicia o leite, porque provoca o movimento uterino de que depende a secreção láctea; o coito dá alegria à mulher, com que se dilatam os capilares venosos, conforme dizia Hipócrates, razão pela qual contribui, indubitavelmente, para aumentar e melhorar o leite; tanto mais prejudica a abstinência, quanto mais habituadas estejam ao ato venéreo; privadas continuamente do contato com homens, tornam-se propensas a contrair várias doenças. Não é, pois, prudente afastá-las completamente dos seus companheiros". Assim falou esse doutíssimo varão.

Examinando-se bem o assunto, é mister confessar que os elementos primordiais do leite devem sua origem ao útero; este, movido e agitado pelo prazer venéreo, ativa a coordenação geral do corpo e os vasos sanguíneos se dilatam. Vem à minha memória agora um antigo costume quando a nutriz se apresentava em solene celebração de núpcias; media o pescoço da nova desposada, com um fio, antes de penetrar no quarto nupcial, e, na manhã seguinte, provava se o mesmo fio conseguia rodear o pescoço; se ficasse curto, a nutriz proclamava: "a virgem tinha sido transformada em mulher pelo varão". Assim Catulo alude a esse rito, nas bodas de Tetis e Peleo:

*"A nutriz que a houvera assistido, ao clarear a aurora, não havia podido rodear-lhe o pescoço com um fio da véspera."*

Aumenta a grossura do pescoço da recém-casada devido à inchação das veias em consequência do contato afrodisíaco.

Por mais que tenha prestado atenção ao artifício mecânico da natureza, ao nascer a criança e ainda antes do parto, gerando o leite nos seios como se uma inteligência velasse antecipadamente pelas necessidades do ser que vai surgir, nada pude descobrir que me vangloriasse; tampouco satisfizeram minha curiosidade aqueles que trataram dessa questão, entre eles: Diemerbroeck, Gaspar Bartolino, o filho de Tomaz e outros que lembram o louvado Diemerbroeck, e que muito pouco progrediram no assunto.

A história dos condutos lácteos, que Amélio começou a escrever neste afortunado século e que Pequei terminou (se bem que Hipócrates a tenha bosquejado), é bastante conhecida para que professores das coisas médicas estejam tão alheios ao assunto e ainda ignorem que o movimento do quilo se efetua por intermédio de canais próprios e penetra nos vasos sanguíneos, o que está em consonância com a opinião dos mais modernos autores a respeito do material lácteo. Estes pensam firmemente que o material é conduzido dos mananciais do quilo (embora a habilidade dos que daí partiram não tenha ainda sabido indicar os caminhos; seja como for, Diemerbroeck está disso convencido e tem sabido demonstrá-lo com muitos exemplos) e, o que é mais, acreditam que o leite é uma porção do quilo misturada ao sangue e separada nos peitos. Assim o julgam os autores da "Biblioteca Anatômica", de acordo com as conjecturas bastante prováveis que primeiramente foram concebidas e claramente manifestadas por Marciano, preclaro comentarista de Hipócrates, o qual, se hoje vivo fosse e contemplasse sua tese em matéria de leite, teria de se ufanar.

Os problemas do leite agora estão se aclarando; falta unicamente se conhecer, segundo creio, a forma mecânica pela qual, ao se aproximar o parto e mesmo depois dele, flui amplamente o líquido quiloso nas glândulas mamárias das puérperas, comprimindo-as com tanta intensidade que dá a impressão de que o quilo não se move por si mesmo, nem é impelido por uma força imaginária, e sim dirigido por uma faculdade inteligente. Quando não satisfizerem os comentários modernistas sobre o assunto, consultemos antigos oráculos e vejamos se, porventura, acontece repetir algo que apresente indícios de verdade:

*"Considero sábios aos que saboreiam antigos vinhos gostosos de antigas fábulas. Pois as novas fábulas que hoje trazem, piores são ainda do que as moedas novas."*

Assim fala Plauto. O grande Hipócrates, que ao explicar as operações admiráveis realizadas em nossos corpos empregou o termo "natureza" em alguma oportunidade, reconheceu claramente essa necessidade mecânica (de que tanto se orgulham os autores contemporâneos que a explicam por um mecanismo e estrutura artificiosos, relegando em mãos de moleiros aqueles fermentos em que outrora se baseavam as Escolas), como nos certificamos em várias passagens de sua obra: disse que "as mulheres parem facilmente quando, desprendidas as membranas fetais, predomina o movimento inclinado para a cabeça da criança, porém, em sentido oblíquo, e que avança este pelos pés, se para esse lado se inclinasse o movimento". Os intérpretes traduziram corretamente a palavra grega por movimento e inclinação. Hipócrates explica a origem e o tipo do leite por meio do automatismo, com estas palavras: "O leite se produz por uma condição necessária; os úteros, dilatados pelos fetos, comprimem o ventre materno; quando este é cheio pela compressão do útero, a parte mais rica dos alimentos e das bebidas se extravasa nos intestinos e na carne". De modo que o ancião de Cós disse: "o leite se forma por essa condição necessária, insinuando que deve aparecer esse fenômeno de maneira mecânica".

Quando aumenta o volume do feto na mulher grávida, o útero comprime os intestinos, o estômago, o diafragma e todas as partes superiores, reduzindo-os a um pequeno espaço; ao mesmo tempo, o quilo é impelido para as mamas através dos vasos lactíferos do abdômen e dos canais torácicos, sendo levado mais facilmente aos seios cuja contextura é mais mole e frouxa, e se os vasos quilíferos não se acham, então, bem abertos, saem pelas artérias mamárias, como explicam Ricardo Lower, P. Dionis e outros, e não necessita mais ação

impulsora do que esta compressão, à qual se pode somar o próprio movimento do feto, segundo Hipócrates. Desde que o feto começa a mover-se no útero, aparecem os primeiros sinais de leite nas mamas. Acreditou o notável Pequet, o primeiro observador dos vasos lactíferos do tórax, que o suco quiloso é impelido pelo movimento do diafragma dos vasos lactíferos abdominais e que daí seja devolvido à massa sanguínea. Curioso e digno de mencionar é o que foi referido por Heródoto sobre a maneira como procediam os citas para conseguirem maior quantidade de leite equino, que era seu alimento. Disse ele: "Escolhiam osso em forma de flauta para soprarem, colocavam-nos nas partes das éguas e, enquanto uns sopravam, outros ordenhavam os animais; admitiam, assim, que as veias dilatando-se, os úberes se enchiam e abaixavam. O útero da mulher grávida, embora não se ache tão próximo às mamas, como nos animais, é dilatado pelos fetos maiores, e se nota que possui forças suficientes para comprimir as partes vizinhas, mandando para cima o suco contido nos vasos; a essa compressão realizada por todo o útero, associam-se as forças produzidas pela criança na matriz".

Expulso o feto e voltando o útero a seu tamanho natural, cessa a compressão e o movimento de impulsão, pelo que diz Hipócrates: "O leite segue avançando aos seios se estes amamentam, pois enquanto os seios segregam e são sugados, os capilares se incham e, dilatados, atraem a substância gordurosa do ventre para distribuí-la aos peitos". Basta a sucção da criança para continuar a atividade do quilo, do contrário, faltando a sucção, as fontes do quilo secam rapidamente. Tal é o modo mecânico pelo qual o divino ancião explica a gênese do leite nas mamas. A ideia de Hipócrates é alicerçada na observação em animais que têm vários fetos em um só parto e possuem duas grandes séries de tetas, como porcos, cachorros, gatos etc., cujos mamilos mais próximos ao útero, onde é maior a compressão, estão mais cheios de leite, antes e depois de nascidos os cachorros (o que se reparou mais de uma vez no campo), de modo que os filhotes que mamam nas tetas centrais ficam mais gordos do que aqueles que chupam nas extremas.

Hipócrates empenhou-se em explicar o movimento pelo qual se produz o leite nas mamas por meio do mecanismo do humor, e se seus sucessores houvessem insistido em suas pegadas, a medicina teria alcançado um grau muito mais elevado de perfeição; porém, valendo-se da natureza como desculpa para interpretarem difíceis questões (e não há vocábulo de maior perigo para os médicos, nem que melhor proteja sua ignorância), a arte médica fica mal servida.

Diemerbroeck trata desse assunto com bastante minúcia: averigua o que é que impele o quilo em sua corrida habitual para o coração pelos vasos quilíferos ou o que o leva às mamas, como dele se gera o leite, segundo a opinião de Deusing, que atribuía tudo isso a certa qualidade rarefatora e fermentadora do corpo, tendo sido a primeira teoria criada, mas insiste em deixar assentada sua teoria, que a enuncia com pouca firmeza, baseando-se unicamente na imaginação; atribui o fenômeno da formação do leite ao sentimento poderoso da puérpera que pensa ardentemente na nutrição de seu filho, opinião esta refutada pelo douto Bartolino.

Acredito que, para anular a ideia de Diemerbroeck, basta citar o caso das puérperas nobres e mais delicadas que não consentem em criar seus filhos a fim de que seus seios não fiquem pingando leite, não pensando, nem desejando que neles se forme leite, ao contrário, ficam apressadas em evitá-lo; irritadas ou contrariadas, empregam todos os remédios possíveis quando o leite aparece, três ou quatro dias depois do parto. Sobre esse assunto, Bartolino nada acrescenta de seguro que possa responder à questão, convictamente antes trazendo dúvidas ao expor seu pensamento. Em primeiro lugar faz alusão a causas externas que predispõem os mamilos para o aleitamento, depois lembra a repentina mudança observada nas partes genitais, a mudança de voz e a saída dos seios, e que, durante a concepção, o germe masculino fermenta na massa sanguínea e dispõe o quilo a distribuir-se nas mamas; invoca também causas internas, pelas quais, depois de três ou quatro dias após o parto, incham-se os seios pelo refluxo do sangue quiloso que habitualmente flui do útero em grande abundância e alimenta o feto.

Quase o mesmo foi comentado por Ortlob, manifestando-se em conceituosas palavras: "que contraído o útero, depois da expulsão do feto, a substância destinada à nutrição do feto é de novo absorvida pelo sangue e, então, mais dilatadas do que de costume, as glândulas mamárias recebem a secreção desse humor que não precisavam, enquanto aquele se achava no útero". Tais considerações são demais engenhosas e é lógico que o leite deva sua gênese (pois se o útero não concebe, como nas estéreis, nas monjas e outras mulheres que nunca se casam, não aparece leite nas mamas, salvo mui raramente nas virgens), mas sempre ficará por explicar por que, depois que o útero se liberta de seu peso, o sangue quiloso, habituado a passar pelas artérias hipogástricas para alimento do feto, reabsorvido pelas veias, vai para a cavidade direita do coração à esquerda, misturando-se novamente com o sangue arterial, por que, digo eu, é que a inteligência

o guia para as mamas, onde adquire forma de leite, e também por que acontece, ao nascer a criança e se escoarem os lóquios, não em outra ocasião, quando as mulheres que não estão prenhas acham-se mais sadias e vigorosas e não exaustas, como na época da gestação, por causa do peso do feto e da grande corrida dos lóquios? A interrogação mantém-se integralmente até agora: que motor e que mecanismo impelem a matéria do leite aos seios das puérperas é coisa que se ignora completamente até agora, estimo eu.

Devemos acreditar que o Divino Arquiteto do útero e das mamas deu-lhes estrutura especial e um artifício até agora ignorado para que, pela lei comum, a aparição do leite suceda ao parto.

Assim também os pulmões do feto lançado do claustro materno, parados durante nove meses, começam a desempenhar sua função devido ao ar externo que penetra pelas vias respiratórias e os dilata com força elástica, o uso dos mesmos precedendo ao próprio tempo de abrir-se o ovo e de efetuar o sangue sua corrida para outros condutos. É admirável esse acordo, essa harmonia entre as mamas e o útero, apesar do desconhecimento de suas causas pela sagacidade humana na inspeção anatômica. Hipócrates fez uma advertência quando escreveu que "se empalidece o rubor dos mamilos, acha-se enfermo o vaso do útero". O ponderado Bartolino explicou a afinidade do útero e da placenta com os seios, pela mútua semelhança de sua substância glandular, de modo que, ao fluir habitualmente o sangue quiloso à placenta, enquanto circula se desvia para as mamas, como se fosse seu domicílio habitual e familiar; porém, se isso acontece sem placenta, como nas virgens quando se forma leite em seus peitos, é necessário admitir essa afinidade somente entre o útero e as mamas. A experiência demonstra muito bem que nos seios se formam amiúde tumores malignos, como consequência de distúrbios do útero, observados mais nas freiras que em outras mulheres, não por deficiência menstrual, mas sim por causa do celibato, segundo penso. Tenho visto com frequência virgens vestais com formosa cor e normalmente menstruadas, providas de uma fraca constituição, que morreram miseravelmente de horrível câncer do seio; como em qualquer cidade da Itália existem vários conventos de virgens religiosas, é muito raro encontrar algum que não possua tão terrível peste. Por que agita os peitos o delírio uterino e não outras partes do corpo, tão frequentemente? Certamente é devido a um motivo oculto, desconhecido, fechado até agora às indagações dos investigadores, porém que, por certo, se abrirá algum dia e se esclarecerá a verdade.

Admira a harmonia das mamas e do útero, um e outros frutos do prazer, como o comprova o eriçamento dos mamilos que, pelo que dizem as mulheres, é um bom excitante do prazer sexual. Carpus observa que o manuseio dos seios e, sobretudo, o dos mamilos, que se erguem como pênis, desperta o erotismo. Agrada-me repetir suas palavras: "Ajudam os mamilos a iniciar o coito, tanto no homem como na mulher, porém mais ainda na mulher do que no homem; há veias que chegam às mamas vindas da região genital e isto é tão certo que, se são tocados os mamilos, enrijecem-se imediatamente como um membro viril". Haverá, pois, certa simpatia entre estas partes e harmonia melhor dos seus vasos, do que semelhanças de substância, como crê Bartolino, semelhança quase nula, porque o útero vazio de lóquios e voltado a seu tamanho normal mostra-se inteiramente membranoso e muito diferente das mamas, cuja contextura é antes glandular.

Não há motivo para preferirem-se as razões e os comentários dos modernos teóricos à opinião de Hipócrates sobre o modo como se enchem os peitos de leite depois do parto e não em outra época. Embora o ancião de Cós desconhecesse a circulação do sangue e do quilo, e que é patente para os nossos olhos, observou, entretanto, com muita atenção essa surpreendente simpatia e mútua relação entre as mamas e o útero e, sem incongruência, explicou a formação do leite pela compressão e pelo movimento do feto no útero; e quem não aceita essa opinião e prefira outra mais válida saiba que, durante este século, não surgiu a solução do problema, pois o Sumo Arquiteto de todas as coisas deseja reservá-la para os tempos vindouros.

Desistindo de indagar este arcano que deu muito o que fazer a tantos preclaros engenhos, retornemos às doenças das nutrizes e arranquemos do arsenal médico alguma salvação para elas. Seja qual for a afecção, se é grave e tem sua origem na excessiva lactação, ordene-se o desmame; o afastamento da causa provocadora é preferível a qualquer outra medida. Se há suspeita de iminente tísica, manifestada pelo progressivo e sensível definhamento de todo o corpo, perda de apetite, insônia e palidez, deve cessar imediatamente o aleitamento e serão aplicados remédios que evitem a tísica e revigoram o corpo. Ricardo Morton descreve o emagrecimento causado pela excessiva amamentação, pelo que se deve consultar esse autor que propõe vários remédios para essas doentes. A única medida defensiva para o caso será tomar leite de jumenta ou vaca, se uma febre mais alta não produza demasiada acidez estomacal ou outros inconvenientes. É razoável que, se a magreza corporal resultou da perda de leite, a reparação se faça pelo consumo dele. O

leite de jumenta é mais conveniente para expurgar humores nocivos, enquanto o de vaca combate o enfraquecimento; tal é o verdadeiro método de administrar-se leite durante o definhamento do organismo: empregava-o o Divino Preceptor, na história do filho de Esotalau; pois a este, consumido por grave e persistente disenteria, chegando a estar extremamente macilento, deu-lhe primeiro leite de jumenta para limpá-lo e depois de vaca para curá-lo. "Tendo bebido durante dois dias, disse Hipócrates, leite cozido de jumenta, na quantidade de nove e meio áticos, produziu-se uma violenta evacuação de bílis, cessaram as dores e voltou o apetite, bebendo depois quatro e meio áticos de leite de vaca cru em dois vasos de dez dracmas cada vez, misturando no primeiro dia com uma sexta parte de água, e também tomou um pouco de vinho preto forte". Interessante é a advertência do próspero Marciano, sobre este assunto: "Conhecemos, diz ele, a qualidade restauradora do leite, não o de jumenta, como creem os médicos novatos, que o preferem aos outros nos casos de debilidade, porém o de vaca, cuja gordura é apta para reconstituir o corpo". E assim encheu uma e outra página com o método da dieta de leite que, em primeiro lugar, desembaraçará o corpo do lastro e dos humores e o fortificará depois.

Ricardo Morton conta a história de uma mulher que, depois de quatro meses de amamentação, padeceu de muita debilidade, perda de apetite e sufocações, não querendo suspender o aleitamento e adotar uma dieta láctea, razão pela qual morreu de tísica pulmonar, com tosse, acentuada fadiga e febre baixa.

Se as crises histéricas provêm de demasiada alimentação, como acontece a nutrizes de ricos e príncipes, deve provocar-se, então, outra evacuação e, neste caso, é aconselhável a sangria para descongestionar os vasos, ao mesmo tempo receitando-se uma dieta mais severa e administrando-se também outros remédios que se costuma prescrever, como sedativos, para essas crises, pois os médicos os possuem em grande número; porém, se o histerismo (o que acontece geralmente nessas mulheres) provém de boa alimentação que nelas faz aumentar o sêmen ou, segundo dizem os modernos, se inflamam os ovários e a trompa de Fallópio e dá sinal de incitamento venéreo, em tais circunstâncias, ou se lhes retiram o encargo de amamentar, ou se lhes permitem o contato com seus maridos a fim de que não cheguem a enfurecer-se, com grande prejuízo para o lactante. Enquanto se perturbam, silenciosamente, com sensações afrodisíacas, delas apodera-se um cego temor de que sejam despachadas para os seus pobres lares, por caírem em paroxismos histéricos nem sempre ostensivos; alguns indícios descobrem a paixão histérica oculta: mostram-se menos alegres que

anteriormente, ficam taciturnas, fora do habitual ou, então, são vistas rindo e comunicativas, ao se encontrarem com um homem bem posto e elegante com quem conversam; observados tais sintomas, pode-se pensar, sem sombra de dúvida, que as preocupam contatos sexuais, de que não são culpadas, certamente, e por isso merecem desculpas, pois se trata de afetos naturais que as mortificam noite e dia, sem elas quererem; quando começa o "vaso do prazer" (como D. Jerônimo chama ao útero) a movimentar-se, agita-se todo o corpo e a própria mente. Têm-se visto nutrizes excitadas de tal modo pelo estro venéreo que imprimem caracteres indeléveis no feto, escreveu Van Helmont, transmitindo-lhe, a nutriz ardilosa e furiosa, sua fragilidade.

Como já temos dito, muito amiúde as mulheres que criam, sobretudo as obesas e as brancas, têm os peitos muito dilatados durante a noite e sentem certa dor compressiva nos ombros, proveniente de uma mais completa queda do suco lácteo pelos vasos torácicos, transportadores do leitoso quilo para as subclávias e as próprias mamas; em tais casos devem ser moderadas na alimentação e privar-se daquelas coisas que podem aumentar a abundância do leite. Nas palavras de Hipócrates, verifica-se que não foi desconhecida essa afecção: "Incham-se os ombros pelo comer e beber", diz ele referindo-se a mulheres grávidas, no comentário desse assunto; Marciano alude ao que foi dito acima, a respeito dos canais torácicos que conduzem a matéria láctea desde o estômago, como fonte principal do corpo, que a todos dá e a todos recebe, deduzindo isto do testemunho das próprias nutrizes que dizem, quando têm comido e bebido abundantemente, que o humor baixa dos ombros pelas clavículas para ir ter às mamas, e o sentem com maior evidência quando a criança suga os seios, pelo que nada é melhor para diminuir a abundância do leite que se aplicarem ventosas na espádua, e por experiência própria sabem-no as nutrizes que sempre recusam esse remédio, com receio de perderem todo o leite.

Quanto às afecções pruriginosas que as acometem e das quais dificilmente se podem livrar, enquanto carregam nos braços e dão de mamar a lactentes que comumente têm crostas lácteas na cabeça, aplicar-se-ão os remédios que curam tais afecções; serão mais eficazes os tópicos antipsoríacos que as medicações internas, como purgantes e outros muitos remédios que se receitam contra as doenças cutâneas; ainda sem purgar o corpo, podem ser aplicadas tinturas que destroem a sarna, quando não seja originada de uma má disposição dos humores, senão do assíduo contato e manuseio das crianças, nada havendo que tomar, caso se procure, antes de tudo, extinguir a impureza sarnosa da pele. Mas se por acaso as lesões provierem

da má nutrição, causada pelo prolongado aleitamento, proceder-se-á de modo diferente, porque primeiramente terão que ser expurgados os maus humores para só mais tarde serem exterminadas as lesões da pele; conheci várias nutrizes perfeitamente curadas que se haviam infectado por esse desagradável eczema, ao cabo de uns meses de lactação, contraído pelo contínuo manuseio de crianças por ele atacadas. Precavenham-se as amas ao tocarem essas crianças que criam, e cuidem sempre de sua limpeza, para não vermos as crianças ulcerosas e feias, como as que frequentemente contemplamos, consumindo-se em prantos e gritos. Galeno cita um menino que chorava o dia inteiro, e a nutriz, não sabendo o que fazer, pois não conseguia acalmá-lo nem o balançando, nem o levando aos seios, logrou tranquilizá-lo dando-lhe um suave banho e mudando-lhe a roupa, por sua própria deliberação; ficou quieto e dormiu um sono prolongado.

Antes de deixar as nutrizes, é-me grato propor para seu regime e dos lactentes uma precaução não desprezível, isto é, que sejam mais parcas e não deem de mamar com muita frequência, não os levando aos peitos toda vez que chorem, pois nisso pecam demasiadamente, dando-lhes cem vezes por dia, e, mais ainda, durante a noite, para não ouvirem seu choro; assim elas se esgotam e enchem excessivamente de leite as crianças, pelo que nutriz e criança geralmente adoecem.

Como não haverá de arruinar-se um delicado estômago com tanta quantidade de leite, como não haverá de sofrer indigestões, abcessos, coagulações e frequentes vômitos, e não haverá também de debilitar-se a mulher que amamenta nessa perpétua sucção? Mais precavidas são as nossas mulheres do campo quando criam filhos, aos quais só dão seu peito três ou quatro vezes ao dia, deixando-os gritar, enquanto elas se ocupam nas fainas agrestes. Tomam, como exemplo, os bezerros que não sofrem por somente mamarem três vezes ao dia.

Do frequente vício das nutrizes em darem de mamar a toda hora, nasceu o uso, na Inglaterra e na Alemanha, de alimentar as crianças com papas de leite de vaca, ovos e açúcar, e assim pôde se estabelecer um regime fácil de ter-se a justa medida dos alimentos que se lhes deve dar, existindo a respeito de coisa tão boa documentos de Van Helmont, Galeno, Etmüller e outros escritores.

# *XX*
# *Doenças dos vinhaeiros, cervejeiros e dos destiladores*

Depois de havermo-nos detido bastante tempo nas fontes daquele licor que nos nutre desde que aspiramos o primeiro ar vital, dá gosto passarmos agora a encarar aquele licor que alegra as musas e os convivas, a percorrer oficinas e bodegas onde os vinhateiros preparam vinho no outono e obtêm por destilação o "espírito do vinho", chamado vulgarmente "água da vida", e examinar também as doenças que soem atacar esses operários. Não tratarei aqui da embriaguez, causada por abundantes libações, a não ser da que se origina pela dispersão no ar do odor e do vapor do vinho absorvidos juntos com esse ar pela boca e pelo nariz; ainda que os operários sejam abstêmios, só de trasfegar vinho o dia inteiro e retirar bagaços e detritos dos cubos, amiúde se embriagam e experimentam toda a nocividade das bebedeiras.

Uma das principais fontes de riqueza do campo modenês, especialmente da região situada entre Gabello e Scultema, é a obtida do vinho e do seu espírito, como em toda a região Transpadana e Cispadana, donde, todos os anos, grande quantidade de espírito de vinho se tem transportado, em grandes carretas, para Milão, Veneza e outras cidades, valendo a pena ser visto esse espetáculo no outono, tempo em que as grandes fábricas, suas enormes tinas, a grande fileira de barris e também os laboratórios onde se destila o vinho chamam a

atenção. A experiência, porém, descobriu que se extrai muito espírito de vinho do bagaço e dos detritos, pelo que os espremem com grossas traves nas tinas, mantendo-se a compressão durante muito tempo, deixam ferver e fermentar como vinho, por muitos meses, até passar o inverno; voltam depois a depositar o vinho em barris e os detritos e os bagaços são misturados a certa porção de vinho, em grandes vasos de cobre para que se faça a destilação. Antes costumavam extrair com prensas o resto do suco de vinho que se achasse naqueles resíduos, porém, como descobriram que conseguiam muito maior quantidade de álcool deles por destilação, embora resulte mais penosa a operação, retiraram as prensas de suas oficinas.

Os operários que executam esses trabalhos retiram os bagaços e os detritos fumegantes das vasilhas de cobre depois de realizada a destilação, lançam nelas novo material e transpassam para os barris o espírito de vinho que as enchiam, ficando quase sempre como ébrios. Ainda que o trabalho não se realize em porões ou locais fechados, mas geralmente em espaçosos alpendres, é tal a difusão de partículas voláteis do espírito de vinho que pessoas que chegam a esses locais, se não estão habituadas a frequentá-los, não podem suportar durante muito tempo esse ativo odor. Também as galinhas e aves outras de quintal, os porcos e outros animais que se alimentam desses resíduos quentes saídos das tinas ficam tontos. Os operários contratados por vários meses para esse mister ou que tenham permanecido nessas fábricas durante quase todo o inverno ficam dementes e sofrem vertigens, mostram-se fracos, macilentos, tristes e com pouco apetite.

Não é indiferente nem desinteressante, se se quer conhecer a verdadeira causa da embriaguez, apurar como é essa faculdade embriagadora do vinho, se é ácida ou alcalina, fixadora ou liquidificante. Dela se ocupa o erudito Etmüller, reunindo várias opiniões de diversos escritores e acrescentando razões opostas, porém de valor equivalente; por sua vez recusa os argumentos de Tachon, Beck e outros, que a atribuem a uma força ácida e dá por comprovado que se trata de uma disposição alcalina e sulfurosa.

Estudei um dia esse assunto com um sábio em química que atribuía todo poder embriagante a um ácido volátil de grande valia no vinho e cuja pujança provém do mosto, e passo agora a compendiar os argumentos e razões convincentes que ele me deu. Afirmava que o vinho ostenta sua origem ácida: 1º) na sugestiva experiência de Van

Helmont quando a precipitação do álcool em sal amoniacal se solidifica quase imediatamente em uma massa branca, mais densa quanto mais puro seja o espírito da urina; 2º) na efervescência produzida no sangue quente ao misturar-se espírito de vinho, pois se apresenta como se derramassem sobre ela espírito de vitríolo; 3º) na precipitação mediante espírito de sal amoniacal de tinturas como a de castor, de mitra etc., preparadas com espírito de vinho, isto é, no instante em que o espírito alcalino mais amplamente saturado ataca o ácido volátil e perde o corpo que continha dissolvido; 4º) num enfraquecimento de vinho muito alcoólico, obtido por absorventes alcalinos, como o enxofre, os olhos de caranguejos, as cascas de ovo, com o que aquele vinho não ataca mais o ferro, e destilado, só muito fraco e pouco espírito; 5º) na extração do espírito ardente e inflamável do próprio vinagre, evidenciada nas operações químicas; 6º) os remédios preventivos e curativos da embriaguez se extraem da família dos alcalinos, como sejam, as sementes de mostarda que se comem com o estômago vazio, em jejum, e que o vulgo procura frequentemente, o pulmão assado de gado, segundo Plínio, o alho, recomendado por Hipócrates, quando "alguém está embriagado ou queira beber"; assim são todos os remédios que se costuma administrar aos bêbados e que sabemos, com certeza, conterem muito álcali, os quais não combateriam a embriaguez e sua causa, antes piorariam, se a faculdade de embriagar de que o vinho tem tanto poder residisse em uma parte sulforosa ou alcalina. Digo isso em favor da acidez do vinho, considerando-a produtora da embriaguez; por minha vez, esperei as razões e as experiências da parte contrária, e depois ajuntarei algo, por minha conta, ao ensinado pelo doutíssimo varão.

Os seguintes fatos demonstram que a parte sulfúrea e a alcalina do vinho é a que possui a propriedade de embriagar: 1º) a índole inflamável do espírito do vinho; consta-nos que nenhum espírito, tão claramente ácido que não deixa margem a dúvidas, assim como o espírito de vitríolo, vitro ou tártaro, seja inflamável; pelo contrário, são capazes de suprimir essa condição, como se observa no próprio pó pírico que, molhado com espírito de vitríolo e logo depois de seco, não se ascende mais, coisa que não acontece se se umedece com espírito de vinho; 2º) o emprego de vinho e seu espírito em úlceras e gangrenas para conter o abundante ácido corrosivo que brota das chagas e as estimula, ainda que seja desastroso pôr espírito de vinho em úlceras; 3º) a indubitável e constante comprovação de que jamais se viu espírito de vinho degenerar em vinagre, só se transforma ao envelhecer;

porém, se aos vinhos se retira antes a parte espirituosa, vê-se que a que fica no fundo pelo comum se torna ácida; também é conhecida e suficientemente examinada a circunstância de que, ao avinagrar-se o vinho, obtém-se escassíssima quantidade de espírito de vinho; não ocorre com os vinhos pesados e estabilizados, de sorte que os favorecidos com a concessão para prepararem aguardente, "água da vida" comercial, pagam preço por vinhos pesados e alterados, porque deles extraem certa porção de espírito de vinho, porém nada dão em troca pelos que estão algo ácidos, com o que malogram seus intentos e só obtêm depois um lucro quase insípido; 4º) o fato de dulcificarem-se os espíritos ácidos minerais, como o de vitríolo, de nitro etc., com espírito de vinho, que, se fosse ácido e em tal quantidade embriagasse, não corrigiria esses mesmos espíritos ácidos, tornando-os mais suaves, posto que coisa nenhuma enfraquece a outra similar, pelo contrário, robustece-a; 5º) a notável efervescência provocada ao misturarem-se os espíritos de vinho e de nitro, efervescência que patenteia a existência, no espírito de vinho, de uma natureza oposta à do nitro, o qual é patentemente ácido; 6º) a evidente retificação do espírito de vinho com destilação, mediante repetidas infusões de tantárico, cal, cinzas ou cravo. Se o espírito de vinho pertencesse à categoria dos ácidos, a cal e o sal de tártaro, que figuram entre os principais alcalinos, não retificariam o espírito de vinho, nem o reforçariam, antes enfraqueceriam absorvendo sua acidez; mas ainda que se possa dizer que o sal de tártaro absorve a fleuma, retificando, assim, o espírito de vinho, não aparece, entretanto, o motivo pelo qual sal de tártaro não envolve o ácido que se supõe contido no espírito de vinho e não se sature por ele, e sim pela fleuma; 7º) os vinhos coados num saco (mais leves sempre que outros vinhos iguais não coados, pois a "filtração desbarata suas forças", segundo Plínio) se acidificam facilmente, sobretudo com o correr dos tempos; isso não passa com os demais, privados de ácido por suas partículas espirituosas; 8º) os vinhos mais fortes são menos prejudiciais aos doentes de gota que os fracos, como os de Reno, condenados por Silvio na artrite, por acharem-se escassamente providos de espírito volátil; anteriormente Crato havia anotado isto, escrevendo em seu "Seleção Médica" que, para dores articulares resultantes de doenças, erram todos aqueles que consideram inofensivos os vinhos fracos, pois é mais saudável "beber um pouco de vinho húngaro ou de outro semelhante que sorver abundantemente os fracos"; a mesma coisa afirmam Van Helmont, Willis e outros varões ilustres, desapro-

vando os vinhos fracos e ácidos, porque aumentam as dores artríticas ao aumentarem a acidez.

Às razões que me foram apresentadas pelo perito químico em apoio do ácido embriagador do vinho, poderia eu responder, em primeiro lugar, que a experiência da coagulação e da efervescência do espírito do vinho, ao juntar-se com a urina, não é de importância tal que evidencie a natureza ácida do espírito de vinho. Muitas substâncias de natureza alcalina, misturadas entre si, produzem efervescência, como o sal de tártaro com o óleo tartárico, experiência feita pelo célebre João Bolin; disse que não se atribuía a um ácido oculto, absorvido pelo tártaro ao dissolver-se, pois o mesmo acontece pondo-se água no sal de tártaro. Também entram em efervescência numerosos ácidos misturados entre si, como se observa de um lado e outro, e muitos ácidos se encontram com alcalinos, sem que se verifique a consequente coagulação, de modo que não se pode estabelecer uma regra geral.

Quanto ao borbulhamento do sangue recém-saído, quando se o mistura com espírito de vinho, acontece como se nele vertesse espírito de vitríolo; varia o efeito e nem sempre se repara que responde do mesmo modo como podem variar ou diferenciar as condições do sangue, pecando por excesso de ácido ou de álcali; quando ferve manifestamente ao ser-lhe ajuntado o espírito de vinho, poderia crer-se que provavelmente tenha demasiada acidez no sangue. Enfim, a precipitação das tinturas fabricadas com espírito de vinho, que vemos produzir-se se intervém o espírito de sal amoniacal, não reforça o argumento, pois muitas precipitações se realizam simplesmente com água pura, como na preparação de resina de jalapa e de ipecaconha; porque, se o espírito de vinho deve ser incluído entre os ácidos, como é regra geral entre os químicos, que aquelas coisas que são dissolvidas por ácidos sejam precipitadas por álcalis, a água deveria ser um corpo alcalino, porém todo mundo sabe que não somente é insípida, desprovida de qualquer sabor ácido, como também é um corretivo de ambos, do ácido e do alcalino.

Não basta para assegurar que a acidez do vinho seja causa de embriaguez, o que indica a propriedade inebriante do vinho por infusão de alcalinos, pois quando vários corpos se entremisturam formam nova concreção com propriedades diferentes; assim, a água enfraquece tanto os ácidos como os alcalinos, e dilui qualquer sabor. Isso de os químicos extraírem uma porção de espírito ardente por destilação do vinagre forte não confirma que tal espírito pertença,

com toda certeza, à categoria dos ácidos. Não se encontrará corpo algum, ácido ou alcalino, tão simples que não tenha em seu interior algo da propriedade contrária. E, no que se refere à última razão alegada, a propósito dos remédios curativos e preventivos da embriaguez, na sua maioria pertencentes à família dos alcalinos, deve-se dizer que, pelo comum, dirigem-se mais às causas das doenças que à própria doença, pois levam abundante serosidade para as vias urinárias, com o que facilitam a dissolução da ebriedade e têm, portanto, virtude preventiva; segundo o oráculo de Hipócrates, "coisas que anulam o feito, também impedem que se faça". Costumam também indicar contra a embriaguez remédios ácidos, como o vinagre; Etmüller recomenda molhar a cabeça com vinagre e também uma compressa de sumo de sempre-viva com vinagre, aplicada nos testículos, cujo remédio é eficaz na embriaguez.

No álcali volátil, ou seja, no enxofre narcótico contido no vinho, que possui a virtude de reprimir a atividade dos espíritos e dos humores, Etmüller e outros acham que está a causa da embriaguez; deduzem-na do tremor, do torpor e do suor análogos aos observados em tomadores de ópio. É mais provável, porém, que, afastada do vinho a força de ligar e fixar, este (que nenhuma substância é mais espirituosa, nem mais afim ao sangue e aos espíritos), bebido amplamente, enquanto se distribui através das veias e alcança a cabeça, antes que liquefaça e derreta, reabre pequenos orifícios das artérias disseminadas pelo cérebro, regando e umedecendo com abundante soro toda a substância cerebral, que relaxa a tonicidade dos nervos, seguindo-se os acidentes já apontados. Não se afirmará o mesmo do ópio, só, que, em vez de travar e obstar como se acredita, antes derrete e liquefaz por seu álcali volátil e vaporoso, do que será permitido deduzir seu poder diaforético e diurético, de que ninguém duvida? Neste assunto se aprofunda realmente o doutíssimo Willis, pois diz: "que as qualidades de espessar e fixar o sangue atribuídas ao ópio não as reconheceu ele tão facilmente". Seja como for, da virtude fixadora ou liquificante do ópio, não é o caso de discorrer sobre ele agora, como me atreveria fazê-lo do vinho, a reafirmar que seu espírito acarreta quase os mesmos acidentes do ópio, a saber: tremores, espasmos, sono profundo, afonia etc., mas de modo diverso se operam esses fenômenos sob a influência do ópio; falo nos adormecidos por ele, pulsações fracas e lentas, palidez, face cadavérica e grande resfriamento das extremidades, e nos ébrios que tomaram grande quantidade de vinho ou de espírito de vinho, observo geralmente pulsações fortes, rostos avermelhados, olhos

brilhantes e dilatação das veias, pelo que Virgilio assim descreve seu Sileno embriagado:

*"Com as veias infladas, como sempre, pelo vinho da véspera."*

A própria autópsia comprova a difusão do soro levado da massa sanguínea ao cérebro pela pujança do espírito de vinho; aberto o crânio de mortos por embriaguez, encontra-se o cérebro embebido de abundante soro lactescente, como pode ver-se na obra de Teófilo Bonnet. Demonstra igualmente essa difusão do soro a dissipação da bebedeira, da qual, ainda que diga Hipócrates que um vômito provocado contribui muito diminuir, também se afasta por copiosa diurese, ou seja, enviando abundante soro às vias urinárias; daí se ter divulgado que o vinho cura os estados que cria, por sua poderosa disposição para extenuar humores e provocar urina, o que indica Aristóteles quando explica por que se sente menos ebriedade bebendo-se vinho diluído ou misturado, do que puro, entre outras razões "porque o vinho, como as demais coisas, se digere por si mesmo". Imaginaram os antigos uma utilidade das bebedeiras, como se vê da opinião de Hipócrates. Munesite, médico ateniense, disse na "epístola" sobre "libação alcóolica recordada por Ateneu e Langium: 'Sucedeu, pois, que aqueles que ingeriram muito vinho fraco ofenderam gravemente ao corpo e à alma, mas passados vários dias daquele em que beberam, notei que tinham depurado o corpo e recreado o espírito. Agravam-se em nós, pela bebida cotidiana, certas agruras dos humores cuja expulsão para urina resulta oportuníssima; a purgação se efetua principalmente quando se reúnem para beber várias pessoas que assim limpam o corpo'. Os espartanos, desde a mais remota antiguidade, disse Mnesiteo, purgavam urinando e vomitando, e alegravam o espírito com um copo de bebida".

Admirei, mais uma vez, no outono, "quando a vindima acumula as bacias de espuma", como é contínuo o movimento das tinas para as barricas, como os que se ocupam nessa tarefa taberneira experimentam abundante evacuação de urina, de uma urina que lançam cem vezes ao dia e é clara e leve como água. Atribuo a causa às grandes emanações de espírito de vinho que penetram pelas vias respiratórias e produzem difusão de soro na massa sanguínea. Descobri, assim, que o vinho novo provoca uma diurese muito mais pródiga que o velho, ainda que seja forte e sem mistura, a ponto de que, quando fosse aconselhado mandar abundante soro através das vias urinárias, não

temeria preferir ao vinho velho o que recentemente se fabricou, porém coado e limpo de elementos grosseiros.

Voltando à nossa senda, a primeira coisa a afetar-se nesses operários é a massa sanguínea, pelas partes voláteis do vinho que saturam completamente o ar e adquirem atividade fermentativa; acredita-se que depois se afetam os espíritos animais, pois notória é a afinidade do sangue com o vinho e, segundo Plínio, o ilustre sábio Androcydes, para dominar a intemperança de Alexandre Magno, advertia-lhe que, ao servir-se de vinho, recordasse que ia "beber sangue da terra". Da mesma afinidade sofrem os espíritos animais, porquanto, tão grande quantidade daquelas partículas que se formam do espírito de vinho e se vão juntando constantemente, não podendo alojar-se nas células cerebrais, perturba todo o regime animal, como na república das abelhas, quando surgem da excessiva proliferação as turbas que refazem o enxame; assim, às vertigens, às tonteiras e às dores de cabeça, segue-se aquela pletora nos vasos dilatados, depois de toda perturbação em toda a economia natural; vêm o emagrecimento, a diminuição de forças e os demais distúrbios já enumerados, não tão agudos nos habituados, porém mais graves naqueles que se dedicam, pela primeira vez, àquelas tarefas. Disse Zacuto Lusitano que um cortesão, chegado a certa casa de campo, entrou calmamente numa bodega e o perturbou tanto o odor do vinho que caiu desmaiado e faleceu ao cabo de poucas horas.

Sofrem os mesmos inconvenientes os que, em vez de vinho, fabricam cerveja, em regiões da Alemanha, Inglaterra e quase todos os países setentrionais. Ainda que ali floresçam também as vinhas, quase nunca amadurecem os cachos de uvas; por isso, com cevada e sementes de cereais que são abundantes em tais sítios, fermentando-as, quando germinam, com folhas de lúpulo, prepara-se uma beberagem que substitui o vinho; seus bebedores "tonteiam como se tivessem bebido vinho puro", como conta Ovídio, a respeito da água do rio Lincestro.

Soubemos, por Virgílio, que os antigos povos setentrionais fabricaram bebidas similares, quando fala das gentes sulinas:

*"Alegres passam a noite com seus jogos e copos;*
*Imitam o vinho com fermento e ácidos."*

Os doutos nos têm cientificado e também escreveram que os operários encarregados de provar cerveja em subterrâneos sentem-se atacados das mesmas doenças que acometem os fabricantes e destiladores de vinho; a cerveja também possui bastante força inebriante, pois pode extrair-se dela um espírito ardente que Platero atribui ao lúpulo; aqueles que fazem essas bebidas, destilam-nas e as engarrafam costumam padecer de dor de cabeça, vertigem e ansiedade. Existe muita analogia entre o vinho e a cerveja, pois, assim como no vinho, que ao florescerem as vinhas no verão se nota a alteração provocada pelos eflúvios aromáticos dispersos na atmosfera, a mesma coisa se passa com a cerveja, quando a cevada em flor também perturba o ambiente, conforme o testemunho de Van Helmont; como o vinho, ou seu espírito, bebido imoderadamente, afasta o apetite, também sucede com a cerveja quando se acaba de tomar, e ainda assegura Van Helmont que enfraquece o fermento estomacal; e Plínio, admirado do poder embriagador das bebidas feitas com cevada, escreveu que: "a admirável habilidade dos vícios descobriria até o modo de embriagar com água".

A arte médica socorre, com alguns cuidados, os vinicultores e destiladores de vinho que empregam seus esforços no preparo de um artigo tão necessário e importante, já para alertar a vida, já para fazer remédios mais refinados e eficientes. Se os laboratórios químicos tivessem carecido de espírito de vinho, jamais a química haveria alcançado tão alto grau. Essa arte de destilar e separar várias e diferentes substâncias contidas no vinho, concebeu-a, na sua mente, Galeno, que escreveu: "Estava disposto a arriscar todos os perigos, se pudesse inventar artifício ou máquina com que efetuar a separação das partes contidas no leite". Todas as vezes que tenho de atender a esses operários, se sofrem dos males mencionados, logo que piso em suas oficinas os aconselho a se privarem de vinho e, mais ainda, de espírito de vinho, tornando-se abstêmios, pelo menos durante todo o tempo de seu trabalho; que evitem, quanto possível, receber no rosto os vapores de vinho, lavando-o, de quando em quando, em água fria, e saiam sempre dos seus ergástulos para respirarem ar mais puro. Se, cessados seus trabalhos, ficam obrigados a guardarem o leito, apliquem-se os remédios que se costuma recomendar para a cura da embriaguez e suas consequências, para isso consultando-se os autores, principalmente Etmüller; temos, por exemplo, vinagre, o castóreo e, sobretudo, espírito de sal amoniacal; nada é mais eficaz para curar

danos causados pelo abuso de vinho que aquilo que participa do espírito volátil urinário.

Plínio indica muitas coisas para prevenção da ebriedade, bastante conhecidas, como: amêndoas amargas, couves e quase todos os doces; e modernamente são indicados outros remédios, como o faz Platero em sua "Prática Médica", que propõe uma grande lista deles; compadece-se da condição dos populares, quando escreve que fora convidado, como qualquer cidadão, a contender com copos, durante os banquetes, e passa a anotar uma série prolixa de preventivos da embriaguez, como sejam: absinto, arruda, leite, pulmões assados de animais, posca (água mais vinagre), maçãs ácidas, medicamentos compostos, como eletuários e várias misturas que, tomadas antes, evitam a bebedeira.

Sua situação de pobreza impede a esses operários adquirirem remédios rebuscados, pelo que, para eles, devem ser receitados medicamentos fáceis e simples, como a couve, cuja virtude de prevenir ou curar a embriaguez tem sido louvada durante tantos séculos, o rabanete e a água diluída em vinagre, chamada por Platero antídoto da ebriedade.

# *XXI*
# *Doenças dos padeiros, e dos moleiros*

"*Muitas* são as artes (e entre elas a arte médica) que exigem muito trabalho e sacrifício de quem as aprende, porém dão prazer e são úteis aos que delas se aproveitam", escreveu Hipócrates. Entre as ditas artes deve ser incluída a moenda: acaso existe coisa mais útil e necessária à vida humana que a panificação? E atividades mais insalubres e penosas para seus artesãos que os labores de Ceres? Sejam os que mexem farinha, sovam e amassam a pasta, ou os que cozinham o pão nos fornos, cansam-se de tão tediosa faina e podem sentir-se atacados por diversas doenças. Os padeiros são, geralmente, artífices noturnos; quando outros artesãos terminaram a tarefa diária e se entregam a um sono reparador de suas fatigadas forças, eles trabalham de noite e dormem quase todo o dia, como as pulgas, pelo que temos nesta cidade antípodas, que vivem ao contrário dos demais homens.

*"Levanta, que já vende o padeiro o desjejum das crianças..."*

Dizia Marcial, elaborado o cozido durante a noite, ao clarear a aurora, quando a plebe citadina se dirige às suas habituais ocupações, é necessário ter o pão pronto, senão o ventre entra em revolução. A falta de pão tem levantado as turbas nas grandes aglomerações, conforme relata a história, e ainda agora a Corte do Rei da Espanha

assustou-se bastante com um motim popular, por esse motivo. Juvenal recomendava "pão e circo" para conter a plebe, isto é, abundância de víveres e espetáculos.

Em primeiro lugar estão, pois, os que separam a farinha dos restolhos por meio de máquinas peneiradoras, e os que carregam sacos, os quais, ainda que tenham cuidado com os rostos, não conseguem evitar que, na aspiração do ar, indispensável à respiração, penetrem partículas de farinha, misturem-se e fermentem com o suco salivar, formando, assim, uma espécie de pasta que invade a garganta, como também os pulmões e o estômago; com isso é fácil ficarem tossindo, ofegantes, roucos e finalmente asmáticos, em virtude do impedimento da livre circulação do ar pelas vias incrustadas da traqueia e dos pulmões. Os olhos também ficam afetados pelo pó da farinha e, não raro, lacrimejantes.

Não se pode sugerir medida preventiva contra esses distúrbios, além de recomendar-se que se mantenha o hábito de cobrir a boca com um pano, se bem que é insuficiente para evitar que as pequenas partículas de farinha penetrem no peito com o ar inspirado. O costume dos padeiros de envolverem seus rostos com panos, consta-nos que é antiquíssimo, como se pode verificar por excelente livro de Pignório, "Dos servos", no qual invoca a autoridade de Ateneu; consta também que isso não acontecia por obra de caridade, e sim por luxo sibarítico, para que o suor que gotejasse da face não fosse cair sobre a farinha e o hábito não a impurificasse. Esses operários beneficiam-se lavando o rosto com água, gargarejando frequentemente oxicrato, usando oximel e purgando-se, de vez em quando, e, se sofrem de dificuldades respiratórias, devem tomar vomitório para lançarem a matéria acumulada, pois tenho visto reviver, com tais remédios, alguns operários que apenas podiam com sua alma.

Os que amassam a pasta com as mãos, esfregam-na, fazem pão e tortas e os cozinham, realizam essas operações em porões, principalmente durante o inverno, a fim de que o pão fermente devidamente, e quando saem desses locais quentes para a atmosfera exterior e regressam a suas casas para dormirem, sofrem uma grande constricção dos poros da pele; isso provoca logo defluxos, rouquidão e doenças do peito, pleurites e pneumonias cujas afecções, sendo muito populares, ninguém ignora os remédios que devem ser aplicados. É preciso, porém, conhecer as causas de muitas delas; se se quer devolver ao corpo

sua transpiração natural, convém, antes de tudo, deitar o enfermo e mantê-lo em um aposento aquecido, aplicando-lhe fricções de azeite, e para uso interno voltar a tomar sudoríferos. Com surpresa observei que nestes, mais que nos outros trabalhadores, declaram-se graves pleurites quase sem escarros, e se manifestam por meio de abundante suor; casos há de febre alta em que a doença se acompanha primeiro de dor nas costas, e aparece mais por causa exterior, da repentina oclusão dos poros da pele, do que de uma maligna disposição dos humores; assim, ao desobstruírem-se os poros, respiradores da pele, sai o suor e desaparece a febre e a dor da pleura, por ter-se reabsorvido a matéria que havia passado ao peito e cessado o retrocesso do fluxo; é útil, segundo o conselho de Hipócrates, a fámula de Stymargo, "ir à causa e à origem da causa".

Tenho observado que as mãos dos padeiros se incham e ficam dolorosas; neles é corrente essa perturbação em virtude da contínua atividade em esfregar a massa, detendo-se nas mãos o suco nutritivo que espremem em demasia os diminutos orifícios das artérias, pois a contração das fibras o impede de refluir com igual facilidade. Só pelas mãos mostram que seu ofício é de padeiro, não havendo artesãos mecânicos que as tenham mais grossas. "O exercício desenvolve o membro", disse Avicena, o que se comprova também em outros misteres. Convirá aos padeiros lavarem as mãos com lixívia, vinho branco forte e coisas semelhantes.

Os padeiros sofrem também de outros males, sendo fácil todos ficarem zambetas, isto é, com as pernas torcidas para fora, como caranguejos ou lagartos; nas regiões Cispadana e Transpadana costumam botar uma tripeça sobre uma sólida tarimba, com uma trave de madeira de forma cônica colocada na ponta da tripeça, de modo que pode dar voltas, e preparam uma grande quantidade de massa espremendo-a com o impulso da trave, fazendo eles muita força com os braços e joelhos. Ao revolverem a massa, torcem para fora as pernas, por ser mais fraca desse lado a articulação do joelho. Não há remédio para esse defeito, pois, ainda que sejam jovens e robustos, tornam-se zambetas e coxos com o tempo.

Entre eles têm condição mais favorável os que cozinham o pão, que ainda assim suportam não leves danos devido ao excessivo calor. No verão, especialmente, ao porem o pão nos fornos e ao tirá-lo, derretem-se em suor, porém se reconfortam bastante com o cheiro do pão quente; o pão fresco é um alimento excitante e somente por

seu aroma alegra o espírito, conforme lembra Wedel, em "O sal volátil das plantas", e Becker, em sua "Física Subterrânea", em que prefere o cheiro do pão à virtude vigorante do orvalho primaveril.

Observei também que esses artesãos adoecem mais continuamente do que os outros nas cidades populosas onde a plebe prefere comprar pão por custar menos do que se fabricasse em sua casa, como se faz nas pequenas cidades e povoados, onde cada qual é seu próprio padeiro. Os romanos não tiveram padarias, até depois de 530 anos da fundação da cidade; os próprios Quirites faziam pão em suas residências, fabricados pelas mulheres, segundo informação de Plínio; ao aumentar enormemente a população urbana, encarregaram a tarefa aos servos públicos. Quando estes operários desejam ser tratados, seja qual for a sua doença, deve chamar-se a sua atenção para as afecções a que estão expostos pela inconveniência do ofício.

Considero também oportuno ocupar-me dos moleiros de grãos que sempre estão brancos de pó por causa das partículas volantes dos grãos triturados em finíssimo polvilho que enchem o âmbito da moenda onde, queiram ou não, empoeiram-se a boca, o nariz, os olhos, as orelhas e todo o corpo; não poucos se tornam asmáticos e até hidrópicos. Ficam herniados enquanto carregam aos ombros sacos de trigo e de farinha, pois relaxa-se ou rompe-se o peritônio; e porque vivem dia e noite entre o estrépito das rodas e mós e o ruído da água que se precipita de cima, são geralmente surdos, pois o tímpano dos ouvidos, golpeado fortemente, fica como se açoitassem repetidamente e perde seu tom. Chama atenção que padeiros e moleiros sofram de pitiríase, isto é, de enfermidade dos pés, a ponto de o vulgo, por gracejo, denominar de "pulgas brancas" os piolhos dos moleiros. Adquirem-nos porque andam sempre com roupas sujas, não as trocando até para dormirem, embora não esteja evidenciado que a mistura da farinha com a sujeira do corpo, na verdade, contribua para o aparecimento dos ditos animáculos; certo é que, não obstante, quase todos os moleiros andam cheios deles. Caso disso tivesse sabido, Daniel Hensio concederia aos moleiros um lugar de destaque na sua elegantíssima oração: "Dos elogios de um piolho aos pais conscritos dos mendigos".

Antigamente sofriam de mais graves doenças que agora. Os antigos não possuíam as máquinas para triturarem grãos e convertê-los em farinha que hoje se usam, movidas por água canalizada, cuja queda faz girar enormes rodas, se bem que um antigo escritor, Paladio, faça menção à moenda de grãos por meio de água; assim escreve: "Que

se há abundância de água, os padeiros a recebem dos banhos, colocam mós de água e homens e mulheres as empurram para triturar-se o trigo". Nas padarias, em épocas remotas, moíam os grãos, mas atualmente pilam, quebram ou os descascam.

Faziam andar a mó, não só pelos jumentos, como também por meio dos homens, mulheres e escravos, donde o nome de "mós de mão", pois eram movidas com grande esforço das pessoas; os crimes eram castigados com a pena de empurrar uma mó; assim, segundo Plauto, nada é mais ignominioso do que o ápodo de "moleiro" dado a um escravo. L. Apuleio, transformado em asno, "foi atado à mó com a face vendada".

Dizem as Sagradas Escrituras que a fazia girar Sansão, tornado cego pelos Filisteus (talvez se tratasse de uma mó de mão); os escravos ocupados nesses trabalhos vendavam os olhos para não ficarem tontos. Era um trabalho pesadíssimo ao qual se destinavam escravos e criados e que ficavam alquebrados e minados por graves doenças. Entre as imprecações de Jó, para completar suas desgraças, está aquela: "Moa minha mulher para outro", isto é, conforme a interpretação de Vitalbo e outros, que ela se tornasse uma criada vil; mas há quem a interprete de maneira torpe, como Agostinho Pfeifer, nas suas "Antiguidades Hebraicas".

Entre os romanos havia muitos moleiros e qualquer região que dependesse de Roma os possuía em número determinado; é o que diz em sua obra P. Vitor sobre as regiões da cidade. Depois, onde a quantidade de água o permitiu, instalaram com vantagem mós hidráulicas, e nos moinhos somente se quebra e pila o grão. Suportando o jugo dessa servidão com resignação cristã, a moagem não fica pesada nem desagradável, nem é tão pródiga de enfermidade, como antigamente. Aplicam-se a padeiros e a moleiros os mesmos cuidados quando padecem distúrbios por terem aspirado farinhas; se saem hérnias porque carregam fardos pesados, usem cintas, as quais também servem como medida preventiva do mal; são estes os conselhos.

Para afugentar a peste dos piolhos, o principal é cuidar muito da limpeza e da mudança de roupa. Recomendo, em particular, banhos com decoctos de absinto, centúria e tremoço, porém G. Sereno, nestes distúrbios mórbidos, prefere o farelo misturado com vinagre; são mais eficazes os linimentos em que entre mercúrio extinto com saliva, sendo também convenientes os panos de linho que os ourives usam para alisar vasos depois da douração.

# *XXII*
# *Doenças dos fabricantes de amido*

Não são também males comuns os de que estão obrigados a padecer aqueles que fabricam amido; é bastante vulgarizado o modo de fazê-lo, não havendo mulher que desconheça esse produto por empregá-lo com frequência, a fim de alvejar as roupas e os colarinhos.

Nesta região são as freiras que o confeccionam e o vendem a farmacêuticos e a outras pessoas. Quando no verão querem fabricá-lo, colocam o trigo dentro d'água, o qual germina, e aí o deixam ficar, até que seja macerado em vasilhas de mármore, sendo o trigo, assim preparado, machucado com os pés descalços de seus escravos, da mesma maneira como pisam as uvas na época da vindima; embora realizem esse trabalho ao ar livre, é tão forte o cheiro desprendido dessa matéria espumosa que, aquele que se acha sobre ela, pisando-a, como também as criadas que a recolhem com as mãos depois de pisada para levá-la a secar ao sol, queixam-se de fortes dores de cabeça, grave dificuldade respiratória, muita tosse, e têm algumas vezes que interromper o seu trabalho se não quiserem sofrer o perigo da sufocação. Tudo isso, tenho observado, devido a não sei que acidez penetrante; é possível que o ácido volátil contido no trigo se agite com a fermentação, separe-se do resto e desprenda-se em grande parte, provocando enxaquecas, dispneias e tosses; nada é mais contrário à fina contextura dos pulmões e

suas partes membranosas do que uma emanação ácida, como a fumaça de enxofre e outras mais que desprendem acidez.

Costumo aconselhar a esses operários que realizem seus trabalhos em locais ensolarados e espaçosos, nunca em um cubículo. Quando contraírem algum dano pela prática do ofício, será útil tomar azeite de amêndoas doces, emulsão de semente de melão, chá de cevada, uns goles de vinho, vinho forte, águas triacais e espírito de sal amoniacal.

É-me grato, aproveitando a oportunidade, examinar mais a fundo a natureza e a propriedade do amido, que é possível imaginarem-se diferentes daquelas que os médicos já estabeleceram. Pelo consenso quase unânime de antigos e modernos, supõe-se que o amido tem a virtude de curar úlceras, deter corrimentos e moderar humores acres. Plinio o recomenda nos casos de vômitos de sangue e de dor na bexiga. Galeno o louva nas diarreias, inflamações da traqueia, lacrimejamento e, quando for necessário, para suavizar ou aliviar partes ulceradas. Vallésio, em sua "Da Filosofia Sagrada", expõe o caso de Eliseu, que, jogando farinha em uma panela onde haviam cozinhado colocíntida, diminuiu o amargor desta, preferindo-o a outros remédios para curar disenterias e atenuar amarguras; do mesmo parecer são todos aqueles que escreveram sobre o amido.

Esta opinião sempre me pareceu bastante provável, não somente porque o amido, áspero e absolutamente insípido, é um magnífico absorvente de matéria ácida e pode ser considerado muito adequado contra as mencionadas afecções, como também por estar convencido de que, durante a sua preparação, a acidez que havia nas sementes fermentadas desvanece-se no ar e, enquanto é posto a secar, raios do sol estival absorvem o humor que contém acidez; como disse Gorreo, "há de secá-lo um sol ardente para que não o azede alguma umidade que fique"; a observação de algumas mulheres me infundiu dúvidas sobre a natureza do amido, pela qual não se deve confiar muito na sua brancura. Como nestas regiões usa-se com frequência em quase todas as casas e, sobretudo, nas ordens religiosas para alvejar e encorporar as roupas e deixa mais elegantes algumas pregas, advertem as mulheres que se empregam nesse mister que, quando as túnicas permanecem por algum tempo engomadas, mancham logo e, para evitar isso, onde começaram a enegrecer, enxaguam-nas em água pura a fim de tirar-lhes o amido e conservá-las assim até que chegue o momento de entregá-las às lavadeiras.

Tal observação demonstra amplamente que o amido contém não pouca acidez, se bem que não se pode descobri-la facilmente pelo gosto; e se o amido, ao cabo de algum tempo, corrói as túnicas, os colarinhos e demais tecidos de linho, que confiança pode inspirar no tratamento de doenças do peito, irritações da garganta e disenteria, como quer Galeno, quando só requerem calmantes? Ainda que Plinio o recomende, como disse, para certas doenças, também ele tem receio de sua natureza: "O amido, escreve, enfraquece a vista e é inútil para a garganta, ao contrário do que se acredita". Merecem louvores as mulheres que o misturam à goma arábica com o propósito de impedir que corroa as roupas.

Acredita-se que há produtos de uso comum que, pouco a pouco, silenciosamente, causem danos, julgados inofensivos até que chegue o momento de mostrar sua oculta maldade. Assim, entre os alimentos, muitos são facilmente digeridos pelo estômago, mas deixam logo nocivos sucos nas veias, causadores de doenças e mortes, pelo que disse Avicena: "Aquele que digeriu maus alimentos não se engane; ao cabo de alguns dias, formam-se nele nocivos humores que acarretam amarguras e perturbações". A mesma coisa escreveu Galeno, ao examinar as qualidades alimentares: "Sem que nos demos conta, disse, junta-se, depois de muito tempo, o mau suco nas veias que ocasiona podridão e febres malignas".

# *XXIII*
# *Doenças dos peneiradores e medidores de cereais*

Todos os cereais, principalmente o trigo, depositados em fossas e em poços, como é hábito na Toscana, ou em celeiros e sob o teto das casas, conforme se faz nas regiões Cispadana e Transpadana, levam sempre misturado um sutilíssimo pó que não é somente o que provém da trilhadura, e sim outro, de pior espécie, desprendido dos próprios grãos quando ficaram muito tempo em depósito. Os grãos carregam grande quantidade de sal volátil e, se se guardam antes que o sol estival os tenha secado convenientemente, requentando-se em excesso, logo se abrem, deixando cair um pó e também pequenas partículas da casca que os reveste. Esse resíduo pulverizado se deposita nos grãos junto com a parte destruída proveniente do consumo que delas fazem as polias, os vermes, os gorgulhos e outras pestes do cereal, como também resultantes dos seus excrementos. Daí, todas as vezes que se precise medir ou peneirar trigo e outros cereais para a moenda e para distribuí-los aos mercadores de víveres que os carregam dali, os peneiradores e medidores se infeccionam tão gravemente com esse pó que, terminado o trabalho, protestam contra seu ofício, proferindo terríveis imprecações. Experimentam bastante ardor na garganta, nos pulmões e nos olhos; a garganta enche-se de polvilho e resseca-se; os condutores pulmonares incrustam-se de matéria farinácea e segue-se uma tosse seca e cruel; os olhos, por sua vez, avermelham-se e lacrimejam.

Os peneiradores e medidores que vivem dessa ocupação são todos fatigados, caquéticos e raramente chegam à velhice, contraem com facilidade uma espécie de asma e finalmente, hidropisia. A acridez do pó provoca, em todo o corpo, intenso prurido, como de vez em quando é observado com alimentos.

Admirado que de um grão tão benfazejo, como o trigo, emane tão nocivo pó, comecei a suspeitar que nele se ocultassem vermículos invisíveis aos sentidos e que adquirissem movimentos enquanto os grãos são peneirados e medidos, e, dispersando-se pelo ar, seja fácil aderirem à pele, provocando ardor em todo o corpo. O célebre Ant. Lenvenhoeck anuncia ter descoberto com seu microscópio pequeninos vermes no trigo e os chama, com propriedade, de "lobos"; pois pode acreditar-se que seja essa geração vermicular a que infecta tão seriamente os operários.

Não é menos digno de admiração o modo pelo qual o trigo, que permaneceu amontoado muito tempo em locais fechados ou subterrâneos, como na Toscana, desprenda tão prejudicial emanação; pode até matar os que pisem esses lugares para apanhá-lo, se antes não deixarem a porta aberta, permitindo que se exalem, pouco, os vapores maléficos. Por tal causa, opina Zacchia, os moradores podem proibir a construção de poços de trigo perto de suas casas e ordenar a destruição dos já existentes, e adverte que se velará melhor pela salubridade pública se constroem tais poços em locais afastados das residências. A república de Lucca tem o sábio costume de consentir que todos os anos, no mês de agosto, retire-se o trigo dos celeiros públicos e depois de peneirado se o exponha aos raios do sol, durante vários dias; depois o devolvem ao depósito, com o que preservam de deteriorações e bichos durante vários anos, pelo que todos se beneficiam.

Teofrasto verificou por que o trigo se pulveriza mais que os outros cereais e se conserva menos, atribuindo a causa ao reboco do celeiro feito com a cal e areia, pois afirma que "o trigo concentra muito calor, e que o pó aquecido e seco e o proveniente da cal fomentam o calor", motivo pelo qual apodrece e se desfaz em pó; tal opinião não é aprovada por J. C. Scaliger, no comentário seguinte: "É muito remoto que as coisas quentes e secas tendam a apodrecer, ao contrário, conservam-se melhor". Opina que se torna pulverulento por falta de ventilação, quando está amontoado, "pelo que não se areja e apodrece"; tal argumento não me satisfaz plenamente, porque a experiência tem demonstrado que o grão seco e bem cuidado nos celeiros conserva-se

por muito tempo, ainda que se acumule e nunca seja movimentado. É preferível imputar a abertura do trigo a sua menor duração comparada a dos outros cereais, à multidão de partículas voláteis que nele se acumulam até o inchar e à sua contextura mais frouxa.

Ocorre-me examinar inúmeros temas relativos a essa questão (e que me põem em dúvida), mas temo explanar-me demasiadamente, fazendo digressões. Merece, entretanto, verificar por que o joio, considerado parente bastardo do trigo, posto que o trigo degenera no começo das grandes chuvas primaveris, como temos comprado nestes últimos anos, por que, digo eu, o joio se conserva íntegro e são durante mais de vinte anos, e apenas chega o trigo ao quarto ano, vai-se reduzindo a pó? Acaso é o joio constituído de substância mais compacta e dura que o trigo, como se comprova claramente ao rompê-la ou machucá-la, e por cuja causa ofereçam também maior duração outros grãos, favos, caroços e ervilhas? Ou se afastam do joio polias e carunchos, por causa do amargo e ingrato alimento que os guarda?

Há anos, quando as searas dessas regiões sofreram doenças carbunculosas e foi necessário lavar apressadamente o trigo em grandes tinas, com água pura, e secá-lo ao sol, observei a nívea brancura do pão obtido do trigo limpo por essa forma; ainda que esteja são, julgo útil lavá-lo e secá-lo cuidadosamente antes de ser entregue à moenda. Os operários costumam tapar o nariz e a boca com uma venda para que o pó não os sufoque, lavar os olhos e a garganta com água fria, sacudir suas roupas, e, por mais que se precavenham, nunca o fizeram suficientemente.

Para eles seriam úteis os banhos, a fim de limparem as sujidades pulverulentas que se aderem à pele com o suor, mas caiu no desuso e no esquecimento esse hábito, de cujos grandes benefícios necessitam os míseros operários. Parece incrível que aqueles primeiros fundadores de cidades e criadores de leis tivessem construído, com tanta despesa, magníficas termas públicas, não somente em grandes cidades, mas até em praças fortes, para luxo e prazer de mulheres e homens ociosos que se "pavoneavam nos balneários", porém também para usufruto de trabalhadores e artífices que, por pouca moeda de cobre, podiam deixar na água do banho suas fadigas e sujidades, reconfortando o corpo esgotado pelo trabalho. Mas veio o mal para aqueles que infamaram coisa tão bela; perpetraram-se mil torpezas na promiscuidade dos banhos, e consta que foram proibidos pela piedade Cristã.

Convém aconselhar aos operários castigados pelos muitos males dos cereais que usem frequentemente tisanas e emulsões de sementes de melão, soro vacum e decocto de malva, diluindo-se, assim, a acrimônia do pó ulcerativo; quando padeçam de asma e outras afecções já mencionadas, apliquem-se os remédios que mais lhes convêm, se adoecerem por outra causa, tenham muita cautela, prestando grande atenção à parte mais comprometida para que todo o ímpeto da doença não se descarregue perigosamente nela.

## *XXIV*
## *Doenças dos lapidários, estatuários e britadores*

Tampouco se devem desprezar os distúrbios mórbidos que atacam os operários de pedreira, estatuários, britadores e os artesãos desse gênero. Enquanto retiram o mármore da rocha embaixo da terra, cortam-no e talham-no a escalpelo para esculpirem estátuas e outras obras, saltam ásperas lascas angulosas e cortantes que, penetrando nas vias respiratórias, obrigam-nos a tossir; contraem afecções asmáticas e ficam tísicos. Atinge-os um vapor metálico desprendido do mármore, do tufo e de outras pedras com manifesto prejuízo do nariz e do cérebro; assim, os trabalhadores que lavram pedra perto da Lídia, aspirando continuamente seu pesado odor, sentem dores de cabeça e de estômago e são levados a vomitar; nos cadáveres dissecados desses artífices, encontram-se os pulmões cheios de pequenos cálculos.

É bastante curioso o referido por Diemerbroeck a respeito de vários operários de pedreira mortos de asma; tendo dissecado seus corpos e encontrado nos pulmões areia amontoada, ao cortar com sua faca as vesículas pulmonares, sentiu que cortava também corpos arenosos; repete-se aí a manifestação do que viu em um mestre lapidário, que, enquanto talhava a pedra, notava levantar-se um pó tão fino que transpassava uma bexiga de boi pendurada na oficina e, ao cabo de um ano, havia um punhado daquele pó dentro da bexiga,

pó esse, conforme imaginava, que os incautos lapidários aspiravam, levando-os à morte paulatinamente.

Contam as histórias médicas que frequentemente se encontram pedras nos estômagos e nos intestinos desses artífices; não se lhes atribui outra origem que a da paulatina aglomeração de partículas pulverizadas que entram pela boca, na opinião de Olaf Borch "sobre a formação de pedras no microcosmo"; não se deve crer que os cálculos se formem sempre em nossos corpos por causas internas e sucos petríficos, pois, às vezes, esses males chegam de fora e atacam as vísceras sãs. Wedel observou um cálculo surgido por causa externa na empregada de certo caleiro, e disse ter descoberto esse cálculo nos pulmões, sendo formado de partículas de cal que penetraram, segundo crê, pela boca.

Os carniceiros encontram pedras frequentemente no ventre e nos intestinos dos bois, e afirma Aristóteles que nenhum animal, exceto o homem, sofre de cálculo, a não ser que Aristóteles só tenha mencionado cálculo renal. Também fala Scaliger de um cavalo que tinha duríssimos tofos, um dos quais ele conservava. De cálculos equinos, aos quais chamam "hipólitos", ou de suas virtudes, tratam numerosos autores, sem inspirar-me muita fé. Creio que não nos afastaremos da verdade, pensando que se formam cálculos nos ventres dos bois e cavalos, da poeira e das lascas aspiradas pelo focinho, quando no verão, com a língua de fora, passam os carros por caminhos empoeirados e cheios de cascalhos.

Remédios oportunos para tais artífices serão os purgativos e os vomitórios, para que expilam violentamente as pequenas partículas nocivas depositadas no estômago e nos intestinos, antes que se transformem em cálculos maiores, com a agregação de novas matérias; também cuidarão, tanto quanto possível, de não absorverem pela boca esses pequenos fragmentos.

# *XXV*
# *Doenças das lavadeiras*

Tive ocasião de examinar lavadeiras que padeciam de várias afecções contraídas em seu trabalho. Essas mulheres ficam caquéticas de passarem a vida em lugares úmidos, com as mãos e os pés molhados, e hidrópicas, como várias vezes observei; envelhecem no ofício, sofrendo geralmente de escassa menstruação, a que se segue uma Ilíada de males, o que não é de admirar. Se é comum fazer-se a advertência da maneira como se suspendem, repentinamente, as menstruações de muitas mulheres, porque nesses dias andam descalças ou lavam as pernas e os pés na água fria, muito mais devem estar prevenidas as lavadeiras, que ganham o sustento com seu ofício, pois vivem constantemente em atmosfera úmida e em banhos contínuos nos quais o corpo é imerso; obstruem-se os poros da pele, transpiram e eliminam escassamente o suor, e toda a massa do sangue fica cheia de sucos densos; daí provêm a caquexia e a supressão dos mênstruos, a que sucedem seus males.

De mais outros tormentos sucumbem as lavadeiras, quando respiram vapores fumegantes da lixívia, à qual se junta cal, em vez de cinzas, o que lhes dá dispneia. Na obra de Gregório Horstio, comentada por Bonnet, recorda-se a história de uma criada que, inclinando a cabeça sobre uma caldeira cheia de lixívia para limpar lençóis, aspirou a fumaça e se sentiu presa de uma forte angústia no peito,

que persistiu sete anos, morrendo, finalmente, sufocada. Aberto seu cadáver, achou-se o pulmão descorado e, nos brônquios, viam-se negras carnosidades que impediam a livre entrada do ar. As fumaças da lixívia que não podem deixar de respirar são capazes de alterar a estrutura natural dos pulmões, ressecando-os muito e incapacitando-os para o exercício de sua função.

A isto ajunte-se que, enquanto lavam lençóis e roupas internas muito sujos, de homens sarnentos ou portadores de lues gálicas, e de mulheres menstruadas, recebem pela boca e pelo nariz uma mistura de maléficas emanações que infeccionam o cérebro e os espíritos animais. Costumam padecer de fissuras das mãos devido à acrimônia da lixívia, que se agravam, às vezes, e se complicam também com inflamações, amiúde seguidas de febre.

A arte médica beneficiará essas mulheres que se dedicam à limpeza procurando saber como poderá protegê-las dos referidos ataques. Exorto-as a que, quando terminarem seu trabalho, mudem sua roupa molhada, pois, em geral, são negligentes a esse respeito, que façam fricções, que afastem, tanto quanto possível, o rosto da fumaça das lixívias ferventes, que untem suas mãos com unguento rosado ou com manteiga e que evitem sucos gordurosos e outros erros na comida. Quando devem guardar o leito por qualquer outra enfermidade, febre ou catarro, são muito eficazes os purgantes que destroem grosseiros humores; são convenientes os antimônios, e se a doença não se achar em um período agudo, tomar remédios que sirvam para desobstruir e que mantenham a temperatura normal, como os que se administram aos caquéticos.

# *XXVI*
# *Doenças dos cardadores de linho, cânhamo e seda*

A necessidade de roupas e de alimentos é quase a mesma, mostrando-se, claramente, desde os primórdios do mundo, quando nossos primeiros pais desejaram cobrir sua nudez, depois de haverem perdido o manto da graça. A mãe Natureza está bastante provida de recursos para proteger nossos corpos das agressões do ar, como lã, linho, cânhamo, algodão, assim como a seda, se bem que possamos abster-nos dela, porque foi criada mais para cobrir os corpos dos homens e das mulheres do que para abrigá-los. Conforme seja a matéria das várias indumentárias, dela geralmente resultarão perturbações que serão experimentadas por aqueles encarregados de sua preparação. É muito conhecida por sua nocividade a maceração outonal do cânhamo e do linho por causa de seu odor infecto e que ofende gravemente, percebido durante bastante tempo; é também prejudicial a cardagem para fiá-los, a fim de serem entregues aos tecelões que confeccionam os panos: desprende-se deles um pó espesso e danoso que penetra pela boca, vai à garganta e depois alcança os pulmões, obrigando os obreiros a tossirem continuadamente e levando-os, pouco a pouco, a contrair afecção asmática.

Desde as regiões da Gália, limítrofes da Itália, ao começar o inverno, os cardadores em bandos se apresentam e depois se dispersam por toda a região Cispadana e Transpadana, onde nossos artesãos,

não suficientemente adestrados na arte de cardar cânhamo, estão pálidos, tossindo, asmáticos e piando; porque exercem seu ofício em lugares fechados, devido à inclemência do inverno, época durante a qual encontram mais ocupação, não podem deixar de receber no rosto partículas daninhas, ao cardarem o cânhamo, surgindo assim graves doenças provenientes do meio poluído pelo ataque aos órgãos da respiração. O cânhamo e o linho são macerados em águas estagnadas e pútridas e, enquanto estão submersos, cobrem-se com lama para ativar-se a maceração, e as partículas que os cardadores aspiram são fortemente virulentas e hostis à natureza humana. Diz-se que é pior cardar o linho que o cânhamo, certamente por ser mais sutil o pó, penetrando mais facilmente nos órgãos respiratórios e os irritando mais quando o elemento pernicioso é expelido.

Também se sentem muito mal aqueles que cardam fios de seda provenientes dos resíduos das fábricas e que com eles confeccionam um tipo de tecido de preço menor ao da seda pura, para diversos usos da gente urbana. Enquanto os casulos dos bichos-da-seda, macerados em água quente pelas mulheres (somente a elas se encomendam essas tarefas, pois parece que a Natureza criou a seda só para elas), são desenvolvidos e transformados em tenuíssimos filamentos por essas artífices, ficam desse labor fibras mais grossas às quais se misturam restos de bichos mortos. Destes se forma espécies de bolas que se secam ao sol e são depois entregues a operários especializados que preparam os fios, com pentes finíssimos. Ao pentearem esses ovinhos, os obreiros são atacados de tosse cruel e grande dificuldade respiratória, pelo que são poucos os que envelhecem nesse ofício; porém toda virulência na elaboração do referido material provém das partículas cadavéricas dos bichos misturadas com os pequenos ovos. Observação digna de nota é a de que os excrementos desses pequeninos insetos, quando eles vivem e se nutrem de folhas de amoreira, lançados aos montes e depositados em um certo lugar, ao apodrecerem exalam um cheiro tão forte que infecta tudo ao redor; algumas cidades proíbem, por édito, que se joguem tais resíduos à via pública, devendo ser lançados fora dos muros da cidade.

Tem, pois, este inseto, assim como muitos da mesma espécie, como os saltões e as lagartas, que à semelhança do bicho-da-seda, devorariam bosques inteiros, ocultando-se nos casulos uma não sei que acrimônia maligna e corrosiva nociva aos pulmões. Conheci em nossa cidade uma família inteira que teve dessa arte resultados notáveis,

porém todos acabaram na miséria, sucumbidos pela tísica, tendo os médicos atribuído a culpa da calamidade à sua arte.

Deve recomendar-se a esses obreiros, sobretudo, uma dieta láctea, porque nada existe mais eficaz para o combate dessa acrimônia corrosiva e ulcerativa. Convêm ainda cozimentos de malva, de violetas e decocto de chicória ou sucos depurados das mesmas plantas, e que ganhem a vida de outra maneira, pois é péssimo o ganho que arruína algo tão valioso como a saúde.

# *XXVII*
# *Doenças dos banhistas*

Entre os edifícios públicos que se destacavam pelo seu luxo na cidade Romana, as termas públicas ostentavam maior magnificência, ainda hoje nos sendo permitido apreciar essa magnitude, nas ruínas que se conservam, como cadáveres semisepultos. Não somente em Roma, como em outras cidades, nas mansões particulares e até em casas de campo, viam-se balneários construídos com muito dispêndio, pelo que Sêneca, severíssimo censor de costumes, criticou esse luxo dos cidadãos de Roma, escrevendo: "pobre e miserável se consideraria aquele que não visse brilharem paredes com grandes e vistosos espelhos, se os mármores de Alexandria não se destacassem no revestimento, provenientes da Numídia, se o vidro não cobrisse os abobadados tetos, se a água não se derramasse por torneiras de prata".

Já se perdeu o hábito das termas e até ignoraríamos que os médicos empregavam os banhos, assim como o nome daqueles estabelecimentos, sua estrutura e outras coisas dignas de serem conhecidas, caso N. Baccius, em seu louvadíssimo trabalho "Das Termas", Mercurial, em seu "Ginástica", e o nosso Sigônio, no "Direito da Antiga Roma", não tivessem relatado a história das termas, retirando-as das trevas.

Pelos imperadores, foram construídos os balneários a fim de agradarem ao povo, de modo que qualquer bairro da cidade tinha

suas termas públicas, onde, com pouco dinheiro, homens e mulheres podiam dar-se ao gosto de ir todos os dias banharem-se, custando um "quadrante lavari", enquanto os meninos banhavam-se gratuitamente, segundo Juvenal; e disse o mesmo autor satírico:

*"Só as crianças creem que ainda não se banham por dinheiro."*

Havia, entretanto, grande número de servos e servas que noite e dia, sem interrupção, ficavam de serviço junto das termas, e que eram chamados de "banhistas" ou de "aguadeiros".

Essa multidão de operários aquáticos passava a vida atendendo aos que se banhavam nas úmidas câmaras abobadadas, quer nas estufas, quer nas águas tépidas ou nas frias, lavando o suor e o sujo dos corpos e cobrindo-os com unguentos perfumados e até se depilando; é natural que esses "aquários" tivessem propensão para diversas doenças, como: caquexia, tumores nas pernas, chagas, inflamações e anasarca. Um poema de Lucílio enumera os cuidados prodigalizados por eles:

*"Me raspam, sacodem, desbastam, alisam,*
*embelezam, depilam e pintam."*

Ainda que esses banhos tenham caído em desuso, seja porque agora se praticam os exercícios ginásticos, seja porque aquela multidão de banhistas, como querem alguns, não vestisse roupa interna de linho e somente de lã, sendo necessário, portanto, lavar-se com frequência para limpar as sujidades, todavia ainda se encontram nesta cidade e em outras cidades populosas vestígios de balneários antigos para uso dos enfermos, se bem que ninguém aflua, no verão, aos de água doce para aformosear-se e fazer limpeza.

Em nossa época, os que sofrem de afecções cutâneas, como sarna, tinha e mal gálico, vão a banhos e a estufas, onde os banhistas os asseiam devidamente com água tépida e amiúde aplicam ventosas escarificadas com que retiram abundante sangue, despachando-os depois para seus domicílios, lavados, friccionados e, geralmente, sarjados, fazendo tudo, frequentemente, sem prévia consulta médica, isto é, quando lhes parece conveniente. Já me aconteceu ver, quase exangues, doentes que, por sua própria deliberação, fizeram tais tratamentos, correndo sério perigo por causa da grande quantidade de

sangue extraído com ventosas, que chegava a três ou quatro libras. Opinam alguns que o sangue cutâneo é de qualidade muito inferior ao extraído das veias mais calibrosas, como se o sangue que tiram pelas ventosas não fosse mais brilhante (só se cortam então capilares arteriais) que o sangue de uma veia cortada, que sempre parece mais escuro. Os banhistas, entregues a seu ofício, como pude observar, são pálidos, amarelados, caquéticos, inchados e, ainda, portadores de doenças que procuram curar nos outros.

É enfadonho repetir as indicações sobre como curar a caquexia e as doenças semelhantes, pelo que apontarei apenas, por considerar que cumpro o meu propósito, os males que costumam atacar mais aos operários do que normalmente.

Não é meu objetivo converter este meu opúsculo em tratado completo das doenças, nem anotar uma lista completa dos tratamentos, com grande quantidade de fórmulas, senão sugerir aos professores de clínica alguns conselhos para curar, com mais êxito, os artífices.

# *XXVIII*
# *Doenças dos salineiros*

Plínio escreveu, com saber e elegância, que nada é mais útil do que o sol e o sal; pode-se ajuntar que nada é mais necessário. Prevendo a Natureza, ou seja, o Divino Artífice, esta necessidade de sal para uso humano, criou, desde o começo do mundo, um mar carregado de sal, e que, por canais subterrâneos, corressem mananciais e fontes de água salgada. Acha-se, portanto, sal fóssil e natural que se vai juntando espontaneamente à medida que a água salgada flui para diversos lugares; a não ser que pensemos que Deus, na própria criação do mundo, formou montes de sal. O sal artificial empregado mais comumente se obtém da água marinha, levada do alvoroçado mar para bacias e áreas delimitadas, onde o sol ardente a seca, no verão, ficando no fundo os grandes sedimentos de sal.

Para estas regiões, como para quase toda a Itália, vem grande quantidade de sal artificial da cidade da Cérvia, situada nas margens do Adriático, outrora sob a jurisdição imediata da Igreja de Ravena. Desejava viajar para essa cidade, porém minhas ocupações não o permitiram. Tratei, entretanto, de inteirar-me por cartas daquilo que precisava saber por intermédio do Dr. José Lanzônio, de Ferrara, esclarecido professor de Medicina, que generosamente a isto se prestou. Suas cartas não chegaram a tempo de poder incluir os salineiros no capítulo destinado aos que trabalham com minerais. Pude, portanto,

saber pelas cartas desse médico, que exerceu sua profissão na própria cidade de Cérvia, que na referida cidade e nas suas salinas o ar se acha saturado de vapores tão corrosivos que atacam o ferro, o qual se torna mole como cera e depois reduz-se a pó. Quase todos os operários são caquéticos, hidrópicos e padecem de pútridas chagas nas pernas. Comem e bebem em demasia, sem nunca se saciarem; por isso eles morrem repentinamente.

Existem vários modos de curá-los no próprio local, e para isso foram a diversos médicos que quase não empregaram remédios, pelo menos nos casos agudos que sempre se acompanham de sudorese devido à abundância de sal, verdadeiros montes de sal, que causaram admiração a F. Leandro Alberto, segundo diz em sua descrição da cidade. É crível que se levante grande quantidade de vapores salinos, chegando até a saturação do ar, com sua acidez corrosiva que ataca o ferro e acidifica consideravelmente a constituição sanguínea dos operários, a qual deveria ser doce e benigna; por conseguinte, originam caquexias, hidropisias e úlceras nas pernas, cuja natureza é fomentada pelo abundante ácido.

A causa de tanto apetite que chega à voracidade, pois têm fome canina, é, com razão, relacionada com o mesmo espírito ácido do sal que fortifica o fermento estomacal. A fome canina que o vinho atenua, escreveu Hipócrates no seu "Aforismos", resulta da acidez anormal localizada no estômago; conheciam-na, também, os antigos que prescreviam vinhos fortes e purgantes contra ela, assim como alimentos gordurosos e todos os que se preparam com muito azeite, como aqueles a que se referiu Galeno quando comentou as sentenças de Hipócrates, sendo aptos para moderar e suavizar o fermento ácido do estômago, do mesmo modo que, pelo espírito de vinho, suavizam-se os espíritos ácidos. A ânsia de beber pode também relacionar-se com as emanações salinas ou com as impurezas serosas que neles se acumulam e são levados à hidropisia, pois sabemos que a sede constante acompanha os hidrópicos.

Não me foi possível comprovar se tais afecções tão graves provêm unicamente do espírito de sal que os operários absorvem juntamente com o ar inspirado, ou de outras causas, como do ar pouco salubre de péssima fama, como é o ar dessa cidade. Das informações recebidas, depreende-se que, por terem abandonado a Cérvia quase todos os seus habitantes, os Sumos Pontífices tiveram o privilégio de concederem seguro asilo aos desterrados e aos que foram perseguidos

por causa de dívidas, ali se refugiando, embora se vejam forçados a pagar seu débito à Natureza. Em muitos outros lugares onde se faz sal, os salineiros não sofrem tão graves danos, por isso não se pode culpar exclusivamente a exalação do espírito ácido. A cidade de Veneza, rainha do Adriático, está povoadíssima, e, ainda que a envolvam emanações marinhas, desfruta, não obstante, um clima bastante salubre, como se lê na obra do Dr. Ludovico Testi, célebre professor de Medicina em Veneza. No campo Placentino existem poços de água salgada da qual, coada, extrai-se o sal, que, com certa quantidade de sangue de boi, fica granulado, tendo eu sido informado de que os numerosos operários de cuja fábrica de sal é mantida com os grandes recursos da Câmara Ducal não adoecem tão gravemente.

Conclui-se, pois, com bastante probabilidade, que seja realmente muito perigosa a fabricação de sal para que provoque tão graves acidentes nos operários, não só pela matéria manipulada, mas também pelo esforço que requer. Os malefícios causados podem ser lidos em Jorge Agrícola, que se dedica muito a esse assunto e descreve não somente os diversos artifícios para cozinhar a água salgada, para conduzi-la e juntá-la nas quadras, como também trata dos que ali trabalham, dizendo que eles andam quase nus por causa do calor excessivo, tão somente cobrem suas cabeças com chapéus de palha e as partes pudendas com tangas. Sofrem a quentura do fogo e dos calores estivais e outros incômodos.

Não negarei, pois, que esses obreiros se enfermem por causa do seu ofício; observo nos compartimentos para onde levam e depositam o sal da Cérvia, para distribuí-lo depois por toda a região do Este, que as paredes se encontram meio carcomidas, fendidos os ladrilhos, coisa que se deve atribuir ao espírito de sal marinho que ataca principalmente o álcali da cal e o satura, como acontece com a fabricação do sal placentino quando, ao juntar-se sangue ou fel de boi, o sal ataca o álcali do sangue e se produz a granulação. Cabe também aqui observar que os vendedores de sal nas tabernas públicas andam anêmicos e têm uma saúde precária.

Deve declarar-se que é miserável a condição dos artífices, pois geralmente o sal, pelo menos na Itália, nas praias, onde se acham fossas e tanques, corrompe o ar, e não é tão fácil encontrar médicos que queiram exercer sua profissão em tais lugares, pelo que os infelizes salineiros morrem, com frequência, privados de remédios, ou se consomem lentamente. É razoável que os médicos que ali vão se mostrem

precavidos ao atenderem aos operários e ao prescreverem sangrias; com sangue alterado pelas emanações salgadas e com tendência a se decompor, fácil é que, cortada a veia, desprendam-se exalações e piorem as doenças. São mais apropriados os purgantes mais fortes para eliminarem-se as impurezas serosas. O álcali, para o qual são poderosos quase todos os purgativos, atenua a diátese ácida dos humores. Serão úteis os vinhos fortes, perfumados e tudo que absorve o sal volátil, fumo mascado, decocto de folhas de fumo e quantas coisas consigam mitigar a acidez do sangue. O modo de adoçar comumente o espírito de sal, mediante o uso de espírito de vinho retificado, poderia servir de regra, como a de Policeto, para saber que espécie de remédio se empregou na cura desses artesãos.

# *XXIX*
# *Doenças dos que trabalham em pé*

Até agora falei daqueles artífices que contraem doenças em virtude da nocividade da matéria manipulada; agrada-me aqui tratar de outros operários que, por outras causas, como sejam, a posição dos membros, dos movimentos corporais inadequados, enquanto trabalham, apresentam distúrbios mórbidos, tais como os operários que passam o dia de pé, sentados, inclinados, encurvados, correndo, andando a cavalo ou fatigando o seu corpo por qualquer outra forma.

Em primeiro lugar, aparecerão em cena os que têm de permanecer parados, isto é, os carpinteiros, os podadores e cortadores, os escultores, os ferreiros, os pedreiros e muitos outros que deixo de mencionar agora para não estender demasiadamente essa nomenclatura. Nas artes que têm de ficar de pé, os operários estão propensos, sobretudo, às varizes. Pelo movimento tônico dos músculos, é retardado o curso, quer fluente, quer refluente, do sangue que então se estanca nas veias e válvulas das pernas, produzindo aquelas tumerações chamadas varizes. A importância da distensão dos músculos para demorar o movimento natural do sangue pode experimentar qualquer pessoa, em si mesma, ao constatar quão lento fica seu próprio pulso, se é tomado com o braço distendido. A distensão das fibras musculares das pernas e das costas comprime as artérias dirigidas para baixo, as quais, restringindo seu canal, não impelem o sangue com o

ímpeto habitual nos que caminham e alternam, portanto, a atividade dos músculos. O sangue que volta das artérias às veias não obtém da ação arterial a força necessária para subir perpendicularmente, e, privado do seu impulso, demora-se e produz as varizes das pernas. Assim disse Juvenal do arúspice, pois essa classe de homens tinha o costume de permanecer muito tempo de pé, examinando as entranhas das vítimas:

*"O arúspice volverá varicoso."*

Um dos exercícios militares característicos do exército romano consistia em permanecer muito tempo de pé, com tal firmeza que mal se pudesse mover, disse o doutíssimo Mercurial em seu livro "Ginástica", e supõe, com bastante probabilidade, que C. Mário ficara varicoso por permanecer sempre de pé durante suas atuações militares, como convinha a um poderoso chefe. Vespasiano, informa Suctônio, dizia que um imperador devia morrer de pé. Por isso, C. Mário, habituado à referida posição, enquanto se sentava com uma perna, sofreu a ruptura de varizes. Também o Príncipe dos Poetas mostra Enéas de pé, quando o médico Japis se esforça para retirar-lhe uma flecha encravada.

*"Estava parado Enéas, e, com bramido acerbo, se apoiava em sua gigantesca lança."*

Digno de admiração é o que A. Gélio conta de Sócrates: "que costumava estar parado, trabalhando dia e noite, tenazmente, desde que amanhecia até que voltava o sol a cair, sem fechar os olhos, sem se mover do lugar, com o rosto e o olhar dirigidos para o mesmo ponto, meditabundo, como se a alma e a mente se tivessem separado do corpo".

As profissões que obrigam a permanência de pé também podem ocasionar úlceras nas pernas, fraqueza nas articulações, perturbações dos rins e urina sanguinolenta. Observei que vários servos das cortes principescas (e nobres da Corte do Rei da Espanha, onde não se usam assentos) se queixavam de dores nos rins, eles mesmos achando não ser outra a causa que o contínuo trabalho de pé, não a atribuindo à doença. Para manter o corpo ereto necessariamente devem estar em tensão as fibras dos músculos lombares, condição que compromete os

rins, não seguindo o sangue seu curso natural tão livremente, nem dele se separa o soro, do que derivam os distúrbios mencionados.

Também o debilitamento do estômago está na dependência da posição de pé; nos eretos e parados, o estômago fica suspenso, o que não se verifica nos sentados que dobram o corpo e fazem descansar o estômago sobre os intestinos; por isso, todas as vezes que sentimos algum mal-estar no estômago, inclinamos o corpo para a frente e contraímos as pernas e os joelhos. O doutíssimo Bacon informou que os condenados a remar, ainda que expostos a fadigas, são bastante robustos e têm bom aspecto porque remam sentados e exercitam mais os membros que o abdômen e o estômago, e que se dá a mesma coisa com os tecelões que movimentam ao mesmo tempo as mãos e os pés; engordam mais e adquirem melhor compleição quando as partes externas se movimentam e as internas descansam, pois, estando de pé ou caminhando, cansam-se mais facilmente.

Merece ser examinado por que o posicionamento de pé provoca tanta lassidão, ainda que não dure muito em comparação com a marcha e até com prolongadas carreiras; geralmente, acredita-se que é devido ao movimento tônico de todos os músculos antagônicos de extensão e de flexão, em esforço contínuo, para que o homem se mantenha erguido; porém Borel não aceita essa opinião, demonstrando que a manutenção do braço em linha reta se faz sem a intervenção dos músculos flexores e, unicamente, pela ação dos extensores. A verdadeira razão pela qual se produz tanta lassidão naquele caso, o engenhoso escritor a deduz da atividade constante dos próprios músculos; a natureza os sustém se se compraz de movimentos alternos e interpolados, por isso não fatiga tanto o caminhar, e os que estão parados descansam melhor apoiando-se em um e outro pé; esta característica da natureza se observa nos irracionais como nos galos, quando se sustentam em uma perna e deixam a outra dobrada; nos quadrúpedes, como nos asnos, quando estão parados, que também se apoiam alternadamente em cada uma das patas traseiras.

Essa alternância é agradável não só nos movimentos do corpo como também em todas as funções naturais. Adquirimos moléstia ao contemplarmos com olhar fixo um objeto, ao percebermos o mesmo som com os ouvidos, ao sermos servidos nos banquetes com os mesmos manjares, ao sentirmos sempre igual odor nas narinas; para a natureza são agradáveis as alternativas e as mudanças. Assim, os

Hebreus, alimentados de maná celeste no deserto, invocavam os alhos e as cebolas do Egito, e conforme disse Horácio:

*"Zombam dos que tocam sempre na mesma corda."*

É necessário, pois, aconselhar, na oportunidade, os que se dedicam a ofícios pedestres, a que, tanto quanto possível, interrompam a posição contínua, seja se sentando, de quando em quando, seja caminhando ou movimentando o corpo de qualquer forma. Serão saudáveis para eles todas as medidas que previnam a fadiga e restituam o tônus ao organismo, como fricções úmidas, fomentações e banhos. Para a cura de varizes, úlceras, distúrbios renais e hérnias, consultem-se autores práticos que tenham escrito sobre o assunto. Não vem ao caso aqui me ocupar de tratamentos de enfermidade, e sim indicar aos professores habituados na clínica as afecções a que estão sujeitos os artífices.

# *XXX*
# *Doenças dos operários sedentários*

Aqueles que levam uma vida sedentária e são chamados, por isso, "artesãos de cadeira", como os sapateiros e os alfaiates, sofrem de doenças especiais. Chamam-se sapateiros propriamente os que cosem sapatos, tendo havido um que a sorte favoreceu com tanta riqueza que brindou seu povo com jogos, isto é, espetáculos de gladiadores, e a musa jocosa de Marcial assim o retratou:

*"Quebra os frágeis flautins e rasga libretos, oh! Talia,*
*se isto pode dar um calçado ao sapateiro."*

Alfaiates são os que cosem roupas, e é uma outra classe de trabalhadores, como todas as demais que trabalham sentadas, homens e mulheres, por causa de sua atividade sedentária e da flexão do corpo enquanto estão na oficina, todos os dias debruçados sobre o trabalho, que se tornam encurvados e corcundas. Inclinam a cabeça sobre o peito, parecendo que andam à procura de alguma coisa. Mais que gibosos, de perfil parecem macacos; como nos macacos, suas vértebras dorsais igualmente se tornam salientes; somente se dobrando podem realizar suas tarefas e forçam os ligamentos das vértebras, pelo que estas se separam, formando-se certa calosidade que as impedem de tomar sua posição normal. Wedel observou essa característica simies-

ca num sapateiro já ancião que, não tendo cuidado desse mal na juventude, ficou incurável.

Ao coserem, os alfaiates necessitam amiúde cruzar uma perna dobrada sobre a coxa, pelo que sentem amortecimentos nas pernas, claudicação e ciática; disse Plauto:

*"Vela todas as noites e também durante o dia, o sapateiro quase coxo, em sua casa sempre sentado."*

Às vezes causa riso ver as associações de sapateiros e alfaiates quando caminham em filas duplas, através da cidade em seus dias festivos, ou acompanhando os restos mortais de um companheiro falecido. Causa riso, digo, essa calma gibosa e encurvada, inclinando-se para um lado e para o outro, como se todos fossem escolhidos para representar seu papel num espetáculo.

Os artífices sedentários estão frequentemente sarnentos, pálidos e de mau aspecto, principalmente os alfaiates e as mulheres que trabalham com agulha, dia e noite, em seu domicílio, para ganharem seu sustento, males estes próprios dos que não fazem exercícios, pois o sangue fica viciado e, se o corpo não se movimenta, as excreções depositam-se na pele e empestam toda a superfície corporal. Têm eles o ventre caído, ao contrário daqueles que movem o corpo, cuja matéria fecal é pouca, dura e amarela, como ensinou Hipócrates. Lemos também em Hipócrates a história do sapateiro Cleótimo, "que teve uma prolongada diarreia e febre, por causa de um tumor tuberculoso do fígado que desceu ao baixo ventre e foi a causa da diarreia". E descreve outro caso de um que dormia na sapataria, de cujo nariz saía sangue.

Esses artífices costumam padecer do destempero e da superabundância de sucos, viciados pela vida sedentária que levam, especialmente os sapateiros. Não tanto os outros que trabalham também sentados, como os oleiros, que mantêm os braços em atividade, os pés e todo o corpo, sendo mais sadios porque, com tais movimentos, dissipam-se as impurezas do sangue. Os operários sedentários, porém, sofrem todos de dores lombares. Conhecido é o que diz Plauto: "doem os rins de estar sentados e os olhos de olhar".

Não compreendo como se possam prescrever medidas preventivas, enquanto se mantém a causa ocasional e os impõem a necessidade de ganhar o pão de cada dia, para si e suas famílias. A prescrição de purgante na primavera e no outono os favorece, a fim de

que não se acumulem os espessos humores e não adoeçam frequentemente. Deve-se aconselhar que nos dias festivos exercitem o corpo e compensem, de algum modo, com o proveito de um desses dias, o dano de vários outros de vida sedentária.

Quando guardam o leito por aquelas e outras perturbações, devem provocar a evacuação dos humores e cuidar atentamente das partes que mais trabalham no desempenho do seu ofício, pois nelas é mais fácil a metástase. É conveniente recordar um exemplo de Hipócrates, de dois operários manuais: um deles torcia varas. Atacados ambos de tosse, "cessaram de tossir quando foram paralisadas as mãos"; acrescente-se que "os que viajam a cavalo sofrem de paralisia nos lombos e nas coxas"; tão facilitado está o caminho para que os humores confluam para essas partes do corpo que, exercitadas demasiadamente, perderam força e firmeza.

## *XXXI*
## *Doenças dos judeus*

Não se encontrará entre os homens uma nação comparável à dos judeus, que, não possuindo seu próprio país, sua gente está em todas as partes do mundo, sendo ao mesmo tempo trabalhadora e ociosa. Não ara nem semeia o campo, porém o mede. As doenças que sofrem não provêm da condição racial, como se crê vulgarmente, mas da sua alimentação e das artes que praticam. O mau cheiro é erroneamente atribuído como sendo inato e endêmico. Aquele cheiro que se sente na plebe tem origem nas casas pequenas e na promiscuidade; quando os judeus viviam em Jerusalém, onde há aromas agradáveis, estavam limpos e não cheiravam mal.

Quase todos os judeus e os de condição inferior principalmente, que constituíam o maior número, exerciam profissões sedentárias e pedestres. Dedicavam-se a remendar sapatos e roupas velhas, viviam de costurar, sobretudo as mulheres casadas; não fiam, nem cardam, nem tecem, sendo a costura a única arte de Minerva que conhecem. Nesta arte são destacados e excelentes, arranjando roupas de lã, seda ou de qualquer outro material, sem que fique vestígio algum da costura; em Roma chamam a isto *rinacchiare*. Enganam o povo incauto vendendo-lhe objetos usados, porém com defeitos habilmente concertados, e ganham seu sustento retocando objetos.

Tal trabalho exige muita tensão dos olhos, pois as mulheres hebreias, atarefadas o dia inteiro e parte da noite ao lado de uma fraca luz de candeia, parca iluminação, como de lâmpadas funerárias, não só suportam as incomodidades da vida sedentária, como também, com o correr do tempo, enfraquecem a vista e ficam míopes aos quarenta anos. Acontece isso porque, em quase todas as cidades, os judeus vivem mal, apertados em estreitas ruelas; suas mulheres sentam-se junto a janelas abertas em qualquer época do ano para receber um pouco de claridade, enquanto trabalham, sendo logo acometidas de diversas doenças: cefalgias, dores de ouvido e dentes, defluxos, remelas, rouquidão, e muitas dessas mulheres da baixa plebe são surdas e remelentas, como já se diz dos remendões.

Os homens sentados durante todo o dia, em suas tabernas, repassando roupas, ou parados, esperando a quem vender os vestuários vetustos, são quase sempre caquéticos, melancólicos, mal-humorados, sarnentos; entre os hebreus menos pobres há um pequeno número que não sente pruridos e comichões, sendo tal sua fedentina que se admite, equivocadamente, seja própria da raça, endêmica, hereditária, como foi outrora, segundo dizem, para eles a elefantíase.

Além da profissão de remendar, têm, pelo menos na Itália, a de arranjar os colchões de lã, a qual se endurece, amassada pelo contínuo deitar durante anos; estendem os colchões sobre grades de vime, sacodem-nos e os batem com varas, e assim amolecem e se tornam mais agradáveis para o descanso. Ganham bastante com esse trabalho, percorrendo as casas das cidades; ao cardarem e baterem a lã velha, suja e urinada muitas vezes, aspiram sujeiras pulverulentas provocadoras de graves danos, como tosse violenta, dispneia e distúrbios estomacais. Conheço muitos deles, castigados por esse trabalho, ao qual se atribuem tísicas incuráveis, que imputam sua arte como causadora de sua desdita. Na minha opinião não é tão perniciosa a poeira por porvir de lã velha, e sim por causa das impurezas que se misturam com a lã. Temos o hábito, quando morre alguma pessoa da família, e fazem-se as exéquias, de entregar às lavadeiras os lençóis, as camisas e demais indumentárias usadas pelo doente a fim de lavá-las e limpá-las; a um judeu entregam-se os colchões de lã para batê-los ao sol, asseando-os. Eles, assim como os empregados nos serviços fúnebres, não podem deixar de receber elementos mortíferos e contrair nesse tempo alguma perturbação nos pulmões.

Com as roupas velhas de linho e de cânhamo arruinadas pelo uso prolongado, amolecidas depois em água, poídas e machucadas, fabricam papel para escrever, como sabemos, por meio de um engenhoso e admirável artifício que os antigos não conheciam. Estes empregavam tabuinhas enceradas, pergaminho ou papiro trazido do Egito. Esta gente, ansiosa por lucro, sabe juntar objetos de todo o mundo (já disse Juvenal que isso faziam em sua época), gritando pregões de rua em rua para conseguir recolher e comprar rebotalhos a preço vi para revendê-los oportunamente, em grande quantidade, aos fabricantes de papel. Voltam os judeus a suas casas carregados com embrulhos de mercadoria e ali separam cuidadosamente, do montão de resíduos, trapos de lã e seda que não se utilizam na fabricação do papel (embora se exiba no Museu Septalino um papel chinês de seda), acumulando depois nas suas tabernas os sórdidos despojos. Surpreendente e incrível exalação desprende-se todas as vezes que movem esse lixo e, com essa mercadoria sórdida, enchem enormes sacos para levá-los às manufaturas de papel.

Suas atividades os tornam tossidores, ofegantes, vertiginosos e nauseabundos. Não se pode imaginar coisa mais suja e abominável que esse monte de imundícies reunidas, provenientes de homens, mulheres e cadáveres, pois penoso e horrível é esse espetáculo de contemplar carros carregados de restos da pobreza e da miséria humanas.

Vamos ver, pois, a maneira de socorrer essa gente, para que não a prejudique tanto o exercício de sua profissão. Da minha parte considero e recomendo especialmente a ginástica corporal como a medida mais saudável para homens e mulheres ocupados em trabalhos de costura, nada sendo mais adequado para eliminar obstruções, aumentar o calor natural, favorecer uma boa digestão, promover a transpiração e fazer desaparecer a sarna. Aquelas mulheres que se entregam à costura, roubem algumas horas para recrearem o corpo em benefício da saúde, afastem as mãos e os olhos da mesa, como se costuma dizer, para não perderem a vista e serem obrigadas a levar uma existência inerte e desditosa. Serão úteis frequentes purgações, porém brandas, como as do lenitivo eletuário, pílulas de aloés, ruibarbo e outras substâncias semelhantes, a fim de que não se forme um grande acúmulo de humores; não é tão saudável a sangria, como um purgante; suas forças dissolvem facilmente em razão de ser um sangue fraco e sem energia para os espíritos, à parte a ideia fixa (que na realidade não é errada) cravada profundamente em algumas men-

tes de que a sangria é sumamente perniciosa para a debilidade visual aceitar sem dificuldade cautérios nos braços e nas coxas que darão bom resultado, pois que a natureza tem por onde eliminar, pouco a pouco, as impurezas.

Aos que recolhem roupas usadas e limpam colchões, prescrever-se-ão remédios mais poderosos que façam sair por baixo ou por cima, por ser mais rápido, as partículas absorvidas. Serão muito úteis os antimônios e medicamentos para os olhos para combaterem a virulência; os vinagres triacais e a própria triaga e coisas similares; lavem, de quando em quando, a boca com oxicrato e cubram o rosto e o nariz para que as partículas aéreas não cheguem tão facilmente ao interior do corpo.

## *XXXII*
## *Doenças dos corredores*

Em época remota, quando se cultivava a "arte da ginástica", contava-se também a corrida entre os outros exercícios, tanto nos certames ginásticos, como nos bélicos; praticam-na nos ginásios públicos os jovens livres e também os escravos, instruídos por seus mestres, que corriam para ganhar coroas no estádio quando se realizavam jogos ou outros espetáculos públicos. Voltavam, assim, mais aptos para a luta e, como dizia Vegetio "para precipitar-se com grande ímpeto sobre os inimigos, ocupar com maior rapidez pontos estratégicos, avantajando-se aqueles que já tivessem tentado fazê-lo, e alcançar facilmente os fugitivos com a espada". Os turcos põem em prática esse tipo de exercício com igual finalidade, para que a milícia se habitue a marchar celeremente, com louvável disciplina.

Platão queria também que as mulheres se adestrassem na corrida e prestassem ajuda ao serviço militar, na defesa dos lares pátrios. Disse Suetônio que, além dos príncipes e imperadores, os nobres romanos tinham corredores, aos quais chamavam "moços de pé". Em nosso dias perdeu-se tal uso; só alguns príncipes e aristocratas possuem escravos denominados *Lacchè* cujo emprego é preceder, correndo velozmente, a carruagem ou coche, às vezes levar cartas e voltar correndo com a resposta para o amo.

Esses homens são afligidos por várias perturbações mórbidas. Tornam-se quase sempre herniados e asmáticos, infortúnios que se observam igualmente nos que montam a cavalo; também sofrem hemoptises. Lamenta o escravo Acântio, em uma das obras de Plauto, que sua prolongada corrida o tenha deixado desfeito, respirando com dificuldade, queixando-se do patrão:

*"Por tua culpa rompi a hérnia e já escarro sangue."*

Ao qual o patrão Cremo responde:

*"Engole resina de mel Egípcio e te curarás."*

Antigamente recomendavam resinas para as doenças do peito. Os corredores se tornam macilentos, delgados como juncos ou cães de montaria, eliminam com o suor as partes mais espirituosas do sangue e, ao mesmo tempo, pela linfa nutritiva; costumam afligi-los doenças da cabeça, pelo que perguntava Aristóteles se o movimento fazia baixar as matérias fecais, porque o correr apressado causava essas doenças da cabeça. A verdadeira causa (e passo por cima do que disseram Septálio, Guastavino e outros expositores) é que na carreira veloz as vesículas pulmonares se dilatam demasiadamente, impedindo o retorno do sangue pela veia cava para o coração, e não corre este tão livremente nos vasos pneumônicos, acontece que se retém na cabeça e provoca graves doenças; mas isso não ocorre durante o andar moderado, mais apto para empurrar os humores para baixo.

Assim os corredores incidem em agudas e graves doenças do peito, como pleurites e peripneumônios; expostos a ventos e chuvas, equipados com roupas leves, quando cobertos de suor se resfriam e se obstruem os poros da pele, sendo presas fatais de enfermidades perigosas, sobretudo nas partes respiratórias, que mais se esforçam e esquentam na carreira; também urinam sangue, caso se rompam as vênulas dos rins, pelo que Celso desaprova a corrida quando existe alguma afecção renal. Ficam facilmente herniados, com o peritônio dilatado ou roto por conter ar em demasia. Paulo de Egina escreveu que se precisa cuidar daqueles que têm rupturas e bubões para poderem correr.

Na corrida é indubitavelmente maior a inspiração do ar do que a expiração; para que as forças persistam todo o tempo, enquanto

correm, é necessário prender o ar dentro da cavidade torácica, porque, ao se relaxarem os músculos do tórax devido à muita expiração, sentimos desfalecer essas forças. Aumentado o tórax e distendidos os pulmões, firma-se a tonicidade das fibras e dos músculos de todo o corpo. Se a corrida for demasiadamente agitada e extensa, os pulmões ficam cheios de muito ar e dilatam-se os alvéolos pulmonares, impedindo o sangue que vem da cavidade direita do coração de passar pelos vasos pneumônicos; em consequência, apertam-se e reduzem-se os condutos; daí provêm a ruptura dos vasos e os derrames de sangue, que também Galeno observa. Daí surgem, ademais, crises asmáticas quer primárias, quer secundárias, em convulsões, isto é, da difusão do soro acre efetuado através dos músculos intercostais, obrigando a violenta contração. "Mata-me o ar, me falta alento", dizia o corredor de Plauto.

Acontece, portanto, que os corredores de nossa época, quando chegam aos quarenta anos, merecem afastamento do seu mister e são encaminhados aos nosocômios públicos. A mim, realmente, os que vemos pelas cidades, ofegantes, precedendo às carruagens dos seus senhores, a mim, repito, parece-me estarem eles nas mesmas condições daqueles que elegantemente descrevera o espartano Aélio em sua "Vida de Imperador Vero", o qual atava asas aos ombros de seus corredores e os chamava pelos nomes dos ventos. Aos nossos, não nos ombros, mas nos pés, a necessidade servil prega asas. Compraz-me repetir as palavras daquele autor: "Com a inconsequência com que amiúde pregou asas nos seus corredores, a exemplo de Cupido, e os chamava pelos nomes dos ventos, Bóreas a um, Noto a outro, também Aquilon ou Transmontana, mandando-os correr desumanamente, sem descansar".

Por vezes incha-se o baço dos corredores, amolece a estrutura dessa víscera, como consequência do movimento demasiadamente agitado, e recebe mais sangue do que expele, pelo que o humor seroso parado em suas cavidades produz a dilatação; os antigos usavam queimar o baço dos corredores, escreveu Plínio, a fim de que não constituísse "impedimento na corrida". Deste modo está descrito o servo Plautino:

*"Os joelhos falharam neste corredor, desfaleceu,*
*o baço havia estourado."*

Com tais inconvenientes tropeçam os corredores que são mantidos e fomentados por eles próprios, por causa da muita intemperança do seu gênero de vida. Podem proteger-se da hérnia, se usam faixa, antes de serem presa desse conhecido infortúnio. Podem reparar sua extenuação e a fraqueza dos músculos, não somente com a alimentação líquida, mas também com suaves fricções oleosas e banhos, quando o permitem suas horas de ócio. Servirão igualmente esses remédios para as perturbações cutâneas, às quais logo se expõem ao correr e suar muito. De tempos em tempos, uma sangria servirá muito para precavê-los contra a ruptura dos vasos e os derrames sanguíneos, e não a neguem se guardam o leito em virtude de alguma afecção grave. Nos corredores os pulmões são os que mais sofrem e se enfraquecem. "Exercícios para as articulações, comida para as carnes, descanso para as vísceras", aconselhava Hipócrates. Mediante o movimento e a corrida, fortalecem-se, pois, as articulações, como pelo descanso e a interrupção das atividades se enlanguescem e entorpecem; porém os pulmões na corrida violenta se aquecem e perdem seu tono natural.

A incolumidade dos corredores terá que ser protegida com remédios e advertência, pois eles não obtêm auxílios e não lhes dão conselhos até se acharem prostrados no leito, isto é, até se verem impedidos em sua ocupação de correr, por alguns dos inconvenientes mencionados, em cujos casos não será inútil conhecer-se qual era seu exercício habital.

Quando padecem das vísceras e principalmente de obstrução do baço (pela aplicação de remédios que eliminam as obstruções como são os marciais), o andar moderado fará bem; assim, segundo Plauto, o alcoviteiro de Capadócia queixava-se a Palinuro de estar quase incapacitado por causa do baço: "o baço está dilacerado", dizia, "passeie que será o melhor para ele", respondeu o outro.

# *XXXIII*
# *Doenças dos cavaleiros*

Na mesma classe se podem também incluir os cavaleiros que têm por ofício domar e adestrar equinos nos hipódromos e os carteiros que, trocando de cavalos, levam de um lugar a outro correspondência comercial e pública; costumam queixar-se das mesmas doenças que os corredores já referidos. Ficam facilmente herniados, asmáticos e sofrem de ciática em especial, doenças características dos citas, como escreveu o Divino Preceptor, pois estes viviam constantemente a cavalo e tornavam-se, por isso, infecundos. A contínua equitação provoca ruptura dos vasos do peito, conforme anota Ballion, e também certas perturbações dos rins, não sendo raro que os cavaleiros urinem sangue e sofram, às vezes, deslocamentos dos rins. "Aqueles que serviram na cavalaria ou viajaram a cavalo sofreram males nos rins e nas coxas", são expressões de Hipócrates; produzem-se fissuras e tumores no ânus, sobretudo quando montam no pelo e não cobrem o lombo com manta; Marcial alude a essa espécie de afecção, dessa maneira:

*"Escolhe, ó caçador, cavalo ajaezado com manto, que às vezes brota um figo por ter andado em pelo."*

Lembro-me de um jovem equitador bastante elegante do nosso hipódromo que um dia veio ver-me; com grande pudor e proclamando

sua honestidade, invocava testemunhas celestais para confiar-me que sofria, há algum tempo, de um tumor no ânus com a forma de um figo; levantei o seu ânimo quando lhe disse que nada de repugnante havia para dele suspeitar, por tratar-se de algum distúrbio relativo a seu ofício.

Nas nádegas e entre as coxas formam-se úlceras endurecidas e calosas, demorando-se para cicatrizar, e varizes nas pernas. Sobre isso Hipócrates traz a formosa história que me agrada relatar, adotando a versão de Fésio: "Alguém que habitava próximo à fonte de Eléa, adquire, ao cabo de seis anos, uma cauda de cavalo, um tumor nas virilhas, varizes, abundantes secreções no osso das cadeiras ou nas articulações". Hipócrates chama "cauda de cavalo" uma doença proveniente da montaria excessiva, uma úlcera calosa nas nádegas, na interpretação de Valésio. Eis aqui quantos males costumam ocorrer aos equitadores profissionais e a todos os que abusam da equitação por divertimento. Não seria árdua a tarefa de apresentar a etiologia de todas essas afecções; as sacudidelas têm o poder de perverter toda a economia do corpo, das partes sólidas como das fluidas; todas as vísceras sacodem pela força do cavalo trotão, torpe e pesado, disse Lucílio, e quase são arrancadas de sua posição natural; toda a massa sanguínea se perturba, de cima para baixo, desviando-se do seu movimento normal; em consequência, produzem-se fluxões, ou seja, estancamento de soro nas articulações, rupturas de vasos nos pulmões e rins, úlceras e varizes nas pernas, ao retardar-se o refluxo do sangue, principalmente naqueles que domam cavalos e necessitam manter em tensão os músculos das coxas e das pernas, para não serem dobrados.

Realmente, se considerarmos atentamente quantos esforços são necessários àquele que está sentado em um cavalo que corre, o qual deve aprender os diversos movimentos com todo seu corpo em ação tônica e contê-lo com vigor, não é de estranhar que os cavaleiros sofram todas essas afecções.

Marciano, egrégio comentarista de Hipócrates, explica certo trecho em que o Divino Preceptor estabeleceu o poder que têm de alterar nosso estado corporal as corridas longas, curvas efetuadas com frequência, circulares, de ida e volta; citando os equitadores de maneira eloquente, por causa das carreiras circulares que ocasionam tanto dano, expressa-se nas seguintes palavras: "Na carreira circular, o corpo se esforça com veemência, pois enquanto o homem corre em

círculo, o peso e o volume do corpo, inclinando-se de um só lado, carregam sobre ele de modo surpreendente, fatigando-o muitíssimo, daí a razão pela qual esse tipo de corrida extenua mais do que os outros". Confirmam os equitadores essa verdade: "É que mais se esforçam os cavalos ao serem exercitados nessa contínua carreira durante uma hora, do que em duas em linha reta; tanto os enerva o movimento circular, que nem o mais robusto cavalo corre assim a metade do que pode em linha reta". Consistem, pois, a principal atenção e diligência dos que se destinam a domar e a ensinar equinos, em exercitá-los em carreira circulares ou indefinidas, como chama Hipócrates.

Do mesmo modo que os citas, conforme a expressão de Hipócrates, acima citada, tornam-se infecundos e impotentes os que cavalgam continuamente; é de crer-se que a incessante sacudidura maltrata a robustez dos lombos e dos órgãos genitais. Em sentido contrário opina Aristóteles, pois escreveu que os cavaleiros são libidinosos em consequência da constante fricção e quentura das partes pudendas; compreende-se isso devido a uma moderada equitação sobre um cavalo que vai a passos ou no trote. Mas são numerosos os incômodos ocasionados por tal exercício com cavalos de corrida ou de aposta, como chamava Cassiodoro aos que montavam os cavalos de corridas, e nós denominamos *cavalli* da posta, aos quais o rei Teodorico, por meio de um édito, proibiu carregar mais de cem libras, considerando absurdo colocar "grande peso nas costas de quem se exige andar rapidamente".

Não negarei todavia que muitas vantagens derivam da equitação moderada e calma, pois talvez sirva de remédio para as doenças crônicas; já que a discreta equitação, segundo Hipócrates, dá calor, dissipa a bebedeira e alivia. Avicena a recomenda para impelir pequenos cálculos renais e provocar urina.

Entre os modernos, Tomás Sydenham a exalta com grande louvor para desembaraçar obstruções do fígado e do baço. Recordo haver curado um jovem equitador muito febril que pouco depois adoeceu do baço e achava-se propenso à hidropisia, tendo, a conselho meu, retornado à sua costumeira ocupação, ainda fraco e pálido, e recuperado inteiramente a saúde, ao cabo de um mês.

Na classe dos cavaleiros devem ser incluídos os cocheiros cujo labor não é pequeno no ofício de manejar, pois requer assídua e tônica contenção dos músculos de ambos os braços, precisam segurar as rédeas com vigor em uma e outra mão, para que os cavalos se mante-

nham na devida posição; se os cocheiros não desempenham bem sua função, acontece com frequência o que escreveu Virgílio:

*"O cocheiro é levado pelos cavalos e o carro*
*não obedece às rédeas."*

Nas priscas eras, tinha-se em grande estima dirigir cavalos de um coche, honrando-se, com isto, príncipes varonis; assim, atesta Suetônio, Nero quis ser escolhido para dirigir cavalos, muitas vezes, a mesma coisa fazendo Calígula, e não guiavam os seus, e sim os que pertenciam à ordem senatorial. Tampouco faltam, em nossos dias, nobres cavaleiros que se distraem conduzindo sua carruagem.

Não deterei o leitor, indicando-lhe tratamentos destinados a doenças de equitadores e corredores; com os respectivos tratamentos ganham a vida os médicos e qualquer pessoa pode consultá-los para curar-se, mas advirto que o principal consiste em afastar a causa ocasional. Proporei apenas algumas precauções para uso dos cavalgadores. Ponham faixas para que não se rompa ou afrouxe o peritônio pela excessiva equitação, podendo sobrevir uma hérnia; assim é fácil precaver-se. Alguns têm o saudável hábito de não usarem grandes estribos, e isso é muito mais saudável para o herniado que necessita às vezes montar um cavalo.

Quando se começa a temer que o tórax, os rins ou a bexiga estão sofrendo de alguma ruptura de vaso, suprima-se esse exercício, porque a esses órgãos nada prejudica mais do que a equitação.

Afamado cavaleiro que, segundo Messapo, foi domador e adestrador de cavalos, era outrora Luiz Corbelli, cidadão de Mirâmdola, o qual, por sua habilidade na profissão, foi chamado à Corte da Espanha do Rei Felipe. Ali, em virtude de montar demasiadamente, vomitou sangue em abundância, resultando vãos todos os esforços médicos, acreditando-se que estava à morte. Não sei porque instinto, como vomitasse todas as espécies de alimentos, pediu carne de porco, comeu-a e sentiu-se melhor, continuando, então, a nutrir-se dessa carne, cozida, preferindo a de leitão. Tal alimentação permitiu-lhe viver mais de um ano.

# *XXXIV*
# *Doenças dos carregadores*

Nas cidades populosas, principalmente nas marítimas, como Veneza, pela grande afluência de homens chegados de diversos pontos e pelo acúmulo de mercadorias, vê-se imensa multidão de carregadores que são indispensáveis para retirarem-se mercadorias dos navios ou levá-las a eles. Examinemos, pois, que doenças podem acometer esses homens aparelhados, como os chama Plauto.

De transportarem grandes pesos sobre os ombros, contraem distúrbios mórbidos que se tornam geralmente graves; como têm de fazer força com os músculos, especialmente com os do tórax e os do abdômen, necessitam conter o ar e o ânimo, não sendo raro que se rompam vasos do peito. Efetivamente quando esses carregadores levam, a princípio, o fardo ao ombro, aspiram grande quantidade de ar, porém depois expiram pouco; debilitam-se, então, em demasia, as cavidades pulmonares e, em razão da compressão, os vasos pneumônicos que recebem e transportam o sangue não realizam essa função devidamente, não se devendo tampouco estranhar que os vasos sanguíneos, bastante distendidos, rompam-se com facilidade.

Enfraquecido, pela mesma causa, o tono dos músculos do tórax e modificada a estrutura pulmonar, os carregadores tornam-se logo asmáticos; e observei, mais de uma vez, ao dissecar cadáveres, que os pulmões aderiam às costelas por neles se haver detido o ar durante

muito tempo. Também se formam neles grandes varizes nas pernas, porque se retarda demasiado o movimento ascendente do sangue, por estarem os músculos das pernas e das coxas distendidos em demasia, e por influir a dilatação nas válvulas das veias. Com o andar dos tempos, todos se apresentam gibosos, dobram-se para a frente as vértebras dorsais, habituando-se a permanecerem nessa posição. Ainda que não entenda de leis de mecânica, a natureza encarregou-se de ensinar-lhes que é mais cômodo levar pesos sobre os ombros com o peito encurvado do que com o corpo retesado.

Os carregadores costumam também ficar herniados, pois, ao conterem o ar, o peritônio se esgarça com muita facilidade. Hildano conta o caso de um carpinteiro que, enquanto levantava um peso, o intestino desceu até o escroto, e faleceu ao cabo de uma semana. Estão propensos à tísica, disse Félix Platero, referindo-se ao caso de um pedreiro e de outros operários que, por conduzirem pesos enormes, lançavam sangue pela boca.

Hipócrates anota um caso semelhante digno de menção, com as seguintes palavras: "Alguém que fez aposta de levantar um asno, teve febre, perdeu sangue no terceiro dia, no quarto, quinto, sétimo, no oitavo dia, e descarregou o ventre". Como esse carregador que se vangloriava de sua força tivesse em seguida febre, é indubitável que sua causa fosse o levantamento do grande peso; por onde lançou o sangue, Hipócrates não indicou. Valésio, no seu comentário, acredita que teria sido pelo nariz, depois do que diminuiu a febre e o ventre se afrouxou, conforme o preceito aforístico: "Quando flui grande quantidade de sangue de alguma parte, o ventre costuma ficar mais desembaraçado". Nas histórias epidêmicas, Hipócrates acrescenta as palavras: "Pelo nariz". Seja qual for o lugar pelo qual tenha expelido sangue, consta que nesses homens a expulsão se efetua pelo peito, pelo nariz ou então pelas hemorroidas, a que logo se sucederiam graves doenças.

Os carregadores, por causa do seu ofício, sofrem de muitos males; não seria demais que os clínicos conhecessem essas doenças próprias e peculiares a eles para procederem com avisada cautela, quando os ditos homens forem consultá-los ou caiam de cama. Procurem em abundante alimentação refazer as forças como fazem os atletas; para o seu tratamento, a sangria teria a primazia, em seguida coisas que purguem o estômago e melhorem o cansaço, como sejam banhos e fricções. Por acharem-se expostos à hérnia, devem

precaver-se usando faixas; não queiram imitar, como costumam fazê--lo, a arriscada empresa de Mílton, procurando quem seja mais capaz de aguentar maiores pesos, e não lhes aconteça a mesma coisa que àquele que levantou um burro em uma aposta.

Seja-me lícito, ainda, propor um problema mecânico, isto é, por que os ganha-pães suportam pesos mais facilmente sobre um dos seus ombros, encurvado e inclinado, e não ereto, quando em posição retilínea devem sustentá-los com maior força sem risco de que caiam? Assim os suportam as colunas e as vigas, que, em posição retilínea em relação ao horizonte sustentam grandes paredes, e assim também nossas mulheres, camponesas, colocam sobre suas cabeças grandes volumes para transportarem para a cidade centenas e até milhares de libras; caminham bem eretas e cuidadosamente procuram não se desviar da linha perpendicular, porque, do contrário, cairiam sob a carga. Pode-se pensar que isso acontece porque o peso sobre o ombro retilíneo apoia-se na clavícula, osso pequeno, e mais ao centro dela que nas extremidades, podendo quebrá-la facilmente; em posição encurvada e inclinada para a frente, o peso descansa sobre a omoplata, osso grande, largo e grosso, causando pressão menos dolorosa e não podendo quebrá-lo tão facilmente.

Será por tal motivo que os carregadores levam os fardos com maior segurança e andam mais comodamente assim encurvados? Parece verossímil, pela mesma razão que um corpo pesado esteja sendo sustentado com pressão dolorosa menor por toda a mão, que, por exemplo, por um só dedo; também uma barra de ouro, por exemplo, de uma libra, na palma da mão, causa maior sensação de pressão, do que uma pilha de madeira de idêntico peso; a de ouro, de menor volume, exerce toda a sua força sobre menor superfície que a de madeira. O peso colocado sobre o ombro do carregador se adapta a um lugar curvo e, além de apoiar-se sobre uma parte mais robusta, carrega também sobre maior superfície corporal, que se esse corpo do carregador estivesse em posição retilínea; quer o volume pesado seja sólido, como a madeira, quer seja flexível, como um saco de trigo, por tal causa os carregadores se encurvam imediatamente para a frente, com as nádegas salientes para trás, de maneira que, na linha de direção se mantenha o centro de gravidade.

Observei em Veneza e em Ferrara esses homens de carretos, os quais não conduziam os pesos sobre os ombros, como os nossos, e sim sobre o pescoço e as vértebras dorsais, e toda a carga se apoiava sobre

o dorso do carregador, pois dizem que, dessa maneira, esforçam-se menos debaixo do peso e se sentem mais aliviados que os levando sobre um dos ombros. O que de certo modo é razoável. É verdade o que diz o poeta: "leve será a carga se bem levada".

As mulheres que carregam grandes pesos sobre a cabeça têm de andar bem retas, porque a inflexão da cabeça faria cair a carga posta sobre ela, fora da linha de direção; por isso sustentam comodamente enormes trouxas nas cabeças, com grande admiração dos espectadores, e caminham agilmente, porque o peso se apoia sobre o crânio, osso vigoroso e abobadado, e atua diretamente sobre as vértebras.

# *XXXV*
# *Doenças dos atletas*

Devido a tantas transformações de todas as coisas, caíram no olvido numerosas instituições antigas, como os espetáculos dos atletas e gladiadores, chamados jogos ou funções. E eram função egrégia esses jogos que exibiam às populações carnificina humana; quisera resumir, entretanto, alguns pormenores sobre os atletas e suas doenças, ainda que somente para mostrar quão cuidadosa era antigamente a habilidade dos médicos em examinar e atender doenças dos artífices.

Ninguém em Medicina é hóspede tão novo, nem pisou escola médica que não tenha sentido ressoar em seus ouvidos aquele oráculo de Hipócrates sobre "a prática dos exercícios", cuja verdadeira explicação preocupou e atormentou a tantos engenhos, suscitando vários comentários aos quais nada ousaria eu acrescentar, depois que o célebre L. Tozzi, outrora protomédico pontifício, encarregou-se de oferecer uma sólida e real interpretação, em concordância com os dogmas mais recentes.

Grandes multidões, entre os antigos, frequentavam os concursos dos atletas e lutadores; tais jogos não eram considerados servis, pois a eles também se dedicavam jovens livres e nobres cujos mestres os enviavam a vários tipos de jogos; assim, o Garmênio de Terêncio, oferecendo a Tais um jovem, dizia:

*"Eu entregarei um hábil adolescente, preparado na conversa e nas músicas, coisas todas que a um homem livre convém saber."*

Com frequência acontecia o caso de que os atletas precisavam de socorro médico. Tinham ataques de apoplexia, síncopes cardíacas, catarros sufocantes, ruptura dos vasos sanguíneos no peito e muitos faleciam subitamente. A causa primordial dessas afecções era uma grande plenitude de humores e a distensão dos vasos, pelos quais o movimento do sangue ou se atrasava, ou parava completamente; com as interrupções nas veias, isto é, empregando-se uma expressão hipocrática: "do estancamento do sangue e estase de todos os fluidos", produzia-se necessariamente a morte repentina; isso sucedia com mais frequência depois que eles saíam do ócio e da opípara alimentação com que robusteciam suas forças, e metiam-se em combates e em discussões. É mais perigoso, diz outro oráculo de Hipócrates, "passar do ócio ao negócio, do que do negócio ao ócio". Com exercícios violentos, a massa sanguínea se aquece e se afina em demasia, não podendo realizar seu trânsito das artérias às veias tão rapidamente, nem retornar logo pelas veias, de modo que circulava nas artérias de um lado a outro, e menos ainda ali onde se encontram reunidos os vasos.

Expressa-se muito bem o ancião de Cós, na história de Bianto, sobre a alimentação dos atletas e como a escolhiam: "sucedeu que o pugilista Bianto, por natureza muito voraz, sofreu afecções coléricas, a bílis ia de cima a baixo por causa da carne que comia, pois preferia a de porco, mais indigesta, das bebedeiras de cheiroso vinho, das tortas e das guloseimas feitas com mel, pepinos, melões, leite e polenta fresca".

Os atletas desse modo engordavam e tornavam-se musculosos e fortes; assim, escreveu Aristóteles que eles adoeciam de várias formas, inclusive por consumirem diversos alimentos e não saberem distribuí-los equitativamente; Platão qualifica-os, com justiça, de sonolentos, preguiçosos e vertiginosos.

Galeno, também, em muitas passagens condena a arte dos atletas, julgando-a perniciosa para a alma e para o corpo, instruído talvez do seu perigo, pois sabemos o que lhe ocorreu quando contava trinta anos e vivia em Roma, sem dúvida atraído pelo afago dessa glória fútil de que gozavam os lutadores; enquanto se exercitava no ginásio, sofreu uma luxação do ombro com grave risco de vida, o que se pode imaginar pelo tratamento que ele descreveu, pouco lhe faltando

para cair vítima de tensão nervosa; tinha que banhar, noite e dia, a parte deslocada com azeite quente, cobrir o corpo com uma pele sob a qual ficava desnudo, se o abrasava o ardor da Canícula.

Todos sabemos também com que cuidados remediavam os males dos atletas, os médicos antigos; o principal consistia na sangria que aplicavam com bastante liberalidade, não para que o corpo começasse a nutrir-se de novo, mas para restituir-lhe o movimento sanguíneo que, interceptado nos vasos pneumônicos ou nas artérias carótidas, podia provocar uma morte rápida.

Ainda, aplicavam-lhe fortes purgantes, aconselhavam dieta leve se apresentassem indícios de doença e administravam-lhes muitos remédios curativos ou preventivos que sempre tinham à mão para atendê-los.

Os mestres da ginástica proibiam aos atletas o uso dos coitos, para que os seus corpos não enfraquecessem e, ainda mais, prendiam com fivelas as partes pudendas; citarei um elegante epigrama de Marcial para o judeu Menófilo, que enquanto

*"Atuava em meio à discussão, contemplado pelo público,*
*cai-se-lhe a fivela, e o pobre estava circuncisado."*

Exagerada temperança nas relações sexuais e, ao mesmo tempo, abundante alimentação, conduziam a excessivo entorpecimento pelo que, disse Plínio, relaxadas as fivelas e permitida a relação sexual, recuperavam a alegria e o vigor. Escreveu Celso que "ao coito não há que o desejar ou o temer demasiadamente, pois sua escassez excita e sua frequência amaina".

Assim, Hipócrates disse: "Trabalho, alimento, bebida, sono, amor, tudo deve ser moderado".

# *XXXVI*
# *Doenças dos joalheiros*

No censo dos artífices figuram alguns cuja atividade se exerce em sutilíssimos trabalhos, como os ourives, os fabricantes de relógios, os pintores que decoram as pedras preciosas com imagens, também os copistas, como cabe considerar àquele que, se confiarmos em Cícero, copiou em uma membrana a Ilíada de Homero e a encenou em uma noz.

A esses artífices, por causa de seu ofício, à parte os inconvenientes da vida sedentária, ameaça o infortúnio da miopia, afecção bastante conhecida que obriga a aproximar dos olhos as coisas para vê-las bem; advertimos que quase todos esses obreiros usam óculos durante a feitura de suas obras; Wedel faz-lhes uma menção especial quando diz que eles padecem de fraqueza da vista, porque as partes que mais trabalham são as que mais se debilitam. É possível, no entanto, deduzir outra razão dos princípios da ótica.

Nada há que melhor ilustre o modo pelo qual se efetua a visão que uma câmara escura na qual as imagens dos objetos externos se representam em um lenço branco, tal como me pareceu sempre, e isto devemos primeiramente a Platero, depois a Fortunato Plêmpio em sua "Oftalmografia". Se se insere um vidro convexo na entrada da câmara escura, quanto mais perto da abertura se coloque o que se há de projetar, tanto mais se haverá de afastar dela o lenço, a fim de que nela se

reflita distintamente a imagem, porém, quanto mais se afaste o objeto, mais terá que ser aproximado o lenço, pois, do contrário, as imagens aparecerão confusas, pelo que só no ponto de união dos raios se gravam na retina claramente as imagens, como se fosse com um pincel. O olho, cuja estrutura seja mais recomendável para perceber clara e distintamente o longe e o perto, será necessariamente móvel e capaz de adaptar sua configuração, permitindo que troquem com facilidade de disposição quer a túnica reticular, quer o humor cristalino. Sentimos confusamente que se não divisamos as coisas afastadas com suficiente nitidez é porque os raios que penetram quase paralelamente no olho juntam-se mais de perto detrás da pupila, e sentimos, digo, que, estreitando e diminuindo os olhos com a ajuda dos músculos e pálpebras, discernimos com maior precisão, graças a essa troca de forma dos olhos, as coisas que antes víamos um tanto turvas.

Os joalheiros, sentados o dia inteiro e ocupados com tão minuciosas tarefas, obrigados a ver e distinguir objetos finíssimos, necessitam manter com intensidade os olhos fixos, ainda que os seus sejam móveis por natureza, condição esta de tanta importância, como disse, para perceber claramente as coisas próximas e remotas. Devido a esse esforço e ao movimento tônico, contraem certo hábito de firmar insistentemente a túnica reticular, no mesmo ponto onde persiste e não podem movê-la à vontade para diante, a fim de distinguir nitidamente as coisas mais afastadas. Por tal razão, esses artífices são portadores, quase sempre, de fraqueza visual a que chamam miopia.

Isso sucede porque, enquanto os olhos permanecem atentos e imóveis na obra, espessam-se os humores que, ao perderem sua fluidez, também perdem a transparência. Assim, vai-se produzindo, pouco a pouco, nos operários, a mencionada deficiência, e assim também, ainda que a sorte tenha provido seus olhos com boa visão, tornam-se curtos da vista e míopes.

Os joalheiros, portanto, contam com essa calamidade em sua arte; delicados trabalhos como os dos relógios provocam tal fraqueza visual que antes de envelhecerem os relojoeiros ficam quase cegos. Nesta cidade conheço uma mulher hebreia que chamava a atenção por sua destreza em enfiar pérolas, sabendo dispô-las com verdadeira habilidade e deixando dissimulados os defeitos e as manchas que tivessem; sua perícia propiciou-lhe ganhar muito dinheiro, porém, chegada aos 40 anos, nenhum óculo podia servir-lhe e teve de despedir-se do emprego.

Não vejo, por certo, que proteção seria capaz de auxiliar em sua desgraça esses artífices, pois não é fácil convencê-los a abandonar essa arte que lhes proporciona sustento e ganho, nem pode o médico oferecer remédios que devolvam aos olhos o vigor e a agilidade antigos, em casos de afecção crônica. Nem dão lugar a purgantes, sangrias ou outros recursos medicinais, se ademais se encontram sãos e robustos, de modo a não culparem nessa circunstância os espíritos fortes e tenebrosos, nem tenham de castigar a um inocente farmacêutico.

Será útil usar óculos, não estar sempre aplicado ao trabalho com a cabeça inclinada, afastar, de quando em quando, o olhar e as mãos da mesa e furtar algumas horas ao labor a fim de se recrearem os olhos com panoramas diferentes.

É incrível o quanto influi em conservar o bom estado e a mobilidade das membranas oculares, como a fluidez normal dos humores, olhar objetos próximos ou afastados, direta e obliquamente ou de qualquer modo; procedendo dessa forma, mantém-se a natural disposição do olho que permite à pupila encolher-se ou estirar-se, e ao humor cristalino arrimar-se sobre ela ou afastar-se, conforme o uso que a necessidade exija de olhar de perto ou de longe; com os olhos, como para as demais partes do corpo que se detêm durante muito tempo na mesma posição, dá-se a mesma coisa, ficando inertes e perdendo flexibilidade para mover-se.

Isso se evidencia naqueles reclusos por muito tempo em cárceres sombrios, pois, deixados depois em liberdade, precisam acostumar-se, pouco a pouco, a receber a luz; as pupilas dilatadas durante aquele longo tempo nas trevas, invalidam-se e desaprendem a maneira de contraírem-se como o faziam anteriormente.

## *XXXVII*
## *Doenças dos mestres de dicção, dos cantores e outros desse gênero*

Não se encontrará tipo algum de exercício tão saudável e inócuo que, praticado com excesso, não acarrete graves danos; disso se dão conta os mestres de dicção, cantores, oradores, pregadores, frades, também as monjas pelo seu contínuo entoar de cânticos nos templos, os rábulas forenses, os pregoeiros, os filósofos que leem nas escolas discutindo até ficarem roucos, e todos aqueles que têm por ofício cantar e forçar a voz. Geralmente estão herniados, com exceção dos eunucos, por ablação dos testículos.

Ao conterem abundante ar inspirado para modular o canto ou o recitativo, relaxam-se os músculos abdominais que cumprem funções respiratórias, como também o peritônio, e facilitam o aparecimento das hérnias inguinais; acontece algo parecido com os meninos que, de tanto chorarem e gritarem, adquirem tumores inguinais. Observou isso principalmente o nosso Fallopio, nos cantores e nos monges: "Os cantores, disse ele, que emitem voz grave, chamados geralmente 'baixos' e os monges de capela são quase sempre portadores de hérnias, pois cantam continuadamente e com veemência, com intervenção dos músculos do abdômen". De igual maneira opina o doutíssimo Mercurial, afirmando que nossos cantores estão sujeitos a sofrer de hérnias; não ocorria assim com os antigos quando exercitavam a voz, pois "se banhavam com frequência, umedecendo, por conseguinte, o peritônio

e a bolsa dos testículos que, então, adquiriam maior elasticidade, e, amolecidos, não se desgarravam tão facilmente como agora". Observei que as monjas padeciam mais de hérnias que as outras mulheres, porque se entregam demasiadamente ao canto, da mesma forma que os monges.

Mercurial anota em sua "Ginástica" que a "voz aguda provoca distensões na cabeça, palpitações nas têmporas, pulsações no cérebro, inchação nos olhos e zumbidos nos ouvidos", e isto não aparece quando se emite voz grave; emiti-la aguda e sustentá-la muito tempo faz aspirar muito ar e conter a respiração, como se nota nas escalas dos tons, pois, ao chegar aos mais elevados, é forçoso distender todos os músculos do abdômen ou do tórax, impondo demora ou refluxo do sangue; daí o rubor do rosto, pulsações nas têmporas e os demais sintomas indicados. Daí também que as corizas e rouquidões sejam inconvenientes habituais dos cantores e artistas de teatro, bem como as excreções das glândulas salivares que expelem muita saliva.

Conheci Margarida Salícola Scevina, afamada sereia dos teatros, quando vivia em Módena; estava sempre atacada de gravíssima rouquidão depois do extenuante labor do canto. Era de admirar o modo como essa mulher, em perfeito estado de saúde, lançava grande quantidade de saliva, tão dilatados tinha os canais salivares, o que só pode ser atribuído à veemente modulação do canto. Ela própria a mim informou que quase sempre sentia vertigens, se sua arte a obrigava a permanecer longo tempo com a boca aberta, privando-se de aspirar ar novamente.

Como o canto e a conversa estridente enchem a cabeça e a tornam pesada, não surpreende que os médicos, diante das cefalgias e outras afecções da cabeça, proíbam pronunciar discursos e conferências, por causa da nocividade.

Admito que nenhum exercício infunde mais calor ao corpo do que o da voz; vejo oradores sacros, depois de falarem durante uma hora, se derreterem em abundante suor. Os pulmões se esforçam mais do que nas corridas com o movimento respiratório desigual exigido pelo canto, pela recitação e pela conferência, com voz fraca ou forte, conforme requeira o tema. Não é de estranhar que essa respiração se torne ofegante, e ruptura de um vaso no peito provoque vômito de sangue. Observei-o em um orador muito eloquente, jesuíta que adoeceu gravemente e ainda não havia melhorado de todo, quando se arriscou a subir novamente ao púlpito para pregar, tendo botado muito sangue

pela boca. O mesmo aconteceu a um ilustre professor do Liceu de Pádua que dava aulas públicas de uma hora inteira a seus ouvintes.

Sobre esse assunto conservamos uma elegantíssima epístola de Plinio que merece ser lida, na qual recomenda a Paulino um seu criado Zózimo, doente, com vômitos de sangue e suspeito de tísica pulmonar; descrevo-o como instruído em várias artes e especializado em ler e recitar e, por haver se dedicado à declamação com ardor, vomitou sangue, pelo que foi mandado ao Egito, regressando restabelecido; mas como, por contínuos dias, tivesse deixado de moderar a voz, uma tossezinha denunciou a antiga tísica e Zózimo voltou a vomitar sangue. Informa então a Paulino que seu empregado será enviado à casa que aquele possui no Foro Júlio, a fim de que desfrute do ar saudável e roga que vele pela comodidade de seu empregado na casa de campo.

Mereceu também ser registrada aqui, para recordá-la, uma áurea sentença de Hipócrates: "Sejam quais forem os esforços da voz, do canto, discurso ou aula, todos eles comovem a alma". Quis Hipócrates dar a entender por "alma" o próprio sangue, porque ao exercitar a voz perturba-se toda a crase sanguínea, com os grandes movimentos. É opinião geral que o sangue seja a sede da alma, e se tem visto que, como a própria alma, costuma-se concebê-lo.

*"Vomitou aquele sua alma purpúrea."*

Dizia Virgílio. No canto se aquece a massa sanguínea, confessam os músicos, e quando fizeram sua representação e se retiraram de cena, expeliram urina sanguinolenta. Mas é provável que se deva entender por alma o ar que inspiramos e expiramos na respiração? O exercício da voz comparado a outro qualquer move e agita muito os órgãos respiratórios.

Notável é o que diz Plauto:

*"Empesta a alma de minha esposa."*

Na mesma situação valetudinária se encontram os flautistas e todos aqueles que sopram qualquer tipo de flauta. Por quererem conter muito ar enquanto sopram suas flautas e cornetas, não só padecem dos males já referidos, como também de outros muito piores, como repentinos vômitos de sangue e rupturas de vasos no peito.

Diemerbroeck refere-se a um caso digno de compaixão, em suas observações; o de um flautista que tentou se destacar entre outros que tocavam cornetas, tendo rompido a grande veia dos pulmões, perdeu abundante sangue e morreu dentro de duas horas.

Quanto a remédios, como é familiar a hérnia a esses artistas, que se precavenham dela, e, com maior razão, usando faixas quando se sintam atacados pelo mal, devendo zombar dos outros remédios como unturas, emplastros e encerados. Os banhos de água doce prestam boa ajuda para conservar a integridade da voz e suavizar as irritações, assim como a terebentina de Chipre e o xarope preparado com ela. Os banhos são preferidos por Galeno a outras prescrições; assim diz ele: "é saudável aos que muito necessitam exercitar a voz e a tiverem danificado no trabalho, como os cantores, os pregoeiros e os atores que representam comédias ou tragédias, banhar-se com frequência e tomar alimentação leve e laxante".

Quando há ameaça de uma doença do peito, o que se pode conhecer antecipadamente por uma tossezinha ou pelo próprio aspecto do corpo, é mister convencê-los de que deverão renunciar à arte.

# *XXXVIII*
# *Doenças dos agricultores*

"Oh! lavradores, quão felizes seriam se conhecessem sua fortuna!" Assim cantou outrora o príncipe dos poetas; seria, talvez, uma verdade para aquelas primitivas gentes que lavravam com seus bois os campos paternos, mas não para os agricultores de nossa época que lutam no campo, com eterno labor e muita miséria.

Doenças que atacam a gente rústica, pelo menos na Itália e na região Cispadana e Transpadana, são principalmente as pleurites, peripneumonias, a asma, cólicas, erisipelas, oftalmias, anginas, dores de dentes e cáries dentárias. Podem atribuir-se esses males a duas causas ocasionais: o ar e a má alimentação.

Expostos à inclemência do tempo, enquanto realizam as fainas campestres, açoitados pelos ventos quer do norte, quer do sul, molhados pelas chuvas e pelos orvalhos noturnos, ou tostados pelo sol estival, ainda que sejam fortes, rijos de natureza, não podem suportar tão grandes variações, ora gelados, ora derretidos em suor. Pela má alimentação acumulam espessos e aglutinantes humores dos quais resultam muitos males. Assim, em toda a massa humoral, devido à febre intensa, estancam-se esses espessos e lentos humores nos vasos pneumônicos para os quais se efetua a confluência de todo o sangue venoso. Observei amiúde que, quando alguma constituição epidêmica pulmonar começa a surgir, a gente campesina dá logo o sinal, e que

nela a epidemia exerce sua tirania. As mesmas causas produzem frequentemente cólicas e hipocondria que chamam *il mal del Padrone*, pois vêm em tal afecção algo que se assemelha a uma crise histérica; por culpa dos alimentos gordurosos e viscosos forma-se uma congestão no estômago e nos intestinos do suco ácido e pituitoso, provocando no ventre distensão e esgarçamento.

De acordo com a diversidade de regiões e a época do ano, são variados e distintos os trabalhos agrícolas; no inverno e ao começar a primavera, padecem os lavradores de doenças do peito, secreções nos olhos e angina, afecções estas cuja causa, como dissemos, é o sangue lento e denso que circula preguiçosamente e com facilidade se estanca, ocasionando inflamações em vários lugares; o sangue extraído, então, de uma veia é tão espesso que parece cera de abelha, pela sua cor e densidade.

Não creio que exista outra classe de homens nos quais o sangue experimente maiores transformações em tão pouco tempo como na gente campestre; na primavera o sangue que se retira é denso e gorduroso, porém, no começo do verão mostra-se brilhante e vivo; tal é o poder do exercício do trabalho que faz passar a massa humoral para uma crase contrária, coisa que não se nota na gente urbana.

Observei, mais de uma vez, algo curioso, principalmente nas crianças. No mês de março, perto do equinócio, diminui a vista daqueles que contam dez anos, mais ou menos; veem pouco ou quase nada durante o dia, andam como cegos, vagando errantes pelo campo; porém, chegada a noite, distinguem com bastante clareza, cessando espontaneamente a afecção, sem necessidade de remédios, e em meados de abril recobram a visão que tinham anteriormente. Examinando-os, descobri uma grande dilatação da pupila. Os médicos chamam a essa afecção de "midríase", se bem não concordem de todo na explicação das causas, conforme se pode ver em Sennert, Platero e Rivero.

Diz Gorreo que essa doença não difere muito do deslocamento da pupila; parece-me que os raios solares de março podem efetuar uma liquefação no cérebro e nos nervos visuais, com uma redução de tônus da túnica uveal que a cobre. As crianças vivem durante todo o inverno em estábulos úmidos e quentes e, passada essa estação, já se aproximando do equinócio, saem dos seus esconderijos e expõem a cabeça aos raios solares, produzindo-se assim uma difusão de humores que, por sua vez, ocasiona a dilatação da pupila, e a vista, que recebe luz demasiada, enfraquece-se; em fins de abril, quando a

ação do sol dissipou os humores, contrai-se a pupila novamente, e, restituída a sua tensão natural, devolve a visão integralmente, sem recorrer a remédio algum. Não é raro que os agricultores sofram, no verão, febres altas, ainda mais quando começa a abrasar seus corpos, "a ira do vesânico leão"; assim, no outono, padecem de disenteria que pode ser atribuída às frutas da época e a outros erros alimentares.

Como no outono costumam macerar cânhamo e linho em águas pantanosas, e essa tarefa é especialmente das mulheres que submergem até a cintura em lagoas e tanques para retirar e lavar os feixes de cânhamo, não poucas sofrem de quenturas depois de tão sórdidos misteres, morrem cedo, não tanto pela obstrução dos poros que impede a transpiração, porém por destruírem-nas mortalmente os espíritos animais de tão horrível mefitismo que infestam o meio ambiente. Desse modo, o campo inspira desconfiança aos habitantes da cidade nessa época em que as casas são invadidas por terrível odor e por cuja única causa algumas cidades tiveram violentas epidemias de peste, segundo afirmação de Kircher. A virulência do vapor desprendido das águas em que foi macerado o cânhamo ficou suficientemente demonstrada por Schenk, em suas "Observações", Pedro de Castro, Simão de Paula e outros. Seja qual for a força dos odores, as mulheres atacadas de histeria a conhecem bastante.

A saúde dos agricultores também depende de sua própria incúria, pois em frente a estábulos e chiqueiros, como também de suas casas que podem ser chamadas de estábulos de Angia, amontoa-se o esterco para adubar a terra, e o conservam ali como coisa deliciosa, durante todo o verão; emanam-se exalações fétidas que, se não elevam muito, infectam a atmosfera. Por essa causa Hesíodo condenava a adubação dos campos por esterco, preferindo a salubridade à fecundidade dos mesmos.

Nota P. Zacchia que os jardineiros se queixam muitas vezes de caquexia e hidropisia, pois vivem na umidade devido à irrigação contínua necessária aos jardins, sem conseguir evitar que seus corpos absorvam muito a referida umidade. Lembro ter atendido um horticultor paralítico; uma de suas pernas tinha o movimento abolido, mas conservava a sensibilidade, ao passo que a outra não possuía sensibilidade, porém conservava a mobilidade. Reabilitou-se ao cabo de alguns anos, tomando decocto de guáiaco e numerosos remédios outros.

Uma história de Hipócrates refere-se ao seguinte: "O homem que vivia no jardim de Dealcis esteve enfermo durante muito tempo;

tinha a cabeça pesada e a têmpora direita dolorosa; juntou-se uma outra causa e caiu de cama com febre intensa". Em sua explicação do caso, Galeno diverge de Sabino, porque pensa este que se havia acrescentado ao texto de Hipócrates a palavra "jardim", para servir de pretexto à doença; tem-se visto Galeno acusar sempre o ar dos jardins por causa da adubação e dos vapores maléficos das árvores, como o buxo e outras plantas semelhantes.

As mesmas doenças costumam atacar os que vivem perto dos prados; nos prados o ar é insalubre também pelas causas idênticas; opinam os jurisconsultos *Pratum § de rer et. verb. signif* que se pode requerer uma ação contra os vizinhos quando tentarem fertilizar artificialmente sua terra. Lavradores e ceifadores sofrem graves incômodos.

Como a arte médica protegerá esses lavradores que são tão necessários? Até parece ridículo indicar-lhes precauções médicas, pois nunca, senão raramente, consultam os médicos e não ouvem seus conselhos. Proponho, sem mais algumas outras advertências, que ajudem a atendê-los quando já doentes de numerosas afecções, transportando-os para os nosocômios da cidade, ou chamando um médico, se forem mais prudentes. A primeira precaução em casos de pleurite e outras doenças do peito consiste em extrair o sangue sem liberalidade, como se faz com a gente urbana, pois seus corpos extenuados pelo trabalho constante se esgotam com facilidade, a crase sanguínea se acha inteiramente gelatinosa e consumida pelas partículas voláteis, pelo que, retirando-se o sangue em abundância, as forças decaem e não resistem sequer ao combate à doença pelos anacatárticos. Não ignoro que alguns corajosamente recomendam a sangria, quando o sangue parece carregado e denso, a fim de, como dizem, melhorar seu movimento; isto é fácil dizer, mas vejam pelo douto Bellini quanto cuidado se precisa ter para que, seccionando-se a veia, seja o sangue posto em circulação, não se acumulando em parte alguma. Certo é que o sangue não se move por si mesmo em seus vasos, nem pela força da gravidade, e sim pelo ímpeto espiritual transmitido ao movimento do coração, porque, com os espíritos perturbados, é difícil que o sangue ative sua circulação, pelo contrário, pode retardá-lo.

Inquire Ballion por que os corpos dos servos e servas, apesar de serem sólidos, duros, compactos e ostentar um estado menos precário que os das pessoas livres, debilitam-se mais quando adoecem, com o emprego de purgantes e sangrias, que outros corpos mais delgados e magros; aduz várias razões e, como a principal, aponta aquela de que

os corpos esbeltos por vísceras mais endurecidas não respondem tão facilmente à ação dos purgativos nem muito proveito tiram da flebotomia; a mesma coisa se dirá dos agricultores. Também Hipócrates descreve uma constituição pela qual as criadas apareciam atacadas de angina, não acontecendo isso com as moças livres. Não somente pela maneira como se encontram, como também pelas condições de vida e do ofício, serão consideradas as doenças e estabelecidas suas curas.

Vejo, pois, cometerem-se erros no atendimento a essa classe de gente, confiando-se na robustez de suas forças e acreditando-se que ela é mais capaz do que a gente citadina que tolera remédios fortes. Vejo sempre com comisseração os pobres rurícolas, levados aos nosocômios públicos e entregues a médicos jovens, recém-egressos das escolas, consumirem-se completamente pelo efeito de fortes catárticos e sangrias repetidas, pois esses médicos não pensam nem na falta de hábito dos seus pacientes para suportarem pesados remédios, nem no enfraquecimento de suas forças pelos trabalhos fatigantes; por isso muitos deles preferem morrer em seus estábulos a dizer seu último adeus à vida nos hospitais, com veias exauridas e o ventre esgotado pelas drogas. Terminada a colheita no agro romano, uma turba de ceifadores enfermos enche todo ano os nosocômios da cidade; e não se pode dizer claramente quem morre mais pela foice libitina do que pela lanceta dos cirurgiões.

Tocou-me admirar, realmente, mais de uma vez, a maneira com que se salvaram muitas vítimas de não poucas doenças agudas, não só sem ajuda de remédio algum, o que não me estranha em absoluto, mas apenas graças a dieta lauta e opípara; porque são pobres os lavradores, quando um deles adoece, os seus vizinhos o acodem trazendo ovos e galinhas e preparam os alimentos, com que os que se enfermam atenuam a violência do seu mal ou se livram de uma vida calamitosa; daí o ditado de que a gente rural vai bem nutrida para o inferno, enquanto a urbana sucumbe miseravelmente de fome e inanição em meio aos tormentos dos médicos.

Quando começam a convalescer, retornam a seu regime habitual, consumindo alho e cebola avidamente, que substituem os doces e servem de alimento analéptico. Sou propenso a crer que esses alimentos acres fazem as vezes de medicamentos; seu estômago e toda massa sanguínea tendem a azedar no outono, sobretudo depois de terminados os trabalhos estivais, e o alho e a cebola são utilizados como remédios antiescorbúticos, para dissolver o glúten e amenizar a

acidez. Eu conheço muitos deles que, com alho, cebola e vinho forte, salvaram-se de febres quartãs em meados do inverno.

Galeno conta a história de certo rurícola preso de cólica que fez a seguinte medicação: enfaixou-se bem, comeu alho com pão e se entregou o dia inteiro a suas habituais ocupações, o que fez passar a cólica. "A isto, são palavras de Galeno, se chamaria triaga dos agrestes, e creio que se a proibissem aos traceus ou aos gauleses e a todos aqueles que habitam nas regiões frias, muito os prejudicaria". Outro remédio para ceder a cólica conhecem os agricultores: machucam folha de uva misturando-a com gema de ovo, fazem uma cataplasma que aplicam ao ventre.

Bastante curiosa é a história contada por Hipócrates, com as seguintes palavras: "Prefere as posições que aliviam, como a que trança e enrosca fibras com as mãos, a estar deitado, pois as dores melhoram até agarrando-se à ponta de um bastão".

Em seu comentário, Galeno pensa, como Hipócrates não indicou a parte dolorosa, que fosse dor da mão; mas Valésio é de opinião que se tratava de uma cólica e que com o pau comprimia aquela parte onde a dor mais apertava e parecia furar como uma lança; tais sofrimentos se aplacam bastante, disse ele, "por forte compressão, movimento do corpo e mudança de posição", a mesma coisa que a natureza ensina para as dores de ventre, não sendo raro que se comprimindo o local doloroso com a mão ou o punho, impedem-se a distensão e a elevação dessa parte. Assim, Hipócrates louvava uma compressão efetuada com a mão nos casos de afecções histéricas das mulheres para obrigar o útero a permanecer nos seus limites, o que comprovei, frequentemente, com resultado mais saudável e mais eficiente que o de todos os remédios anti-histéricos.

Resumindo o que poderia exprimir mais exatamente sobre a atenção relativa aos agricultores, direi que, antes de tudo, conclui-se da razão e da experiência o dever de não enfraquecer esses corpos calejados pelo trabalho e nutridos por alimentação inadequada com abundantes sangrias e purgações. Toleram facilmente os vomitórios; as ventosas escarificadas também são excelentes contra as febres contínuas, seja porque eles têm grande confiança em tal remédio, seja por outra causa que desconhecemos; se se quer oferecer algum antídoto, aconselhe-se uma substância volátil em atenção ao que ensina a Natureza, visto que os agricultores são propensos a suar muito no in-

verno como no verão; os homens muito exercitados suam facilmente. Quando cessa a luta contra a enfermidade e principia a convalescença, deve-se permitir seu regresso aos lares e a volta a seu antigo regime. Platão elogiava, com justiça, o médico Heródico, que procurava prescrever regras dietéticas para esses artífices.

Creio, portanto, que se deve prescrever para esses homens um tratamento judicioso, pois a gente campestre se consome pouco a pouco se lhe é aplicada uma série prolixa e variada de remédios, pois que, "medicando-se, adoece".

# *XXXIX*
# *Doenças dos pescadores*

Do mesmo modo que os lavradores, arando e semeando a terra, provêm o sustento das populações com abundantes frutos, assim também os pescadores que sulcam os mares para captura dos peixes contribuem não pouco para fornecer alimentos e fazer a delícia das mesas. Não seria possível dar comida a uma multidão grande de homens se o mar não viesse em socorro com abundância de peixes; por isso, as cidades e os portos marítimos são menos sujeitos à carência de víveres que as cidades e regiões mediterrâneas. Há povos chamados "ictiófagos", porque se nutrem exclusivamente de peixes, como os que habitam as margens do Mar Vermelho, que, para fazerem sua comida, cozinham os peixes sobre pedras quentes do calor do sol.

A medicina que a todos socorre, como disse Hipócrates, não deixará de dar atenção menor aos pescadores do que aos agricultores, todas as vezes que se sintam doentes, coisa que não é rara; se algum dia cabe a um médico receber um pescador que confia em seus cuidados, considere ele quão penosa e quão difícil é essa profissão, obrigada que está a tolerar as terríveis rajadas de vento, os violentíssimos frios invernais e os mais pesados calores do verão; que espécie de alimentação usam esses homens, que gênero de vida diferente levam, pois, quando os demais operários, cansados do labor diurno, metem-se na cama para passarem comodamente a noite, num sono reparador, as

noites dos pescadores estão cheias de trabalho e insônias. Os Apóstolos queixavam-se ao Nosso Salvador de haverem trabalhado a noite inteira, sem conseguir pescar. É miseranda a situação de tais trabalhadores, que, às vezes, não têm outra morada senão seus barcos, e, quando adoecem e se veem obrigados a internarem-se em nosocômios, não podem ser verdadeira e eficazmente curados, caso o médico não esteja inteirado do ofício que eles exercem.

As roupas dos pescadores constantemente úmidas os expõem a contrair perturbações mórbidas que têm origem na sua transpiração prejudicada, como febres e doenças do peito, pleurites, pneumonias, tosse, dispneias e doenças semelhantes; alimentam-se geralmente de pescado por ser mais barato, se bem que o pescado é servido nas mesas dos príncipes mais nobres, como aquele rodovalho de que fala Juvenal na sua "Sátira IV", pelo que tomam aspecto caquético e terminam hidrópicos. Disse Hipócrates que: "os alimentos mais fracos têm escassa vida", isto é, como explica o egrégio Valésio em seu comentário, que não conduzem muito a uma vida longa. Escreveu depois Levínio Lêmio que a comida de peixes, porque estes apodrecem facilmente, exige mais pão.

Por viverem sempre em lugares úmidos, formam-se úlceras nas pernas de cura difícil; convém saber que as úlceras dos pescadores em águas fluviais e lugares pantanosos diferem muito das que costumam aparecer nos pescadores marítimos; as primeiras são pútridas e degeneram facilmente em gangrenas, as últimas são secas e duras, conforme ensina Hipócrates em seu livro "Do uso das coisas úmidas, nº 7", e propõe a água do mar para auxiliar o tratamento. Marciano explica admiravelmente esse parágrafo, pois, ainda que não pareça razoável aplicar a úlceras secas e duras a água do mar, que irrita e aumenta a secreção, Hipócrates a prescreveu justamente, pois, quando são muito duras e secas, as úlceras dos pescadores que vivem nas costas marítimas, a irritação produzida poderá levá-las à supuração; isto também observou Galeno. De outra maneira se curam as úlceras dos que pescam nos rios e lagoas; a estes convêm substâncias secantes e desprovidas de ação corrosiva, pois, segundo Hipócrates, "a úlcera seca é mais curável que a úmida".

Padecem os pescadores marítimos de prisão de ventre, são mais vorazes do que os que vivem em terra, pela observação de Van Helmont, cuja causa atribui ao ar marítimo, impregnado de vapores salinos que tornam o apetite agudo, ao mesmo tempo em que endurecem

o abdômen, pela flutuação e a contínua influência da atmosfera, tudo isso ativando a fermentação do sangue. Assim, os clisteres da água marinha excitam a secreção, mas deixam secura depois. Há uma passagem muito importante de Hipócrates, que diz: "os homens mentem por ignorância a respeito da água salgada, creem que ela, ao percorrer o ventre, também o afrouxa, quando na realidade contraria a evacuação e paralisa o ventre"; vejam, pois, os que receitam clisteres ácidos e cheios de sal em casos de tal prisão de ventre, quanto se desviam das pegadas do Divino Preceptor. Aos pescadores com prisão de ventre, convém preferentemente os clisteres emolientes e oleosos e, pela boca, lenitivos e laxantes.

É claro que, às vezes, estão sujeitos a torpor e adormecimento dos braços e pés, se junto com outros peixes recolhem em suas redes um torpedinho, pois o mar, assim como a terra, possui seus animais venenosos, citados por Plinio, não só seu contato ocasiona danos, como também sua exalação venenosa passa através da linha e do anzol, comunicando-se com o braço do pescador, segundo descreveram Dioscórides, Plinio, Matiolo e outros; porém consta, por muitas experiências de Estevão Lorencino, que só é transmitido o veneno pelo contato direto e não de todas as partes do corpo, sobretudo dos músculos em forma de foice. Sennert tratou longamente da faculdade estupefaciente do torpedinho e dos remédios relativos ao caso.

## *XL*
## *Doenças dos militares*

A disciplina militar que, quanto à dignidade e à superioridade, mantém rivalidade com a das letras, sobre qual das duas é mais apta para conseguir imortalidade para o nome, difere das outras artes, pois estas foram instituídas para manter a vida, coisa mais preciosa, e aquela para arriscá-la. Verdadeiramente não se pode, em nossa época, escolher gênero de vida mais desastroso que o de militar, pelo menos o soldado raso, seja na linha de batalha, ou no assalto às fortalezas, quer nos quartéis, durante o inverno, ou quando desatendem à disciplina militar e se deixam de tomar medidas em benefício da saúde desses soldados; cai amiúde sobre a miserável milícia que houvesse sobrevivido ao ferro e ao fogo de alguma expedição, uma coorte de males, ou então uma epidemia maligna que dizima os exércitos. São célebres, ou melhor dito, são infames as febres castrenses e certas doenças terríveis e contagiosas, como a febre Húngara que, em 1566, assolou durante a expedição do Imperador Maximiliano II, em Pannonica, contra Solimão, cuja febre Sennert descreve devidamente e a chama militar ou castrense, por surgir nos acampamentos, por culpa da má alimentação e da impureza das águas, devendo-se acrescentar, segundo ele mesmo, as vigílias, os trabalhos excessivos, chuvas, calores, frios, temores repentinos e outros muitos incômodos que não os ignoram os que tiveram ocasião de suportá-los.

Nada de pior atrai aos acampamentos as falanges de doenças do que a sua sordidez, pela descuidada limpeza dos soldados, conforme creio. Um édito Divino proibia antigamente aos israelitas de atreverem-se a evacuar o ventre nos quartéis, devendo deles afastarem-se, cavar um fosso na terra, descarregar ali as fezes e tapá-las, pelo que todo soldado levava às costas um pau pontiagudo para esse fim e era obrigado a cumprir a ordem; acredito que o mesmo se passe entre os turcos cuja milícia é a mais empenhada em manter o asseio corporal.

Eis aqui as palavras de Deuteronônio: "Terás um lugar fora do acampamento para onde irás satisfazer suas necessidades naturais, levando uma estaca ao cinto, e depois que as tenha feito, cavarás em redor e cobrirás com a terra que retiraste, aquilo que te aliviou; porque Deus anda no meio dos acampamentos".

Confesso nunca me ter ocupado da Medicina dos militares, porém, estou inteirado por médicos que acompanharam grandes exércitos da gravíssima infecção que se apanha nos acampamentos, sobretudo no verão, quando nenhum antro de Caronte fica mais empestado. Não é de estranhar que daí surjam doenças peculiares aos castrenses a que se dão nomes especiais, requerendo tratamentos particulares. Existem eruditos que nelas são especializados, como Raimundo Minderero, que publicou um tratado "Da Medicina Militar", Henrique Screta que escreveu magnificamente "Da febre maligna castrense", e o doutíssimo L. Antônio Porcio com o seu "Da proteção da saúde dos militares nos acampamentos".

A Medicina toma, em tais lugares, um aspecto muito distinto daquele que apresenta nas cidades, parecendo algo fora do normal, pelo que se passavam remédios com certa temeridade. Por ser a vida dos castrenses mais breve, considero que a arte de receitar deveria ser também rápida e expedita, e que, ao apresentar-se de repente a oportunidade de praticá-la, daria lugar a tentativas perigosas e, diante dos casos urgentes e a frequente mudança dos soldados, não poderia o médico assistente manter, ainda que quisesse, as medidas oportunas, tampouco assistir aos mesmos doentes.

Soube, pelo ilustre Dr. Jorge Henrique Barastorff, protomédico do sereníssimo duque de Hanover, quando esteve em Módena, que a Medicina nos quartéis não é tão rústica nem tão irregular como vulgarmente se acredita, pois príncipes e chefes de exércitos querem ter junto a eles, para si e para seus soldados, médicos competentes

e providos de abundante arsenal terapêutico, aos quais pagam magnífico salário, assim como li que assistiu à guerra de Troia "o médico Macaon", célebre cirurgião dos gregos. Inteirei-me de muitos detalhes por intermédio daquele doutíssimo varão que esteve na Hungria, em cinco acampamentos das numerosas tropas de Brunswick e Luneburgo; faço referências a eles aqui, para cumprir o dever de destacar o benefício da disciplina militar, se não com a minha, pelo menos com a experiência bélica dos outros.

Em duas categorias principais (exceto os ferimentos que são prêmios militares) esse ínclito varão classifica as doenças dos soldados: febre maligna e disenteria; as outras doenças vêm como pródromos ou consequências destas duas. A causa próxima e imediata das febres malignas encontra-se no virulento miasma que penetra e se localiza na massa sanguínea, e a causa ocasional na prolongada permanência, nos acampamentos, de cadáveres de homens e animais, como também de seus excrementos, ainda não enterrados, possuindo, tudo isso, o grande poder de empestar o ar com danosas emanações e de levar suas partículas malignas aos escaninhos da vida. Sua malignidade o situa em um ácido impuro, sumamente volátil e ativo que destrói humores e espíritos mediante fermentação. Essas febres malignas, afirma ele, aparecem geralmente nos fins do verão e se acompanham de cefalgia, delírios, convulsões e fluxos líquidos; observou que as febres malignas batem em retirada e abandonam os acampamentos quando o frio noturno começa a aumentar; ao distanciar-se o sol, o ar se contrai grandemente, e as fétidas exalações ficam retidas dentro da sua própria imundície; desaparecendo os raios solares, cessa por sua vez a atividade do ácido e de sua malignidade.

O ar infectado e corrompido hospeda a malignidade dos gérmens que criam e nutrem a febre dos castrenses, pois, se existe alguma doença à qual convenha o *quid divinun* de Hipócrates, a ela há de corresponder, máxime, as febres castrenses, assim como os remédios que devem ser aplicados. As doenças em que os antigos reconheciam algo de divino devem sua gênese ao ar, como se evidencia pelo testemunho de Hipócrates, cujas doenças faz derivar do céu, ou seja do ar, e chama ao ar o autor e senhor de todas as coisas que acontecem em nossos corpos, se bem que Van Helmont queira interpretar o "divino" como referência à propriedade admirável da fermentação. Diz o ilustre varão que Hipócrates, no livro "Das Doenças", chamou ao princípio da doença vinda do ar e, no livro "Da Antiga Medicina", refere-se com o mesmo nome ao humor ácido, em oposição

ao doce, pois que é possível explicá-lo bastante comodamente pelo contágio recebido do ar e devido ao ácido volátil.

Os sintomas prenunciadores das febres castrenses são: certa perturbação e displicência que os enfermos apresentam, seguindo-se, uma vez ou outra, uma inquietação que indica a existência de miasmas virulentos. Os sintomas que acompanham a febre são: insônias, delírios, grande calor, angústia à altura do diafragma, opressivas sonolências, dores de cabeça e suores que acompanham o referido estado febril, até chegar à completa instalação da doença.

Disse que deve ser considerada atentamente a presença ou a ausência do suor, como bom ou mau prognóstico da doença; caso seja observado que há suor desde o início, é quase possível anunciar-se que é segura a esperança de salvação, ainda que apareçam sintomas graves da enfermidade; entretanto, disse, viu muitos falecerem inopinadamente, que não suavam e pareciam menos agitados; refere também que se deve ter em conta que não apareçam suores nos dias de crise, pois, diz Hipócrates, são bons os suores que tornam mais fácil suportar o mal.

Pela sua observação atesta que a sangria é funesta no tratamento de febres desse tipo, e dela se absteve religiosamente; depois de uma ou outra horripilante alteração, e antes que o miasma virulento penetrasse nos escaninhos da vida, aplicava logo um antídoto volátil, como a tintura benzoática de Wedel com espírito retificado de chifre de veado, e, nos dias seguintes, algum cardiotônico mais brando, como o pó de contraerva de chifre de veado, de sal viperino, cada 6 horas, até que corresse abundante suor, suavizando-se então a dose do remédio, diminuindo, pouco a pouco, a sua frequência; durante esse tempo, e salvo o caso de necessidade urgente, não se provocava descarga do ventre, porque com a evacuação se detinham o suor e a transpiração; esta era despertada com decocto de aveia e raízes de cascavilha, raspas de chifre de veado e coisas semelhantes. Assegura ter obtido êxito aplicando vesicatórios nos braços e pernas, em três casos: sonolência, cefaleia e petéquias subcutâneas.

Penso que as disenterias, durante a guerra, curam-se quase da mesma forma, administrando-se duas ou três vezes o princípio dos mesmos benzoáticos misturados a uma pequena dose de opiáceos para que, refreado o ímpeto dos humores para o ventre e relaxadas as fibras nervosas, abram-se generosamente as portas do suor, ao mesmo tempo cobrindo-se o corpo com col-

chas e colocando-se sobre o umbigo uma crosta de pão impregnado de espírito de vinho quente. Conseguido o suor desejável, se o organismo requeria purgação, administrava-se ao enfermo um pó laxativo de *rhab-corall. rubr. preap*, em um caldo, misturado com chifre de veado, repetindo-se duas ou três vezes essa medicação. Geralmente o mal era vencido, e logo se aplicava, se necessário fosse, qualquer remédio que estimulasse o apetite. Para acalmar as cólicas, recomenda carminativos nervinos com opiáceos como a mistura de policresto descrita pelo ilustre Wedel, em sua "Opiologia", assim como saquinhos calmantes cheios de macela, sementes de linho, farelo e sal.

Acrescenta que, se dura mais tempo o fluxo de sangue, resultam mais saudáveis os absorventes e adstringentes, depreendendo-se assim que as doenças castrenses combatem-se eficazmente com tais remédios, afastando-se as sangrias dos quartéis.

Tratou repetidas vezes de enfermidades localizadas, como as feridas, e observou, esse preclaro varão, algo digno de ser levado em consideração, isto é, que nelas existe alguma coisa de tipicamente militar e maligna, embora seja levíssima e não dê motivo para suspeitar de nada de mal; notou ele que, nos prolongados assédios às fortalezas, as feridas produzidas por balas, sobretudo na cabeça, mesmo as mais superficiais, são dificílimas de curar e devem ser atendidas com muito cuidado. Para grande desonra dos cirurgiões, tornavam-se letais ao sobrevir uma inflamação seguida de gangrena; chegou-se a pensar que o inimigo sitiado houvesse envenenado as balas de chumbo. Vários desertores noticiaram que corria sorte idêntica aos inimigos, pela malignidade que o ar levava às feridas, porém ele conseguiu curas mais felizes, prescrevendo benzoáticos férricos absorventes, com vulnerários cefálicos, sem desprezar, entretanto, a aplicação de remédios da mesma natureza à parte vulnerada e injetando com uma seringa, nas feridas, decocto de absinto, cascavilha e arruda misturada com mel, ou, se não, misturando também ao oléo digestivo hipérico o bálsamo do Peru e coisas semelhantes.

Certifiquei-me de outro pormenor interessante, pelo mesmo varão esclarecido e cuidadoso observador, nos mínimos detalhes: que existe um mal dos acampamentos que se apodera não somente dos soldados rasos, como também de nobres e esforçados cidadãos, que é desejo repentino e ardente de regressar à sua pátria e para o seio da família, o que, em alemão, se diz *Heim Wehe*, sendo geralmente de consequência a mais nefasta. Aqueles que sofrem dessa angústia sucumbem por doença ou morte violenta, e declara que apenas se salva

um em cem, donde o provérbio militar que diz “quem a pátria deseja, encontra a morte”.

Conta ainda que conheceu homens de não inferior condição, mas bastante magnânimos, que, só ao ouvirem falar em expedição, como que tocados pelo raio, forjavam na mente a ideia de sua morte futura e presumiam com tal segurança que morreriam no próximo conflito, os quais na véspera da batalha davam o último adeus aos amigos e, ao mesmo tempo, dividiam seus bens e encomendavam a sepultura. E morriam mesmo, depois, na batalha.

Essa doença originada no espírito por impressioná-lo terrivelmente o horror à morte e abrigar na mente a triste imagem do óbito, cura-se, diz ele, por meio de impressões contrárias, com o oferecimento de um amuleto inspirador de confiança que se entrega oportunamente, antes de radicar-se o mal; feito isso, e pendurado o amuleto, libertam-se os espíritos alucinados e fica afastado o espectro da morte. Acredita-se que isso acontece naturalmente, e de modo algum em virtude do referido amuleto, tanta é a força da imaginação que a ideia da morte leva os soldados ao abatimento e, pelo poder dessa mesma imaginação, a fé nas faculdades do amuleto, ainda que elas sejam nulas, elimina do espírito a imagem do terror da morte.

Diversos autores discorreram muito sobre amuletos e talismãs para os que não reconhecem outra virtude que a outorgada pelo passivo engano de uma mente crédula. Certo é o conceito de Sêneca que escreveu: “Há males que só a ilusão cura”. Ao caso aplica-se também o que um dia li em Descartes, a respeito da força da imaginação: afastá-la constitui às vezes o melhor remédio contra a doença. “Assim, disse ele, quando alguém tenha essa disposição mental, pensando continuamente em tragédias e produzindo motivo de fixação em seu espírito, acostumar-se-á a suspirar, contrair-se-ão o coração e as fibras, demorando a circulação do sangue, e se formarão obstruções do fígado e do baço; ao contrário, se as angústias o vencem e dela se afasta o ânimo levando seu pensamento para objetos agradáveis e alegres, tanto quanto possível, abre-se o caminho para a reconquista da saúde.

Também me foi narrado algo não menos interessante, que o mesmo sábio observou: terminado o combate, quando são despojados os cadáveres, segundo o costume, de suas roupas e dos seus atavios, mostram, às vezes, as partes pudentas distendidas e túrgidas, como estivessem preparadas para o coito, causando admiração, nas mulheres assassinadas, os órgãos sexuais estarem rígidos e contraídos.

Deve pensar-se que, ao irem à luta, os soldados, movidos pelo pavor e raiva de quererem destruir o inimigo, promovem a precipitação do sangue e de todos os espíritos (o que é próprio do furor e da ira) desde o interior do corpo até a sua superfície; golpeados na luta e mortos, seu rosto ainda transpira ódio e vingança? Detidos os espíritos naqueles órgãos, mantêm-se erguidos depois da morte e apresentam um aspecto muito diferente dos que morrem em casa, por doença, mesmo que esta seja aguda ou crônica, daqueles que perecem de morte violenta e, muito mais, das vítimas de Marte, imoladas nas frentes de combate.

Conta Valério Máximo de um soldado romano, na batalha de Canes, que, tendo, com as mãos mutiladas, abraçado uma númida que se esforçava por desprender-se dele, deixou-a disforme, com as orelhas e o nariz roídos e expirou durante as mordidas, em pleno acesso de vingança.

É-me grato levar essas comunicações aos que precisam tratar nos acampamentos, assim como aos noviços na prática da Medicina em povoados e nas cidade; com efeito, pode acontecer que uma tempestade bélica assole províncias e reinos, e as tropas, ao regressarem das campanhas, disponham-se a descansar nos povoados, o que oferece oportunidade de atenderem portadores de doenças castrenses. Há anos a milícia alemã estabeleceu quartéis de inverno nestas regiões, e me aconteceu examinar doentes de febres e de disenterias, como as que se leem nos livros, pelo que sei que muitos homens morreram nas mãos de médicos militares que ignoravam a origem e o tratamento das enfermidades castrenses, razão pela qual administravam remédios intempestivos, como sangrias e purgativos fortes, por descuido ou desconhecimento da medida principal própria para dominar aquela virulenta e terrível infecção, eliminando-a pelos poros da pele.

A experiência, mestra na cura das coisas, mostrou o método adequado para tratar essas doenças. Cada vez que surja a ocasião, consultem-se os escritores Minderero, Screta e Dr. Antônio Porcio, já citados. Van Helmont também menciona certa febre que segue seu trágico curso, sem calor sensível, chamando-a febre castrense, e sua modalidade e natureza foram descritas por Regnero Graap, Cornélio Bontekoe, Etmüller e outros. Assim, adverti que, aqueles que trataram desse assunto, atribuem, por consenso quase unânime, a causa de tais moléstias ao ácido volátil, bastante corrosivo, e aconselham o uso do sal volátil para dissipar e reprimir o veneno, como também para promover sua eliminação através das glândulas cutâneas.

# *XLI*
# *Doenças dos pedreiros*

Os pedreiros estão sujeitos quase às mesmas doenças dos que trabalham a cal, porque quando extinguem a cal viva, jogando água sobre ela, para construir paredes ou para rebocá-las, é sempre a mesma cal que têm na mão, ainda que extinta, não podendo evitar de respirar pelo nariz e pela boca partículas tenuíssimas que se evolam e que irritam a boca, a garganta e os pulmões, levando a um mau estado de saúde.

Ninguém ignora a propriedade da cal que ocupa o primeiro lugar entre os alcalinos, propriedade que bem conhecem aqueles que têm querido habitar casa recentemente rebocada, o que acarreta gravíssimos males. Célebre é a história de Hermócrates, segundo Hipócrates, o Divino Preceptor: "Hermócrates que se deitara junto a um muro novo, foi atacado por forte febre". Valésio, seguindo as pegadas de Galeno, no comentário dessa história, disse que é uma infantilidade querer crer que Hipócrates havia escrito propositadamente aquela expressão "muro novo", querendo atribuir a ela a causa da doença que abateu o referido Hermócrates. Mas Epifânio Ferdinando e Mercurial nas "Preleções Pisanis" não pensam assim sobre as palavras de Hipócrates, porque, na realidade, nada é tão perigoso quanto habitar casa recentemente construída com cal, cujo risco muitos já têm experimentado,

quer sufocados, quer atacados de febre, com surdez e tonteira, como Hermócrates, que morreu no 27º dia da doença.

Verulâmio conta que o Imperador Joviniano morreu por ter morado num quarto há pouco tempo rebocado. Eu mesmo enfrentei o perigo porque, tendo mandado rebocar com cal meu gabinete de estudo, e, passados seis meses, acreditando poder nele permanecer tranquilamente, porque as paredes estavam velhas e só fora aplicada uma fina camada de cal, fui preso de uma febre alta da qual me livrei e que foi seguida, durante muito tempo, por uma febrícula que demorei a combater. E eu observei, mais de uma vez, que nas casas de construção recente o odor da cal é sentido por muitos anos, principalmente durante as manhãs, quando as janelas ficaram fechadas a noite toda, pelo que muitas pessoas, por não perceberem odor diurno, uma vez abertas as janelas e as portas, não hesitam em cair no sono noturno nesses domicílios.

Certamente com muita razão e muita sapiência, entre os romanos, conforme constata Plínio, um édito vetava a habitação em edifícios de construção recente; são estas suas palavras: "Na lei sobre casas antigas está prescrito que os compradores não as utilizarão, se não se passaram três anos da construção", isto, contudo, acontecia em relação aos consertos, em edifícios em ruínas; na realidade, tanto tempo era exigido porque a casa construída com cal demora a secar, o que não acontece com o emprego do gesso; este seca depressa e não emite odor algum perigoso.

Os pedreiros, por conseguinte, como aqueles que trazem a cal dos fornos, manipulam-na e vendem, conhecem bastante a sua acrimônia e não a receiam. Vedélio, como havia dito anteriormente, recorda o cálculo achado nos pulmões da companheira de um forneiro de cal, cálculo que ele julga ter sido produzido pela aspiração de partículas de cal pela boca. Amato Lusitano atesta que os que preparam ou tratam a cal perecem afetados pela tísica, e lembra, a propósito, o caso de um homem robusto.

Muitos, entre os antigos e também os modernos, preocupam-se com a natureza da cal, mas, quanto a mim, não acho que seja mortal. Os químicos afirmam que contém uma parte abundante de álcali e uma pequena parte de ácido e descrevem muitos remédios de cal para uso externo. Plínio se admira da natureza da cal, e diz: "É surpreendente que exista algo que, depois de queimado, acenda em contato com a água". Ninguém, entretanto, tratou melhor das propriedades

da cal do que Tachênio; ele dá à cal uma posição importante entre os alcalinos, porém lhe atribui uma certa parte de ácido, pela qual se produz a efervescência quando entra em contato com a água, em consequência do conflito que se estabelece entre o ácido e a porção alcalina. Possui uma força ígnea ardentíssima, sobretudo quando é fresca, antes que tenha absorvido a umidade do ar; pois que é de origem vulcânica e, nascendo dela a parcela inflamável, não é de admirar que se emanem insensivelmente eflúvios sutilíssimos que, portanto, causem graves distúrbios aos operários.

Eu não vejo que cuidados possam precaver esses distúrbios, além de pequenos lenços colocados sobre a boca e o nariz enquanto a tratam ou a molham com água, para não serem forçados a respirar uma grande nuvem de pó. Ao mesmo tempo, não será inútil beber água fresca para aplacar a sede e, desse modo, minorar o ardor da garganta.

Consta-me que o óleo de amêndoas doces serve mais do que os outros remédios, visto que atenua e tempera a acrimônia e, além do mais, coíbe a efervescência da cal; esta, de fato, revela-se ao contato de qualquer líquido, exceto o óleo, porque, se não é umedecida, não desprende calor.

Se, pois, os operários dessa categoria são acometidos pelas afecções já referidas ou por qualquer outra, isso servirá ainda mais aos doentes para saber qual a doença que é acarretada pelo exercício de sua arte e qual o órgão principalmente afetado, medida de cautela importantíssima para todos os operários, como já havíamos dito e repetido antes, de modo fastidioso.

O oráculo de Hipócrates disse o seguinte: “Se alguma parte dói antes que se manifeste a doença, é ali que a doença se localizará”; porque, de fato, é fácil, em caso de doença, os humores se instalarem na parte mais fraca.

## *XLII*
## *Dissertação sobre as doenças dos literatos*

Às dissertações que venho fazendo sobre as doenças dos artífices, não achei impróprio acrescentar as afecções dos professores de letras, pois a eles acontece muito do que ocorre com os operários mecânicos, além de coisas boas, chegam-lhes as más. Acredito que são poucos aqueles que se dedicam às letras por amor à arte sem terem influência no seu ânimo honrarias, distrações e lucros, como aqueles que se condecoram com o título "de honorário", segundo o dito de Aristófanes, para quem, afastadas do mundo a pobreza e a riqueza, as coisas iriam de mal a pior, e ninguém quereria cultivar o saber e as demais artes; eis aqui seus versos e como se exprime sobre a pobreza, na tradução de André Divo:

*"Se Pluto recobrasse a vista, repartiria tudo igualmente,*
*E ninguém se dedicaria à ciência e às artes dos homens;*
*Suprimidas ambas as condições de existência, quem quereria forjar metais?*
*Quem construiria barcos? Quem coseria e faria rodas?*
*Quem cortaria couros, construiria paredes, lavaria ou tingiria as peles?*
*Quem araria os campos e mediria os frutos de Ceres,*
*Se nos fosse permitido viver ociosamente e desprezar todas essas coisas?"*

Os que valem pelo seu próprio engenho, geralmente, se a necessidade os aperta e surge a esperança de ganhar dinheiro, entregando-se de corpo e alma à sua feição pelas letras, preparam com elas magníficos cabedais, como também atraem para si a estima de nobres cavalheiros que irão à porta dos literatos pedir-lhes conselhos. Mas, apesar da cultura proporcionar lucro e glória a seus cultores, é também fecunda em escolhos e semeia sementes de males que amiúde germinam. A respeito dos homens de letras, escreveu Ficino "que quanto mais trabalham com a mente e o cérebro, mais ociosos ficam fisicamente", e com exceção dos médicos clínicos, suportando todos os incômodos da vida sedentária. É conhecido o conceito de que o homem sentado se faz sábio, porém, sentado dia e noite para deleitar-se com as letras, não sente o dano experimentado pelo corpo; não compreendendo as causas de suas doenças, estas chegam de surpresa, levando-o ao leito. Anteriormente já indiquei os danos ocasionados pela vida sedentária, pelo que não irei agora me deter a respeito desse assunto.

Sofrem também os inconvenientes de ficarem muito tempo de pé, não raro encontrando-se muitos professores de letras que conhecem esses inconvenientes e, para escaparem aos males da vida sedentária, fazem o contrário, permanecendo de pé durante horas e, às vezes, o dia inteiro folheando livros, o que não é menos nocivo e, sim, ainda mais grave que se dedicar à sua ocupação sentados.

Padecem comumente de fraqueza estomacal. "Os débeis de estômago, dizia Celso, são em sua maioria habitantes das cidades e quase todos grandes aficcionados das letras". Poucos se consagram seriamente a elas sem se sentirem angustiados por fraqueza de estômago; digere o cérebro, o que a ânsia do saber e a fome de literatura sugerem, porém mal pode digerir, por sua vez, o ventrículo, alimentos absorvidos enquanto se acham afastados dele os espíritos animais impedidos pelo trabalho intelectual; ou não correm plenamente, como fora mister, para o estômago, devido à patente tensão das fibras nervosas e de todo sistema muscular, em seu esforço mais profundo. A indiferença por uma paralisia das partes que se fatigam evidencia o quanto contribui o influxo, se não do suco nervoso, do qual até agora não se tem suficiente conhecimento, pelo menos dos espíritos animais; ainda que essas partes desfrutem de suco vital, mercê do perene afluxo de sangue arterial, consomem-se, entretanto, por falta desse humor que vai para elas através dos nervos.

Daí, pois, as indigestões, grande acúmulo de flatos, palidez e enfraquecimento de todo o corpo; despojadas as partes do líquido fecundo, nascem os danos que sucedem às perturbações do quilo. Assim, os estudiosos, donos de um temperamento jovial, tornam-se taciturnos, ásperos e melancólicos; dizem que os intelectuais são tristes; na verdade se tornam tristes porque as operações mentais embotam a porção espirituosa do sangue, relegando ao interior a mais feculenta e terrestre.

Não negarei que influa bastante o temperamento do corpo, pouco a pouco inclinado à melancolia com moderada mistura dos demais humores. Ticino, em um livro escrito para os estudantes, aborda várias causas desse modo de ser, ou de transformar-se, dos literatos; umas deduz da Astronomia, ciência em que se mostrava sumamente hábil, e outras da Filosofia Natural; todas se referem ao movimento veemente e à dissipação dos humores vitais, causadores do enegrecimento do sangue. Estão, pois, propensos a paixões melancólicas, os professores de letras, sobretudo se lhes coube por sorte semelhante temperamento; se são realmente homens de letras, são também magros, pálidos, taciturnos e amantes da vida solitária.

À força de ler e escrever, pouco a pouco a visão vai enfraquecendo, não sendo possível fixar demoradamente o olhar, sem experimentar lacrimejamento, visto que escrevem com letra miúda, peculiaridade habitual dos que possuem raciocínio rápido. Seria curioso se correspondesse à realidade o que declarou Aristóteles, quando explicou porque aqueles que possuem vista curta costumam escrever com letra miúda: "é de admirar, disse ele, que, tendo os olhos embaçados, façam aquilo que fazem os que se valem da agudeza dos olhos"; enumera várias razões, como também o faz Plêmpio, que mostra haver um dia duvidado que pudesse tratar de fingimento, para que as vistas parecessem vigorosas e sãs. Conheço vários míopes que fazem letras bastante grandes; porém é indubitável que aqueles que se habituaram a escrever com letra miúda encurtam a vista, e, paulatinamente, tornam-se míopes; o olho habitua-se a ver só o que está próximo e então a retina se firma e permanece no ponto mais remoto da pupila, perdendo a mobilidade concedida ao olho pela natureza.

Do defeito contrário à miopia, também padecem aqueles que são demasiadamente dedicados à leitura e à escrita; com o correr do tempo necessitam afastar os objetos dos olhos, vício habitual na velhice; quando se inclinam para escrever, o cristalino se volta facilmente para a pupila, a obtura, o que ocasiona a cegueira. Pela mesma razão

danificava-se a vista dos cavalos e outros animais, disse Platino, pois caminham inclinados e os humores dos olhos vão aos poucos para a frente e ali ficam.

Enquanto os estudiosos trabalham inclinando a cabeça e o tronco sobre os livros, comprimem-se o ventrículo e o pâncreas, e essa compressão lesiona o estômago, impede o curso do suco pancreático por seus canais e, depois, perturba a economia das vísceras naturais; admite Doleo que a interrupção do suco pancreático causada pela postura do corpo é muito nociva devido aos seus efeitos hipocondríacos. Nefrite e artrite acompanham a vida sedentária e se juntam às doenças dos literatos; por outro lado, é muito raro que um artrítico não fique nefrítico, não tanto porque os lombos e os rins do artrítico em contato com o leito e a poltrona se fatiguem gravemente de tanto estar o corpo encostado ou sentado, e sim porque têm, um e outro, a mesma causa material. Erasmo, em sua carta a um amigo artrítico, depois de descrever suas torturas, pois padecia de cálculos renais, disse que existe afinidade entre ambos, mais ainda, parentesco, porque se tinham casado com duas irmãs, e tão intimamente unida a ele estava sua esposa, que não podia haver suspeição de adultério.

Maltratam mais que a outros professores de letras os estudos esforçados daqueles que lutam por editarem seus livros para o público com a ideia de inscrever seu nome na imortalidade; refiro-me aos que sabem realmente, pois que muitos tentados pelo prurido de escrever dão à luz produções mal concatenadas que mais parecem abortos que fetos, e temos poetas que compõem cem cantos parados "em um pé", como disse Horácio. Os sábios varões que buscam fama e consideração duradouras para seu nome consagram-se dia e noite a suas obras, e morrem às vezes antes de publicá-las. O estudo molesta menos àqueles que se contentam em saber o que alguns souberam ou escreveram, pensando desfrutar "da alheia insônia", conforme escreveu Plínio, a respeito daqueles que preferem comprar e habitar as casas que outros edificaram.

Já que menciono Plínio, consideraria injustiça não repetir aqui um dos seus ditos memoráveis que se refere a esse nosso tema e proporcionou dores de cabeça a numerosos engenhos. Disse, portanto, Plínio: "É também uma doença morrer pela sabedoria". Do que Plínio quis dar a entender por tal doença, há tantas opiniões quanto opinantes. Copiou várias delas, que pertencem a doutos varões, o célebre Gaspar de Regis, em suas "Questões Festivas", fazendo referências às engenhosíssimas explicações de Mercato, Mercurial, João Pineda,

Salmásio, Dechamps, Padre Ludovico de La Cerda e outros, pelo que se vê que alguns, como Mercato, querem interpretar na frase de Plínio a palavra "morte" por "idade senil", caracterizada pela prudência; outros, entre eles João Pineda, creem que se trata de "febre quartã" que ataca em dias e horas fixas, com marca de uma certa sapiência e inteligência; outros, como Mercurial, no seu "Do frenesi", acreditam que seja uma troca de palavras, por equívoco dos copiadores que substituíram *per sapientiam mori*, a expressão *per desipientiam mori*; outros ainda, como P. de La Cerda, pensam em uma faculdade de adivinhação adquirida, a ponto de tornar a alma apta a predizer o futuro; outros finalmente, como o citado Gaspar de Regis, no seu "Parafrênico", aludem a uma ferida ou pancada no diafragma, porque os antigos localizavam a prudência nessa parte do corpo.

Depois das opiniões de tantos homens ilustres, permitam-me juntar minha pedrinha, qualquer que seja o seu valor: Plínio, a tantos perigos, acidentes e doenças que ameaçam tanto tanto nossa vida, quis acrescentar também outra causa provocadora de morte, isto é, o estudo da ciência que não raro conduz seus cultores à morte prematura, de modo que nas classes de doenças há uma não conhecida dos médicos, chamada *per sapientiam mori.*

Não posso neste assunto deixar de citar a áurea expressão de Platão que indica magnificamente como procedem várias doenças dos que estudam letras. Estabelece aquele varão, excelente engenho divino, certa proporção entre a beleza e a saúde do homem e um certo equilíbrio entre a alma e o corpo, e escreve: "Quando a alma, mais poderosa que o corpo, irrita-se ao ver-se nele encerrada, agita-se interiormente e o enche de doenças. Quando se consagra com ardor à aquisição de conhecimentos e a fazer indagações, então o consome; e se trata de instruir aos demais, entrega-se, então, a lutas de palavras em público e em particular, entre combates e querelas, inflama-se o corpo e o liquefaz; originam-se catarros e diarreias, fazendo com que muitos médicos achem esses males originários de causas contrárias às verdadeiras".

De modo que, os literatos

*"agitam enormes ânimos em peito augusto,"*

enquanto se entregam imoderadamente ao estudo, enfermam seu corpo, inadaptando-o para sustentar os movimentos da alma e dos espíritos. Alma e corpo acham-se associados por lei tão estrita

que tanto o bem quanto o mal passam alternadamente de uma para outro e da mesma maneira que se dá com o corpo, que, por causa do excessivo exercício, enlanguesce e entorpece a alma para as funções da mente, quando se esforça com demasiada tensão em sua ânsia de sabedoria, sendo necessário que enfraqueça o corpo, consumidos os espíritos, instrumento comum para levar devidamente a cabo as operações materiais e espirituais. "Trabalho para as articulações, alimento para a carne, sono para as vísceras, passeios para a alma, cogitação para os homens", assim disse o mestre das artes. Omitirei de referir aqui o que Galeno escreveu no comentário dessa passagem e que Valésio oferece às Letras; a cogitação, portanto, segundo Hipócrates, por ser a atividade própria da alma e dela participarem todos os estudiosos das Letras, para meditar e pensar (em nossa época não faltam os que encontram na cogitação toda a essência da alma), não pode impedir que o corpo, privado de sua orientadora, saia dos seus limites e venha a sofrer muitos distúrbios, fluxões, torpor dos membros, atrofia e velhice precoce, como disse Platão.

Muito sofrem, em geral, os professores de letras; também padecem de moléstias peculiares os filósofos que constantemente discutem nas escolas, os advogados no foro e, notadamente, os professores do Liceu Paduano, quando, desde o começo do inverno até fins da primavera, declamam na cátedra até ficarem roucos, para instruírem a juventude estudiosa, tornando-se ofegantes e dispneicos, pois graves distúrbios sua atividade causa ao peito, e a todos aqueles cuja profissão depende do exercício da voz. Todos estes estão de fato sujeitos, não raro, a fluxões e rupturas dos vasos do peito. Os políticos, os juízes e os ministros dos príncipes, extenuados pelos esforços, estudos e vigílias, têm a primazia entre os hipocondríacos e aos poucos descambam para o marasmo. Lê-se isso numa elegante epístola de Pedro Xilandro, conselheiro da cúria do Rei Católico em Brabante, apensa à obra de Fortunato Plêmpio, sobre "Proteção da Saúde dos Togados", na qual o ilustre jurisconsulto descreve a Ilíada dos seus males e a desditosa vida daqueles que vestem toga. Todos os célebres jurisconsultos e ministros que tive a oportunidade de encontrar nas cortes dos príncipes e na cúria romana, assim como em outros lugares, pelo que observei, são todos atormentados por moléstias de várias espécies, maldizendo a profissão a que se haviam dedicado.

A situação é muito melhor para os médicos, pelo menos para os clínicos e visitantes dos pacientes; não os maltratam tantas doenças

e, caso adoeçam alguma vez, não é por estarem continuamente sentados ou de pé, como os jurisconsultos, mas sim por causa de suas andanças. Admira-se que, por vezes, ao surgirem graves epidemias de febres malignas, pleurises e outras doenças populares, os médicos fiquem imunes, talvez por privilégio de sua arte; isso não se atribuiria tanto às precauções tomadas pelos médicos, quanto ao exercício que fazem e à alegria do espírito quando retornam a seus lares, bem remunerados. Observo, entretanto, que nunca os médicos se sentem mal quando não encontram alguém doente, e o comprovei, particularmente, nestes últimos cinco anos em que as constituições mostraram-se salubérrimas, pois não apareceu epidemia. Mas nem sempre se livram impunemente; conheço muitos que, dos trabalhos assíduos e de subirem escadas, adquiriram hérnias. Se o fluxo disentérico se espalha, também eles ficam disentéricos, por permanecerem muito tempo ao lado dos doentes, absorvendo o miasma pela boca ou por outra forma; comportaram-se com cautela aqueles que, atendendo de pé aos disentéricos, demoraram pouco tempo junto a eles.

Não menor messe de males colhem de seus estudos os poetas, filósofos, teólogos e todos os escritores e outros literatos. Perturbam-se os poetas com as ideias fantásticas que dia e noite fervilham na mente, pelo que ficam atônitos, impertinentes e magros, conforme mostram seus retratos. Nosso Ariosto, como o confessa nas suas sátiras, fazia alarde de sua magreza e, se repararmos em um retrato pintado de seu rosto, vemos uma efígie macilenta de eremita; a mesma coisa se diz de outros famosos poetas. Ludovico Castelvetro, filósofo bastante conhecido, era tão magro que seu rival, Aníbal Caro, ria-se dele, chamando-o de "cabra esquálida".

Aqueles que menos se destacarem pela sua inteligência usam seu engenho e são considerados prodígios de talentos, são arrebatados do mundo dos vivos, por uma maldade da sorte. João Pico, fênix da inteligência, depois de apenas seis lustros de vida, morreu em Florença, com grande prejuízo para a república das letras, tendo sua morte causado vários rumores; crê-se, porém, que foi em consequência dos seus contínuos labores e das vigílias noturnas, sendo de admirar lhe haver sobrado tempo para escrever depois de ter lido tantos autores, conforme se verifica em suas obras.

Nos matemáticos parece que deve interromper-se o comércio entre o corpo e a alma, pois contemplam e demonstram tantas coisas abstratas e afastadas da matéria, pelo que são quase todos eles

estúpidos, preguiçosos, apalermados, fora das realidades humanas. Todas as suas partes e o corpo inteiro enlanguescem-se inevitavelmente, como se estivessem em torpor, condenados a trevas perpétuas. Enquanto aplicam a mente em tais estudos, toda a luz animal concentrada nesse centro de interesse encerra-se nele e não se difunde para iluminar a parte exterior. A esses professores ajusta-se bem o oráculo de Hipócrates: "Luz para o Orco, trevas para Júpiter", pois, enquanto a luz espiritual se volta para as partes mais profundas do cérebro, é necessário que as externas permaneçam entorpecidas na obscuridade.

Como, para o bem da nação, é muito importante que sábios e homens de letras tenham boa saúde, é justo protegê-la no possível e restaurá-la quando for perdida. Consultem-se primeiramente os autores que escreveram sobre eles, como Plutarco em seus "Saudáveis Preceitos", Marsílio Ficino, em "Proteção da Saúde dos Estudiosos", obra bastante conhecida entre nós; também Fortunato Plêmpio, na sua louvada obra "Proteção da Saúde dos Togados"; leem-se nesses autores fórmulas interessantes de medicamentos para cura e prevenção de doenças que costumam empregar. Merece primazia o regime de seis coisas não naturais, como o chamam os médicos. Primeiramente os estudiosos se tratarão onde haja ar puro e saudável, longe de pântanos, lagoas e de ventos sul; assim, estarão mais puros os espíritos animais, instrumento principal das operações intelectuais. Causa-me admiração que Platão tenha escolhido para sua Vila Acadêmica um lugar não afastado de Atenas, tido como pouco salubre e até pestilento; naturalmente foi tomado da mesma ideia de D. Bernardo, abade de Claravellis, quando preferia lugares insalubres para neles edificar seus mosteiros, pois assim tinha monges, valetudinários, mais obedientes, portanto, e menos expostos aos feitiços das voluntuosidades. Seja qual fosse o pensamento de Platão, o certo é que com ar pesado se embotam e obnubilam os espíritos, e a inteligência se esclarecerá com mais felicidade em lugares onde a atmosfera é mais pura e mais temperada, como em Nápoles e, antigamente, em Atenas; deve-se pelo contrário, ao ar pesado da Beócia, a má fama de seus habitantes.

Passar temporadas no campo, respirar ar livre, levar uma vida variada, eis o que é bem salutar, assim como alternar a solidão e a companhia, "pois que uma satisfaz nosso desejo e a outra o dos homens". Há que se precaver dos ventos que sopram com demasiada força, o austral e o boreal, proteger especialmente a cabeça dos frios

invernais. Adotou-se a moda de usar perucas de cabelo alheio, como uma espécie de bainha da cabeça, que os anciãos, assim como os jovens, carregam, providas de grandes e espessos cabelos; demonstraram ser boa proteção para os primeiros e para todos os que, por qualquer razão, ficaram calvos; convenci a muitos que sofriam da garganta e dos dentes que cobrissem a cabeça com essa peruca, pelo que vi muitos curados que, do contrário, teriam ficado desdentados. Não é invento novo, pois os antigos faziam menção de chapéus, barretes e gorros de pele aos quais fixavam pelos para imitar uma cabeleira natural; realmente não pareciam postiços, e homens e mulheres os usavam para dissimular cãs e calvície, apresentando-se mais elegantes em público.

Assim, disse Juvenal de Messalina a esposa de Cláudio:

*"Ocultava seus negros cabelos sob uma peruca ruiva, vestindo um velho manto, entrava no morno lupanar."*

E Marcial, de um calvo:

*"Vendo a pele caprina que lhes cobrira as têmporas e a calva, Exclamou festivamente aquele: Oh! Febe, que tinhas a cabeça vestida."*

O uso de tais perucas tornou-se, pois, familiar em nossa época, são cômodas e saudáveis para os professores de letras protegerem a cabeça contra as injúrias do ar, principalmente no inverno, e já vejo poucos intelectuais (salvo os religiosos aos quais suas ordens proíbem) que andam pela cidade sem densa cabeleira, como diz Plauto, graciosamente, "ruivos, crespos e encaracolados".

Acrescente-se que, quando os intelectuais, por velhos e próximos à caduquice que estejam, olham-se ao espelho, enfeitados, elegantes, com barba aparada e pele bem cuidada, favorecidos ainda por formosos cabelos, alegram-se interiormente, e ao vangloriarem-se de sua longevidade, a vida lhes torna mais alegre.

Nos tempos antigos, os professores de letras e mais ainda os filósofos orgulhavam-se de uma calva e de uma barba crescida, ambas comprovadoras de sua sapiência. Atualmente as coisas mudaram e quase não se veem barbas nos professores de letras, nem sinal de cãs, tão cuidados e elegantes se mostram aos outros. Vem a propósito, a

célebre exclamação do sacerdote egípcio a Solon: "Oh! Solon, Solon, vós, os gregos sois eternamente jovens. Ninguém que venha da Grécia é velho". A experiência que comprova a comodidade e a salubridade das referidas cabeleiras para cobrirem os intelectuais quando vão envelhecendo é aprovada também pela razão. Se aos jovens densos pelos protegem a cabeça, por providência da natureza, pois os próprios fetos já os têm ao saírem do claustro do útero para fazerem sua aparição no cenário do mundo; se aos jovens em pleno vigor dos seus anos não lhes pesa a quantidade de cabelo, antes lhes assenta bem, por que os velhos cuja energia decai não hão de preferir a reposição de cabelos em sua cabeça desnuda aos gorros de couro ou de seda? Refere Plêmpio que Marsílio Ficino, filósofo platônico, demorou muito a usar peruca e a retirava várias vezes ao dia, conforme soprasse o vento ou o ar ficasse quente ou mais frio, o que é prejudicial por serem tão úteis; as perucas podem ser usadas nos templos e em presença dos príncipes.

A respeito da alimentação, tenha-se por oráculo este preceito de Hipócrates: "Em benefício da saúde, não se encher de alimentos". É mister abster-se da saciedade e também da variedade de alimentos que podem perturbar a digestão e produzir revoluções no ventre, pelo que disse Horácio:

*"Misturar cozido com assado, ostras com tordos, as coisas doces se transformarão em bílis e a raivosa pituíta provoca tumulto no estômago."*

Devem estar bem cuidados os ventrículos para que não se desviem de suas funções e maltratem todo o corpo. Para fortalecer o estômago, Ficino aconselhava o cinamomo e o uso de essências aromáticas; entre as guloseimas dos literatos acha-se hoje o chocolate, consolo do estômago e dos espíritos; quando eles manifestem a natureza melancólica dos estudiosos, nativa ou adquirida, e haja abundância de ácido, poderão as poções balsâmicas e espirituosas vencer o ardor do estômago ou do sangue e melhorar a sua crase.

Prefira-se o vinho a outras bebidas; louva-se o puro, porém em quantidade módica. Sei de muitos literatos que, a conselho de seus médicos, tomam vinhos brancos e leves, acreditando-se autorizados a beberem a seu critério, o que por certo não lhes é tão saudável, como lhes parece. Os vinhos leves, tomados no verão, provocam uma acidez muito perniciosa, onde já existe abundante ácido. Crato dizia: "Convêm aos fracos do estômago beberem antes um pouco de vinho

húngaro ou malvático, que tomarem copiosamente vinhos leves". Van Helmont escreveu que pouco vinho contém muito vinagre. Os literados costumam padecer de artrite, cólicas, afecções hipocondríacas, doenças geradas do ácido morbífico, e é natural que não convenham elementos ácidos aos que sofrem de acidez.

Quanto ao restante do regime, para evitar os inconvenientes de estarem demasiado tempo sentados, ou de pé, será bom o exercício moderado do corpo, diariamente, se o ar é puro, sereno e não sopram ventos, assim como frequentes e suaves fricções para promoverem ou manterem a transpiração, banhos de água doce, de preferência no verão, época em que a bílis negra ataca aos literatos; desse modo se tempera a acrimônia dos humores e se suavizam as asperezas das vísceras. A hora mais oportuna para o banho é ao entardecer; comer depois e, em seguida, ir para a cama, como era hábito dos nossos antepassados.

Assim, disse Homero:

*"Que se lave, coma e entregue seus membros ao sono."*

Como tempo mais cômodo para estudar, recomenda-se principalmente o matutino, não à noite e menos depois de cear. "É monstruoso, afirma Ficino, velar até tarde da noite, pois no dia seguinte estarás obrigado a dormir depois que o sol sair"; e nisto disse, erram muitos estudiosos. Ficino alega várias razões, deduzindo uma da posição e configuração dos planetas, outras do movimento dos elementos, como o espessamento do ar ao pôr do sol, também dos próprios humores, porque de noite prevalece a melancolia, em virtude da ordem do universo, destinando os dias aos trabalhos e as noites aos descansos, a todas essas coisas, porém, opondo-se os literatos que elocubram à luz das lâmpadas.

Devem atendê-las, cada qual, segundo seus costumes; não trabalharem depois das refeições, aconselha Celso, e sim depois de concluída a digestão. O eminentíssimo Cardeal Sforza Pallavicino, doutíssimo varão, não comia todos os dias para dedicar-se ao estudo, e, depois de cear com parcimônia, deixava de lado os seus estudos e dormia toda a noite para refazer suas forças.

Mas não faltam os que preferem ao dia o retiro mais secreto da noite amiga, considerando-o mais propício ao estudo. Disse Gélio que o autor de tragédias, Eurípedes, baixava a uma caverna todas as vezes

que queria meditar sobre uma de suas obras teatrais. Aquele grande orador, Demóstenes, refugiava-se em um lugar onde ninguém pudesse vê-lo, nem o ouvir, a fim de não distrair seus olhos nem sua mente. Para meditar não se deve encerrar em cubículos estreitos, como se faz no inverno para resguardar-se do frio, e sim em quartos amplos e com o corpo abrigado; os espaços estreitos enchem-se logo com a fumaça das lâmpadas e as emanações do corpo e do ar expirado, a atmosfera fica viciada, principalmente se acendem candeias de sebo cujo fedor e cuja fumaça da exalação infeccionam o estômago e os ventrículos anteriores do cérebro, pelo que deve haver máxima precaução, conforme ensina Plêmpio, em sua louvadíssima obra "Proteção da Saúde dos Togados". Hipócrates elogia em seu oráculo o "sono abrigado do frio", que merece aqui ser referido; segundo a interpretação do doutíssimo Valésio, é mais saudável o sono em quarto amplo, porém se se cobre bem o corpo com cobertas, por ser o ar mais puro o que se inspira, sendo, pois, melhor para os estudiosos trabalharem em locais espaçosos, do que em celas ou porões, mesmo no inverno, resguardando-se bem, como aconselha Hipócrates.

Se caem de cama devido às doenças anteriormente citadas, como nefrites, cólicas, dores artríticas, que são as cruzes dos estudiosos, recorra-se aos remédios mais adequados que foram descritos detalhadamente pelos diversos autores, não sendo minha intenção encher esta minha narrativa de fórmulas de remédios.

Os literatos interpelam os médicos, com seu habitual mau humor, insistindo em serem tratados com purgantes e sangrias, de preferência a outros remédios, e, a propósito disso, de não pequena importância, direi o que a observação e a experiência me indicaram ser saudável. Consta-me que os homens de letras resistem mais facilmente aos purgantes, ainda que repetidos e fortes, que à sangria, por menor que seja, e parece razoável essa observação; por causa das noites insones, da confluência dos espíritos de outras partes do corpo ou da intemperança dos estudiosos, aparecem em seus estômagos indigestões ácidas, de modo que até os mais fortes catárticos são enfraquecidos por esse abundante ácido e, se não muito brandos, as perturbações se agravam e nada adianta; tudo isso requer que o médico seja prudente, examinando atentamente o estado, as forças e a enfermidade do paciente. Observamos também nas crianças, que têm em geral muito ácido, como ele anula igualmente o efeito dos purgantes. Nada destrói a força alcalina dos catárticos, como tudo que se tome que contenha ácidos. A sangria deve ser moderada, pois enfraquece as forças e dis-

solve facilmente os espíritos debilitados por vigília e ingentes labores dos estudiosos. Lemos na vida de P. Gassendi, filósofo célebre, que ele morreu em consequência das repetidas sangrias que os franceses costumavam aplicar-lhe.

É digno de observação como os homens de letras ertencentes a ordens religiosas, macilentos e valetudinários, aceitam habitualmente com euforia purgantes e vomitórios de pó de Cornacehinni, um copo de emético e coisas semelhantes; causa horror, pois, que se trate com sangria a um enfermo, quando se sabe bastante que o afeta, antes de tudo, o lastro dos humores estancados no estômago, a languidez e o consumo de força vital que se achar no sangue.

Incumbam-se, pois, os professores de letras dos seus sapientes estudos, mas só com moderada tutela e não se ocupem tão diligentemente em cultivar a alma, negligenciando os cuidados do corpo; porém, mantenham-se no meio termo, de modo que a alma e o corpo, em comunhão fiel, como hóspede e hospedeiro, prestem mútua ajuda e não se aniquilem mutuamente.

Demócrito, pela narração de Plutarco, com saber e argúcia, costumava dizer "que se o corpo e a alma discutissem sobre qual causa mais dano ao outro, não lograriam sair da dúvida, isto é, quem é mais danoso, o hóspede ou o hospedador". É raro descobrir um justo equilíbrio entre eles, pois se nos empenhamos bastante em robustecer o corpo, cevando-o, lança-se por terra "a partícula de aura divina"; se não nos dedicamos inteiramente a cultivar e adornar a inteligência, o corpo se consome, pelo que aconselhava Platão que não se exercitasse o corpo sem a alma, nem a alma sem o corpo.

Encerrarei este assunto, com a graciosa narração de Plutarco, tirada do livro "Preceitos Saudáveis", que escreveu em benefício dos estudiosos e políticos: "Disse o boi ao camelo, seu companheiro de servidão, que não queria ajudá-lo a levar uma parte do peso: 'Te tocará então carregar toda a minha carga'. E, isto, coube ao camelo, quando o boi foi morto. Assim acontece com a alma que, por negar ao corpo o que ele requer, logo se vê atacado de febre e vertigem, e há de abandonar os livros, as discussões e os estudos, e com ele enfermar-se e sofrer".

# *Suplemento à dissertação das doenças dos operários*

*Ao benévolo leitor*

Este suplemento que agora tens do meu livro sobre doenças dos operários, editado, há muito tempo, em Módena, deve-se, benevolente leitor, a um tipógrafo paduano. Ele estava informado, ouvindo a juventude estudiosa e a varões doutos, e recebendo também diversas cartas, que era procurado e pedido aquele meu livro, sem que se pudesse consegui-lo, nem por meu intermédio, nem em parte alguma, em razão de estarem esgotados todos os exemplares.

Pediu-me, então, reiteradamente, que escrevesse outras novidades sobre o mesmo assunto da obra já publicada, dizendo que não iria eu obter pouco lucro, se, ao livro impresso com seus tipos, fosse acrescentado algo mais que atraísse os compradores. Prometi satisfazer seu desejo, no caso de que se oferecesse alguma pausa nas minhas públicas ocupações e, o que é mais importante, aos males que costumam atacar minha precária saúde. E, como não podia pisar sua livraria sem que ele me refrescasse a memória no tocante à promessa, resolvi finalmente o contentar e cumprir minha palavra.

Durante as férias estivais, deixei de lado muitas coisas que tinha para escrever a fim de dirigir a atenção para outros artífices, visitando suas oficinas. Escrevi, assim, os seguintes capítulos, que tratam de doenças de operários, aos quais juntei uma dissertação relativa à "proteção da saúde das virgens vestais". Poderia explanar muito mais, descrevendo suas doenças, porém, como isso necessitaria maior tempo e dedicação, o farei, provavelmente, quando me for dada outra oportunidade.

Beneficia-te, portanto, deste meu trabalho, benévolo leitor, e passa bem...

# *I*
# *Doenças dos tipógrafos*

Careciam os antigos da arte tipográfica; consta-nos que tudo escreviam os copistas e amanuenses. A imprensa foi inventada no século XIV e não há dúvida de que trouxe ao mundo mais danos que utilidade. Desde que apareceu e começou a ser posta em uso, impediu milhares de homens de ganhar o sustento de suas famílias. Prejudicou também os monges que, depois de seu sagrado mister, empregavam o tempo em reproduzir exemplares e obtinham algum dinheiro dessa honesta ocupação.

No Império turco essa arte não foi aceita até agora, como refere em suas cartas Cornélio Magno, célebre parmesano que viajou pelo Oriente, e quando se tratou, no Divan, de introduzi-la em Constantinopla, propagando-se a notícia pelo país, quase se levantou um tumulto popular. Muito se poderia dizer pró e contra, lendo-se Trajano Bocalino que, em suas "Novidades do Parnaso", conta ter entrado com grande pompa o inventor da imprensa, no Parnaso, e que a assembleia de literatos o classificou de corruptor das boas artes, pelo que foi expulso vergonhosamente. Mas deixaremos de parte outras considerações, e, cumprindo nosso intento, discorreremos sobre as doenças a que se acham expostos os tipógrafos em razão do seu trabalho.

Duas são as categorias desses operários: uns que permanecem sempre sentados, retirando das caixetas os caracteres metálicos para

compor palavras e voltando a colocá-los em seu lugar quando não necessitam mais deles. A outra categoria é a daqueles que estão sempre de pé junto ao prelo, segurando com ambas as mãos um utensílio de couro cheio de pelos e passando a tinta sobre os caracteres, enquanto um outro movimenta com a mão direita a parte superior do prelo, apertando-a fortemente, para, em pouco tempo, aparecer impresso no papel aquilo que estava nos compactos tipos, repetindo-se a mesma operação até se completar o número de cópias previsto. Certamente trabalho engenhoso, mas seria melhor se fornecessem livros aos homens doutos e não àqueles que os vendem ao público.

Os operários da primeira categoria se expõem a todas aquelas doenças consequentes da vida sedentária. Os outros, por se manterem sempre de pé, fazem muito esforço; e, por causa de seu gênero de atividade, padece todo o corpo, não podendo evitar a fadiga em virtude dos grandes cansaços. Quando a idade se torna avançada, têm de abandonar o trabalho. Uma outra calamidade atinge os que manipulam os tipos, estando sentados, porque, ao fixarem continuamente os olhos sobre aqueles caracteres de cor negra, a vista vai-se debilitando, pouco a pouco; ainda que os olhos sejam de boa constituição, a visão se enfraquece devido a derrames e outras doenças dos olhos. Conheci dois irmãos tipógrafos que tinham olhos por natureza grandes e salientes que deixaram sua profissão para não ficarem cegos. Lembro-me que, por haver permanecido quase quatro horas com um tipógrafo, corrigindo uma obra minha, bailavam-me nos olhos, ao sair da tipografia e durante a noite, as imagens daqueles diminutos tipos que eu havia olhado intensamente. Fixando o olhar continuamente nos negros caracteres, ora para compor, ora para desfazer as palavras já compostas, diminuiu-se o tono das membranas e das fibras oculares, sobretudo da pupila, e não é de admirar que venham a sofrer de doenças dos olhos.

Os mesmos tipógrafos declararam que, depois de haverem trabalhado durante todo o dia e de terem saído das oficinas, sentem de noite esses caracteres impressos na sua mente, por muitas horas, até que as imagens de outras coisas os afastem.

Além das doenças dos olhos, outras calamidades sobrevêm, como febres contínuas, pleurites, pneumonias e outras doenças do peito; uma vez que é necessária aos tipógrafos a sua permanência durante todo o inverno em locais fechados em porões, enquanto secam as folhas impressas, e porque passam desses aposentos aquecidos

para o ar frio do exterior, constipa-se facilmente a pele, prejudicando a transpiração e ocasionando, em consequência, as afecções já mencionadas. Estão sujeitos a elas, máxime, os que trabalham nas prensas, porque necessitam realizar grandes esforços com os braços e todo o corpo, não sendo raro que saiam da tipografia molhados de suor, ao encontro de tais doenças.

Não percebo que socorro possa levar a arte médica a esses servidores das letras, nem que precauções propor, além de aconselhar-lhes moderação em seu trabalho, do qual deverão se afastar algumas horas, diariamente, e que se abriguem bem no inverno, quando saem da tipografia e regressem a seus lares. Aqueles que ficam sentados, compondo nas mesas, com as mãos, se usam óculos, os olhos ficarão menos fatigados; mas olhem de quando em quando para outra direção, façam uma leve massagem nos olhos com a mão para estimular os espíritos entorpecidos, e também lavem os olhos com água de eufrásia, de violeta e de plantas semelhantes.

Por fim, se são atacados de doenças agudas, aplicar-se-ão remédios a elas apropriados. Contudo, para obter um feliz resultado na cura, será sempre bom que o médico fique a par do ofício que costuma exercer aquele que precisa de tratamento.

# *II*
# *Doenças dos escribas e notários*

Consta-nos que foi muito maior o número de escribas e notários antigamente do que em nossos dias, depois do invento da arte tipográfica; todavia, sabemos que nas cidades e povoados muitos ganham o sustento para si e sua família somente com escritas. Os escribas e notários eram geralmente servos ou escravos libertados, como Rossini demonstra amplamente. Com o nome de "notário", não quero aqui designar os que, em nosso tempo, redigem contratos e testamentos, mas sim aqueles que, por meio de pequenas notas, donde a denominação de notários, distinguiam-se pela arte de escrever com velocidade. Assim, Plínio, segundo conta a respeito de sua vida seu sobrinho Plínio, o jovem, cada vez que viajava "fazia-se acompanhar de um notário com seu livro e pequenas tábuas, cujas mãos estavam protegidas por luvas, para que, durante o inverno, a inclemência do céu não roubasse seu tempo de estudo". Hoje, na ordem civil, temos escribas que cobram salários para exercerem seu ofício na cúria, junto aos magistrados, nas lojas dos mercadores e nas cortes dos príncipes.

Investiguemos, pois, as doenças a que estão expostos tais operários. Três são as causas das afecções dos escreventes: primeira, contínua vida sedentária; segunda, contínuo e sempre o mesmo movimento da mão; e terceira, atenção mental para não mancharem os livros e não prejudicarem seus empregadores nas somas, restos ou

outras operações aritméticas. Conhecem-se facilmente as doenças acarretadas pela sedentariedade: obstruções das vísceras, como fígado e baço, indigestões do estômago, torpor nas pernas, demora no refluxo do sangue e mau estado de saúde. Em suma, carecem esses operários dos benefícios que um moderado exercício promove, mas a que não se podem dedicar, ainda que queiram, pois fizeram contrato e precisam cumprir sua jornada de escrita. A necessária posição da mão para fazer correr a pena sobre o papel ocasiona não leve dano que se comunica a todo braço, devido à constante tensão tônica dos músculos e tendões, e com o andar do tempo diminui o vigor da mão.

Conheci um homem, notário de profissão que ainda vive, o qual dedicou toda sua vida a escrever, lucrando bastante com isso; primeiro começou a sentir grande lassidão em todo o braço e não pôde melhorar com remédio algum e, finalmente, contraiu uma completa paralisia do braço direito. A fim de reparar o dano, tentou escrever com a mão esquerda; porém, ao cabo de algum tempo, esta também apresentou a mesma doença. Em verdade, martiriza os operários, o poderoso e tenaz esforço do ânimo, necessitando para o seu trabalho grande concentração de todo o cérebro, contenção dos nervos e fibras; sobrevêm as cefalalgias, corizas, rouquidões, lacrimejamento de tanto olharem fixamente o papel, consequências estas que afetam muito mais os contadores e mestres de cálculos, como assim se chamam os que se alugam aos comerciantes.

Na mesma categoria estão compreendidos os secretários dos príncipes cujo prazer da companhia não é a última glória. Passam por grande tortura mental não só pela multidão de cartas que escrevem, como porque não adivinham suas intenções ou porque, por astúcia dos príncipes, não querem ser entendidos de duas maneiras; o certo é que aqueles que se destinam a esse emprego maldizem seu trabalho e, ao mesmo tempo, a corte.

E que proteção prescreve a arte médica aos que, por sua perseverança em escrever, são atacados de tão graves males? Em primeiro lugar, que se empenhem em corrigir o dano provocado, provavelmente, pela vida sedentária, com exercícios corporais moderados, nos dias festivos, quando o permitem as cerimônias religiosas dos templos; serão úteis frequentes fricções. “A fricção possui forças contrárias, dizia Celso, se é intensa, endurece o corpo, suave o amolece, muita diminui e moderada aumenta”. O mesmo nos ensina Hipócrates. Se existem sinais de obstruções nas vísceras, convirá depurar, de quando em

quando, o corpo com algum revulsivo e administrar purgativos gerais, na primavera e no outono. Para a lassidão do braço e da mão direitos, as mesmas fricções, porém mais suaves, com óleo de amêndoas doces, ao qual de pode misturar um pouco de aguardente, a fim de robustecer aquelas partes. Para que, no inverno, o frio não entorpeça as mãos, devem usar boas luvas. Para preservar a cabeça dos males que possam afetá-la, são aconselháveis todos os remédios cefálicos, especialmente os que contêm sal volátil, como o espírito de sal amoniacal cujo potente odor afasta o torpor. Far-se-ão também purgações especiais da cabeça, recomendando-se as pílulas de João Crato e administrando-se também masticatórios e esternutatórios; estes, ao produzirem o espirro, fazem sair os humores serosos das glândulas cerebrais; como masticatório prestará ajuda utilíssima o uso discreto do fumo. Convém conservar, tanto quanto possível, o ventre desembaraçado, com alimentação mais mole, e, se não funciona, recorra-se aos clisteres, pois disse Hipócrates: "A inércia do ventre leva perturbações a todas as partes do corpo e impurezas ao sangue".

# *III*
# *Doenças dos confeiteiros*

Para delícia das mesas e outros usos, costuma-se cobrir com açúcar as sementes de diversas plantas, como: amêndoas, pistacho, pinhas, erva-doce, coriandros, absinto, também frutas secas, coisas sumamente agradáveis para quem se destinam, mas não para os seus fabricantes cujo trabalho os leva a não poucos males.

Suspendem eles, nas vigas do teto, uma grande caldeira de bronze, colocando-se debaixo, à distância conveniente, um braseiro cheio de carvões acesos; depois, para confeitar as sementes, deixam gotejar sobre estas, proveniente da caldeira, açúcar liquefeito que sai do bico de um vaso posto a uma certa altura. Dois operários, como fazem em Veneza, onde muito se dedicam a esse trabalho, ou apenas um, como em outros lugares, sacodem a caldeira fazendo-a girar e assim o conteúdo dela se cobre de uma crosta branca. Durante a operação, os homens que têm o rosto em cima da caldeira recebem o calor e os vapores que exalam. Se tentam trabalhar o dia inteiro, contraem facilmente graves males, como cefalalgias, dores nos olhos e grande sufocação.

Três são os elementos que mais molestam os operários: os carvões acesos, a caldeira quente e finalmente o próprio açúcar. Do carvão fumegante surge um produto muito negro cuja natureza é

preferível admirar que querer conhecer. Que coisa há no carvão, pergunta em seu livro "Cidade de Deus", Santo Agostinho; "não é admirável ver tanta fragilidade, pois que ao menor golpe se quebra e à mais leve pressão se fragmenta, e por outro lado tem tanta solidez e firmeza que não há umidade que o destrua, nem tempo que o gaste, a ponto de ser utilizado para demarcar os limites que convençam os litigantes?" Mas mais admirável ainda é sua pestífera força que, se não acha livre saída, mata o homem em pouco tempo. Por que propriedade age assim, quando há brasa ardente em um local fechado, é coisa ignorada até agora, embora existam muitos exemplos desse seu poder sufocante.

O próprio Van Helmont faz referência, em seu *Jure Duuviratus*, dizendo quão gravemente foi atacado pelo fumo do carvão: em meio ao inverno, estando escrevendo em um quarto fechado, trouxeram-lhe um vaso com brasas, e se sentiu tão mal que apenas pôde sair do aposento, pouco depois caindo ao solo, semimorto. O mesmo Van Helmont acusa um certo gás silvestre latente no carvão, excitado por algum enxofre inflamável nele concentrado.

A caldeira onde põem as sementes, conserva a nocividade do cobre, pois o bronze se fabrica com cobre e pedra calcária. A vasilha, estando fumegante, expele o ácido que os operários absorvem; finalmente, o açúcar derretido que é derramado sobre as sementes exala vapores corrosivos, ainda mais acres, porque o açúcar usado para confeitar é branco e foi purificado com água de cal, se não elas, ao serem confeitadas, não sairiam perfeitamente brancas, o que desgostaria os convivas já fartos, no final do banquete, em vez de despertar-lhes o apetite.

Tudo conspira, pois, para imprimir graves danos aos operários, principalmente no cérebro, nos olhos e no peito; a cabeça dói fortemente, os olhos, feridos pelos vapores do fogo, como se fossem dardos, tornam-se vermelhos e logo se inflamam, enquanto o ar saturado de partículas ácidas prejudica a respiração.

Para indicar algumas precauções aos operários, direi primeiro que devem preocupar-se tanto quanto possível que o trabalho se realize em local aberto, de modo que se difunda o vapor mais rapidamente. É louvável interromper o trabalho, depois de algumas horas, para aspirar ar fresco e aproveitar esse tempo lavando o rosto com

água e a garganta com água e vinagre. Para enfrentar a malignidade do carvão, permito-me propor um remédio que usam todos os operários que empregam carvão durante o inverno em suas oficinas: ponham em meio às brasas um pedaço de ferro, corrigindo, assim, a virulência do carvão. É possível que os malignos espíritos do carvão, desse modo, exerçam seu furor sobre a substância férrica ou, então, que o próprio ferro os absorva.

# *IV*
# *Doenças dos tecelões*

Quanto à utilidade e até mesmo à necessidade da arte têxtil, pode conceber-se, pois, que nenhum mortal deve deixar de cobrir suas nudezas com alguma peça tecida. Não temos razão de queixarmos que a Natureza tenha dado penas às aves e a cada animal uma cobertura pilosa, deixando desnudo somente o homem; o homem possui inteligência e mãos com que confecciona variados e diversos tipos de tecidos, não só para cobrir-se, mas também para adornar-se e embelezar-se. A arte de tecer era geralmente ocupação da mulher, embora as nobres matronas não a desdenhassem; assim Penélope, na ausência do marido, afastava a cupidez de seus pretendentes, fiando e desfazendo sua teia. Lemos em Virgílio que Enéas, durante o funeral do assassinado Palante, levou duas túnicas bordadas a ouro.

*"Que um dia as fizera, com suas próprias mãos,*
*Sidonia Dido, um agradável labor, a tela com fios de ouro."*

Agora, esta arte é exercida somente por mãos plebeias de tecelões e tecelãs, e já é muito que as mulheres nobres tenham aprendido a pintar sobre telas com agulhas. Havia duas maneiras de tecer, disse Otávio Ferrari em sua eruditíssima obra "De re vestiário": uma, antiquíssima, em que as mulheres, de pé, teciam para cima e para dentro; a outra, em que teciam para baixo, porém, sentadas, sendo que esta

foi inventada pelos egípcios, os quais puxavam a trama para o peito. Agora as mulheres tecem sentadas, mas em tal posição que parecem estar de pé. É por certo laboriosa a tarefa, pois todo o corpo se exercita, as duas mãos, os braços, pés e espáduas, não deixando parte alguma que não colabore, ao mesmo tempo.

As aldeãs, durante o inverno, quando descansam das tarefas campestres, confeccionam seus tecidos com fios de algodão ou de linho, nas estalagens, principalmente as jovens antes de casarem, pois que a habilidade no tecer lhes serve de dote, uma vez que é vergonhoso, para uma mulher do campo, não saber essa arte. Como é uma arte laboriosa, prejudica, antes de tudo, as mulheres grávidas, fazendo abortar ou expulsar o feto facilmente, sobrevindo daí numerosos males. É necessário que as tecelãs, dedicadas exclusivamente a essa arte, sejam sadias e robustas, do contrário o excessivo trabalho as fatiga e, chegadas à idade adulta, são forçadas a abandonar sua profissão.

Contudo, além do lucro, são beneficiadas com a saída mais fácil das purgações menstruais, em seu tempo, pois é raro que uma tecelã se veja privada delas, pelo contrário, ocorrem com muita abundância, se no período tecem mais do que é necessário; aconselho às jovens que venham a queixar-se da falta de menstruação na época esperada, que consultem as tecelãs e as mulheres operosas antes dos médicos. Quando essas mulheres mal acabam de comer, correm à tecedura, ávidas de ganho, causando não leves danos ao estômago e à digestão, porque, em virtude do movimento forte que fazem, levando o pente de tecer ao peito, perturba-se a fermentação, obrigando a que um quilo imperfeito suba às glândulas lactíferas e encha a massa sanguínea de impurezas.

Também os tecelões dedicados sobretudo a tecer panos, se não são robustos e musculosos, serão atingidos gravemente de lassidão, especialmente nos braços, espáduas e pés. Durante a confecção do pano, pela grande largueza da fazenda, atendem dois homens ao mesmo trabalho, um passando a lançadeira e o fio ao outro com a mão direita, e este a devolvendo com a esquerda, ambos, ao mesmo tempo, levando depois, com grande força, o pente de tecer ao peito.

Os tecelões sofrem um distúrbio do qual se salvam os que fazem tecidos de algodão, de linho ou de seda, pelo material com que trabalham: lã, embebida no azeite, expele um mau odor, pelo que seus corpos cheiram mal e têm um hálito fedorento, os olhos ficam vermelhos, conforme acontece a todos que tratam a lã embebida em azeite.

A defesa contra esses males de homens e mulheres que se dedicam à tão árdua tarefa é a moderação; aquele vulgar "não demasiado" me agrada bastante. Fricções leves de óleo de amêndoas doces nos braços, nas coxas e nas pernas serão úteis. Procurem fazer a limpeza do corpo, mudar de roupa e lavar as mãos, os braços e as pernas com vinho perfumado, pelo menos nos dias festivos.

Nas oficinas de tecelagem há operários que passam o dia festivo com pesadas tenazes os panos já feitos, cujo trabalho é certamente fatigante, principalmente para os braços e as mãos, pelo que há razão para serem socorridos do mesmo modo que os tecelões.

# V
# Doenças dos bronzistas

Entre os metais que a sagacidade do homem soube arrancar das entranhas da terra, o ferro e o bronze são os mais utilizados, muito mais que a prata e o ouro; por isso os mexicanos, aos quais a natureza proporcionou ouro e prata em lugar de ferro, invejavam os europeus que lutavam com armaduras de ferro. Grande foi o uso do bronze nos tempos antigos, o que sabemos por Ateneu que disse terem Platão e Licurgo declarado, ao tratarem de assuntos públicos, que o ferro e o bronze eram os únicos metais indispensáveis, pois só se cunhavam moedas de bronze, donde deriva o nome de "erário" (*aes, aeris*).

Este capítulo tratará das doenças que atacam os obreiros do bronze quando trabalham nas cidades e em suas oficinas, e não daqueles que o extraem das minas, pois já os mencionei no primeiro capítulo sobre os mineiros.

Esses operários existem em todas as cidades e, em Veneza, agrupam-se em um só bairro para, durante o dia inteiro, martelarem o bronze a fim de dar-lhe maleabilidade e fabricar depois com ele vasilhas de diversos tipos, com isso causando tal ruído que os operários que ali têm suas tavernas e seus domicílios fogem todos de um lugar tão incômodo. Observamos esses artífices todos sentados sobre pequenos colchões postos no chão, trabalhando constantemente encurvados, usando martelos a princípio de madeira, depois de ferro, e batendo o bronze novo para dar-lhe a ductilidade desejada. Primei-

ramente, o contínuo ruído danifica o ouvido, e depois toda a cabeça; tornam-se um pouco surdos e, se envelhecem no mister, ficam completamente surdos, porque o tímpano do ouvido perde sua tensão natural com a incessante percussão que repercute, por sua vez, para os lados, no interior da orelha, perturbando e debilitando todos os órgãos da audição; acontece a esses operários o mesmo que se dá com os que vivem às margens do Nilo, tornando-se surdos por causa do estrondo das cataratas. Também se tornam gibosos porque trabalham encurvados. A mesma coisa acontece àqueles que se dedicam a malear o ouro em finíssimas lâminas.

Além dos grandes danos do ouvido e da cabeça, também sofrem o estômago e os pulmões, pois do bronze batido exalam-se vapores venenosos, os quais, elevando-se, penetram pela boca e chegam ao estômago e aos pulmões, segundo afirmam os artífices. Muitos medicamentos costuma-se preparar com bronze, como flor, escama e verde de bronze, que possuem propriedades corrosivas e eméticas. Os próprios artífices sentem esse poder corrosivo e secante enquanto inspiram o ar. Averiguei se tais vapores causam algum incômodo aos olhos e me responderam que não, o que está conforme ao escrito por Macróbio, que nas minas de bronze se curam os mineiros remelentos com colírio preparado com bronze.

Não vejo que remédio possa servir para esses males; podem obturar os ouvidos com algodão, de modo que o ruído repercuta menos, nas partes internas, nas quais, lesionadas pelo contínuo estrépito, convém untar óleo de amêndoas doces. Para corrigir a irritação dos pulmões derivada da inspiração do ar saturado de emanações metálicas, servirão as emulsões de amêndoas, de sementes de melão, de cabaça em água de violeta, de cevada ou semelhantes, *soro vacum* e alimentos lácteos. Se o operário é magro e franzino por natureza, com tendência a afecções pulmonares, seu mais seguro remédio será trocar de profissão, pois péssimo é o ganho que ocasiona morte rápida. Se contrai alguma doença aguda ou febre, será útil ao médico que o atende saber em que ofício ele trabalha; durante uma febre alta, os bronzistas sentem zumbidos nos ouvidos e convém que o médico não se assuste nem deduza disso todo o mal, ainda que Hipócrates considere funesto tal zumbido; mas não é de estranhar que nossos operários se encontrem mais debilitados nos ouvidos e se excitem com os fortes sons durante uma febre alta; assim, nas afecções pulmonares, é necessário tratar-se de refrescá-los para combater a secura devido à febre aguda, e de restaurar a umidade por meio de emulsões.

# *VI*
# *Doenças dos carpinteiros*

Depois dos frutos da terra, a Natureza não produziu nada mais útil aos homens do que as árvores e as florestas, conforme disse Plínio, com toda razão: "Delas tiraram o primeiro alimento, com sua fronde revestiram as cavernas e vestiram o livro".

Depois da invenção da serra, as árvores foram cortadas em tábuas, para com elas construírem-se casas e mil outros utensílios para uso humano. Acredita-se que a cidade de Lyon, na França, antigamente, era toda construída de madeira, pois incendiou-se em uma noite, segundo conta Sêneca, e os camponeses que para lá se dirigiam na manhã seguinte, aturdidos pela surpresa de não a ver, perguntavam-se, ignorando o que havia acontecido, o que fora feito de Lyon, enquanto Sêneca, compadecido da miséria humana, exclamava: "Selva por muito tempo, num momento, cinzas!" Atualmente, também nas regiões setentrionais, as cidades são todas de madeiras, como Moscou, onde em vários locais se exibem casas para venda, preparadas para serem armadas, grandes, pequenas e médias, ao gosto do comprador, que em poucos dias pode ter a sua no local escolhido.

A arte da carpintaria, ainda que seja única no gênero, divide-se em vários ramos, porquanto uns fabricam somente rodas e carros, outros tinas e barricas, outros mais apenas barcos. Alguns talham com escopro tiras de madeira que as douram e depois usam para elegantes

adornos de quadros e espelhos. Essa arte, em geral, é trabalhosa e fatiga os operários, afetando gravemente os que serram árvores para fazer tábuas. A operação está elegantemente descrita por Hipócrates, no livro primeiro "Da Dieta": "Os carpinteiros, quando serram a madeira, um puxa e outro empurra a serra para levarem a cabo a mesma obra; se não empurrasse o que está debaixo e não empurrasse também o que está de cima, a serra não poderia mover-se, porém se querem pôr violência em seu trabalho, tudo botam a perder". Aquele que está em cima trabalha mais que seu companheiro de baixo, a fim de dirigir para ele a pesada serra; o que está embaixo sofre o inconveniente de cair serragem nos seus olhos, causando-lhe vermelhidão e dor, pelo que é necessário sempre os abaixar.

Os que trabalham no torno com madeiras como buxo, oliveira, terebinto e similares cansam-se muito porque os braços e as mãos estão em constante contensão para segurar o escopro, com o que, pouco a pouco, vão desbastando o que querem deixar em forma determinada, enquanto forçam o pé direito, ao dar voltas na madeira que vai ser torneada. Precisam fixar os olhos no trabalho, cujo movimento vertiginoso excita os humores e os espíritos e provoca distúrbios. Os carpinteiros não se danificam com o material que manipulam, a não ser com a madeira do cipreste cujo odor ativo provoca dor de cabeça.

Não tenho remédios a aconselhar aos operários da madeira, senão moderação no seu trabalho; não contraiam doenças pelo interesse do ganho, pois o trabalho os vencerá e terão que permanecer desocupados durante muitos dias. São salutares, como a todos os operários fatigados por seu trabalho, as fricções leves de azeite. Os olhos também terão de ser cuidados e sofrerão menos se seu olhar fixo for, de quando em quando, desviado do trabalho; caso fiquem vermelhos e doam, devem ser banhados com calmantes, água de cevada, de violeta ou leite de mulher. E se, por outras causas, são presa de doenças agudas, adotar-se-ão os mesmos remédios indicados para os outros operários cujas forças se extenuam com o trabalho excessivo.

# *VII*
# *Doenças dos amoladores*

Poucas são as artes, creio eu, tão inofensivas que não causem alguma lesão nos seus artífices. Quem havia acreditado que diminuiria a acuidade visual dos que afiam com uma pequena mó as navalhas, armas dos barbeiros e as lancetas usadas pelos cirurgiões para as sangrias? A experiência, entretanto, comprovou-o, com certeza. Não é de estranhar que, se os operários necessitam ter constantemente o olhar fixado intensamente em sua mó que gira com grande velocidade, diminua o tono dos olhos e debilite a visão, com o tempo, como sucede aos joalheiros? Amiúde contraem afecções vertiginosas quando labutam o dia inteiro, e, ainda mais, aqueles que não têm cabeça muito firme, depois do trabalho, ficam vendo a mó dar voltas em sua mente. É possível que por tal causa externa e ocasional se agitem os humores dos olhos, principalmente o aquoso, que é móvel por natureza, e também façam circunvoluções os espíritos animais, alterando, assim, a economia natural do olho.

Nesta cidade vive um homem hábil em afiar navalhas e lancetas, de que obtém bom ganho; de trabalhar sem interrupção, o dia inteiro, padece de enfraquecimento da vista e graves oftalmias, atribuindo unicamente ao exercício de sua profissão a origem de seu infortúnio. Interroguei outros operários do mesmo ofício e quase todos se queixavam de doenças dos olhos. Tampouco é pequena a tarefa de

fazer andar com o pé direito a roda grande de madeira que imprime movimento igual ao da pequena mó. Ainda que alguns logrem evitar esse incômodo, mandando os meninos movimentar a máquina, cansam os braços e as mãos pela tensão exigida pelo trabalho, mas são sempre os olhos os mais prejudicados.

Quanto aos recursos que posso aconselhar para sua ajuda, não vejo outra maneira senão a moderação e o repouso durante as horas de labor, não dando tanta importância ao ganho quanto à saúde; e administrar-lhes as mesmas recomendações que se fazem aos joalheiros e a todos aqueles que exercitam sua vista trabalhando com objetos diminutos, e que não repetirei para não causar tédio aos que me leem.

# *VIII*
# *Doenças dos ladrilheiros*

É crível que os homens das eras primitivas não tivessem casas feitas com arte. Quando chegava o frio, as cavernas serviam de pequenos domicílios, o fogo e a lareira compartiam seu abrigo, assim como os rebanhos e seus donos; depois tiveram habitações mais cômodas, cabanas feitas de canas e de palha, mais tarde casas de rocha e pedra porosa, todas de materiais fornecidos pela natureza, como as que se veem até hoje nas montanhas, moradas construídas inteiramente de pedras forradas com limo e cobertas com grandes lajedos. Como não há rochas nas planícies campestres, aprendeu-se a fabricar ladrilhos de barro, deixando-os secar ao sol e cozendo-os em fornos. Aparecem, assim, as casas de ladrilhos, melhores quanto ao aspecto e à solidez. Como também os ladrilheiros se encontram entre os operários e é indispensável seu trabalho para levantar edifícios novos ou reparar os velhos, vejamos que doenças provenientes de sua ocupação poderão ameaçá-los.

Não tenho por que descrever aqui a fabricação e a cocção de ladrilhos. Qualquer pessoa pode observar esse trabalho, dando um passo além dos muros da cidade ou por outros lugares afora, onde existem tais operários. Seu trabalho é mais penoso e servil do que muitos outros. Por causa dele sofreram antigamente os israelitas no Egito, empregados em fazer ladrilhos, e sem mais outro consolo do

que comer alhos e cebolas. Porque necessitam permanecer ao ar livre e aos raios do sol para prepará-los e deixá-los secar devidamente e, terminadas essas operações, levá-los a endurecer nos fornos, os operários não podem evitar que seus corpos se enrijeçam e se ressequem demasiadamente. Dispõem-se, assim, realmente, a adquirir perigosas doenças, febres malignas e inflamatórias. Estão expostos a todas as injúrias do ar, mais fresco nas horas vespertinas e amiúde se molham na chuva; geralmente comem alimentos agrestes, pão de segunda classe com alho e cebola, com vinho quase sempre estragado. Não é de admirar, pois, que adoeçam gravemente, e são raros os que suportam tão duro trabalho vários meses.

As febres que atacam esses artífices trazem consigo, quase sempre, delírios e, se eles se salvam, contraem doenças crônicas, quartãs, má respiração e, às vezes, hidropisias. São comumente pessoas do campo que, quando se sentem atacados de febre, voltam aos seus tugúrios, confiando sua saúde à Natureza unicamente, ou são transportados aos hospitais, onde se tratam com remédios habituais que se aplicam a todos, como purgantes e sangrias; ignoram os médicos a condição desses artesãos, que se acham exaustos e extenuados pelo prolongado trabalho.

Esses miseráveis operários seriam favorecidos grandemente com banhos de água doce, no princípio mesmo em que se tornaram febris, pois seus corpos estão sujos, e, molhando a pele, abrem-se os poros para dar saída ao calor da febre. Esqueceu, porém, nossa época o uso dos banhos, tão familiar aos antigos médicos. Eram muito concorridos antigamente, em Roma, durante o dia inteiro e, ao entardecer, os operários acorriam aos estabelecimentos termais públicos para banharem-se com pouco dinheiro; deixavam ali sua sujeira e sua fadiga. Devido aos banhos, os operários adoeciam antes muito menos do que hoje; ninguém deixava de banhar-se, seja qual fosse sua posição social, idade ou sexo. Nos primeiros tempos da Igreja, iam as matronas e as meninas, como consta de uma epístola de São Jerônimo a Eustáquio, na qual adverte que convém que uma virgem se lave num banho para limpar o corpo, é porque convém à sua saúde, não devendo essa virgem ficar desnuda; queria que as donzelas se asseassem num quarto escuro, com as janelas fechadas ou de noite, pois a primitiva construção das termas havia degenerado em um luxo muito grande. A propósito disso, merece ser lido Sêneca, quando descreveu a vida de Scipião em seu voluntário exílio, depois

de haver vencido a África, tendo-se retirado para Linterno, onde em seu pequeno banho "o terror de Cartago ia lavar-se, ao regressar dos trabalhos rústicos; não se banhava todos os dias porque, segundo referem os que descreveram os usos e costumes dos nossos antepassados, lavavam-se diariamente os braços e as pernas para limpar o sujo resultante do trabalho, porém o resto do corpo lavava-se uma vez por semana".

Para os ladrilheiros que, segundo o ditado, vivem pegados ao lodo, resultaria benéfico o banho, tanto para proteger a saúde, como para curar doenças. Porém, como a religião cristã olhou mais para a saúde das almas do que para a dos corpos, foi perdendo-se pouco a pouco o uso do banho, e ficou privada a arte médica de tão saudável proteção em quase todas as doenças.

# *IX*
# *Doenças dos poceiros*

Como os ladrilheiros devem trabalhar queimando-se ao sol e ao fogo, assim também os poceiros, afastando-se do sol e do fogo, aguentam frio e demasiada umidade, cavando seus poços, durante a meia-estação, porque na primavera e no inverno a terra está embebida de água e ninguém resiste a esse trabalho. Admite-se que, para cavar poços novos, limpar os velhos ou buscar veios de água nas profundidades, a época apropriada é o verão, quando surgem o ímpeto de Procyon e a estrela do vesânico Leão. Verifica-se, então, com que perigo se efetua a operação, pois passa-se do frio ao calor e do calor ao frio, de um lugar seco para um úmido e do úmido para o seco.

Devido à permanência em lugares frios e pela umidade das águas que afluem de um lado e do outro, fecham-se facilmente os poros da pele, ocasionando grave dano à respiração e originando, então, altas e prolongadas febres. Surge, ademais, outra causa de febres malignas: a tétrica exalação dos poços situados principalmente nas colinas e nas montanhas que contêm enxofre, nitro e outros minerais cuja emanação corrompe espíritos e humores dos poceiros. Nas regiões planas dos campos, não se molestam tanto aqueles operários, ainda que se perceba sempre certo mau cheiro que deu nome aos po-

ços. Por causa dele também se tornam viciados os espíritos animais que são de natureza etérea e gostam de ar puro.

Entre os poceiros incluem-se aqueles homens que limpam as cisternas dos lixos acumulados pelas águas pluviais, ao caírem dos tetos por meio de canos e canais. Em Veneza, realizam esse trabalho geralmente no verão, mas não limpam as cisternas com rapidez, certamente para não contraírem distúrbios iguais aos dos poceiros.

Apraz-me recordar agora que dos nossos poços do campo modenez obtém-se um certo petróleo mais puro e mais branco que o de outras partes da Europa. Na Cordilheira dos Apeninos levanta-se o monte Festino, distante vinte mil passos da cidade; em cima acha-se uma planície onde há vários poços velhos e alguns novos, dos quais se extrai petróleo que no fundo flutua sobre as águas. Os poços são muito profundos, devem ser cavados a martelo e alavanca por ser o monte inteiramente silicoso, razão pela qual os habitantes o chamam "óleo de pedra". Quando abrem um poço novo, os operários se empestam muito daquele odor que enche o ar por todos os lados. Recordo que, ao dirigir-me àqueles lugares para visitar poços, percebia o odor do petróleo já a uma milha de distância. Acontece também que, ao aprofundar o poço, o operário rompe algum veio petrolífero, o que faz o líquido jorrar rápida e abundantemente; então, aos gritos, fazem alarme para que o alcem com uma corda, para não se afogar naquele local. A duras penas se consegue retirá-lo, quando já respira dificilmente. Conta-se que alguns infelizes morreram sufocados pela inundação feita por um veio mais caudaloso de petróleo.

A respeito dos tipos de petróleo do Monte Festino, enviei uma comunicação ao ilustre abade D. Félix, de Viali, prefeito do horto de Pádua, e, ao mesmo tempo, mandei publicar um folheto relativo ao petróleo do Monte Zibino; esse folheto m*O* s pedreiros estão sujeitos quase às mesmas doenças dos que trabalham a cal, porque quando extinguem a cal viva, jogando água sobre ela, para construir paredes ou para rebocá-las, é sempre a mesma cal que têm na mão, ainda que extinta, não podendo evitar de respirar pelo nariz e pela boca partículas tenuíssimas que se evolam e que irritam a boca, a garganta e os pulmões, levando a um mau estado de saúde.

Ninguém ignora a propriedade da cal que ocupa o primeiro lugar entre os alcalinos, propriedade que bem conhecem aqueles que têm querido habitar casa recentemente rebocada, o que acarreta gravíssimos males. Célebre é a história de Hermócrates, segundo Hipócrates, o

Divino Preceptor: “Hermócrates que se deitara junto a um muro novo, foi atacado por forte febre”. Valésio, seguindo as pegadas de Galeno, no comentário dessa história, disse que é uma infantilidade querer crer que Hipócrates havia escrito propositadamente aquela expressão “muro novo”, querendo atribuir a ela a causa da doença que abateu o referido Hermócrates. Mas Epifânio Ferdinando e Mercurial nas “Preleções Pisanis” não pensam assim sobre as palavras de Hipócrates, porque, na realidade, nada é tão perigoso quanto habitar casa recentemente construída com cal, cujo risco muitos já têm experimenanuscrito de Francisco Ariosto foi achado por Jacob Oliger, na Biblioteca Real Dinamarquesa, e o mesmo se ocupou de fazê-lo imprimir em Copenhague. O petróleo do Monte Zibino se encontra em pouca profundidade; aí, em qualquer vale profundo, ao fazer covas para plantar árvores, encontra-se petróleo sobrenadando na água; porém é um petróleo vermelho e não se compara com o do Monte Festino, muito branco e sem o cheiro desagradável.

Existe em Módena outra classe de poceiros que não cava no verão e sim nos meados do inverno; trata-se de poços muito diferentes dos demais, porque se obtêm fontes de água viva, pura e transparente, sobre cujos admiráveis mananciais publiquei um “Tratado Físico Hidrostático”, tendo-o entregue a um tipógrafo de Pádua para fazer uma segunda edição; não se encontram mais exemplares da primeira que são muito procurados pelos curiosos das ciências naturais. Seria fastidioso descrever agora como se constroem esses poços, bastando saber que se encontram vários estratos de terra cretácea um tanto pantanosos, passados os quais se chega a uma camada arenosa, formada por pequenos seixos; ao alcançarem essa camada, os operários consideram ter atingido a meta, já percebendo o murmúrio da água corrente; apoiados nos lados do poço, perfuram com um cavador grande a camada arenosa até duas ou três braças de profundidade; feito isso, a água sai com tal ímpeto que o operário cavador mal pode afastar-se sem ser coberto pela água. O poço num instante fica cheio e a água continua jorrando perenemente da terra. Muitas coisas curiosas e dignas de serem conhecidas podem observar-se durante as escavações, como grandes árvores, ossos enormes e outros objetos que os enumero em minha obra.

Esse trabalho é sumamente penoso e sujo; os operários têm que permanecer quase um mês nos poços e no inverno, como já disse, porque no verão não querem fazer o trabalho, por causa das exalações

quentes e esguichos frios; no inverno, ao contrário, vivem como em porões, pela grande concentração do calor, e podem ter luz acesa, ao passo que no verão a fumaça das emanações a apaga. E ali, pela faina de cavar ou pelo calor reinante, ficam todos molhados de suor e não podem, mais tarde, deixar de sentir as incomodidades e contrair graves doenças que provêm de uma transpiração perturbada. Os poceiros costumam cair doentes do peito, fluxões e outras afecções; na sua maioria são caquéticos em consequência da má alimentação que a sua pobreza lhes proporciona, tomam um aspecto amarelento, e quando chegam aos quarenta ou cinquenta anos despedem-se de sua profissão e, ao mesmo tempo, da vida, pois é mísera a condição desses artesãos.

A maneira de curá-los quando padecem de doenças agudas ou crônicas, qualquer médico medianamente entendido poderá indicar o tratamento, caso esteja inteirado do ofício do paciente; necessita, com remédios adequados, restabelecer a transpiração perturbada do corpo pela prolongada estadia nos lugares úmidos e pútridos, corrigir e limpar os sulcos viciados e restaurar as forças naturais alquebradas; convirão, portanto, frequentes fricções em todo o corpo com bálsamo de Ezio, ventosas secas, banhos nas pernas e nos braços com vinho generoso, no qual se cozinharam folhas de salsa, de lavanda, flores de rosmaninho e outras semelhantes; também ventosas escarificadas na espádua, remédio que os homens fatigados conhecem bem; as sangrias devem ser escassas e abertas com sanguessugas as veias hemorroidárias; leve e por epícrise, como costumam dizer, a purgação, para não debilitar as forças; Hipócrates declarou que um purgante violento é pouco saudável “para os que se tenham alimentado mal”.

# X
# *Doenças dos marinheiros e dos remeiros*

Se há alguma arte que permita manter relações mútuas e felicidade pública, esta será, antes de tudo, a navegação, que une o nascente ao poente, o boreal ao austral, torna comuns os bens que a Natureza fizera próprios desta ou daquela região. Teve tanta importância, por Hércules!, essa arte antiquíssima, que seus inventores foram celebrados com honras quase divinas; assim, os Argonautas que navegaram até à Cólchida e a nave Argus foram levados aos céus pelos poetas. Que diriam se vissem agora, como a cada momento, frotas armadas dirigindo sua navegação desde as colunas de Hércules até as regiões peruanas? Esta arte, certamente, já alcançou alto grau de perfeição e demonstra com evidência não ser fabuloso, segundo acreditavam outrora, encontrar homens que põem seus pés em oposição aos nossos. Verifiquemos, pois, como é do nosso dever, de que males padecem os marinheiros e demais membros da tripulação, ou, melhor ainda, diremos quais são as doenças que não os afligem.

Não é intenção minha ocupar-me aqui de doenças dos viajantes, que por seus objetivos ou qualquer finalidade outra, tomam a nau e permanecem nela ociosos, sem servir para nada, e sim dos marinheiros que dia e noite cumprem um contínuo trabalho a bordo. Expressarei, pois, em uma palavra, que os marinheiros, remeiros e demais operários são presa de qualquer tipo de doenças graves. Tal é o seu gênero de vida, que os fazem sofrer tantas afecções, no seu

instável e pérfido elemento; seja esse qual for, doenças agudas procuram onde possam cevar seu furor; também os molestam doenças crônicas, mas não duram muito tempo, como nos operários terrestres, pois o navio não é lugar adequado para alimentá-las. É justo crer que fora muito penosa a navegação antes do emprego da bússola, para saber para onde se ia. Era preciso ficar toda a noite na intempérie, com o olhar fixo na Ursa Menor. Assim, em Virgílio, Palinuro, piloto da frota Troiana, enquanto segurava o leme, "tinha os olhos fixados nos astros", e caiu ao mar, tomado de profundo sono. Hoje, depois do uso desse instrumento, o piloto de um barco não teme a malignidade do ar noturno, amarra em seu camarote à corda que prende às extremidades da vela e dirige o navio para o rumo que ele quer levá-lo. Anda no mar com uma certeza que ninguém teria em terra, na cega obscuridade da noite.

Os marítimos expostos, pois, às influências do céu, do mar e dos ventos, aos mil inconvenientes que traz consigo a navegação, acham-se facilmente propensos, como disse, a doenças agudas, sobretudo às febres malignas e inflamatórias, que não suportam muito tempo e são resolvidas bem ou mal, não dando lugar a prescrições médicas, ainda mais, diz Celso, porque tomam os remédios com certa temeridade, procedendo como em caso de grande tempestade. Os capitães costumam levar a bordo variada provisão de medicamentos, assim como médicos encarregados de administrá-los.

Serão mais úteis os triacais e os benzoáticos, sobretudo, para levar os maus humores das partes internas para a superfície do corpo e eliminá-los pelo suor. Tais medicamentos não devem ser receitados em dose normal, e sim em doses mais elevadas do que costumam tomar as pessoas que adoecem em terra firme. A alimentação consumida pela gente do mar difere também muito daquela usada pelos habitantes da terra e pode causar doenças de péssimo caráter.

Tomás Bartolino, segundo Bonnet, na sua "Medicina Setentrional", assegura que os medicamentos, para os que vivem no mar, devem ser indicados em doses três vezes maiores, se se quer que seus efeitos correspondam ao esperado, não se referindo somente aos purgantes como também aos diaforéticos, diuréticos ou qualquer outro, cujo procedimento deve ser de modo igual. João de Vigo, cirurgião do Papa Júlio II, dedica todo um capítulo de sua obra especialmente às febres dos navegantes e o seu autor exorta a que se apliquem os mesmos remédios, mas generosamente. É de supor que nos febricitantes, por causa da alimentação gordurosa, das carnes salgadas, do pão náutico meio roído e da água semipútrida, os humores se encontram

em péssimo estado, não sendo fácil debelá-los com os remédios habituais, pois, para "um mau nó, uma má cunha".

Verdadeiramente, Bartolino e João de Vigo falam daqueles que devem viajar por interesses particulares, porém a sua recomendação é válida ainda mais para os marinheiros e demais homens da tripulação que passam a vida no mar.

Muito mais grave, no entanto, é a situação da turba de infelizes remeiros dispostos em longas filas, sentados em seus banquinhos, expostos à tormenta, ventos e chuvas, obrigados a fazer andar seu navio somente com os remos, precisando opor todas as forças dos seus corpos à violência dos ventos e do mar se não querem que caia sobre suas cabeças uma pesada tempestade de censuras. E, se são atacados por uma doença aguda, logo são liberados do trabalho penoso e atraídos no sentido da libitina. É surpreendente, porém, que não poucos remeiros, ainda quando fatigados pelo trabalho diurno e noturno, apresentem-se gordos e corados.

Com razão Francisco Bacon, de Verulamio, aduz que "os que têm vida sedentária, de certo modo beneficiam o estômago, enquanto o permanecer de pé ou o caminhar depressa, enfraquece-o; convém, portanto, fazer exercícios que prolonguem a vida, movendo mais os braços que o estômago ou o abdômen, como remar sentado ou serrar".

Não raro acontece que alguma doença epidêmica invada o navio, seja por causa extrínseca ou pela má alimentação comum e, sobretudo, pelas águas poluídas; ou então suceda que a variada e grande multidão dos navegantes, não habituada ao mar, contraia febres pestilentas e malignas devido ao frequente terror de alguns às grandes tempestades, cujo germe se difunde e ataca os demais com a mesma doença. Em tais casos não existe fuga possível, pois todos, como soem dizer, estão no mesmo barco e todos devem ver os moribundos ficarem a seu lado, tendo diante dos olhos o sepulcro comum. Aos homens prudentes não resta outro recurso, quando o estado de saúde fracassa, do que apelar para o Árbitro de todas as coisas; mas não esquecendo de levar consigo medicamentos triacais, quando empreenderem uma longa viagem.

Outras afecções comuns atacam os marinheiros e navegantes, não tão perigosas, porém maltratam bastante: prisão de ventre, em grande parte devido à alimentação gordurosa e muito dura dos que vivem no mar, ao pão náutico que Plinio recomendava contra diarreia, e as carnes defumadas e salgadas. Van Helmont prefere imputar a causa da prisão de ventre ao ar marinho e ao movimento dos fluidos que

levam os navegantes a comer, no mar, o dobro do que comem em terra, e como evacuam menos seria necessário que os corpos eliminassem muito pela transpiração insensível, pelo que o abdômen cresce, como disse Hipócrates, "escassez da pele, densidade do abdômen".

Acredito que se fará mais tolerável essa lentidão do intestino, tratando-a com purgantes algo enérgicos, pois, do contrário, aumentaria o peso do intestino, evitando-se aplicação de clisteres cujo emprego não se usa nos navios, onde tampouco se conta com material adequado.

Os nautas estão submetidos a contínuas vigílias; e como de sua vigilância depende a salvação de todos que estão no navio, mal têm tempo de conciliar o sono, caso deles se apodere a tristeza, da qual sofrem mesmo dormindo, por trazê-la sempre no espírito.

Sentem pruridos em todo o corpo em virtude da sujeira acumulada na pele pela perspiração insensível, pois o local onde vivem não se presta para cuidarem da limpeza do corpo, porque não têm água bastante para lavar mais do que o rosto e os braços, muito menos a roupa, desse modo sendo assaltados por insolentes exércitos de piolhos. É tal a abundância de percevejos que ninguém escapa de sua mordedura; emana-se cheiro desagradável desses animálculos, provocando vômitos e náuseas, como da água das sentinas. Como os remeiros andam sempre descalços, formam-se úlceras úmidas e secas nas suas pernas, produzidas pelo humor salsuginoso, como eu já disse a respeito dos pescadores marítimos; será oportuno o tratamento que indiquei para os referidos pescadores.

Gravíssimas cefalalgias costumam atacá-los, principalmente se navegam para as Índias orientais ou ocidentais; transportando-se das zonas temperadas para as tórridas, onde verão outros solos, outros astros e também outras sombras, ora à direita, ora à esquerda, quando atravessam a linha equinocial martirizam-nos uma grande dor de cabeça e perturbam-se completamente o corpo e o espírito.

Os marinheiros e todos aqueles operários da navegação, por causa de algum elemento sideral que é ignorado, envelhecem raramente, suportanto as inclemências do mar, como os que vivem nos exércitos.

Com essas poucas considerações, creio haver escrito suficientemente sobre as doenças e os remédios que sirvam de alívio aos marinheiros. Sobre esse assunto deve ser lido o livro que o doutíssimo Glauber escreveu: "Conselhos a Navegantes".

# *XI*
# *Doenças dos caçadores*

A arte de caçar é antiquíssima, conforme consta dos Códigos Sagrados, existindo mesmo desde os primórdios do mundo, depois da queda dos nossos primeiros pais; lembram o grande caçador Lamech, instituidor de numerosas artes, que matou Caim sem querer com um dardo. Naqueles tempos primitivos, fez-se uso da caça antes mesmo do cultivo dos campos e da colheita dos frutos, porque era mais cômodo conseguir alimento para aqueles homens que levavam vida rude, mas, com o surgimento das vilas e das cidades, nas quais se desenvolveu a vida civil e social, vê-se claramente que a arte e a ânsia de caçar se transformaram em passatempo. Atualmente não há mais liberdade de caçar, como antigamente. Os príncipes e os nobres reservam algum lugar para refúgio dos animais e aves silvestres, onde estes podem manter-se ao abrigo da plebe dos caçadores e só a eles sirvam de caça, satisfazendo o seu capricho.

No que se refere ao meu intuito, é pensamento meu escrever sobre caçadores que mantêm, com os ganhos do ofício, a si e suas famílias. Os príncipes possuem, entre numerosas famílias de servos, caçadores e passarinheiros cujo único mister consiste em abater animais de caça e capturar aves a fim de entregá-los a seus amos, para delícia de suas mesas. Existem também homens livres, dedicados à caça durante o ano inteiro, que levam suas presas aos mercados públicos da cidade,

podendo os homens ociosos, então, darem-se ao luxo de comer manjares deliciosos e os caçadores habituais obterem não pouco ganho, pelo que, certamente, merecem elogios; não merecem ser criticados se vendem sua mercadoria a um preço muito elevado, pois é incrível quanto precisam lutar, quanto de suores e vigílias a caça lhes causa; cansam-se amiúde, o dia inteiro lutando sem nada conseguir e, o que é pior, enquanto labutam, com diligência, para capturarem animais ferozes, são eles próprios, por sua vez, presa de doenças ferinas. É desses homens, principalmente, que a minha dissertação tratará, pois adoecem muitas vezes por culpa do ofício que exercem. Tampouco, os príncipes e os nobres podem precaver-se de igual infortúnio, quando se entregam assiduamente a essa atividade. Não poucos exemplos existem, segundo os escritores, de príncipes varões mordidos por feras, ou falecidos por causa de gravíssimos males adquiridos pelo excesso de trabalho. É admirável como a caça deleita os homens de qualquer condição, não sentindo calor, frio, nem fadiga, esquecendo-se completamente das preocupações domésticas, pernoitando sob o céu e deixando suas esposas dormirem sós, como elegantemente disse Horácio: "O caçador permanece sob o céu frio, esquecendo a terna esposa".

Engana-se muito quem pensa que vou desaprovar aqui o exercício da caça, pois é saudável por natureza, serve para remediar muitos males de caráter crônico e preserva de graves doenças, conforme testemunho de Rhases de que os caçadores ficaram imunes numa epidemia de peste. A caça é uma espécie de exercício que não só ativa uma parte do corpo, como também todas as outras ao mesmo tempo, como disse Galeno; os caçadores necessitam caminhar, correr, saltar, estar ora em pé, ora agachados, gritar também, em suma, movem-se todas as partes do corpo, e isto de tarde ou de noite, ao inverno e sob o céu chuvoso e açoitados pelos ventos, dispondo-se assim a contrair diversas doenças, porque seu sustento depende da caça, não tendo período de férias, durante todo o ano, nem no verão, embora arda Sírio, nem no inverno, quando a neve está alta, estação em que, como disse Virgílio:

*"Colocam redes para perdizes, gralhas e veados, perseguem orelhudas lebres e prendem corças."*

A caça antigamente era mais laboriosa do que hoje, armando-se o caçador com arco, aljava e faca, que constituíam grande empecilho, forçavam muito os braços ao curvar o arco, em vez de apontar

com a espingarda como se faz atualmente, não somente para pescar, pois nem a força da corrente protege da pólvora os peixes que vivem nas águas.

Quando não podem moderar a sua faina, os que usam a caça como meio de vida, da mesma forma que os artífices urbanos ganham o pão com o seu ofício, estão sujeitos a diversas doenças, geralmente agudas e relacionadas com a época do ano; no verão os atacam habitualmente febres ardentes, cólera seca e disenteria, pelo que os humores biliosos, por influência dos raios solares, azedam-se enormemente, e também por suportarem fome, sede e outras necessidades. Com a veemência do frio do inverno e a fácil constipação dos poros da pele, depois de alguma sudação, incidem doenças do peito, como pleurites e pneumonias, martirizam-nos gravíssimas cefalalgias por achar-se mais exposta a cabeça do que o corpo às injúrias do calor e do frio. Ademais ficam predispostos às hérnias devido aos saltos e aos movimentos desordenados enquanto perseguem os animais.

Qualquer médico prático entendido sabe perfeitamente que tratamento deve aplicar a essas enfermidades. Se o toca atender caçadores, tenha em conta, antes de tudo, esta advertência: que as forças desses pacientes se acham débeis até a exaustão, que, pela abundância de humores da natureza perigosa, há de proceder com cautela no emprego de remédios fortes, que não resistem a repetidas flebotomias nem a purgantes fortes; por seu aspecto, aqueles que se dedicam à caça diferem muito dos que fazem outros exercícios, mencionados por Hipócrates: caçar não engorda, antes emagrece e faz os caçadores semelhantes a seus cães; dizia Galeno que os caçadores devem ser rijos e fortes e não se devem debilitar-se com rigorosa dieta, para que suas forças não diminuam. Os que praticam esse ofício necessitam possuir uma robusta constituição, do contrário se debilitam e as doenças se apoderam deles.

As seguintes palavras estão em um aforisma de Hipócrates: “O eunuco se torna hidrópico de tanto correr e caçar”; a arte venatória não é, por certo, apropriada aos eunucos, nem aos impotentes, e sim aos homens dotados de vigor. Há necessidade de tratá-los com cautela e preocupar-se principalmente com a atenuação dos humores, levando-os para a cútis pela diaforese, pois, como suar é coisa habitual nos caçadores, quando caem com doença aguda, é mais conveniente socorrê-los com remédios diaforéticos e não de outra espécie. Os banhos que os antigos empregavam estão em desuso em nossa época;

poderiam ser de novo usados os de água doce, quando se produz a febre devido ao frio e à constipação cutânea. Se a doença aguda se torna crônica e, mais ainda, tratando-se de febres quartãs ou de qualquer outra espécie, se houvessem descuidado dos remédios habituais para tratar obstruções e também do uso da quina-quina, devem os caçadores ser afastados do seu ofício costumeiro, podendo servir-lhes de remédio um exercício moderado, a fim de recobrarem a saúde.

Aquilo que disse dos caçadores de feras é válido para os caçadores de aves, se bem que sofram menos percorrendo os campos diariamente e os bosques na busca de pássaros. Pelo esforço excessivo e a transpiração interrompida depois das horas vespertinas, dispõem-se a contrair febres terçãs e quartãs no outono, época que costuma ser a mais propícia para a caça e aparecer maior número de aves; assim, pois, os que colocam os cestos em outubro para apresar cotovias e codornizes (cujo estilo de caçar é bem conhecido, chamando suavemente as codornizes que se ocultam nos canaviais, nas horas matutinas, incitando-as a entrar nos cestos) soem padecer de doenças agudas. É mais perigosa a caça das aves aquáticas, nos vales e lagoas, se passam os dias e noites em suas canoas, porque, devido à umidade do ar e às emanações nefastas, podem contrair febres malignas e perder a saúde, assim como ficar com hidropisia.

# *XII*
# *Doenças dos saboeiros*

Sabíamos, por meio de documentos de certos escritores, que se usava antigamente sabão para limpar as roupas de lã ou de linho. Plínio, em sua "História Natural", disse que foram os gauleses, filhos de uma nação sempre empenhada em destacar-se pela elegância e pelo luxo, os inventores do sabão. São estas suas palavras: "Este invento dos gauleses para dar brilho à cabeleira fabrica-se com cinza e sebo. A melhor cinza é a extraída da faia e o melhor sebo o de caprino; o sabão pode ser feito de duas maneiras: sólido ou líquido; em qualquer das duas formas, entre os germanos, os homens usam mais sabão do que as mulheres".

Galeno, em seus "Medicamentos Simplíssimos" e em outras obras, cita o sabão e diz que se compõe de cal, lixívia e sebo de bode, ou de boi, ou de cabra, e que tem o poder de limpar a sujidade. Por essas palavras é bastante evidente a semelhança entre o sabão antigo e o nosso; antes misturavam-se a lixívia de cal e a cinza com sebo de diversas espécies de animais; atualmente a mistura é somente com óleo. De todos, o mais recomendado é o sabão feito em Veneza, exportado em grandes quantidades para outras regiões. Descrever como o fabricam em Veneza seria demasiado longo, além de penoso, pois é trabalho que requer maior habilidade do que se supõe. Três produtos entram na composição do sabão: cal viva, cinza e óleo; lá se obtém

cal fresca e de boa qualidade, extraída dos montes próximos; a cinza vem de mais distante, da Espanha ou da Alexandria, no Egito, mas os operários preferem a que vem da Espanha para Veneza em sacos fechados. Não pude verificar com que plantas preparam a cinza, porém acredito que seja com as que nascem nas costas marítimas. Em primeiro lugar, diluem a cal na água comum, algumas vezes em água salgada por falta de água doce; misturam à cal assim diluída cinza previamente empastada na mó, juntando-se novamente água, se for preciso, de modo que toda a massa fique granulosa e apresente certa consistência; colocam-na em moldes e sobre ela derramam água que absorve lentamente as partículas acres da massa e desce por uns canais a outras cavidades; repetem, assim, a operação, derramando-se de novo o líquido sobre a mistura até se obter uma água mais forte, semelhante a um líquido infernal. Assim que fique preparada a quantidade necessária dessa água, os operários depositam certa porção dela em grandes tinas de cobre, sem as encher, colocando-as, em seguida, sobre fogo para cozer a água durante um dia inteiro; depois, mistura-se óleo de oliva na proporção de uma parte e meia para oito partes de água, se o óleo for fresco e de boa qualidade, e um pouco mais, caso o óleo seja velho. Deixam ferver a nova mistura em fogo lento, de seis em seis horas a retiram, porém não toda, para colocá-la em outros recipientes. Põem na primeira tina outra água forte e repetem a operação a cada seis horas, observando-se atentamente se o material começa a espessar-se; retiram-no então de suas vasilhas e o expõem ao ar livre. Feito isso, a massa solidifica-se e, finalmente, é cortado em pedaços com uma serra. Assim se fabrica o sabão veneziano, tão conceituado na Europa.

Os operários não sofrem dano algum proveniente do material manipulado, ainda que respirem na atmosfera saturada as partículas que enchem seu local de trabalho, e não sentem incômodo algum no peito nem em outra parte do corpo; mostram-se sãos, robustos e de boa cor, embora vivendo nas oficinas, mas se andam descalços ferem os pés, assim como a pele, caso seja atingida pela água forte. Toda a moléstia que os acomete se origina do excesso de trabalho diurno e noturno, do calor também excessivo proveniente do fogo sempre aceso na fábrica e de terem que sair depois para respirarem ar puro e frio. Usam roupa de verão em pleno inverno e, ao se exporem ao frio, são acometidos de fortes constipações, caem logo com muita febre e com pleurises e pneumonias. Juntam-se a isso as deficiências de alimen-

tação, pois saem das oficinas com os corpos quentes e sedentos para as tabernas de vinho onde vão beber.

Não posso sugerir a esses operários outro conselho que não o de trabalharem moderadamente e que, ao se retirarem das oficinas, sobretudo no inverno, desses locais tão quentes, usem roupas que os abriguem e cubram suas cabeças. Quando os atacam agudas intermações, precisam ser socorridos com prontas e repetidas sangrias e com os remédios que geralmente curam as febres muito altas.

Com base na fabricação do sabão, pode-se explicar comodamente qual a natureza daqueles medicamentos, quando se declara que têm poder saponário, isto é, abstersivo de sujeiras do corpo humano; tal poder reside justamente nos alcalinos e lixiviantes, se bem que atenuado pela mistura oleosa, como nos sabões, juntando-se também azeite de água-forte para enfraquecer sua acrimônia e impedir que corroa e fira. Assim, na virtude saponácea dos medicamentos enumerados, quis a sábia Natureza que estivesse incluída a matéria oleosa como atenuante para agir mais suavemente.

Dizem que existe na erva denominada saponária, aquela que macerada produz espuma como o sabão, tal proporção de partículas acres e gordurosas que têm a faculdade de deter a infecção do *morbo gálico*, quer sozinha, quer em decocção com outros remédios semelhantes. Assim, o guáiaco, principal alexifármaco na lues céltica, possui não pouca acrimônia e contém também oleosidade; o óleo suaviza com sua amenidade a acrimônia e impede os elementos pungentes, por isso se afirma com convicção que corrige ambas as acrimônias, a alcalina e a lixiviante, assim como a ácida.

Hipócrates recomenda preferivelmente o óleo, em caso de afecção colérica, a outros remédios. “Administre, disse ele, óleo para que acalme e exonere o ventre”. Serve igualmente para moderar a acrimônia que deriva do ácido, como vemos no exemplo do enxofre que encerra muita acidez, mas não notamos por que é dissimulada pela parte gordurosa e inflamável dele.

O óleo, produto da oliveira, não faz guerra a coisa alguma, pelo contrário, comunica a todos sua bondade amplamente difusiva, pois não é bom, como se costuma dizer, aquilo que não se quer difundir.

*Contribuições especiais à edição comemorativa do 300º aniversário de "De Morbis Artificum Diatriba"*

# I
# *A atualidade de Ramazzini, 300 anos depois*

*René Mendes*
*Professor Titular do Departamento de Medicina Preventiva e Social*
*da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Minas Gerais*

## *Um pouco sobre sua vida*

No ano em que se comemoram os 300 anos do lançamento da primeira edição da obra-prima de Bernardino Ramazzini (1633-1714), intitulada *De Morbis Artificum Diatriba*, traduzida de forma primorosa pelo Dr. Raimundo Estrêla sob o título *As Doenças dos Trabalhadores*, torna-se extremamente oportuno investigar, analisar e divulgar, um pouco mais, algumas facetas da vida e obra deste Mestre da Medicina, muito mais como um exercício de inspiração do que de erudição ou História.

Na verdade, o estudo da vida e obra de Ramazzini não é inédito, posto que centenas de estudiosos e pesquisadores da História da Medicina, no mundo inteiro e no Brasil, têm-se dedicado a este fascinante exercício, tendo muitos deles publicado seus achados e reflexões em revistas especializadas e na forma de livros sobre História da Medicina, História da Medicina Social, História da Saúde Pública ou História da Medicina do Trabalho. Entre os historiadores da Medicina Social e Saúde Pública, Henry Sigerist (1891-1957) e George Rosen (1910-1977) destacaram-se por suas contribuições de abrangência universal, na qual a obra de Ramazzini é tratada de forma muito especial.

Entre nós, supõe-se ter sido o Dr. Francisco Carneiro Nobre de Lacerda Filho um dos primeiros a estudar, publicar e divulgar a vida e obra de Ramazzini, já nos idos de 1940, e depois em 1956, em seu livro *Homens, Saúde e Trabalho*. É de 1956, também, a contribuição do Dr. Bernardo Bedrikow, quando publicou texto sobre *Ramazzini – O Pai da Medicina do Trabalho*, que por seu conteúdo e beleza permanece mais atual do que nunca. Mais tarde, o Dr. Raimundo Estrêla, ao apresentar a tradução da obra-prima de Ramazzini para o Português, sobre sua vida e obra, pronunciou-se, com a erudição e o estilo próprios de um escritor talentoso. Outrossim, é quase certo que outros colegas também o tenham feito, em diferentes momentos e lugares, o que reforça nossa tese sobre a inesgotabilidade desta fonte de inspiração para a nossa vida e profissão.

O nosso biografado ilustre nasceu na Itália, em Carpi, na Emilia-Romagna, a 18 quilômetros de Módena, no dia 4 de outubro de 1633. Desenvolveu sua formação escolar básica em escola jesuítica da mesma cidade, indo para a Universidade de Parma aos 19 anos de idade a fim de completar sua formação em Filosofia. Cursou posteriormente Medicina na mesma universidade, onde graduou-se em 21 de fevereiro de 1659, portanto com pouco mais de 25 anos de idade. Convém lembrar que na Itália, desde o século XIII, os estudos filosóficos de três anos de duração antecediam, obrigatoriamente, à formação acadêmica e prática do médico.

Sentindo a necessidade de prosseguir seus estudos e ampliar sua experiência prática, Ramazzini fixou-se por alguns anos em Roma, onde, acompanhado de seu mestre Antonio Maria Rossi, trabalhou em diversos hospitais da cidade. Afirmam alguns que, nesta primeira fase de sua vida profissional, Ramazzini teria também trabalhado alguns anos nas comunidades de Canino e de Marta, na província de Viterbo.

Consta que Ramazzini, durante seus primeiros anos de prática profissional, teria então adoecido, aparentemente por malária-quartã, com crises de icterícia, o que o forçou a retornar à casa de seus pais, em Carpi.

Após seu casamento com Francesca Righi, com quem teve três filhos, Ramazzini estabeleceu-se como médico prático, em Módena, onde, a partir de 1671, exerceu a profissão em tempo integral, tendo adquirido grande reputação como médico e cientista interessado em

temas de Física e áreas afins. A fase de sua vida em Módena vai de 1671 a 1700.

Na procura de cérebros privilegiados e brilhantes para formar os quadros daquela novel Universidade de Módena, o Duque Francesco II d'Este, em 1682, convidou Ramazzini para lecionar na Cadeira de Medicina Teórica e, depois de três anos, nas Cadeiras de Medicina Teórica e de Medicina Prática. Então, com 49 anos, Ramazzini permaneceu lecionando por longos 19 anos. Foi este, seguramente, o tempo de vida profissional mais profícuo, época em que publicou regularmente inúmeras observações e estudos em vários campos da Medicina e de outras ciências, tanto na forma de artigos como na forma de livros.

Ramazzini começa a se tornar mais conhecido e reconhecido fora de sua região e país, vindo, em 1690, a tornar-se membro da prestigiosa Academia Caesario-Leopoldina dos Curiosos da Natureza, em Viena, para a qual foi eleito com a idade de 57 anos. Nesse ambiente, foi-lhe atribuído o cognome de "Hipócrates III", posto que lesse assiduamente Hipócrates em grego, e conhecesse sua vida e obra como poucos. Torna-se amigo e confrade de cientistas como Marcello Malpighi (1628-1694), Giovani Lancisi (1654-1720) e Gottfried Leibniz (1646-1704), entre outros, com quem muitas vezes encontrou-se na Itália, mantendo, ademais, ativa correspondência com muitos deles.

Nessa época, ano acadêmico de 1690-1691, Ramazzini inicia no curso de Medicina em Módena suas aulas sobre a matéria que denominou *De Morbis Artificum* – as doenças dos trabalhadores. Suas observações e apontamentos de aula, mais tarde constituidores de seu *diatriba* (tratado) que intitulou *De Morbis Artificum Diatriba*, resultaram da amalgamação de uma sólida bagagem de erudição na literatura histórica, filosófica e médica disponível – como se verá adiante – com as observações colhidas em visitas a locais de trabalho e em entrevistas com trabalhadores.

Conforme relato feito pelo próprio Ramazzini, o despertar do seu interesse pelas doenças dos trabalhadores e pela elaboração de um texto voltado para este tema deu-se da observação do trabalho dos "cloaqueiros", em sua própria casa, em Módena. Esses trabalhadores

tinham a tarefa de esvaziar as "cloacas" (fossas negras) que armazenavam fezes e outros dejetos, como aliás ainda era feito rotineiramente, há até não muito tempo em diversas cidades brasileiras e, excepcionalmente, por trabalhadores de empresas de saneamento básico.

Pois bem, damos a palavra ao nosso biografado ilustre: *"observei que um dos operários, naquele antro de Caronte, trabalhava açodadamente, ansioso por terminar; apiedado de seu labor impróprio, interroguei-o por que trabalhava tão afanosamente e não agia com menos pressa, para que não se cansasse demasiadamente, com o excessivo esforço. Então, o miserável, levantando a vista e olhando-me desse antro, respondeu: 'ninguém que não tenha experimentado poderá imaginar quanto custaria permanecer neste lugar durante mais de quatro horas, pois ficaria cego'. Depois que ele saiu da cloaca, examinei seus olhos com atenção e notei bastante inflamados e enevoados; em seguida procurei saber que remédio os cloaqueiros usavam para essas afecções, o qual me respondeu que usaria o único remédio, que era ir imediatamente para casa, fechar-se em quarto escuro, permanecendo até o dia seguinte, e banhando constantemente os olhos com água morna, como único meio de aliviar a dor dos olhos. Perguntei-lhe ainda se sofria de algum ardor na garganta e de certa dificuldade para respirar, se doía a cabeça enquanto aquele odor irritava as narinas e se sentia náuseas. Nada disso, respondeu ele, somente os olhos são atacados e se quisesse prosseguir neste trabalho muito tempo, sem demora perderia a vista, como tem acontecido aos outros. Assim, atendendo-me, cobriu os olhos com as mãos e seguiu para casa. Depois observei muitos operários dessa classe, quase cegos ou cegos completamente, mendigando pela cidade".*

Como bem destaca o Dr. Bernardo Bedrikow, em seu interessante estudo sobre a vida e obra de Ramazzini, *"a imagem do limpador de fossas não mais abandonou o espírito curioso daquele médico [...]. Interessado também pelas artes e pela mecânica, visitou as pobres oficinas do tempo, e logo ficou impressionado com as condições miseráveis dos trabalhadores".*

Assim, afirmaria mais tarde Ramazzini: *"enquanto exercia minha profissão de médico, fiz frequentes observações, pelo que resolvi, no limite de minhas forças, escrever um tratado sobre as doenças dos operários".* Reconhecia, porém, que *"é evidente que em uma só cidade, em uma só região, não se exercitam todas as artes, e, de acordo com os diferentes lugares, são também diversos os ofícios que podem ocasio-*

*nar várias doenças"*. Pedia, para tanto, a indulgência dos leitores, que certamente o indulgenciaram...

Em 1700, ano da publicação em Módena da primeira edição do *De Morbis Artificum Diatriba*, o Senado da República de Veneza ofereceu a Ramazzini a segunda Cadeira de Medicina Teórica, na Universidade de Pádua. Esta universidade, fundada em 1222, já gozava de elevado prestígio na Europa, tendo se tomado, então, um dos maiores centros de ensino médico do mundo. Após 29 anos em Módena, 19 dos quais como professor de Medicina, Ramazzini considerou o convite como um coroamento de sua carreira e uma manifestação de consideração e estima, vindo a aceitá-lo, já aos 67 anos de idade. O contrato oferecido era de seis anos renováveis.

Com efeito, em 12 de dezembro de 1700, Ramazzini ministrava sua aula inaugural naquela tradicional e antiga universidade, tendo escolhido como tema o futuro da medicina no novo século (XVIII), à luz dos desenvolvimentos ocorridos no século XVII. Poucos no mundo poderiam fazê-lo com tão amplo horizonte filosófico, artístico, histórico, literário e médico como Ramazzini, na plenitude de uma vida tão rica e diversificada.

Em 1706, Ramazzini foi convidado a também lecionar, como "professor visitante", na Universidade de Veneza, onde poderia ministrar seus cursos em qualquer época do ano. Aos 76 anos de idade, Ramazzini, embora em acelerado progresso de sua doença arteriosclerótica crônica, que já o debilitava (sofrera um episódio agudo e grave, provavelmente um infarto do miocárdio, aos 69 anos de idade) e o deixara quase cego (desde os 70 anos de idade começou a notar sério dano na visão), continuava a aceitar novas e desafiantes tarefas voltadas às mais distintas áreas da ciência e da literatura.

Nunca parou de trabalhar, de aprender e de ensinar, tendo sido alcançado pela morte, da forma como certamente desejou morrer: diante de seus alunos e colegas, ao tentar vestir a beca para iniciar mais uma aula, desfaleceu, apoplético e já inconsciente, vindo a falecer no mesmo dia, a saber, 5 de novembro de 1714, portanto, com a idade de 81 anos, um mês e um dia[2]. Foi enterrado numa das igrejas de Pádua, mas em túmulo anônimo.

---

[2] Alguns autores, ao atribuir sua data de nascimento ao dia 5 de novembro de 1633 (e não 4 de outubro, como a maioria o faz), associam seu falecimento ao dia exato de seu 81º aniversário.

## *A atualidade de sua obra*

Visto esse breve resumo, talvez seja este o momento oportuno para evocar Georges Canguilhem, quando afirma que *"a história de uma ciência não deveria ser uma mera coleção de biografias e ainda menos um quadro cronológico adornado de histórias. Tem de ser também uma história da formação, da deformação e da retificação dos conceitos científicos"*. Assim, caberia perguntar, na parte final destas breves "notas biográficas" sobre Ramazzini, quais teriam sido suas principais contribuições para o desenvolvimento da Medicina e da Saúde voltadas para a promoção, a proteção e a recuperação da saúde dos trabalhadores?

Entre as muitas e interessantes contribuições, tenta-se identificar algumas selecionadas para este breve introito à sua obra, a propósito dos 300 anos da publicação do *De Morbis Artificum Diatriba*.

Em primeiro lugar, **a preocupação e o compromisso com uma classe de pessoas habitualmente esquecida e menosprezada pela Medicina**. O próprio Ramazzini reconhece no prefácio de seu tratado *"que ninguém que eu saiba pôs o pé nesse campo [doenças dos operários]. [...] É certamente um dever para com a mísera condição de artesãos cujo labor manual muitas vezes considerado vil e sórdido, é contudo necessário e proporciona comodidades à sociedade humana. [...]"*. Dotado de sensibilidade e erudição histórica invejável, Ramazzini entendera que *"[...] os governos bem constituídos têm criado leis para conseguir um bom regime de trabalho, pelo que é justo que a arte médica se movimente em favor daqueles que a jurisprudência considera com tanta importância, e empenhe-se [...] em cuidar da saúde dos operários, para que possam, com a segurança possível, praticar o ofício a que se destinaram"*.

Com efeito, praticou e ensinou Ramazzini que *"o médico que vai atender a um paciente operário não deve se limitar a pôr a mão no pulso, com pressa, assim que chegar, sem informar-se de suas condições; não delibere de pé sobre o que convém ou não convém fazer, como se não jogasse com a vida humana; deve sentar-se, com a dignidade de um juiz, ainda que não seja em cadeira dourada, como em casa de magnatas; sente-se mesmo num banco, examine o paciente com fisionomia alegre e observe detidamente o que ele necessita dos seus conselhos médicos e dos seus cuidados preciosos"*.

Em segundo lugar, destaca-se sua visão sobre a **determinação social da doença.** Como bem assinala Georges Rosen, *"Ramazzini estabeleceu ou insinuou alguns dos elementos básicos do conceito de medicina social. Estes incluem a necessidade do estudo das relações entre o estado de saúde de uma dada população e suas condições de vida, que são determinadas pela sua posição social; os fatores perniciosos que agem de uma forma particular ou com especial intensidade no grupo, por causa de sua posição social; e os elementos que exercem uma influência deletéria sobre a saúde e impedem o aperfeiçoamento do estado geral de bem-estar"*.

Em terceiro lugar, destaca-se a **contribuição metodológica** de Ramazzini, para o exercício correto da Medicina, quando voltada às questões de saúde e trabalho. Dito em outras palavras, **como deve ser a abordagem dos problemas.** Ramazzini praticou e ensinou os passos corretos.

Começam eles pelo estudo da literatura existente. A erudição bibliográfica de Ramazzini é admirável, dificilmente superada por outro mestre da Medicina do Trabalho. A propósito disso, Péricle di Pietro, em seu estudo *Le Fonti Bibliografiche Nella De Morbis Artificum Diatriba di Bernardino Ramazzini*, identificou e analisou a vasta bibliografia utilizada por Ramazzini, relacionando, em ordem alfabética, os autores citados e localizando a fonte exata da citação feita, isto é, o nome da obra, o parágrafo e a página. Foram, então, reconhecidos por di Pietro nada menos que 182 autores citados por Ramazzini, neste livro. Foram também listadas as referências ou citações, que alcançam a impressionante cifra de aproximadamente 540.

Os passos de abordagem utilizados e ensinados por Ramazzini seguem-se pelas visitas ao local de trabalho e pelas entrevistas com trabalhadores. Aliás, como antes visto, foi o impacto da observação do trabalho e o causado pela conversa com o trabalhador que levou Ramazzini a se dedicar ao tema das doenças dos trabalhadores, como o fez. É verdade que o que ele viu e ouviu caía sobre terra fértil, preparada, própria da alma sensível para observar a condição humana – filósofo, amante das artes e das letras, poeta e médico que era – não tardando, portanto, em germinar, florescer e frutificar por meio da obra e da vida de pessoa tão irriquieta e atuante quanto o nosso biografado.

Mais tarde, com a sistematização de seus estudos sobre as doenças dos trabalhadores, Ramazzini pôde afirmar com a autoridade

dos verdadeiros mestres: *"Eu, quanto pude, fiz o que estava ao meu alcance, e não me considerei diminuído visitando, de quando em quando, sujas oficinas a fim de observar segredos da arte mecânica. [...] Das oficinas dos artífices, portanto, que são antes escolas de onde saí mais instruído, tudo fiz para descobrir o que melhor poderia satisfazer o paladar dos curiosos, mas, sobretudo, o que é mais importante, saber aquilo que se pode sugerir de prescrições médicas preventivas ou curativas, contra as doenças dos operários".*

À abordagem clínico-individual cujos fundamentos foram ensinados por Hipócrates (460-375 a.C.), Ramazzini agregou a prática da história ou anamnese ocupacional. Assim, ensinou ele, *"um médico que atende um doente deve informar-se de muita coisa a seu respeito pelo próprio e por seus acompanhantes [...]. A estas interrogações devia acrescentar-se outra: 'e que arte exerce?' Tal pergunta considero oportuno e mesmo necessário lembrar ao médico que trata um homem do povo, que dela se vale para chegar às causas ocasionais do mal, a qual quase nunca é posta em prática, ainda que o médico a conheça. Entretanto, se a houvesse observado, poderia obter uma cura mais feliz".*

Ampliando a abordagem clínico-individual, Ramazzini introduziu, também, a análise coletiva ou epidemiológica, categorizando-a segundo ocupação ou profissão – cerca de 55 – o que lhe permitiu construir e analisar "perfis epidemiológicos" de adoecimento, incapacidade ou morte como até então não realizados. Com justiça, portanto, Ramazzini é também respeitado pela Epidemiologia por haver introduzido esta categoria de análise no estudo da distribuição da doença.

Uma quarta área em que Ramazzini deixou sua indelével contribuição foi a da **sistematização e classificação das doenças segundo a natureza e o grau de nexo com o trabalho**. Com efeito, ao descrever as "Doenças dos Mineiros" (capítulo I de seu livro), Ramazzini entendeu que *"[...] o múltiplo e variado campo semeado de doenças para aqueles que necessitam ganhar salário e, portanto, terão de sofrer males terríveis em consequência do ofício que exercem, prolifera, [...] devido a duas causas principais: a primeira, e a mais importante, é a natureza nociva da substância manipulada, o que pode produzir doenças especiais pelas exalações danosas, e poeiras irritantes que afetam o organismo humano; a segunda é a violência que se faz à estrutura natural da máquina vital, com posições forçadas e inadequadas do corpo, o que pouco a pouco pode produzir grave enfermidade".* A propósito das "Doenças dos que trabalham em pé" (capítulo XXIX de

seu livro), assim se expressa Ramazzini: *"[...] até agora falei daqueles artífices que contraem doenças em virtude da nocividade da matéria manipulada; agrada-me, aqui, tratar de outros operários que por outras causas, como sejam, a posição dos membros, dos movimentos corporais inadequados, que, enquanto trabalham, apresentam distúrbios mórbidos, tais como os operários que passam o dia de pé, sentados, inclinados, encurvados, correndo, andando a cavalo ou fatigando seu corpo por qualquer outra forma".*

De fato, deste critério de classificação empírica utilizado por Ramaz-zini, é possível pinçar as bases para uma sistematização da Patologia do Trabalho, na qual, no primeiro grupo, estariam as "doenças profissionais" ou "tecnopatias" e, no segundo, as "doenças adquiridas pelas condições especiais em que o trabalho é realizado" ou as "mesopatias" – classificação até hoje utilizada para fins médico-legais e previdenciários em muitos países, inclusive no Brasil.

Muitas outras contribuições poderiam ser aqui identificadas, tais como sua visão das inter-relações entre a Patologia do Trabalho e o Meio Ambiente, quando estuda as "Doenças dos químicos" (capítulo IV de seu livro), e a ênfase na prevenção primária das doenças dos trabalhadores, o que se observa em inúmeros capítulos do seu livro. Ainda, é no estudo das "Doenças dos químicos" que ele descreve a utilização potencial de registros de óbito para o estudo dos impactos da poluição ambiental sobre a saúde das comunidades – estratégia metodológica que até hoje se utiliza.

Para finalizar, cita-se o historiador da Medicina, Henry Sigerist, que afirmou: "*este livro de Ramazzini significa para a história das doenças do trabalho o que o livro de Vesalius significa para a Anatomia, ou o de Harvey, para a Fisiologia, ou o de Morgani, para a Patologia*". Sua leitura é a melhor forma de conhecer Bernardino Ramazzini, e a adoção de seus múltiplos ensinamentos é a melhor forma de homenageá-lo e de cultivar a sua memória.

# *II*

# *Bernardino Ramazzini*

*Pai da Medicina do Trabalho*

*Tricentenário da Publicação do "De Morbis Artificum Diatriba"*

*Diogo Pupo Nogueira*
*Professor emérito da Faculdade de Saúde Pública*
*da Universidade de São Paulo*

Comemora-se neste ano de 2000 a publicação de um livro que veio modificar a Medicina. Seu autor, Bernardino Ramazzini, nasceu em 1633, na pequena localidade de Carpi, perto de Módena, e graduou-se em Medicina em Parma, em 1659. Nessa universidade, foi professor de Medicina Teórica até 1692, quando passou para a Universidade de Pádua.

Desde o aparecimento do primeiro homem, surgiu a escravatura do homem pelo homem. A figura do trabalhador escravo atravessa toda a história da humanidade e ainda hoje existe na África; esse trabalhador, pela sua condição, não merecia dos seus amos atenção maior do que aquela dada aos animais de carga, e sua qualidade de homem livre somente surgiu na Idade Média, com o aparecimento das Corporações de Ofício. Estas davam aos seus membros uma série de benefícios, inclusive assistência médica, prestada pelos maiores médicos da época; curiosamente, apesar de serem médicos de trabalhadores, não procuravam verificar se havia alguma relação entre os ofícios a que se dedicavam seus pacientes e as doenças que apresentavam. Somente dois médicos medievais que atendiam pacientes de Corporações de Ofícios deram atenção a esse problema: Georg Bauer, mais conhecido pelo seu nome latino de Georgii Agricolae, que apresentou suas observações no livro *De Re Metallica*, e Aureolus Theophrastus von Hohenheirn, mais conhecido

pelo seu nome de Paracelso, que descreveu problemas de saúde de mineiros no seu livro *Von der Bergsuch und anderem Bergkrankheiten*. Tais obras, porém, não mereceram maior atenção dos médicos da época. Assim, quando terminou a Idade Média e iniciou-se o Renascimento, os médicos não se interessavam por possíveis relações entre trabalho e doença.

Bernardino Ramazzini, no entanto, pensava diferentemente. Assim, em 1700, ao publicar o livro *De Morbis Artificum Diatriba*, no seu prólogo dizia ele: *"Enquanto exercia minha profissão de médico, fiz frequentes observações, pelo que resolvi, no limite das minhas forças, escrever um tratado sobre as doenças dos operários"*.

Até então, os trabalhadores tinham merecido pouco interesse da classe médica da época. Dizia Ramazzini: *"Ninguém, que eu saiba, pôs o pé nesse campo onde podem colher messes não desprezíveis acerca da sutileza e da eficácia das emanações a que estão expostos os trabalhadores"*. Afirmava: *É certamente um dever para com a mísera condição dos artesãos, cujo labor manual, muitas vezes considerado vil e sórdido, é contudo necessário e proporciona comodidades à sociedade humana*.

Para conhecer tais labores, era necessário conhecer como estes eram realizados, pelo que ele afirmou *"não me considerei diminuído visitando, de quando em quando, sujas oficinas [...] a fim de observar segredos da arte mecânica"*. De acordo com ele, é necessário que, durante essas visitas, sejam estudados todos os riscos de doenças a que estão expostos os trabalhadores, para "*saber aquilo que pode sugerir as prescrições médicas preventivas ou curativas contra as doenças dos operários"*.

Dirigindo-se aos médicos da época, diz: *"o médico que vai atender um paciente proletário não deve se limitar a pôr a mão no pulso, com pressa, assim que chegar, sem se informar de suas condições de trabalho"*. Acrescenta que "*um médico que atende um doente deve informar-se de muita coisa a seu respeito"*, conforme Hipócrates propunha... *"A essas interrogações devia-se acrescentar outra: e que arte exerce? Tal pergunta considero oportuno e mesmo necessário para lembrar ao médico que trata de um homem do povo"*.

Essa pergunta transforma Ramazzini no *Pai da Medicina do Trabalho*. Pela primeira vez na história da humanidade e da arte médica, é enfatizado que o trabalho pode produzir doença, e que todos os médicos devem sempre procurar saber qual a profissão de cada um

dos seus pacientes para verificar se não será esta que está condicionando o quadro mórbido.

Infelizmente, as escolas médicas brasileiras, com raras exceções, não incluem uma disciplina de Medicina do Trabalho e, assim, praticamente a totalidade dos futuros médicos deixa suas escolas sem saber que o trabalho pode causar doença. Ramazzini, curiosamente, não deixava de lado essa situação. Assim, ao fazer uma dedicatória ao seu livro, como era costume na época, diz: "*Estás ardendo de desejo, livro querido, ansioso para seguires teu caminho. Escuta, entretanto, meus conselhos paternais. Vou te dizer, em poucas palavras, qual a sorte que te reserva o destino. Como proclamas que vais ensinar uma matéria nova, os sábios acorrerão a ti ávidos e curiosos. Porém, mal terão eles lido pobres páginas, te enviarão para plebeias quitandas, onde se expõem à plebe salsichas, sal e outras especiarias. Ó! Não fiques decepcionado. Não te esqueças de que foste elaborado em escuras oficinas e não em palácios de ricos nem em cortes brilhantes*".

No entanto, passados 300 anos desde a sua primeira edição, esse livro tem sido traduzido em vários idiomas, constituindo, sem dúvida, uma profunda homenagem ao seu sábio autor, que, com a sua pergunta sobre as profissões dos pacientes, revoluciona a prática da Medicina, o que lhe concede o merecido nome de *Pai da Medicina do Trabalho.*

No seu livro, Ramazzini descreve com perfeição certos riscos profissionais que até hoje existem, não sendo prevenidos na maior parte dos casos. Nas linhas que se seguem, procurar-se-á reproduzir trechos do *De Morbis Artificum Diatriba* que bem demonstram a atualidade e a profundidade dos seus conhecimentos.

O autor interessou-se mais aprofundadamente por determinados riscos profissionais, descrevendo seus efeitos de maneira tão atual como a de tratados mais modernos de Medicina do Trabalho.

A atividade de mineração chamou-lhe especialmente a atenção. Diz que: "*nas minas surgem, pois, várias doenças provocadas por propriedades nocivas do material, que afligem os mineiros [...] Os pulmões [...] são atacados nesses obreiros [...] que respiram junto com o ar exalações minerais, resultando daí os primeiros agravos; aqueles que desentranham minerais são vítimas, pois, de grandes riscos, e foi por isso que a extração de metais, onde há minas, foi considerada, como agora, um castigo, sendo condenados aos perigos dos metais os piores*

*criminosos. Enquanto extrai a matéria mineral, o mineiro contrai gravíssimas doenças rebeldes à ação dos remédios que são habitualmente prescritos"*. A silicose já tinha sido descrita por Agricolae, e Ramazzini descreve agora, pela primeira vez, as pneumoconioses como um todo.

Como tivesse descido nas minas para observar o trabalho que é ali realizado, interessado em conhecer as condições de trabalho que causam as doenças, diz Ramazzini: *"não poucos de nossos clínicos se indignariam se vissem outro professor descendo a lugares subterrâneos para investigar os mais recônditos segredos da natureza; fiquei ciente dos risos que provocaram minha arriscada tentativa de sondar mananciais que abastecem a água de Módena.*

O estudo dos locais de trabalho dos mineiros feito por Ramazzini, se provocava o riso dos médicos da época, merece dele considerações importantes. *"Para dar qualquer meio de defesa ou, ao menos, levar alívio a esses miseráveis operários, a arte médica precisa primeiramente conhecer todas as classes de minérios, investigar o modo pelo qual os venenos peculiares atacam o organismo dos cavouqueiros e indicar os remédios mais rápidos àqueles cuja eficácia fique comprovada. A inexplicável quantidade e diversidade de metais existentes no interior da terra* [como também... os minerais cuja qualidade a indústria química nos tem dado a conhecer] *quase nos impossibilitam de estabelecer quais e quantos perigos específicos são desta ou daquelas minas e se afetam alguma parte do organismo mais do que outras.*

Ramazzini dá conselhos a médicos que atendem trabalhadores de minas ao dizer que, àqueles que exercem sua profissão nas minas, incumbe-lhes vigiar atentamente a incolumidade dos operários e, se não conseguirem **suprimir as causas ocasionais dos distúrbios**, pelo menos devem tratar de minorá-la. O grifo é nosso, pois evidencia bem que o autor pensava em prevenir as doenças, deixando em segundo plano o seu tratamento.

A descrição feita por Ramazzini é absolutamente atual nos dias de hoje. Os riscos dos mineiros expostos à sílica, ao asbesto, ao carvão de hulha continuam a existir como ocorria em 1700 e, nos países considerados "em desenvolvimento", esse problema é extremamente grave, como bem o demonstram os numerosos trabalhos elaborados a esse respeito.

É curiosa a menção que Ramazzini faz aos empregadores: *"Príncipes e comerciantes geralmente obtêm gordos proventos do trabalho dos mineiros porque precisam de metais para quase todas as*

*indústrias, enquanto aquele que extrai a matéria mineral contrai gravíssimas doenças rebeldes à ação dos remédios que são habitualmente prescritos. Aqueles que desentranham minerais são vítimas, pois, de grandes riscos".*

Os minerais extraídos das minas devem sofrer operações para que possam ser utilizados, e Ramazzini lembra que *"há muitos outros artífices que trabalham nas imediações das minas como aqueles que removem, fundem e refinam a matéria extraída. Eles se expõem às mesmas enfermidades, embora não tão gravemente, porque praticam o seu ofício em ar livre".*

É curioso que Ramazzini já suspeitava da existência da "febre dos fumos metálicos", quando diz que, *"a respeito das afecções asmáticas motivadas por fumos metálicos, nada adianta a esses trabalhadores o uso dos remédios habituais"*. Não obstante a pouca gravidade dessa doença profissional, o autor não deixa de mencioná-la, ao que se sabe, pela primeira vez na literatura médica.

O autor dedica especial atenção aos mineiros das minas de mercúrio, quando afirma que *"porém, nenhuma das pestes mais truculentas que atacam os cavouqueiros é mais perniciosa do que aquela que irrompe nas minas de mercúrio; os escavadores de minério de mercúrio apenas conseguem atingir três anos de trabalho; no espaço de quatro meses apenas aparecem tremores dos membros, tornam-se vertiginosos e paralíticos"*.

O mercúrio mereceu especial atenção de Ramazzini. O metal tinha vários usos, e seus efeitos sobre a saúde dos trabalhadores foram bem descritos. Era muito usado por vários profissionais. Assim, informa Ramaz-zini, que *"ninguém desconhece o lamentável dano que o mercúrio causa aos ourives, ocupados geralmente em dourar objetos de prata ou de bronze. É preciso amalgamar e depois volatizar o mercúrio ao fogo, não podendo os operários virar o rosto para evitarem a absorção de vapores venenosos. Tremem o pescoço e as mãos, perdem a dentadura, bambeiam suas pernas".*

Essa descrição é atualíssima, visto que o mesmo ocorre entre os garimpeiros brasileiros. As pepitas de ouro, misturadas com impurezas, são colocadas em um cadinho no qual é juntado o mercúrio, que se amalgama com o ouro; em seguida, com um maçarico, o operador aquece o amálgama, com o que o mercúrio é vaporizado. O operador, durante o processo, respira os vapores do mercúrio, com grave risco à

sua saúde, como tem sido observado por vários estudiosos brasileiros que estudam tal problema.

Em 1700, a Europa via-se atingida por uma epidemia de sífilis. Um dos tratamentos utilizados era uma mistura de mercúrio metálico e banha; por meio da manipulação desta, o mercúrio dividia-se em milhares de gotículas e o produto final era friccionado na prega do cotovelo; o metal era absorvido e passava a agir de forma sistêmica. Esse tratamento foi usado largamente em todo o mundo; mesmo no Brasil, a mistura de mercúrio e banha denominava-se "unguento napolitano" e foi usado extensivamente até o surgimento do "914" – o produto de arsênico denominado "Salvarsan" e, mais tarde, de "Neosalvarsan".

No tempo de Ramazzini, a fricção da mistura nos doentes era feita por pessoas denominadas de "iatraliptas". Assim, refere Ramazzini: *"o mercúrio é igualmente perigoso para os iatraliptas de nosso tempo, encarregados de untar com mercúrio os enfermos de lues venéreas que não melhoraram com outra medicação. Os que friccionam com unguento de mercúrio os portadores de sífilis estão colocados entre os profissionais da mais baixa condição, metidos no negócio com fins de lucro. Embora usem luvas, não conseguem proteger-se suficientemente para que os átomos de mercúrio não cheguem às mãos, passando através do couro o qual, em outros casos, é usado para filtrar e purificar o mercúrio".* Sabe-se que os iatraliptas, após algum tempo, apresentavam quadros graves de intoxicação pelo mercúrio, obrigando-os a abandonar essa profissão.

Muitos odontólogos brasileiros, que fazem restaurações dentárias com a amálgama de prata, colocam-na em um pedaço de pelica, que é apertado pelos dedos e pela palma da mão, de forma a retirar o mercúrio que não se amalgamou e que é desprezado. Tal manobra expõe os dentistas ao risco de intoxicação pelo mercúrio, pois, como os iatraliptas, o mercúrio atravessa a pelica e entra em contato com a pele, sendo absorvido e causando graves quadros de intoxicação mercurial nesses profissionais.

Os operários venezianos, especializados na manufatura de espelhos, como os douradores experimentam os malefícios do mercúrio quando cobrem com prata viva (mercúrio metálico) grandes placas de cristal, a fim de que reflitam claras imagens do lado oposto.

Já na época de Ramazzini, havia a preocupação com o meio ambiente. Afirma o autor que *"os químicos são dignos de louvor, porque não temem sacrificar suas vidas em benefício do bem público"*.

Esse "bem público", porém, nem sempre existe; assim, o autor cita o caso de *"um cidadão finalês que levou um comerciante à justiça, instando que mudasse seu laboratório para fora da cidade ou para outra região [...] No registro necrológico da paróquia (do local) estão assinalados que naquele bairro e nos sítios mais próximos do laboratório faleciam anualmente mais pessoas que em outros lugares".*

O chumbo também mereceu a atenção de Ramazzini. Referindo-se aos oleiros, informa *"que esses operários precisam de chumbo calcinado a quente para vitrificar seus vasos e moem o chumbo em vasilhas de mármore [...] besuntando depois os vasos com chumbo liquefeito, por meio de pincéis, antes de introduzi-los no forno. Primeiramente, surgem tremores nas mãos e cólicas abdominais"*. Atualmente ainda é feita de forma artesanal a esmaltação de cerâmica com sais de chumbo, como é feito no México, por exemplo. Já foram descritos casos de intoxicação não profissional de pessoas que, utilizando canecas de cerâmica, nela tomavam bebidas ácidas, tais como o vinho, o sumo de limão etc., que dissolvem o chumbo dos recipientes e que contaminam os líquidos ingeridos, dando origem à intoxicação.

Os pintores também se expõem ao chumbo: *"A matéria corante é óxido de chumbo, cinábrio, cerusa, verniz, azeite de nozes e de linho utilizados para misturar cores e vários pigmentos [...] Seus vapores malignos são absorvidos pelo nariz e pela boca, penetram nas vias respiratórias, passam ao sangue, perturbam a economia das funções naturais [...] Constatei nesta e em outras cidades, nos pintores que conheci, que são todos enfermiços[...] Rafael de Urbino, célebre pintor, foi arrancado do mundo dos vivos em plena flor da juventude."*

Convém lembrar que a morte do nosso pintor Portinari tem sido atribuída às tintas que utilizava em suas pinturas. Entre elas, algumas continham chumbo.

As dermatoses de algumas profissões são destacadas: *"A cal põe rugosa as mãos dos pedreiros e às vezes as ulcera (uso da cal viva). Quando extinguem a cal viva jogando água sobre elas, é sempre a cal que atinge as mãos, ainda que extinta".*

As posições viciosas de trabalho em várias profissões, causando problemas ósteoarticulares, mereceram atenção muito especial de Ramaz-zini, que, dessa forma, é um precursor da Ergonomia. Suas observações são perfeitamente atuais.

Na Itália, eram as parteiras que atendiam a maior parte das parturientes. Na época, estas davam à luz sentadas em "cadeiras obstétricas". Diz o autor que *"as parteiras, quando assistem as parturientes já instaladas na cadeira, agacham-se com as mãos estendidas para receber a criança e permanecem em sua tarefa durante horas [...] As parteiras se inclinam e se encurvam enquanto aguardam com as mãos abertas a apresentação do feto, cuja paciência e esforço fatigam-nas a tal extremo que, nascida a criança, retornam para sua casa abatidas e desanimadas".*

As posições de trabalho de determinados grupos de trabalhadores também mereceram atenção especial de Ramazzini, que diz *"agrada-me aqui tratar de outros operários que, por outras causas como sejam a posição dos membros e os movimentos corporais inadequados, vêm a apresentar problemas de saúde. Em primeiro lugar, aparecerão em cena os que têm de permanecer parados, isto é, os carpinteiros, os podadores e cortadores, os escultores, os ferreiros, os pedreiros e muitos outros que deixo de mencionar. Nas artes que obrigam à permanência em pé, os operários estão propensos sobretudo a varizes. As profissões que obrigam à permanência em pé também podem ocasionar úlceras nas pernas, fraqueza de articulações [...] dores nos rins, eles mesmos achando que a causa é o contínuo trabalho em pé. Para manter o corpo ereto, necessariamente devem estar em tensão as fibras dos músculos lombares".*

Em 1700, ainda não existiam as máquinas de fiar e de tecer, razão pela qual todo o trabalho tinha de ser feito manualmente. Assim, diz Ramazzini, *"também os tecelões dedicados sobretudo a tecer panos, se não são robustos e musculosos, serão atingidos gravemente pela lassidão, especialmente dos braços, espáduas e pés. Durante a confecção do pano, pela grande largueza da fazenda, atendem dois homens o mesmo trabalho, um passando a lançadeira e o fio ao outro com a mão direita, e este a devolvendo com a esquerda, ambos ao mesmo tempo, com o que apresentam problemas [...]".* Somente em 1733, com a invenção da lançadeira de cordel, por Kay, a difícil operação descrita por Ramazzini começa a ser realizada por método que reduzia muito o esforço do manejo da lançadeira.

Continua Ramazzini: *"merece ainda ser examinado por que o posicionamento de pé provoca tanta lassidão, ainda que não dure muito tempo em comparação com a marcha e até com prolongadas carreiras; geralmente, acredita-se que é devido ao movimento tônico de todos*

*os músculos antagônicos de extensão e de flexão em esforço contínuo para que o homem se mantenha erguido".*

Procurando melhorar as condições desses trabalhadores, diz o autor que *"é necessário, pois, aconselhar na oportunidade aos que se dedicam a ofícios pedestres que, tanto quanto possível, interrompam a posição contínua, seja se sentando de quando em quando, seja caminhando ou movimentando o corpo de qualquer forma".*

As atividades sedentárias e seus efeitos sobre a saúde também mereceram a atenção do autor ao afirmar que *"uma outra classe de trabalhadores que trabalham sentados, homens e mulheres, por causa da sua atividade sedentária e da flexão do corpo enquanto estão na oficina todos os dias, debruçados sobre o trabalho, tornam-se encurvados e corcundas. Inclinam a cabeça sobre o peito, parecendo que andam a procura de alguma coisa".* Nesse sentido, chama a atenção dos leitores para a profissão de joalheiro: *"sentados o dia inteiro e ocupados com tantas minuciosas tarefas, obrigados a ver e distinguir objetos finíssimos, necessitam manter com intensidade os olhos fixos".* Como muitas profissões obrigam a manter a vista fixa, levando ao cansaço visual e ao estresse, diz que *"será útil usar óculos, não estar sempre aplicado ao trabalho, com a cabeça inclinada e afastar de quando em quando o olhar e as mãos da mesa e furtar algumas horas ao labor, a fim de se recrearem os olhos com panoramas diferentes".*

Deve-se destacar que esses pontos discutidos por Ramazzini são inteiramente válidos até hoje. A legislação trabalhista brasileira só há relativamente pouco tempo tornou obrigatória a existência de assentos em determinados locais de trabalho, exigência que não é cumprida pela maioria dos responsáveis por esses locais.

O trabalho braçal também é discutido por Ramazzini. Assim, em relação aos carregadores, diz ele: *"De transportarem grandes pesos sobre os ombros, contraem distúrbios mórbidos que se tornam geralmente graves [...] pois têm que fazer força com os músculos, especialmente os do tórax e os do abdômen".*

Para procurar prevenir os problemas de saúde decorrentes do esforço físico e das posições de trabalho viciosas, o autor diz que "*para evitar os inconvenientes de estarem demasiado tempo sentados ou de pé, será bom o exercício moderado do corpo diariamente [...] Recomendo especialmente a ginástica corporal como medida mais saudável para homens e mulheres".*

A doença profissional que, em todo o mundo, vem chamando a atenção de profissionais de diversas especialidades é a Lesão por Esforços Repetitivos (LER). É importante notar que Ramazzini já a descreve em seu livro quando estuda as doenças de escribas e notários, que utilizavam a escrita manual em suas atividades laborativas. Diz ele que *"a necessária posição da mão para fazer a pena correr sobre o papel ocasiona não leve dano que se comunica a todo o braço devido à constante tensão tônica dos músculos e tendões e com o andar do tempo diminui o vigor da mão"*. Cita ele o caso de um *"notário de profissão, o qual dedicou toda a sua vida a escrever, lucrando bastante com isso; primeiro começou a sentir grande lassidão em todo o braço, que não pôde melhorar com remédio algum e, finalmente, contraiu uma completa paralisia do braço direito"*. Prossegue mencionando que essa doença decorre do *"uso contínuo e sempre o mesmo movimento da mão"*.

A questão da influência das anormalidades do sono também foi mencionada. Assim, diz o autor que *os padeiros são, geralmente, artífices noturnos; quando outros artesãos terminaram a tarefa diária e se entregam a um sono reparador de suas fatigadas forças, eles trabalham de noite e dormem quase todo o dia*, com os problemas que hoje são bem conhecidos.

A exposição à poeira de cereais e suas consequências também mereceram a atenção de Ramazzini. Assim, *"os que separam a farinha dos restolhos por meio de [...] peneiradoras e os que carregam sacos, ainda que tenham cuidado com os rostos, não conseguem evitar que na aspiração do ar.. penetrem partículas de farinha, [...] que invadem a garganta como também os pulmões [...] com isso é fácil ficarem tossindo, ofegantes, roucos e finalmente asmáticos»*. É o quadro típico da asma profissional por inalação de poeira de cereais, que ultimamente tem merecido vários trabalhos no Brasil.

Diz ainda que *"todos os cereais, principalmente o trigo, depositados em [...] celeiros [...] levam sempre misturado um sutilíssimo pó desprendido dos próprios quando ficaram muito tempo em depósito. Os trabalhadores experimentam bastante ardor da garganta, nos pulmões e nos olhos e segue-se uma tosse seca e cruel"*. Dessa forma, o que hoje se conhece com o nome de "pulmão do fazendeiro", devido a fungos que se desenvolvem em grãos estocados, é aqui descrito, evidenciando a notável capacidade do autor em reconhecer mais uma doença profissional.

Os efeitos da poeira sobre a árvore respiratória são descritos quando são estudados os cardadores. Como na época inexistissem máquinas de fiar, que só foram inventadas por Hargreaves em 1770, o trabalho de cardagem de fios têxteis era feito a mão, com o que se desprendia grande quantidade de pó, o que mereceu grande atenção do autor. Refere ele que *"nas operações de cardagem do linho, lã, cânhamo e algodão [...] é também prejudicial a cardagem para fiá-los, a fim de serem entregues aos tecelões que confeccionam o pano; desprende-se deles um pó espesso e danoso, que penetra pela boca, vai à garganta e depois alcança os pulmões levando-os pouco a pouco a contrair a afecção médica"*. Trata-se, assim, de uma perfeita descrição da bissinose, doença profissional que só em 1959 foi descrita cientificamente por Schilling entre trabalhadores têxteis. A despeito da mecanização, atualmente as operações de cardagem continuam a produzir poeira naquelas fábricas que não provêm suas cardas com ventilação local exaustora.

O ruído industrial e seus efeitos sobre o aparelho auditivo também foram abordados pelo autor. Referindo-se aos metalúrgicos que trabalhavam com o bronze, diz *"estes martelam o bronze a fim de dar-lhe maleabilidade e fabricar depois as vasilhas de tipos diversos, causando tanto ruído que os obriga a fugir do local de trabalho, refugiando-se em tabernas e nos respectivos domicílios"*. Diz o autor que *"a continuidade do ruído danifica o ouvido e depois toda a cabeça; tornam-se um pouco surdos e, se envelhecem no mister, ficam completamente surdos porque o tímpano [...] perde sua tensão com a incessante percussão, que repercute, por sua vez, no interior da orelha e debilitando todos os órgãos de audição"*, uma claríssima descrição do problema do ruído nos locais de trabalho e do efeito do ruído sobre o ouvido interno.

No livro existem poucas referências à inalação de gases, mas refere *"que um paciente foi atacado pelo fumo do carvão em meio ao inverno; estando escrevendo em um quarto fechado, trouxeram-lhe um vaso com brasas e sentiu-se tão mal que apenas pôde sair do aposento, pouco depois caindo ao solo semimorto"*, descrição real da intoxicação pelo monóxido de carbono.

O autor também estudou com atenção algumas outras profissões que acarretam alterações de saúde àqueles que as praticam.

Referindo-se aos trabalhadores em salinas, diz que *"o sal artificial empregado mais comumente se obtém da água marinha, onde o*

*sol ardente a seca, ficando no fundo os grandes sedimentos do sal [...] quase todos os trabalhadores apresentam pútridas chagas nas pernas".* Como realizam tais atividades em espaços abertos, *"[...] trabalham quase nus por causa do calor excessivo".*

O esforço vocal também mereceu o interesse do autor quando diz que *"as corizas e rouquidão são inconvenientes dos cantores e de artistas de teatro. Conheci Margarida Salicola Scevina, afamada sereia dos teatros, quando vivia em Módena; estava sempre atacada de gravíssima rouquidão depois do extenuante labor do canto".*

Uma interessante observação de Ramazzini é a da saúde de militares vivendo em quartéis, entre os quais soem ocorrer epidemias que denomina de *"castrense, por surgir nos acampamentos por culpa da má alimentação e impureza das águas».* Assunto raramente discutido por médicos em geral, e o melhor e recente exemplo é o que ocorreu quando, durante a Segunda Guerra Mundial, os aliados desembarcaram na Itália. Após algum tempo, começaram a surgir casos de soldados que se queixavam de cansaço e fraqueza e que apresentavam icterícia; como essa doença começou a ocorrer sob forma epidêmica, observou-se que se tratava de moléstia contagiosa, denominada hepatite infecciosa, até então desconhecida pela Medicina da época.

Ramazzini descreve ainda que, entre marinheiros, *"não raro acontece que alguma doença epidêmica invada o navio, seja por causa extrínseca ou pela alimentação comum".* Trata-se, evidentemente, do escorbuto, cuja origem era até então desconhecida.

Verifica-se, portanto, o agudo senso de observação de Ramazzini, que associou de forma clara e insofismável a relação entre trabalho e doença, incitando os médicos a sempre procurarem verificar se as doenças apresentadas por seus colegas médicos não se originam do trabalho.

Finalmente, uma observação curiosíssima do autor, quando diz que *"é justo velar pela incolumidade dos coveiros, porque sepultam na terra os corpos de muitas pessoas* **junto com os erros médicos***"* (o grifo é nosso). Quantos trabalhadores hoje em dia encontram a morte no seu trabalho, levando consigo para a sepultura o erro dos médicos que ignoraram que as doenças profissionais também podem matar. Tal erro só desaparecerá quando todos os médicos que deixam suas escolas se conscientizarem de que as condições de trabalho podem causar doenças e mesmo a morte dos trabalhadores brasileiros.

# *III*

# *2000: Ano comemorativo do tricentenario da primeira edição do livro de Bernardino Ramazzini*

*As doenças dos trabalhadores: uma obra instigante*

*Jorge da Rocha Gomes*
*Professor aposentado da Faculdade de Saúde Pública*
*da Universidade de São Paulo*

## *Antecedentes*

Por ocasião da publicação do calendário da Anamt do ano 2000, o tesoureiro da entidade, Sebastião Ivone Vieira, pediu ao autor que procurasse, no livro de Ramazzini, alguns trechos interessantes para ilustrar o referido calendário. Nesta busca, constataram-se muitas passagens pitorescas e interessantes que refletem não só a inteligência e argúcia de Ramazzini, mas também sua premonição, uma vez que muitos de seus conceitos emitidos na época de 1700 são válidos até hoje.

Para operacionalizar as atividades referentes às comemorações do tricentenário da primeira publicação do livro "As doenças dos Trabalhadores", de Bernardino Ramazzini, a Comissão designada pela Anamt entendeu que seria interessante publicar um comemorativo em número especial da Revista Brasileira de Saúde Ocupacional, da Fundacentro. E um dos temas sugeridos para aquela edição foi o aprofundamento daquele trabalho iniciado para o calendário da Anamt. Assim, surgiu a ideia deste artigo sobre o livro de Ramazzini, que tanto significado teve – e ainda está tendo – para os trabalhadores e para os profissionais que se dedicam a sua saúde.

Ao consultar esta obra, foi necessário recorrer ao dicionário porque inúmeros termos não são de uso corrente. Para evitar que outros leitores do livro de Ramazzini tivessem este trabalho, transcreveu-se, num glossário, o significado de alguns desses termos, aproveitando as facilidades de cópia do Dicionário Eletrônico Aurélio.

Procurou-se evitar as transcrições *ipsis litteris*, tentando captar mais o sentido de trechos que pareceram interessantes por serem pitorescos e aplicáveis ainda hoje – convém recordar que o livro foi editado em 1700. Vale ressaltar que se procurou evitar qualquer juízo de valor sobre as ideias de Ramazzini, embora, algumas vezes, a tentação tenha sido muito grande. A intenção do autor foi a de colaborar tendo em conta as comemorações da Anamt: tornar mais conhecida a obra de Ramazzini e despertar o interesse pela sua leitura.

Todas estas explicações preliminares são necessárias para que ninguém possa pensar que o autor desta pesquisa foi escolhido por ter sido contemporâneo de Ramazzini...

## *Introdução*

Para esta pesquisa foi utilizada a segunda edição publicada pela Fundacentro, em 1999. Antes da obra propriamente dita, há uma nota explicativa sobre suas várias traduções redigida pelo professor Raimundo Estrêla, tradutor dessa edição. Nessa nota, o professor Estrêla comenta as dificuldades encontradas para traduzir os 54 capítulos do livro, além do poema e do prefácio. A comissão rende suas mais encomiásticas homenagens a esse verdadeiro cultor da história da Medicina do Trabalho. Quem conhece o professor Estrêla sabe do cuidado, do carinho e da quase compulsiva meticulosidade que dedica a seus trabalhos.

No poema introdutório e no prefácio, identifica-se a personalidade de Ramazzini, sua inconformidade com a situação da Medicina e da conduta dos médicos da época. Entre as recomendações que resume no prefácio, há muitas que, certamente, não nos soam como coisas do passado, como se verá a seguir.

O médico deve visitar as oficinas para observar a forma de trabalhar e identificar os agentes agressivos; estas visitas em nada diminuem o seu *status*; a Medicina também cura de graça e socorre

os pobres; as diferenças entre os europeus e os americanos (e outros povos bárbaros); a atenção dada aos trabalhadores por meio das corporações e associações de artífices com seus direitos e privilégios (seria um primeiro passo em direção aos sindicatos de trabalhadores?); governos bem constituídos conseguem um bom regime de trabalho; não atender os pacientes rapidamente, sem sentar; manter a fisionomia alegre. No parágrafo final, há uma verdadeira lição de modéstia, quando Ramazzini pede a acolhida benevolente a seu livro, escrito com pouca arte e destinado a ser útil aos trabalhadores e não para a sua glória.

Ramazzini baseou suas deduções em extensa bibliografia de outros autores. Alertado pelo professor Bernardo Bedrikow para esta particularidade, constatou-se que há 49 citações somente nas oito páginas do primeiro capítulo, que trata das doenças dos mineiros.

## *Análise do livro*

Por simples facilidade de sistematização, a análise do livro está subdividida em sete partes. É possível que algumas passagens não estejam corretamente enquadradas sob o título, visto que o pensamento de Ramazzini nem sempre segue regras muito cartesianas.

## *Curiosidades pitorescas*

Ramazzini utiliza muitas comparações e aforismos, filosofa, faz muitas descrições poéticas, transformando a leitura de seu livro em um exercício muito agradável. Alguns trechos exemplificativos do seu estilo estão reunidos neste subtítulo.

1. A diferença entre a parteira e o coveiro: enquanto uma vigia o ingresso no mundo, o outro trata de seu regresso.
2. A gibosidade, claudicação e ciática dos alfaiates e dos sapateiros causadas pela posição que adotam permanentemente para trabalhar: quando se reúnem em ocasiões festivas, causa riso quando caminham todos encurvados, com gibosidade e inclinando-se, ora para um lado e ora para outro, como se estivessem representando um papel para um espetáculo.

3. A proibição do uso de coitos para que os corpos dos atletas não enfraquecessem, prendendo com fivelas as partes pudentas, mas a exagerada temperança associada a excessiva alimentação conduzem ao entorpecimento: afrouxadas as fivelas e permitida a relação sexual, o atleta recupera a alegria e o vigor. Ao coito não há que o desejar ou temer demasiadamente, pois sua escassez excita e sua frequência amaina. Como diz Hipócrates: "Trabalho, alimento, bebida, sono, amor, tudo deve ser moderado".
4. A sede insaciável dos vidreiros que saciam com uso imoderado de vinho porque acham que a água é mais nociva para quem se esquenta demasiadamente.
5. A tísica da menina nobre devida aos eflúvios maléficos emitidos pela avó ao fixar os olhos na neta.
6. As veias hemorroidárias devem ser abertas com sanguessugas.
7. Caso de um jovem equitador que, proclamando sua honestidade, foi tranquilizado por Ramazzini ao ser informado que seu tumor no ânus, em forma de figo, nada tinha de repugnante nem havia porque dele suspeitar por tratar-se de doença relacionada com seu ofício.
8. Com a chegada inesperada do esposo, mulher adúltera esconde seu amante sob o leito cobrindo-o com um manto: sua infidelidade foi descoberta pelo acesso de tosse e espirros consequentes à inalação do enxofre que impregnava o manto.
9. Como antídoto para o mal-estar devido à grande profusão de perfumes da Arábia, é útil recorrer-se a aromas fétidos.
10. Como preventivo: caldo gordo e um bom vinho.
11. Curou literatos com dor de dentes com o uso de perucas, entendendo que, sem o seu uso, estes pacientes teriam ficado desdentados.
12. Enquanto alguns autores referem que andar a cavalo constantemente torna os cavaleiros infecundos e impotentes, outros entendem que, ao contrário, são libidinosos pela constante fricção e quentura das partes pudendas.

13. Hebreia que, por trabalhar com fardos de fumo, sentia desejo de vomitar e, em seguida, tinha diarreia e, quando se sentava sobre os fardos, sangrava abundantemente pelos vasos hemorroidários.

14. Na Inglaterra, França e Alemanha, as mulheres têm seus filhos deitadas em seus leitos e não sentadas em cadeiras furadas como ocorre na Itália; por isto, as parteiras italianas sofrem mais devido às posições incômodas.

15. No "Suplemento à dissertação das doenças dos operários", Ramazzini explica que o escreveu atendendo ao insistente pedido de seu editor que recebia muitas solicitações da edição anterior e que estava esgotada. Refere que o editor pediu que fosse acrescentado algo mais que atraísse o leitor, e que Ramazzini iria obter bom lucro com o livro. Revela, também que sua saúde era precária. Conclui com uma frase bem pitoresca: *Beneficia-te, portanto, deste meu trabalho, benévolo leitor, e passa bem...*

16. No capítulo que trata das doenças das nutrizes, Ramazzini faz abrangentes comentários sobre as teorias da época e os mecanismos da produção do leite materno. Ao discutir a relação dos movimentos uterinos com a lactação, refere que os citas introduziam um osso oco, semelhante a uma flauta, nas partes da égua e assopravam. Com este artifício, provocavam movimentos uterinos que: aumentavam o leite, utilizado em sua alimentação.

17. Nunca vi nenhum coveiro chegar à velhice; um coveiro, tentando roubar os sapatos de um morto luxuosamente vestido, ao penetrar no túmulo caiu sobre o morto, pagando com a vida o crime de violar uma sepultura.

18. O chumbo é pesado porque contém muito mercúrio; o médico descobriu, no interior dos cadáveres de mineradores, o mesmo metal que eles trabalhavam e que, quando o trabalhador retornava da mina, ostentava a mesma cor do ouro que escavava.

19. O odor dos locais onde curtiam couros era tão nauseabundo que os cavalos se recusavam a passar na sua frente, ficando fora de si, desobedecendo as rédeas e retornando velozmente para casa; para não corromper o ar, os curtumes

deveriam ficar situados perto dos muros das cidades, ou, então, nos arredores das cidades.

20. O uso da urina como terapêutica de atraso menstrual das monjas e as vantagens da urina viril.

21. Os literatos que se entregam imoderadamente aos estudos enfermam seus corpos, da mesma forma que o exercício em demasia enlanguesce e entorpece a alma para as funções da mente.

22. Os verdadeiros homens de Letras são também magros, pálidos, taciturnos e amantes da vida solitária. Apresentam a vista cansada porque sua letra é muito miúda; peculiaridade habitual dos que têm raciocínio rápido.

23. Ramazzini não concordava com o conceito da época a respeito do efeito maléfico do coito sobre o leite das nutrizes. Citando autor contemporâneo, ressaltava que o coito dá alegria à mulher, dilatando seus capilares venosos, contribuindo para melhorar e aumentar o leite. Um antigo costume usava medir o pescoço da nubente em sua noite de núpcias com um fio, o que era repetido pela manhã; se o fio ficasse curto, a virgem tinha sido transformada em mulher pelo varão, pois a dilatação dos capilares venosos aumentava a circunferência do pescoço.

24. Referindo-se aos efeitos das emanações das fábricas de velas de sebo, comenta uma citação de um autor da época: mulheres gordas e de grandes mamas causam horrores a qualquer pessoa; ele era "carnívoro" e não "gordívero".

25. A imprensa foi inventada no século XIV, e não há dúvidas de que trouxe ao mundo mais danos do que utilidade, impedindo milhares de homens de ganhar o sustento de suas famílias, como os monges e os copistas. Consta que o inventor da imprensa entrou com grande pompa no Parnaso e foi expulso vergonhosamente por corruptor das boas artes.

## *Diagnóstico*

Há trechos do livro de Ramazzini nos quais são descritos os efeitos de agentes estressores laborativos nos trabalhadores, que revelam não só a sua argúcia, perspicácia e seu profundo conhecimento

das profissões e de seus riscos, mas também o quanto de modernidade envolvia suas digressões. No capítulo que trata das doenças dos escribas, por exemplo, Ramazzini explica tão primorosamente quais são as causas e como é a evolução das hoje conhecidas como DORTs, que poderia constar de qualquer compêndio atual de Medicina do Trabalho. Estes aspectos estão agrupados neste subtítulo.

1. A necessária posição da mão para fazer correr a pena sobre o papel ocasiona não leve dano que se comunica a todo o braço devido à constante tensão tônica dos músculos e tendões e, com o andar do tempo, diminui o vigor da mão.

2. As lavadeiras costumam padecer de fissuras nas mãos devido à acrimônia da lixívia.

3. As monjas padecem mais de hérnias porque se entregam demasiadamente ao canto. A gravíssima rouquidão que sempre atacava afamada sereia do teatro depois do extenuante labor do canto.

4. As três causas das doenças dos escribas e dos notários: contínua vida sedentária, contínuo e sempre o mesmo movimento das mãos e a atenção mental para não mancharem os livros e não prejudicarem seus empregadores nas somas, restos ou outras operações matemáticas.

5. Cólica saturnina em pintor cuja dor era tão forte que só passava quando três ou quatro homens comprimiam seu abdômen.

6. Na cardagem do cânhamo e do linho, desprende-se um pó espesso e danoso que penetra pela boca, vai para a garganta e depois alcança os pulmões, obrigando o trabalhador a tossir continuamente, levando-o a contrair em pouco tempo, afecção asmática.

7. Necrópsia de operários que tinham asma e trabalhavam em pedreiras: ao cortar o pulmão sentia como se estivesse cortando corpos arenosos.

8. Com o mercúrio, as mãos e o pescoço tremem, as pernas bambeiam e os dentes caem.

9. Os padeiros têm as mãos inchadas e dolorosas de tanto esfregar a massa. Isto é tão comum que se pode identificar o padeiro pelas mãos.

10. Os cavaleiros, por estarem continuamente sobre o lombo dos cavalos, padecem de fissuras e tumores no ânus.

11. Os operários que trabalham com bronze estão expostos a barulho de grande intensidade produzido pelas marteladas que desferem para dar a ductilidade desejada. Este ruído contínuo danifica o ouvido e depois toda a cabeça. Ficam surdos porque o tímpano perde sua tensão natural, repercutindo para o interior da orelha, perturbando e debilitando todos os órgãos da audição.

12. Os padeiros ficam herniados enquanto carregam sacos de farinha nos ombros, porque este esforço relaxa ou rompe o peritônio. Ficam surdos com o estrépito das mós e das rodas que golpeiam fortemente o tímpano, como se fosse açoitado continuamente, perdendo esta membrana o seu tom. Sofrem também de pitiríase, isto é, enfermidade dos pés, porque andam sempre com as roupas sujas não as trocando nem para dormir.

13. Problemas visuais (não se refere especificamente à catarata, mas à acuidade visual e ao efeito do calor sobre a estrutura aquosa ocular) dos vidreiros que precisam olhar para as chamas e para o vidro em fusão.

## *Ergonomia*

Nesta parte, estão incluídas as citações de Ramazzini referentes à organização do trabalho e outros aspectos da Ergonomia, evidenciando como suas ideias eram avançadas em relação aos conhecimentos da época.

1. Ramazzini refere que há enfermidades que não decorrem da nocividade da matéria manipulada e sim de outras causas, como: posição forçada dos membros e movimentos corporais inadequados. Estes obreiros apresentam distúrbios mórbidos enquanto trabalham de pé, sentados, inclinados, encurvados, correndo, andando a cavalo ou fatigando seu

corpo de qualquer outra forma. Os que trabalham de pé, como os militares e os arúspices, estão propensos, sobretudo, a varizes.

2. Ressalta que há duas causas para as doenças: a natureza nociva das substâncias e a violência que se faz à estrutura naturalda máquina vital com posições forçadas e inadequadas.
3. Ao recomendar moderação no trabalho dos marceneiros, adverte que não se deve adquirir doenças pelo interesse do ganho, pois o trabalho os vencerá.
4. As observações e explicações mecânicas sobre a forma de carregar pesos: leve será a carga se bem levada.
5. No capítulo que trata dos poceiros, são distinguidos dois tipos de operários: os que cavam poços de petróleo e os que cavam poços de água; nos dois casos, além dos riscos inerentes à escavação, há o risco de afogamento, seja no petróleo, seja na água.
6. Recomenda o período matutino para estudar.
7. Os cavaleiros que andam em linha reta fatigam-se muito menos do que os que cavalgam em pistas circulares, recomendando que, nestas, trabalhem somente a metade do tempo.
8. Os operários de uma tipografia são de duas categorias: os que trabalham sentados, compondo as palavras, e os que trabalham de pé, um passando a tinta e outro que comprime o prelo contra o papel.
9. Os padeiros são, geralmente, artífices noturnos: enquanto os outros artesãos descansam, eles trabalham de noite e dormem todo o dia, como as pulgas, pelo que podem ser considerados como antípodas, que vivem ao contrário dos demais homens.
10. Para revolver a massa em dispositivo semimecânico, o padeiro necessita torcer suas pernas lateralmente: com o tempo, mesmo que sejam jovens e robustos, ficam zambetas e coxos. No verão, derretem-se em suor, junto ao forno, porém reconfortam-se bastante com o cheiro do pão quente.

## *Meio ambiente*

Atualmente, quando se pensa em juntar a saúde ocupacional com a saúde ambiental, observa-se que esta preocupação já constava no livro de Ramazzini.

1. Demanda judicial para que uma fábrica de cloreto de mercúrio fosse transferida para fora da cidade, com atestados médicos e registro necrológico da cidade: terminou com vitória da fábrica.
2. Atribui à má alimentação e ao ar as doenças dos agricultores, entre as quais cita pleurites, peripneumonias, asma, cólicas, erisipelas, oftalmias, anginas, dores de dentes e cáries dentárias.
3. Enterrar profundamente os objetos e os despojos de pessoas infectadas quando grassa uma peste.
4. O ar pesado das cidades embota e obnubila os espíritos: a inteligência se esclarecerá com mais facilidade em Nápoles, onde a atmosfera é mais pura e temperada do que o ar pesado de Beócia, de onde vem a fama que seus habitantes (beócios) são curtos de inteligência, ignorantes e boçais.
5. Édito divino proibia os militares israelitas de evacuarem o ventre nos acampamentos militares, devendo afastarem-se, cavar um fosso, descarregar ali as fezes e tapá-las com terra. Por isto, todo soldado levava às costas um pau pontiagudo.
6. Os que residem perto das minas também recebem os males das exalações metálicas.

## *Exercício da medicina*

Ramazzini, em diversos trechos, faz recomendações irônicas sobre o exercício da Medicina. Nem sempre é muito condescendente para com seus colegas, que, segundo deixa transparecer, também não gostavam muito de sua forma de exercer a Medicina.

1. Diferenças no tratamento de um operário e de uma pessoa rica: o trabalhador quer sarar logo para poder voltar ao trabalho, às vezes ainda incompletamente curado. Já com os

ricos, a quem sobra tempo para ficarem doentes (às vezes por simulação ou para ostentar riqueza) e que por qualquer insignificância chamam o médico, deve-se proceder de maneira diferente; tratamentos longos para doenças breves ou que se curam por si mesmas.

2. É justo velar pela incolumidade dos coveiros cujo ofício é tão necessário, porque sepultam na terra os corpos dos mortos, junto com os erros dos médicos, devendo, pois, a arte médica compensá-los com algum benefício por sua própria dignidade ameaçada.

3. O cirurgião que, alertado do perigo do unguento mercurial, prescrevia que o próprio paciente fizesse as fricções.

4. O grande cirurgião e anatomista mais famoso daquele tempo, Jacob Berengário, conhecido pelo apelido de "Trinchante", ganhou muito dinheiro com fricções de unguento de mercúrio para curar o *morbo gálico*. Ainda que tenha matado muitos, a maioria, entretanto, curou. Os médicos, em geral, não se contaminam com as febres malignas das epidemias, não porque tomam cuidados especiais, mas pelos exercícios que fazem e a alegria do espírito quando retornam a seus lares, bem remunerados.

5. Rurícolas mal atendidos por jovens médicos, que não pensam na falta de hábito de seus pacientes para suportarem pesados remédios, como a sangria, nem no enfraquecimento de suas forças pelo trabalho pesado: não se pode dizer claramente se o camponês morreu pela foice libitina ou pela lanceta dos cirurgiões. Recomenda tratamento judicioso porque a gente campestre se consome pouco a pouco, se lhes é aplicada uma série prolixa e variada de remédios: medicando-se, adoece.

## *Visão social*

A percepção social que Ramazzini demonstra pelos problemas dos trabalhadores daquela época é um verdadeiro exemplo para alguns médicos do trabalho, que nem sempre entendem que as doenças são socialmente determinadas.

1. As famílias possuem tumbas nas igrejas enquanto a plebe põe seus mortos amontoados em promiscuidade, dentro de grandes sepúlcros.

2. Como o local em que vivem os marinheiros não se presta a cuidados com a limpeza do corpo, são assaltados por exércitos de piolhos.

3. Como precaução para evitar problemas com a amamentação, recomenda que a nutriz não dê de mamar com muita frequência, não levando o bebê ao peito cada vez que chora, pois nisto pecam demasiadamente, dando-lhe cem vezes ao dia e, mais ainda, à noite; assim, elas se esgotam e enchem, excessivamente de leite as crianças, pelo que tanto a mãe quanto a criança adoecem.

4. Entre os germanos, os homens usam mais sabão do que as mulheres.

5. Mulheres de mineradores enviuvam várias vezes porque seus maridos morrem precocemente: algumas até sete vezes.

6. Não se encontrará nação comparável a dos judeus, que, não possuindo seu próprio país, sua gente está em todas as partes do mundo, sendo ao mesmo tempo trabalhadora e ociosa. Não aram nem semeiam o campo, porém o medem. Enganam o povo incauto, vendendo-lhes objetos usados, porém com os defeitos habilmente consertados, e ganham seu sustento retocando objetos. O seu mau cheiro, que erroneamente é atribuído como sendo inato, tem origem nas casas pequenas, na promiscuidade e na ocupação de recolher coisas usadas.

7. Nos palácios dos magnatas, até os urinóis e as sentinas são de ouro, onde custa mais caro evacuar do que beber.

8. Estranho mal que acomete os militares, tanto os soldados rasos como os nobres e esforçados cidadãos: o desejo ardente e repentino de retornar para sua pátria e para o seio de sua família com consequências nefastas. Os que são presos desta angústia sucumbem por doença ou morte violenta, salvando-se apenas um por cento: quem a pátria deseja, encontra a morte.

9. Esta doença, originada no espírito, pode curar-se com o oferecimento de um amuleto inspirador, antes de radicar-se

o mal, libertando-se os espíritos alucinados e afastando o espectro da morte. Embora as faculdades do amuleto sejam nulas, o poder da imaginação elimina do espírito a imagem do terror da morte.

10. Os matemáticos contemplam e demonstram tantas coisas abstratas e afastadas da matéria, por isto são quase todos estúpidos, preguiçosos, apalermados e fora das realidades humanas.

11. Os poceiros são muito pobres, mal alimentados, tomam um aspecto amarelento e, quando chegam aos quarenta ou cinquenta anos, despedem-se da profissão e, ao mesmo tempo, da vida, pois é mísera a condição destes artesãos.

12. Os poetas perturbam-se com ideias fantásticas que dia e noite fervilham na mente, pelo que ficam atônitos, impertinentes e magros, conforme mostram seus retratos.

13. Os que trabalham como corredores merecem afastamento do trabalhado aos quarenta anos e são encaminhados aos nosocômios públicos.

14. Para enfrentar a malignidade do carvão, é útil colocar um pedaço de ferro no meio das brasas porque assim os espíritos malignos do carvão exercem seu furor contra o ferro ou então o próprio ferro os absorva.

15. Príncipes e comerciantes geralmente obtêm gordos proventos do trabalho dos mineiros, por isto necessitam melhor conservação de seus operários.

16. Relata que, em sua experiência, freiras tinham mais tumores malignos no seio do que outras mulheres, não por deficiência menstrual, mas pelo celibato.

17. Sobre o tabagismo, assinala que este vício será sempre combatido e mantido sempre, e que o agradável aroma do lucro torna menos sensível e maléfico o odor do tabaco.

18. Sobre atletas que iniciam seu trabalho logo após as refeições: é mais perigoso passar do ócio ao negócio do que do negócio ao ócio.

19. Menciona as diferenças de evolução das doenças quando afetavam os senhores e os servos.

## *Tratamento*

Na época de Ramazzini, os recursos terapêuticos eram muito restritos. Segundo recomendações de autor da época, o operário deveria ser tratado com vomitivos, purgativos, cautério ou sangria. Mesmo assim, ele recomenda algumas medidas muito interessantes, como se verá neste subtítulo.

1. Episódio que despertou em Ramazzini a ideia de escrever seu livro: a rapidez com que trabalhava o cloaqueiro porque deveria retornar logo a sua casa e permanecer no escuro, devido aos problemas oculares.
2. O fluxo menstrual das tecelãs é abundante, se no período menstrual tecem mais do que é necessário, sendo raro que uma tecelã se veja privada da menstruação. Recomenda que as jovens que se queixam de falta da menstruação consultem primeiro uma tecelã antes de procurar um médico.
3. Os corredores podem se proteger das hérnias usando faixas.
4. Os medicamentos administrados aos marinheiros devem ser receitados em doses superiores devido às condições especiais de vida e de alimentação destes trabalhadores.
5. Os trabalhadores que labutam nas vinícolas ficam quase sempre como ébrios, o mesmo acontecendo com os provadores de cerveja. Como estes trabalhadores são muito pobres, não podem comprar remédios caros. Devem ser receitados medicamentos fáceis e simples, como a couve – cuja virtude para combater a embriaguez é reconhecida há séculos –, o rabanete e a água diluída em vinagre, conhecida como antídoto da ebriedade.
6. Recomenda obturar os ouvidos com algodão para que o ruído repercuta menos nas partes internas.

## *Conclusão*

Como foi referido no início, o objetivo deste trabalho é despertar nos profissionais que estão ligados à saúde dos trabalhadores o interesse pela obra de Ramazzini. Procurou-se, por meio de passagens interessantes do livro, chamar a atenção para a oportunidade de

conhecer esta obra que, apesar de pioneira, continua tão atual. Para finalizar, uma última citação de Ramazzini: *"Beneficia-te, portanto deste meu trabalho, benévolo leitor, e passa bem"...*

## *Glossário*

Alexifármaco — Medicamento que expulsa.

Anacatártico — Que limpa mediante a expectoração, o vômito etc.

Aquerôntico — Pertencente ou relativo a Aqueronte, um dos rios do inferno; aqueronteu.

Arrimar — Apoiar-se, encostar-se, escorar-se.

Arúspice — Sacerdote romano que adivinhava o futuro mediante o exame das entranhas das vítimas; áuspice.

Cantártidas — Inseto coleóptero da família dos meloídeos (*Lytta vesicatoria* (L.), da Europa, de coloração verde-dourada com reflexos avermelhados, muito usado na medicina antiga, triturado, como vesicatório, em beberagens para fins diuréticos ou afrodisíacos; cantáride.

Ceres — 1. O campo. 2. Fig. Os cereais.

Cloaqueiro — Aquele que trabalha em cloaca; 1. Fossa ou cano que recebe dejeções e imundícies. 2. Coletor de esgoto. 3. V. latrina. 4. P. ext. Lugar imundo. 5. Aquilo que cheira mal, que é imundo.

Colocíntida — Trepadeira ornamental, da família das cucurbitáceas (*Cucurbita pepo*), de flores com corola amarela e monopétala e frutos com manchas amarelas e verde-escuras, de várias formas.

Cólquico — Planta medicinal silvestre, da família das liliáceas (*Colchicum autumnale*), de flores roxas e sementes tóxicas; lírio-verde.

Cordial — Medicamento ou bebida que fortalece ou conforta.

Coriandro — Gênero de plantas umbelíferas, ao qual pertence o coentro.

Cumim — ajudante de garçom (acredito tratar-se de erro tipográfico e que o autor quis se referir a cominho, planta aromática – daí o "cheiroso cumim" – muito usado em culinária).

Dracma — a oitava parte de uma onça (3 gramas e 586 miligramas); oitava. Dracma inglesa. Medida de peso, equivalente a 1/6 da onça inglesa (1 grama e 772 miligramas).

Encomiástico — Referente a encômio: louvor, elogio, gabo.

Epícrise — Qualquer fenômeno mórbido importante que isoladamente sobrevém a uma crise e de certo modo a corrobora.

Ergástulo — Cárcere, calabouço, enxovia, masmorra.

Espagíria — Ver alquimia: A química da Idade Média e da Renascença que procurava, sobretudo, descobrir a pedra filosofal [q. v.] e o elixir da longa vida; espagíria.

Estíbio — Antimônio.

Feraz — De grande força produtiva; fértil, fecundo, úbere, ubertoso.

Finalês — Natural de Finale di Rero, pequena cidade italiana.

Flegmasia — Ver: inflamação Med. Reação protetora localizada em tecidos animais, produzida por tipos diferentes de agressão (física, química, alérgica, microbiana), e que se destina, quando possível, a destruir, diluir ou isolar tanto o agente agressivo quanto o tecido lesado; flegmasia, flogose.

Frágua — 1. Forja, fornalha. 2. Fig. Calor intenso; ardor. 3. Pena, amargura, aflição.

Héctico — 1. Patol. Consumpção por febre lenta. 2. Patol. Febre lenta, consecutiva a doença crônica. 3. Pop. Tísica. [Var.: hética].

Iatralipta — Médico que trata os doentes pela iatralíptica; Processo de curar doenças por meio de fricções de unguentos, linimentos.

Láudano — Medicamento cuja base é o ópio, ligado a outros ingredientes.

Libitina — A deusa dos ritos funerais da Roma antiga.

Lienteria — Diarreia em que as substâncias ingeridas são eliminadas sem que se lhes tenha feito a digestão.

Lixívia — solução de carbonato de sódio ou de potássio usada para lavagem de tecido, remoção de tinta e com outras aplicações.

Múrice — Molusco gastrópode, purpurífero.

Mutinae — Palavra latina: Módena.

Oximel — Bebida que é uma mistura de vinagre, água e mel.

Pandecta — Espécie de caracteres tipográficos.

Patavino — Palavra latina: habitante de Pádua.

Pimpinela — Ver anis: Erva da família das umbelíferas (*Pimpinella anisum*) originária do Egito, a qual fornece a essência de anis, usada na fabricação de licores e xaropes; erva-doce, pimpinela.

Pisoeiro — O que usa o pisão: máquina em que se aperta e bate o pano para torná-lo mais consistente e tapado.

Pituíta — 1. Obsol. Na Antiguidade, secreção mucosa que se acreditava ser produzida pelo encéfalo e eliminada pelo nariz. 2. Secreção mucosa glutinosa.

Policresto — Que tem numerosas aplicações: substância policresta.

Prolegômeno — 1. Exposição preliminar dos princípios gerais de uma ciência ou arte. 2. Introdução geral de uma obra. 3. Prefácio longo.

Ressumar — Deixar cair gota a gota (um líquido); gotejar, destilar, ressudar.

Sarja — Incisão superficial na pele para retirar sangue ou num tumor para drenar o pus; escarificação.

Saxífraga — ver arrebenta-pedra: Planta da família das euforbiáceas, do gênero *Phyllanthus*, usada em farmácia como diurético e no tratamento de cálculos biliares renais; erva-pombinha, saxífraga.

Sentina — 1. Ant. Mar. O porão das galés. 2. V. latrina. 3. Fig. Lugar muito sujo, imundo. 4. Fig. Pessoa viciosa.

Sibarita — Diz-se de pessoa dada à indolência ou à vida de prazeres, por alusão aos antigos habitantes de Síbaris, famosos por sua riqueza e voluptuosidade.

Teríaga — Medicamento de composição complicada, que os antigos empregavam contra a mordida de qualquer animal venenoso.

Torpedinho — Peixe teleósteo, caraciforme, da família dos caracídeos (*Nannostomus anamalus Steind.*), da Amazônia, de coloração clara, com uma faixa escura que lhe percorre todo o corpo, desde o focinho até a nadadeira caudal. Comprimento: até 4 cm. Mantém na água posição oblíqua, com a cabeça voltada para cima, donde o nome popular.

Triaga — Ver teriaga: 1. Medicamento de composição complicada que os antigos empregavam contra a mordida de qualquer animal venenoso. 2. Remédio caseiro. 3. Coisa de sabor amargo.

Trípode — 1. Que tem três pés. 2. Tripeça em que a pitonissa proferia os seus oráculos. 3. Vaso antigo, de três pés. 4. Poét. Banco de três pés.

Valetudinário — Diz-se de, ou indivíduo de compleição muito fraca, doentio, enfermiço, achacadiço ou até inválido.

Vitríolo — Designação comum a vários sulfatos, especialmente o ácido sulfúrico.

Zambetanm — 1. De pernas tortas. 2. De pernas fracas; trôpego.

# *IV*
# *Ramazzini, o clínico*

*Carlos Luiz Campana*
*Médico do Trabalho, Doutor em Ciências*
*e Fundador da Sociedade Brasileira de História da Medicina*

Bernardino Ramazzini, nascido em 1633, graduou-se em Filosofia e Medicina na cidade de Parma em 1659. Continuou seus estudos em Roma com o professor Antonio Maria Rossi, adquirindo a concepção de que o médico deveria esquecer suas discussões hipotéticas e aprender a ser um arguto observador dos pacientes, isto é, um clínico. Em outras palavras, aquilo que chamamos "médico de família". Observar bem os pacientes é ter "olho clínico".

Ele procurou seguir a filosofia do grande Paracelso, que foi um médico eminentemente prático, um clínico na verdadeira acepção do termo. Duas de suas frases mostram uma personalidade de escola: "Nunca estará sujeito a outrem quem for mestre de si mesmo" e "O médico deve ser, antes de tudo, um homem bom e verdadeiro". Paracelso é considerado um dos precursores da Medicina do Trabalho.

Ramazzini, quando residia na região do Lazio, exerceu sua profissão no povoado de Viterbo, localidade do Agro-Pontino, onde contraiu a malária (impaludismo), que o fez retornar a Carpi, sua cidade natal, para se restabelecer. Uma provável doença das condições do trabalho.

Em 1671, trabalhou na cidade de Módena (Mutinae), da região da Emilia-Romagna, onde atendeu as famílias mais sofisticadas. Em

1676, foi nomeado professor de Medicina da Universidade de Módena, fundada em 1175, sendo ainda indicado como chefe da Cadeira de Teoria de Medicina, em 1682, onde lecionou por 32 anos.

Em 1700, passou a ocupar a mesma Cadeira na conceituada Universidade de Pádova (Patavii), na região do Veneto, fundada em 1222, estudando, pesquisando e escrevendo. Sua litogravura é vista no saguão do *Istituto di Medicina Legale* dessa universidade.

Ramazzini, polifacélico por natureza, contribuiu eficazmente para a Medicina Geral, Clínica Médica, Epidemiologia, Sanitarismo, Meteorologia, Filosofia, História, Letras, publicando várias obras a respeito de quase tudo o que conhecia. Ele foi um amante dos livros e cultor das bibliotecas.

Porém, seu livro mais importante é *De Morbis Artificum Diatriba* cujo título em português é "As Doenças dos Trabalhadores" (Tradução: Dr. Raimundo Estrêla, 1971).

Ramazzini possuía visão social muito forte, pois aprendeu a ouvir, a pensar e a raciocinar profundamente. É isso o que historicamente os médicos dotados de conhecimentos filosóficos podem e devem fazer, mormente quando se lê que na Itália, em suas portentosas universidades, em época em que o relacionamento médico-paciente pontuava, era praxe, sem a intermediação tecnológica como sói acontece nos dias de hoje. Para ele, "a clínica era soberana", frase comum, porém, é o que pouco se pratica hoje. Ou, então, quando se aprende que "o diagnóstico se faz com 80% de anamnese e 20% de exame físico".

O livro *De Morbis Artificum Diatriba* foi concebido de forma escorreita e logicamente executado revelando o talento e a erudição do médico modenense. Uma obra portentosa e rica em detalhes práticos e em citações. Ele foi um médico dos trabalhadores e dos locais de trabalho onde eles atuavam e adoeciam. O posto de trabalho era para ele como o leito do doente.

O sentido de humanidade, de carinho, o contato com diversos tipos de trabalhadores, de artesãos, de ofícios, de ocupações e sua frequência periódica aos mais sujos e repugnantes locais de trabalho onde observava e consultava tudo sentado em simples banquetas de madeira para concluir sobre os postos, as condições, os métodos de trabalho e a vida dos trabalhadores expostos aos diferentes agentes mecânicos, físicos, químicos, biológicos e antiergonômicos que existiam em época anterior ao início da Revolução Industrial (1750).

Os pobres passaram a ser seu principal alvo de atendimento. Ele sofria e observava com minúcia. Examinava. Concluía. Orientava. Recomendava proteção e tratamentos. Acreditava que a prevenção era mais eficiente que a cura, verdade imortal, tendo elaborado a frase lapidar: "É melhor prevenir que remediar".

Após um longo tempo com os trabalhadores *in loco*, formulou a seguinte pergunta fundamental nas anamneses clínicas: "Qual é a sua profissão?" Atualmente pode-se estendê-la para: "Quais foram as suas profissões?" Ou: "Quais foram as suas ocupações?" Um introito para se chegar à história profissional ou ocupacional do trabalhador.

Aliás, qualquer doente que se nos apresente com um quadro anátomofuncional característico poderá ter seu diagnóstico etiológico suspeitado ou esclarecido de momento, se lhe for feita a indagação fundamental e as demais, porventura. É impressionante essa relação em qualquer local onde se atendem pacientes.

Lamenta-se que, em muitos destes prontuários não existam itens sobre a profissão ou ocupação do doente e que nada conste na ficha ou prontuário clínico. Além dessa indagação geral, cabe uma outra, específica, paralela, que dará mais subsídios clínicos para se fazer o diagnóstico, no mínimo, a hipótese diagnóstica.

Sabe-se cada vez mais da relação entre doença e trabalho: uma relação íntima, direta, entre o trabalho e a patologia ou uma relação menos íntima, menos estreita, indireta, entre o trabalho e a patologia. É a teoria do nexo, direto ou indireto.

Em verdade, o trabalho é um direito e um dever ao mesmo tempo. Canta o *Inno del Lavoro: Il lavoro è vita, è luce, arma e bandiera della libertà*.

Em sua obra-prima, Ramazzini descreveu 42 capítulos relatando doenças — sintomas e sinais — que frequentemente acometiam os trabalhadores. Posteriormente, acrescentou mais 12.

Com sutileza e inteligência, Ramazzini mostrava sua visão holística. Convém ressaltar que ele foi um generalista perfeito e profundo, jocoso e algumas vezes irônico (*Ridendo castigat mores*) ao mesmo tempo, permanecia ligado aos conhecimentos médicos medievais, mas conseguiu ampliar o campo de pesquisas, contribuindo enormemente com a Medicina do Trabalho.

Assim, nessa obra-prima, adentrou nas denominadas especialidades atuais, como: Oftalmologia, Estomatologia, Dermatologia, Gastroenterologia, Hematologia, Neurologia, Angiologia, Nefrologia, Urologia, Ortopedia, Reumatologia, Peumologia, inclusive a Ginecologia-Obstetrícia.

Aos estudar os efeitos das distintas emanações tóxicas, ele deixou consignados preciosos ensinamentos sobre Toxicologia Ocupacional e Clínica, frisando os efeitos diretos e indiretos de dois tóxicos (drogas) disseminados atualmente pelo mundo, como os vícios consentidos, fumo e álcool. Foram Paracelso, Claude Bernard e Mateu Orfila que clarearam os horizontes e criaram as bases da Toxicologia Moderna.

A Cancerologia (Oncologia) também recebeu uma contribuição de valor histórico. Ramazzini estabeleceu as bases do nexo existente entre câncer e ocupação ao encontrar um número elevado de casos de neoplasia de mama em freiras, muito embora tal nexo esteja ligado ao estado civil das mulheres e não à sua ocupação.

Nos primeiros capítulos do livro, Ramazzini descreve as emanações minerais que prejudicavam os olhos – oftalmias – causadas pelos fumos metálicos, recomendando ainda os colírios de escamas de bronze, já que os cavouqueiros das minas desse metal tinham bons olhos. Quem acreditaria, por exemplo, que o ofício dos amoladores e afiadores (pasta napolitana) diminuiria a acuidade visual deles? Os carpinteiros sofriam com o pó das serragens, que lhes causava vermelhidão e dor em seus olhos.

Ele examinou os olhos dos cloaqueiros que chegavam a permanecer nas cloacas – locais sórdidos e inimagináveis – por até mais de quatro horas por dia. Constatou que os olhos ficavam bastante inflamados e enevoados e que o único remédio para aliviá-los era o repouso em quarto escuro, além de banhos de água morna. Com o tempo, eles ficavam cegos ou quase, tornando-se mendigos a perambular pela cidade.

É impressionante a descrição de Ramazzini sobre as doenças dos joalheiros, frequentemente acometidos de miopia, na qual o livro "Oftalmografia", de Fortunato Plêmpio, propugnava o uso de óculos para muitos deles. Neste capítulo, citou ainda os problemas de acomodação visual dos encarcerados quando eram levados ao sol da liberdade.

Os oleiros, vítimas das "pestes metálicas", que labutavam nas cerâmicas, empregavam o chumbo calcinado a quente para vitrificar os vasos. O chumbo dissolvido na água e absorvido pela boca tornava os trabalhadores desdentados e com gengivas inflamadas.

Vidraceiros e fabricantes de espelhos, mormente quando elaboravam braceletes e adereços para mulheres plebeias, sob a ação combinada do bórax, antimônio e ouro, chegavam a apresentar úlceras na boca, esôfago e traqueia.

Ao examinar um jovem dourador que não se cuidou devidamente das emanações do mercúrio, encontrou-o caquético, dispneico e com confusão mental, ocasião em que lhe apareceram úlceras dolorosas na boca das quais corria abundante sangue escuro. São as estomatites metálicas do mercurialismo ou hidrargirismo.

As dermatoses ocupacionais, alvo de grande interesse em todo o mundo, e que representam em torno de 50% das doenças que são registradas num serviço de doenças profissionais, foram também observadas por Ramazzini. Ele cita o caso dos gesseiros e caleiros, que apresentavam mãos rugosas e ulceradas, sendo a cal, no entanto, um remédio para a sarna (escabiose). Nas coxas e nádegas dos cavaleiros formavam-se úlceras endurecidas e calosas difíceis de cicatrizar.

O médico do trabalho modenense observou ainda marinheiros e remeiros descalços portando úlceras secas e úmidas nas pernas, produzidas pelo humor salsuginoso (lodo salino). E ainda as fissuras das mãos das lavadeiras, provocadas pela lixívia (composto alcalino forte) e as dos padeiros, inchadas por esfregarem a massa.

Queixas digestivas são sempre citadas pelo clínico genial. É o caso dos químicos que apresentavam dores de estômago ao sublimar arsênico; enquanto a colocíntida farmacêutica triturada provocava, às vezes, disenterias e terríveis cólicas abdominais com lienterias. Os químicos não se precaviam adequadamente em seu trabalho, mormente quando lidavam com o antimônio (*stibium*) que matou tantos monges na Antiguidade.

Os literatos, sempre tranquilos, padeciam, no entanto, de fraqueza estomacal... com indigestão, acúmulo de flatos e outros sintomas.

Ele recomendava purgativos e vomitórios para que os trabalhadores expelissem violentamente as pequenas partículas nocivas depositadas no estômago e nos intestinos (coprólitos?), à semelhança

daquilo que ocorre em bois e cavalos, antes que se transformassem em cálculos maiores.

Agricultores, quando convalescentes de alguma doença, retornavam a seu regime alimentar habitual, consumindo avidamente alho e cebola considerados alimentos estimulantes (analépticos). Ele acompanhou pacientes que se salvaram da febre quartã em meados do inverno por ingerirem cebola, alho e vinho forte.

Ramazzini refere o rosto pálido (anemia?) dos douradores (capítulo II), pois eles trabalhavam com emanações de mercúrio e prata. Novamente, os oleiros (capítulo V), que usavam chumbo calcinado a quente para vitrificar os vasos, podiam apresentar, entre outros sintomas e sinais, fácies plúmbea e cadavérica (anemia saturnínica?). Curtidores, heroicos trabalhadores dos locais imundos e fedorentos, que maceravam couros de animais com cal e galha (noz de galha?), em tinas, eram, geralmente, doentes do baço.

É de interesse atual o caso do sapateiro (artesão sendentário) que dormiu na sapataria, cujo nariz vertia sangue (anemia aplástica por benzeno na cola?).

Não é difícil encontrar em "As Doenças dos Trabalhadores" referências a perturbações de ordem neurológica, mormente no início da magistral obra.

Assim, entre os mineiros (capítulo I), encontraram-se casos de paralisia, pois as emanações minerais absorvidas misturavam-se com o sangue e alteravam a constituição do cérebro e do fluido nervoso, provocando tremores (parkinsonismo devido ao manganês? hidrargirismo?). Massagistas (iatraliptas), mesmo com luvas, ao friccionar luéticos com unguento mercurial, apresentavam tremores.

Azeiteiros, particularmente da região da Etruria, operando nozes e oliva, apresentavam nevralgias.

Oleiros (capítulo V), artesãos vitimados pelas "pestes metálicas", apresentavam tremores das mãos, depois se tornavam paralíticos e dementes, infelizes trabalhadores que manuseavam o chumbo calcinado a quente. Porém, aqueles que davam forma aos vasos, sentados por longo tempo ao lado da máquina – roda, padeciam não raramente de ciática, evidenciando um problema postural.

Com acendrado poder de observação, Ramazzini cita as varizes dos que trabalhavam em pé, como os carpinteiros, soldadores, escul-

tores, ferreiros, pedreiros e outros. Ele explica a fisiologia da contração tônica dos músculos das pernas e lembra o atleta romano Juvenal (*Mens sana in copore sano*), que dizia do arúspice (sacerdote romano): "Ele volverá varicoso". Lembra ainda que as profissões exercidas em pé podem também ocasionar úlceras nas pernas (úlceras varicosas).

Ele finaliza o capítulo afirmando que tinha o hábito de encaminhar tais pacientes para os especialistas, o que confirma, em parte, ser um generalista.

Ramazzini apresenta em sua obra "Princeps" uma minimonografia da urina que, além do valor histórico, tem interesse nos primórdios da Nefrologia e da Urologia (ver o capítulo XIV, doenças dos pisoeiros - da máquina pisão). Também os cavaleiros (capítulo XXXIII), que, não raro, urinam sangue e sofrem, às vezes, de dores nos rins (calculose urinária? hematúria postural?).

Os edemas das pernas, tantas vezes referidos na obra-prima, poderiam ser devido à insuficiência renal, cardíaca ou a problemas vasculares: uma introdução às cardiovasculopatias.

A importância da Ortopedia e Traumatologia nos tempos atuais, de larga aplicação nos acidentes de trabalho, termo criado em 1741 por Nicholas André, professor da Universidade de Paris, já era mencionada pelo clínico emiliano. Ele cita o caso dos alfaiates que, por sua atividade sedentária e pela constante flexão do corpo, enquanto estão na oficina, diariamente debruçados sobre o trabalho com as roupas, tornam-se encurvados e corcundas. Mais que gibosos, assemelham-se a macacos com as vértebras dorsais salientes que forçam os ligamentos da coluna e, por não se cuidarem desde a juventude, tornam-se inválidos. Fato semelhante ocorria com os carregadores, que ficavam com as pernas amortecidas e com dores ciáticas, acarretando os desvios de coluna, a cifose, a lordose, a escoliose, e as cervicalgias, dorsalgias, lombalgias etc.

Os padeiros também são citados porque, com o tempo, ficavam zambetas, trôpegos, isto é, com as pernas torcidas para fora (genu-valgo), pelo fato de que, enquanto revolviam a massa, viravam as pernas lateralmente.

O grande clínico italiano sequer supôs estar lançando os alicerces da Ergonomia (fatores humanos), ciência criada logo após a Segunda Guerra Mundial, no vasto campo da Acidentologia, sobretudo, em relação à Medicina do Tráfego – infrações do trânsito – do

que propriamente a Medicina do Trabalho – acidentes do trabalho. Assim, "*entre os cocheiros, que precisavam segurar as rédeas com vigor em uma e outra mão para que os cavalos se mantenham na devida posição; se o cocheiro não desempenha bem a sua função, ele é levado pelos cavalos e o carro não obedece às rédeas*". Isso ocorre quando o motorista, nos dias atuais, não segura adequadamente a direção do veículo: um acidente de trânsito.

A Pneumologia, importante especialidade da Clínica Médica (Medicina Interna), pelo estudo das doenças irritativas, alérgicas, granulomatosas, infecciosas, degenerativas e neoplásicas, abrange também o extenso capítulo das Pneumoconioses.

Ramazzini inicia sua portentosa obra citando operários que trabalhavam com minerais (capítulo I). Os cavouqueiros, "*que adentravam diariamente no inferno*", seriam os mais afetados. Pulmões que aspiravam as maléficas exalações minerais, verdadeiro castigo que tornava as esposas dos trabalhadores viúvas precoces e renitentes, propiciando, dessa forma, a silicose, abordada anteriormente por Georgius Bauer (Agrícola) nos Montes Cárpatos. Doença que pode assumir enorme gravidade, de evolução eminentemente crônica, por vezes semiaguda, que se associa com frequência à tuberculose. Problema seríssimo em todo mundo, na Itália, onde foi largamente estudada em seus aspectos etiopatogênicos, e no Brasil, em particular.

A dispneia dos infelizes expostos foi chamada de asma por L. Tozzi e Van Helmont, com suas duas formas, seca e úmida. Ramazzini afirma que caberia aos dirigentes e aos médicos das minas uma vigilância constante contra a insalubridade que atingia os trabalhadores, ao instituírem máquinas pneumáticas para retirar o ar viciado e poluidor, além da proteção individual das mãos e das pernas com luvas e polainas e bexigas protetoras para a face. Preconizou vários remédios para tratamento. É o clínico – higienista que se preocupa com tudo.

Em "Doenças dos Douradores" (capítulo II), os vapores de mercúrio poderiam também produzir asmáticos, os dispneicos sibilantes. O chumbo, com seus vapores ácidos, provocava sufocação (edema de glote?). No estanho (chumbo branco), há uma grande quantidade de antimônio volátil que poderia levar à asma, além de tosse e dificuldade respiratória à noite.

O pó de farinha dos padeiros poderia produzir tosse, ofego, roncos e sibilos (asma dos padeiros), percebidos já muito antes de René Laënnec (1781-1826) ter inventado o estetoscópio, afora a intrusa presença das "pulgas brancas" (ptiríase). Como medida preventiva, ele recomendava cobrir a boca com um pano. Semelhante quadro clínico encontra-se entre os cuidadores de linho, cânhamo e seda (bissinose?).

Ramazzini fica penalizado com os odores do enxofre e com os locais dos curtumes, das cloacas, dos cemitérios, que produziam acentuado mal-estar nos trabalhadores, nos visitantes e até nos cavalos que passavam pelas ruas.

O clínico carpiano, ao fazer uma crítica acerca dos tantos tóxicos ocupacionais com suas consequências clínicas, estuda as doenças dos vinhateiros, dos cervejeiros e dos destiladores (capítulo XX), mostrando, com sabor e equilíbrio, os malefícios e os possíveis benefícios dessas bebidas.

Ele descreve as bases do uso delas, como sucede com o vinho, alvo de uma forte apologia social atual e de uma recomendação terapêutica científica na prevenção das cardiovasculopatias.

Dotado de extensa cultura, Ramazzini extrapola seu campo de clínico médico ao estudar as doenças das nutrizes (lactantes) e analisa também as das parteiras (aparadeiras, curiosas), suas colegas de trabalho. Ele passa como um arguto observador do ciclo grávido-puerperal, fazendo-nos relembrar do primeiro grande obstetra da história, Sorano de Éfeso (98-138 d.C.), autor do livro "Sobre as Doenças das Mulheres".

Ele discorre nos capítulos XVIII e XIX com admirável destreza, ironia e humor inexcedível. Se, em verdade, o ofício de parteira é uma profissão ou ocupação, o que dizer da parturição?

O esculápio do trabalho já enfatizava os males que afetavam os escribas e notários (suplemento II), em razão da constante tensão tônica dos músculos e tendões dos braços. Era o prenúncio do conhecimento das LER/DORT atuais.

Conjugando doenças com agentes físicos, em Doenças dos Bronzistas (suplemento V), ele refere que o ruído contínuo produzido pelos martelos danifica o ouvido e se estende por toda a cabeça (vibração). Os trabalhadores, ao envelhecer, ficam completamente surdos (hipoacusia, surdez profissional, PAIRO). Sintoma semelhante se veri-

fica naqueles que se dedicam a malear o ouro em finíssimas lâminas. Como verdadeiro médico do trabalho que também se interessa pelo prevencionismo, ele recomenda o uso de tampões auriculares de algodão e óleo de amêndoas doces no conduto auditivo.

Por toda a magnífica obra, ele descreve operações junto aos fornos (calor), nos locais úmidos das minas e no ofício das lavadeiras, que baixam as defesas respiratórias e da pele das pernas (umidade e frio). São as termonoses, crioroses e higroroses.

Novamente, os princípios ergonômicos encontram-se em Ramazzini ao pontuar a fadiga e a inversão do ritmo circadiano (biorritmo) dos padeiros e dos moleiros que trabalham à noite. Um assunto de grande atualidade.

No final do capítulo XXXV, Doenças dos Atletas, o magistral homem discípulo de Asclépio cita Hipócrates, que apregoava as seguintes fontes de vida e saúde: "Trabalho, alimento, bebida, sono, amor, tudo deve ser moderado".

Bernardino Ramazzini, médico excepcional, *Homo sapiens* clássico, *Homo humanus*, vindo a este mundo para semear o bem, sábio praticante do interrogatório clínico (anamnese) e da propedêutica física, de forma minuciosa, sempre com a finalidade de melhorar o *Homo faber* e o *Homo laborans*, embasou seus sólidos conhecimentos na leitura dos grandes mestres e o fez com insólito prazer, citando-os com frequência, desde Hipócrates, Pai da Medicina (460-70 a.C.), passando por Paracelso (14931541), Jean Fernel (1497-1558) e tantos outros seus contemporâneos, que contribuíram para que o homem que trabalha não seja transformado em *Homo dolens* ou *Homo patiens.*

Mui justamente, ele foi chamado "Pai da Higiene Industrial" e "Pai da Medicina Industrial". Talvez, mais acertadamente, "Hipócrates III" e "Pai da Medicina do Trabalho". Ele está vivo entre nós.

# *V*
# *Entrevista com o professor Raimundo Estrêla*

*Ademário Galvão Espínola*
*Médico do Trabalho e Professor de Medicina do Trabalho em Salvador (BA)*

A primeira e única tradução para o Português do livro *De Morbis Artificum Diatriba* foi feita pelo professor Raimundo Estrêla, de Salvador (BA), em 1940, sendo ele grande estudioso da Medicina do Trabalho e professor de numerosos cursos nessa especialidade. Na oportunidade das comemorações do tricentenário da primeira edição da obra de Bernardino Ramazzini, julgou-se oportuno entrevistar o professor Estrêla sobre seu trabalho de tradução. A entrevista foi realizada pelo professor Ademário Galvão Espínola, médico do trabalho e professor de Medicina do Trabalho em Salvador (BA), com base em perguntas propostas pelos professores Jorge da Rocha Gomes e Diogo Pupo Nogueira. A despeito dos seus 89 anos de idade, o entrevistado, que permanece com a mente brilhante e intocada, respondeu com prazer e grande interesse às perguntas que lhe foram feitas.

Ademário — No prólogo de sua tradução do livro de Ramazzini, consta que a incumbência de traduzi-lo lhe foi dada pelo Dr. Nobre de Lacerda Filho, da Liga Brasileira contra Acidentes do Trabalho. Como recebeu essa importante missão?

Estrêla — *Com muita preocupação. Lacerda era exigente e eu sabia que ele iria cobrar sempre a tradução, como de fato cobrou muito.*

Ademário — Das várias traduções já existentes em 1940 – castelhano, francês, inglês e italiano – qual foi a que escolheu para traduzir?

Estrêla — *Naturalmente a em castelhano, feita na Argentina por Susana Victorica em 1987. Sempre ouvi dizer que castelhano é um "português errado".*

Ademário — Quantas vezes teve necessidade de consultar o texto original em Latim para resolver dúvidas porventura existentes nas traduções em outras línguas?

Estrêla — *Poucas; nesta altura não sei precisamente quantas vezes.*

Ademário — Conforme diz no prólogo, algumas vezes foi necessário fazer mudanças no nome de profissões mencionadas em outras línguas. O exemplo do "fullo" é bastante interessante.

Estrêla — *Lembro-me somente com exatidão do "fullo".*

Ademário — O artigo do Dr. Francisco Nobre de Lacerda, publicado na Bahia Médica, em outubro de 1940, foi-lhe de utilidade na tradução?

Estrêla — *Muitíssimo útil. Muito me orientou.*

Ademário — Qual a disciplina que ministrava quando passou a se interessar pela obra de Ramazzini?

Estrêla — *A Higiene Industrial.*

Ademário — Como eram recebidas as suas aulas? Havia interesse por parte dos alunos?

Estrêla — *O interesse variava com as turmas e com as especialidades.*

Ademário — Durante quantos anos lecionou a Medicina do Trabalho?

Estrêla — *Cerca de quarenta anos.*

Ademário — Como viu a criação dos Cursos de Especialização em Medicina do Trabalho?

Estrêla — *Com satisfação e interesse. Ensinei a médicos, engenheiros, químicos, enfermeiros e inspetores de segurança.*

Ademário — Qual foi a repercussão do lançamento da edição brasileira?

Estrêla — *Houve bastante interesse. O lançamento foi feito no salão da ABI do Rio de Janeiro, tendo sido apresentado por distinto escritor. Houve interesse do nosso Oswaldo Paulino e do saudoso Joaquim Augusto Junqueira.*

Ademário — Não haveria desinteresse dos médicos brasileiros pelo que escreveu Ramazzini?

Estrêla — *Não notei. Lembro-me de que um deles me disse que nós exaltávamos tanto o Ramazzini, enquanto os livros de Medicina do Trabalho não escreviam nada sobre ele. Eu mandei que esse médico lesse o poema "O Autor ao Seu Livro", na tradução que eu fiz e que pensasse um pouco a respeito.*

Ademário — Uma mensagem sua para os novos especialistas da Medicina do Trabalho.

Estrêla — *A idade avançada – 89 anos – não me permite mais opinar. Tenho na minha biblioteca todos os livros, trabalhos e revistas que utilizei na tradução. Guardo também a primeira parte da tradução, toda manuscrita; as outras partes, também manuscritas, estão depositadas na biblioteca da Liga Brasileira contra Acidentes do Trabalho, no Rio de Janeiro. Desejo que os novos especialistas em Medicina do Trabalho tenham o mesmo interesse que ainda tenho na nossa especialidade.*

Sobre o livro

Composto em Bookman Old Style 10
Títulos Monotype Corsiva 17
papel Pólen Rustic 85g (miolo)
e capa dura em couchê
com sobrecapa em couchê
brilhante 150g (capa)
formato 16x23 cm
Tiragem: 5.000 exemplares

MINISTÉRIO
DO TRABALHO

FUNDACENTRO
FUNDAÇÃO JORGE DUPRAT FIGUEIREDO
DE SEGURANÇA E MEDICINA DO TRABALHO

Rua Capote Valente, 710
São Paulo-SP
05409-22
tel.: 3066.6000

**www.fundacentro.gov.br**